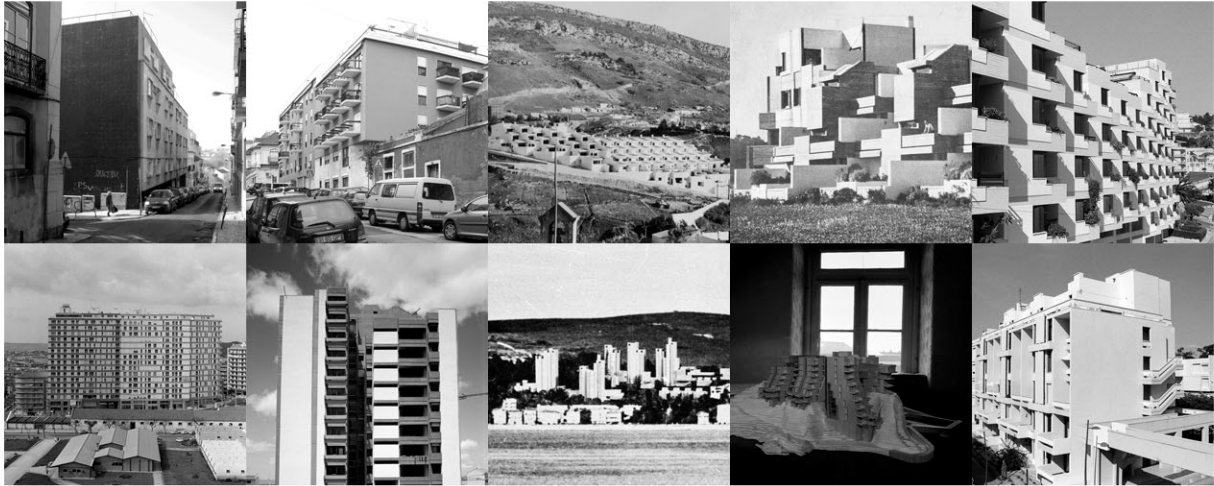




INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO  
Universidade Técnica de Lisboa



# UM EXPERIMENTALISMO ESQUECIDO A HABITAÇÃO MULTIFAMILIAR DE FRANCISCO DA CONCEIÇÃO SILVA

VOLUME I

**Tiago Polido Cristóvão Rodrigues**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**ARQUITECTURA**

**Júri**

Presidente: Prof. António Barreiros Ferreira

Orientador: Prof. Doutor João Vieira Caldas

Vogal: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Tostões

DEZEMBRO 2009

## AGRADECIMENTOS

Só foi possível trilhar este caminho com ajuda de algumas pessoas.

Assim agradeço,

- À minha Vera

- Aos meus pais e irmãos

- Ao meu orientador Prof. Doutor João Rosa Vieira Caldas

- Aos Arquitectos João Pedro da Conceição Silva e Francisco da Conceição Silva

- À Mestre Inês Leite

- A todas as pessoas que gentilmente me abriram as suas casas

- Aos funcionários dos Arquivos das Câmaras Municipais de Lisboa e Sesimbra.

A todos o meu mais sincero obrigado.

## RESUMO

Esta dissertação tem como tema a habitação multifamiliar do arquitecto Francisco da Conceição Silva sendo objecto de estudo os edifícios de habitação multifamiliar por si projectados.

Pretende ser um contributo para a divulgação e estudo da obra de Conceição Silva, nomeadamente do experimentalismo por ele encetado, tendo como objectivos identificar, documentar e analisar os edifícios de habitação multifamiliar, contextualizando-os na sua obra e no panorama arquitectónico português. Procura-se perceber a resposta projectual perante os diversos contextos, programas e destinatários assim como a sua evolução espacial e formal.

Trata-se de um estudo descritivo de carácter exploratório, tendo-se escolhido como casos de estudo 10 projectos de edifícios de habitação multifamiliar entre 1953-54 e 1974, a colheita de dados foi feita através de visitas de campo com observação directa dos edifícios e análise documental.

Das conclusões do estudo salientam-se a constatação de uma atitude experimental e antidogmática da resposta projectual de Conceição Silva e a evolução formal e espacial da sua habitação multifamiliar ao longo do seu exercício profissional. A atitude moderna do autor é expressa na organização interna do espaço e no tratamento exterior do mesmo, valorizando a organização interna do fogo e o estar exterior, demonstrando também claras preocupações com a valorização dos espaços públicos criados pelos edifícios numa procura do diálogo entre o novo e existente. A sua habitação multifamiliar dirigia-se essencialmente para a média e alta burguesia, desde o pequeno a grandes e complexos programas urbanísticos, numa grande diversidade e riqueza estéticas, deixando perpassar uma incessante preocupação em encontrar respostas adequadas aos tempos e modos de vida modernos. A riqueza volumétrica e plástica, a grande fluidez dos espaços, a decomposição volumétrica, a reflexão teórica e crítica actualizada, a liberdade formal, a diversidade programática, as preocupações didácticas, a rejeição de dogmas e o experimentalismo constante são características da sua habitação multifamiliar.

**PALAVRAS CHAVE:** Francisco da Conceição Silva | Arquitectura Portuguesa | Habitação Multifamiliar Moderna

## ABSTRACT

This paper is on collective housing of the Architect Francisco da Conceição Silva, having as subject of study the buildings of collective houses designed by him.

Its purpose is the spreading and study of Conceição Silva's work, mainly the experimentation initiated by him, having as main goal identify, document and analyze the buildings for collective housing, putting into context in its work and the Portuguese architectural panorama. Understand the projection response regarding several contexts, programs and addressees as well as its evolution in space and formality.

This is a descriptive study with an exploratory purpose, being chosen as case study, 10 projects of collective house buildings between 1953-54 and 1974. The data was collected by site visits with direct observation of the buildings and documental analyses.

From the conclusions of this study one can enhance Conceição Silva's experimental and anti-dogma projection response attitude of as well as the formal and space evolution of the multifamily home throughout its professional work. The modern attitude of the author is seen in space's internal organization and its external treatment, giving value to the internal organization of fire and external environment. It shows a clear evidence of the concerns related to public spaces created by the buildings in a search of a combination between the new and the existent. He's collective housing was destined to the medium and high "bourgeois", from the smallest to the largest and highly complex urban programs, in a great variety and aesthetics, showing a high concern in finding proper responses to the way of living in modern times.

The volumetric and plastic wealth, the great flow of spaces, the volumetric decomposition, the theoretic reflex and updated criticism, the formal freedom, the programming diversity, the learning concerns, the dogma rejection and the constant experimentalism are characteristic to he's collective House.

**KEYWORDS:** Francisco da Conceição Silva | Portuguese Architecture | Modern Collective Housing

# ÍNDICE

## VOLUME I

<b>0</b> Introdução	1
<b>1</b> Os tempos modernos da habitação colectiva portuguesa	6
<b>2</b> A habitação multifamiliar na obra de Francisco da Conceição Silva	20
<b>3</b> Obras e projectos	31
<b>4</b> Conclusões	58
Fontes	63
Bibliografia	67

## VOLUME II

### Anexos

- Anexo I Lista geral de obras e projectos
- Anexo II Fichas simplificadas da informação recolhida
- Anexo III Fichas dos casos de estudo

# ÍNDICE DE FIGURAS

## 1 OS TEMPOS MODERNOS DA HABITAÇÃO COLECTIVA PORTUGUESA

- FIG. 1.1 *Exposição do Mundo Português, 1940.* 7  
[PEREIRA, Paulo (dir.) - História da Arte Portuguesa. 1995.]
- FIG. 1. 2 *1.º Congresso Nacional de Arquitectura, 1948.* 8
- FIG. 1. 3 *Bairro das Estacas, 1949.* 15  
[PEREIRA, Paulo (dir.) - História da Arte Portuguesa. 1995.]
- FIG. 1. 4 *Edifício Parnaso, 1954-1955.* 15  
[Jornal Arquitectos, n.º 204. 2002.]
- FIG. 1. 5 *Bloco de Ouro, 1951-1954.* 16  
[Jornal Arquitectos, n.º 205. 2002.]
- FIG. 1. 6 *Bloco das Águas Livres, 1953.* 16  
[Jornal Arquitectos, n.º 204. 2002.]
- FIG. 1. 7 *Edifícios no cruzamento da Av. EUA com a Av. Roma, 1953.* 16  
[PEREIRA, Paulo (dir.) - História da Arte Portuguesa. 1995.]
- FIG. 1. 8 *Edifício na Rua Marcos Portugal com a Rua da Imprensa Nacional, 1953-1954.* 17  
[foto do autor.]

## 2 A HABITAÇÃO MULTIFAMILIAR NA OBRA DE FRANCISCO DA CONCEIÇÃO SILVA

- FIG. 2. 1 *Na aula de desenho vivo do Mestre Leopoldo de Almeida.* 21  
[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982.* 1987.]
- FIG. 2. 2 *Casa Ribeiro da Cunha, 1955.* 23  
[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982.* 1987.]
- FIG. 2. 3 *Loja Rampa, 1955.* 23  
[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982.* 1987.]
- FIG. 2. 4 *Loja Valentim de Carvalho, 1966.* 24

[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

**FIG. 2. 5 *Casa própria no Guincho, 1958-1960.*** 24

[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

**FIG. 2. 6 *Hotel do Mar, 1960-1962.*** 25

[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

**FIG. 2. 7 *Bloco do Moinho, 1964-1966.*** 26

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

**FIG. 2. 8 *Conjunto Habitacional - Porto de Abrigo, 1967.*** 26

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

**FIG. 2. 9 *Fábrica de Discos da Valentim de Carvalho, 1965.*** 26

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

**FIG. 2. 10 *Hotel da Balaia, 1965-1967.*** 27

[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

**FIG. 2. 11 *Apartamentos da Balaia, 1966-1969.*** 27

[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

**FIG. 2. 12 *Edifício Valadas e Simões, 1967.*** 27

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

**FIG. 2. 13 *Torres de Alfragide, 1968-1971.*** 28

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

**FIG. 2. 14 *Urbanização do Alto do Dafundo, 1969.*** 28

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

**FIG. 2. 15 *Bandas de Tróia, 1971.*** 29

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

**FIG. 2. 16 *Plano de ocupação da Av. Roma, 1971.*** 29

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

FIG. 2. 17 *Morro*, 1970-1971. 29  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

### 3 OBRAS E PROJECTOS

FIG. 3. 1 *Edifício na R. Marcos Portugal com a R. da Imprensa Nacional*, 1953-1954. 32  
[foto do autor]

FIG. 3. 2 *Vãos dos quartos e I.S.* 33  
[foto do autor]

FIG. 3. 3 *Planta do fogo tipo (T2)*. Escala 1:200 33  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

FIG. 3. 4 *Engil Prédio n.º 2*, 1961. 34  
[foto do autor]

FIG. 3. 5 *Plantas dos fogos tipo (T3)*. Escala 1:200. 35  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

FIG. 3. 6 *Bloco do Moinho*, 1964-1966. 37  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

FIG. 3. 7 *Planta do fogo T1*. Escala 1:200. 38  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

FIG. 3. 8 *Planta do fogo T2 duplex*. Escala 1:200. 39  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

FIG. 3. 9 *Apartamentos da Balaia*, 1966-1969. 40  
[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

FIG. 3. 10 *Plantas dos fogos T1, T2 duplex e T3 duplex*. Escala 1:200. 41  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

FIG. 3. 11 *Conjunto Habitacional - Porto de Abrigo*, 1967. 42  
[foto do autor]



FIG. 3. 12 <i>Plantas do fogo T4 triplex</i> . Escala 1:200.	43
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	
FIG. 3. 13 <i>Edifício Valadas e Simões</i> , 1967.	45
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	
FIG. 3. 14 <i>Plantas dos fogos T4 duplex e T3</i> . Escala 1:200	46
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	
FIG. 3. 15 <i>Planta do fogo T2</i> . Escala 1:200.	47
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	
FIG. 3. 16 <i>Torres de Alfragide</i> , 1968-1971.	48
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	
FIG. 3. 17 <i>Planta do fogo T3</i> . Escala 1:200.	50
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	
FIG. 3. 18 <i>Urbanização do Alto do Dafundo</i> , 1969.	51
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	
FIG. 3. 19 <i>Morro</i> , 1970-1971.	53
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	
FIG. 3. 20 <i>Planta do fogo T2</i> . Escala 1:200.	55
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	
FIG. 3. 21 <i>Bandas de Tróia</i> , 1971.	56
[foto do autor]	
FIG. 3. 22 <i>Planta do fogo T1</i> . Escala 1:200.	57
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	
FIG. 3. 23 <i>Planta do piso superior do fogo T1 semi-duplex</i> . Escala 1:200.	57
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]	

## LISTA DE ABREVIATURAS

CIAM – Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna

EGAP – Exposições Gerais de Artes Plásticas

ICAT – Iniciativas Culturais de Arte e Técnica

MUD – Movimento de Unidade Democrática

ODAM – Organização dos Arquitectos Modernos

SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes

## 0 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como tema a habitação multifamiliar de Francisco da Conceição Silva. O objecto de estudo são os edifícios de habitação multifamiliar projectados em Portugal pelo referido arquitecto.

Este tema surge do interesse pessoal por um período fértil e marcante da história da arquitectura portuguesa, no qual o *1.º Congresso Nacional de Arquitectura* tem papel preponderante, espelhando o espírito e vontade de mudança face a uma arquitectura parada no tempo, referindo Ana Tostões que *“É a partir do Congresso Nacional de Arquitectura, em 48, que se sente emergir (...) uma nova geração e em paralelo uma vontade colectiva de mudança, (...)”*<sup>1</sup>, durante o qual surgem ou se afirmam grandes arquitectos e respectivas obras do Movimento Moderno em Portugal. A falta de monografias e estudos sobre estes arquitectos veio também contribuir para a escolha do tema.

A opção em termos programáticos recaiu sobre o espaço habitacional por este encerrar não só um sentido utilitário mas também de identidade e cultura, um espaço de usufruto diário, o “nosso” espaço. O colectivo por não conter apenas um fogo como espaço de análise, mas todo um conjunto de factores inerentes a este tipo de edifícios, como a implantação, as relações estabelecidas com a envolvente, a volumetria, a relação entre fogos, as circulações e áreas comuns, dados de grande exploração e experimentação nesta época.

Assim, os factores anteriormente referidos e o apreço pela obra de Conceição Silva, aliados à possibilidade de contribuir para o conhecimento de um arquitecto do período descrito determinaram e justificam este estudo, pois num período em que *“(...) no cruzamento de três gerações, fixa-se uma produção rica e qualificada protagonizada por um grande número de novos autores, nascidos em 20 e formados no final de 40 (...)”*<sup>2</sup> do qual Conceição Silva faz parte importa esta investigação para o conhecimento e divulgação da arquitectura portuguesa.

São objectivos deste estudo identificar, documentar e analisar os edifícios de habitação multifamiliar do arquitecto Francisco da Conceição Silva em Portugal, contextualizando-os na sua obra e no panorama arquitectónico português. Em cada projecto escolhido como caso de estudo, procurar-se-á analisar/interpretar a sua implantação/integração, organização espacial, tipo de construção e acabamentos. Procura-se perceber a resposta projectual perante os diversos contextos, programas e destinatários assim como a evolução espacial e formal a nível temporal.

Pretende-se também com este estudo contribuir para o conhecimento e divulgação do experimentalismo encetado por este arquitecto, que se considera de grande riqueza para a história da arquitectura portuguesa, procurando-se colmatar a inexistência de um estudo da habitação multifamiliar do autor.

O trabalho apresentado é um estudo descritivo simples de carácter exploratório, que utiliza metodologia qualitativa, nomeadamente, observação directa dos edifícios e análise documental recorrendo-se sempre que possível ao arquivo do Atelier Conceição Silva e arquivos camarários, de forma a recolher peças escritas, desenhadas e fotografias. Foi igualmente analisada informação complementar como artigos publicados na época em periódicos da especialidade,

---

<sup>1</sup> TOSTÕES, Ana - *Os Verdes Anos na Arquitectura portuguesa dos Anos 50*. 1997, p. 33.

<sup>2</sup> TOSTÕES, Ana - “Modernização e Regionalismo, 1948-1961”. TOSTÕES, Ana; BECKER, Annette; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do Século XX*. 1998, p. 41.

contribuindo para uma melhor compreensão e completa inventariação dos projectos. Através da análise das várias fontes documentais e visitas de campo procurou analisar/interpretar-se cada um dos projectos sintetizando-os em fichas de levantamento.

Ao longo do estudo criou-se uma base de dados permitindo a organização do material recolhido de uma forma sistemática para melhor consulta durante e após elaboração do mesmo.

Cronologicamente, optou-se pelo período entre o pós II Guerra Mundial, durante o qual aconteceu o marcante *1.º Congresso Nacional de Arquitectura* em 1948 e onde Conceição Silva apresentou uma comunicação referente ao ensino da arquitectura em Portugal, e o 25 de Abril de 1974, após o qual ele abandonou o país. Especialmente, os edifícios escolhidos e analisados são apenas os projectados por Conceição Silva em Portugal, tendo-se excluído os de outros países.

Num primeiro momento identificou-se a habitação multifamiliar de Francisco da Conceição Silva, elaborando uma listagem da mesma (*Anexo I*), o mais completa possível, admitindo-se a eventual falta de algumas obras e projectos devido ao seu grande número. Essa listagem e identificação foi feita através da consulta do registo dos processos existente no *Atelier Conceição Silva*, no qual constam cerca de 500 projectos, sendo este registo apenas referente aos projectos elaborados a partir de 1965, altura em que Conceição Silva cria o atelier na Rua D. Pedro V n.º 60 juntamente com Maurício de Vasconcellos, parceria que dura apenas até 1968<sup>3</sup>. A partir desse momento o atelier passa a adoptar a designação *Atelier Conceição Silva*. Significa por isso que, dos projectos elaborados entre 1952/53 e 1968, altura em que Conceição Silva tinha e manteve atelier na Rua Nova da Trindade, apenas tivemos acesso aos que estavam no novo atelier por estarem a ser concluídos ou por outras razões, visto que esse espólio estava guardado num armazém que veio mais tarde a arder. Tentou-se por isso confrontar a listagem feita com a que consta no catálogo editado em 1987 por ocasião da sua homenagem na Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA) e com referências feitas por Inês Leite sobre outros projectos de habitação multifamiliar, de forma a tentar completá-la e incluir, pelo menos os projectos mais significativos que se conhecem desse período.

Após elaboração da listagem, na qual constam 95 projectos, procurou-se a respectiva informação no arquivo do *Atelier Conceição Silva*, tendo-se apenas encontrado informação referente a 35 (*Anexo II e Anexo III*). Porém, não quer dizer que os restantes projectos tenham ficado só na fase de registo, ou seja, que nunca tenham sido sequer projectados visto que constam desses projectos alguns construídos, mas sobre os quais não encontramos informação. Num trabalho de investigação deste tipo, não seria exequível a consulta dos vários arquivos camarários que, eventualmente, poderiam ter informação sobre estes projectos, limitámo-nos por isso à informação obtida no arquivo do atelier, mantendo na lista os projectos sobre os quais não encontramos informação mas que consideramos que poderão, eventualmente, ser úteis para posteriores trabalhos.

---

<sup>3</sup> LEITE, Inês - *Francisco da Conceição Silva*. 2007, p.177.

Num segundo momento escolheram-se os casos de estudo (*Anexo III*) com o intuito, de com estes, caracterizar a obra e projectos de habitação multifamiliar do arquitecto, uns destinados a habitação permanente outros a habitação sazonal. Ao escolherem-se estes casos de estudo optou-se por “agarrar” o intervalo temporal no qual Conceição Silva produziu habitação multifamiliar em Portugal, sendo por isso a primeira obra analisada o *Edifício da Rua Marcos Portugal*, projectado entre 1953/1954 e construído em 1957 e a última as *Bandas de Tróia* integradas no *Plano de Desenvolvimento Urbanístico de Tróia*, cuja construção foi interrompida com a revolução de 1974 e nunca concluída.

Documentaram-se e analisaram-se 10 edifícios de habitação multifamiliar projectados por Conceição Silva, nesse espaço temporal. Foram feitas fichas de levantamento de cada projecto fazendo uma breve descrição geral de cada um deles, do tipo de construção e acabamentos, acompanhados de excertos das memórias descritivas, quando encontradas, assim como de desenhos técnicos e fotografias de maquetes, da época ou actuais. Foram feitas visitas a alguns dos edifícios (não se conseguiu autorizações para visitar todos os que foram objecto de estudo) para uma melhor percepção da forma como foram concretizadas na prática as opções projectuais de Conceição Silva.

Como não existe nenhum estudo específico sobre o tema a *habitação multifamiliar de Francisco da Conceição Silva*, a dissertação de mestrado de Inês Leite *Francisco da Conceição Silva*, torna-se única e imprescindível por ser o estudo mais completo sobre a sua vida e obra, no qual a autora refere que “*Os conjuntos ou prédios colectivos de habitação projectados no seu atelier constituíram, na realidade, uma alternativa de qualidade para uma crescente burguesia, (...) cujo significado no tecido da cidade ou do território, ou, a outro nível, nos hábitos domésticos, seriam ainda de avaliar.*”<sup>4</sup>. Na sua dissertação de mestrado Inês Leite faz uma análise mais cuidada da Habitação Unifamiliar, nomeadamente em relação a antecedentes e influências, traçando uma evolução da arquitectura doméstica em Portugal na 1.ª metade do século XX e por fim analisando a obra doméstica de Conceição Silva através de alguns dos seus projectos. Apesar de não ter praticamente abordado a habitação multifamiliar de Conceição Silva, a autora escreve sobre alguns edifícios ao longo da sua tese, como é o caso do Prédio na Rua da Imprensa Nacional, o Bloco de Apartamentos da Balaia, a Unidade Residencial de Alfragide, sendo esta também importante para a compreensão e contextualização do tema na vida e obra de Conceição Silva.

Outra referência que se revela importante para uma melhor compreensão da vida e obra deste arquitecto é o catálogo editado pela Sociedade Nacional de Belas Artes<sup>5</sup>, por ocasião da exposição organizada em sua homenagem, não só pela enumeração de grande parte dos seus projectos, mas também pela biografia, depoimentos e outros testemunhos. Também de referir o artigo escrito por Paulo Martins Barata *Conceição Silva: poética sem retórica*<sup>6</sup>, onde o autor escreve sobre atitude, linguagem, princípios da obra de Conceição Silva, fazendo referência a possíveis influências internacionais ao longo do seu percurso arquitectónico. Outro artigo publicado sobre Conceição Silva,

---

<sup>4</sup> Inês Leite, 2007, p. 200.

<sup>5</sup> SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.

<sup>6</sup> BARATA, Paulo Martins - “Conceição Silva: poética sem retórica”. 2000, pp. 38-69.

*Atelier Conceição Silva: Território e Turismo* de Inês Leite<sup>7</sup>, aborda as questões de território e turismo na obra do arquitecto. A globalidade dos estudos feitos (poucos) sobre este arquitecto é por mim referida na bibliografia específica referente a Conceição Silva, nomeadamente artigos publicados em vida do autor.

Tendo em conta o período temporal seleccionado considera-se uma referência a edição fac-similada das actas do 1.º Congresso Nacional de Arquitectura<sup>8</sup>, por ocasião do 10.º aniversário da Ordem dos Arquitectos, servindo de base para a percepção da realidade arquitectónica portuguesa e problemáticas profissionais em meados do século XX, mas apenas com esse intuito, pois não se pretende analisar a arquitectura moderna portuguesa no geral, mas sim a problemática habitacional.

Nesta temática é importante referir o Capítulo II da obra *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50* de Ana Tostões, dedicado aos “Novos Programas de Habitação”, em que a autora refere “(...) no domínio da casa unifamiliar experimentam novas espacialidades e materiais, mas será sobretudo no tema da habitação colectiva que ensaiam, para além de inovadores jogos plásticos, novas formas de agrupamento, de organização interna de fogos, de distribuição de acessos, revelando uma assinalável pesquisa e destreza, acreditando ingenuamente, no poder da arquitectura, transformadora do quadro de vida do quotidiano contemporâneo, respondendo, com objectivos de eficácia, às solicitações de uma vida moderna.”<sup>9</sup>. Nesta parte do seu estudo são analisadas e descritas obras de habitação unifamiliar e habitação colectiva. Também de referir a dissertação de mestrado *Arquitectura de habitação multifamiliar: Lisboa anos 1950* de Ricardo Agarez<sup>10</sup>, que faz o estudo da produção arquitectónica de habitação multifamiliar em Lisboa durante a década de 50, não só pelo seu enquadramento neste tema, mas também pelo levantamento feito dos objectos arquitectónicos deste tipo, muitos deles ditos “menores” mas importantes como termo de comparação, de forma a não ter apenas em conta os exemplares mais “notáveis”.

Para alcançar unicidade e coerência neste estudo, optou-se por organizá-lo em quatro capítulos: “Os tempos modernos da habitação colectiva portuguesa”; “A habitação multifamiliar na obra de Francisco da Conceição Silva”; “Obras e projectos” e, por fim, as “Conclusões”. Os capítulos 1 e 2 procuram enquadrar e fundamentar o objecto de estudo desenvolvido no terceiro capítulo.

No capítulo 1 – “Os tempos modernos da habitação colectiva portuguesa” - procura-se a partir do pós II guerra e do momento histórico que é o 1.º Congresso Nacional de Arquitectura, traçar uma síntese da problemática habitacional existente e sua evolução, do moderno à sua crítica e revisão. Estabelece-se o “papel e lugar” da habitação colectiva neste período, suas características e renovação.

---

<sup>7</sup> LEITE, Inês - “Atelier Conceição Silva: Território e Turismo”. 2007, pp. 26-31.

<sup>8</sup> 1.º Congresso Nacional de Arquitectura [edição fac-similada]. TOSTÕES, Ana (coord.). 2008.

<sup>9</sup> Ana Tostões, 1997, ob. cit., p. 51.

<sup>10</sup> AGAREZ, Ricardo - *Arquitectura de habitação multifamiliar: Lisboa anos 1950*. 2003.

O segundo capítulo – “A habitação multifamiliar na obra de Francisco da Conceição Silva” - enquadra o programa da habitação multifamiliar na vasta obra do arquitecto. Procura-se apreender a importância deste programa no seu percurso e suas influências destacando algumas obras de referência.

Sendo o núcleo principal deste estudo, o terceiro capítulo – “Obras e projectos” - identificam-se e analisam-se aqui os edifícios de habitação multifamiliar, optando-se pela escolha de 10 casos de estudo que de algum modo caracterizem as obras e projectos quanto às diferentes condicionantes, propostas e linguagens. Através desta amostra e da sua análise pretende-se perceber para que públicos eram construídos, a que tipos de programa respondiam, as suas características e particularidades desde a inserção urbana ao sistema construtivo e acabamentos.

No último, e quarto capítulo, apresentamos as conclusões.



**1 OS TEMPOS MODERNOS  
DA HABITAÇÃO COLECTIVA PORTUGUESA**

No final da década de 30 começava-se a assistir ao fim do primeiro modernismo português, caracterizado por uma linguagem racional que nunca chegou a adoptar verdadeiramente todos os seus princípios<sup>1</sup>, dava-se uma mudança de objectivos contra o internacionalismo que culminava na *Exposição do Mundo Português* em 1940, enaltecendo o regime e as suas realizações. A arquitectura portuguesa aproximava-se cada vez mais de uma arquitectura maioritariamente revivalista, classicizante e monumental de cariz oficial. O mesmo regime<sup>2</sup> que tinha impulsionado e dado visibilidade ao breve modernismo português, principalmente através da sua acção no campo das obras públicas, vinha “pôr fim” à linguagem moderna que se vinha a fazer, manipulando, tal como refere Nuno Teotónio Pereira, a arte “(...) enquanto instrumento de propaganda ideológica, ao serviço de um Estado forte, tendencialmente – totalitário. E a arquitectura (...) estava na linha da frente para tal missão.”<sup>3</sup>. Assim, a partir de 1940, o conservadorismo e o culto dogmático pela tradição do regime ditatorial, acabou por impôr uma arquitectura fechada aos movimentos internacionais.

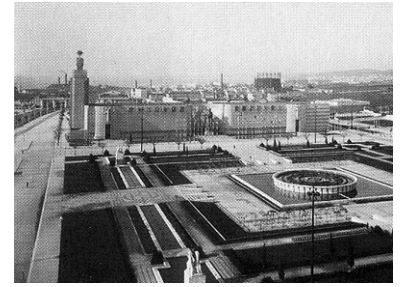


FIG. 1. 1 *Exposição do Mundo Português, 1940.*

[PEREIRA, Paulo (dir.) - *História da Arte Portuguesa*. 1995.]

Depois da abertura que se tinha sentido, graças a uma indefinição de estilo/linguagem dos primeiros anos do regime, os arquitectos portugueses acabaram por ficar sujeitos a modelos estereotipados, embora no tempo, se tenham aberto algumas janelas à inovação e à criatividade. “Após a derrota dos fascismos na II Guerra Mundial, o Estado Novo procura uma fachada democrática (...)”<sup>4</sup> assistindo-se a uma ligeira abertura por parte do mesmo. Abriam-se eleições para o Parlamento a partidos da oposição, arrancava a electrificação e a moderna industrialização e, no campo cultural e artístico começava-se a sentir menor opressão. Surgiam as EGAP (Exposições Gerais de Artes Plásticas) organizadas pelo MUD (Movimento de Unidade Democrática),

<sup>1</sup> “A primeira geração dos arquitectos modernistas não teria meios para produzir uma reflexão teórica digna de nota e não seguiu nem respondeu a uma fundamentação ideológica consistente. (...) a começar pela ausência da manifesta preocupação socializante que está na base do movimento moderno e estava presente nas intenções de Gropius e de Corbusier. A pesquisa e as propostas nos domínios da habitação social e do utopismo urbano são raras e inconsequentes.” CALDAS, João Vieira - “Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo”. TOSTÕES, Ana; BECKER, Annette; WANG, Wilfried - Portugal: *Arquitectura do Século XX*. 1998, p.24.

<sup>2</sup> “(...) regime, que em 1933 foi institucionalizado com a designação de «Estado Novo», teve como figura central o ditador Oliveira Salazar, que conseguiu manter-se no poder durante quarenta anos, até que em 1968 a doença o vitimou, abrindo-se depois o caminho para a instauração da democracia em Portugal.” PEREIRA, Nuno Teotónio - “Arquitectura de Regime, 1938-1948”. Ana Tostões; Annette Becker; Wilfried Wang, 1998, ob. cit., p.33.

<sup>3</sup> Idem, p.34.

<sup>4</sup> Idem, p.37.

os jovens arquitectos organizavam-se, pela primeira vez, com ideais comuns dando origem às ICAT (Iniciativas Culturais de Arte e Técnica) e à ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos). Era assim, neste contexto de vontade colectiva de mudança e contestação ao regime, que surgia o 1.º Congresso Nacional de Arquitectura em 1948<sup>5</sup>.

O Congresso organizado em torno de dois temas: “A Arquitectura no Plano Nacional” e “O Problema Português da Habitação”, contou com grande número de arquitectos “(...) que o elegeram como espaço de afirmação da arquitectura moderna, reclamando industrialização e participação dos arquitectos na resolução do problema da habitação sem constrangimentos nem obrigatórias de estilo.”<sup>6</sup>. As comunicações apresentadas sobre o Tema II – “O Problema Português da Habitação”, deixavam transparecer os ideais modernos abraçados por grande parte destes arquitectos, denotando claras influências de Le Corbusier<sup>7</sup> e preocupações de dimensão social<sup>8</sup>, que finalmente chegavam com este modernismo. As novas ideias e pensamentos modernos eram apresentados sem quaisquer preconceitos. A habitação colectiva passava a ter um papel preponderante na discussão e integração dos novos temas modernos, nomeadamente na relação entre edifício e cidade, na nova escala pretendida - o edifício em altura - *que as habitações económicas sejam agrupadas em unidades colectivas de vários andares, de um mínimo de dez andares, segundo Walter Gropius, meio de libertar o solo para instalações subsidiárias e comuns da habitação;*<sup>9</sup> na escala da cidade *“Sendo o problema da habitação antes de tudo um problema de urbanismo, deve abolir-se o traçado de ruas sem a preocupação prévia de implantar os edifícios de habitação colectiva”*<sup>10</sup>; na evolução que se pretendia na habitação em termos formais e espaciais - a importância da célula familiar *“Considerar o alojamento*

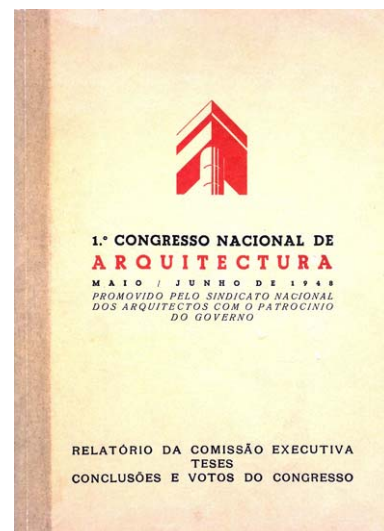


FIG. 1. 2 1.º Congresso Nacional de Arquitectura, 1948.

<sup>5</sup> TOSTÕES, Ana - “Arquitectura portuguesa do século XX”. PEREIRA, Paulo (dir.) - *História da Arte Portuguesa*. 1995, pp. 506-547.

<sup>6</sup> TOSTÕES, Ana - “Modernização e Regionalismo, 1948-1961”. Ana Tostões; Annette Becker; Wilfried Wang, 1998 ob. cit., p.42.

<sup>7</sup> *“Que tanto nas edificações como nos planos de Urbanização sejam seguidos os princípios orientadores expressos na Carta de Atenas (teses 1,2,3,4,5,6).”* GOMES, Sérgio – “Relatório das Teses apresentadas sobre o Tema II”. 1.º Congresso Nacional de Arquitectura [edição fac-similada]. TOSTÕES, Ana (coord.). 2008, p.290.

<sup>8</sup> - *que o direito à habitação seja um direito geral e inalienável, semelhante ao direito da vida, à água, à luz, à assistência, ao trabalho, à liberdade, à instrução e à lei;* “Fac-Símile do Manifesto do Grupo da ODAM”, 1.º Congresso..., ob. cit., p.16.

<sup>9</sup> Idem, p.13.

<sup>10</sup> GOMES, Sérgio - “Relatório das Teses apresentadas sobre o Tema II”, 1.º Congresso ..., ob. cit., p.290.

em função da vida familiar, da educação das crianças, dos prolongamentos da unidade habitacional e do equipamento doméstico.”<sup>11</sup>; e na necessidade de uma indústria actualizada para a construção de uma nova arquitectura “A Arquitectura depende hoje, mais do que nunca, da Máquina. Depende da produção em grande escala, para ser útil e não apenas monumental ou decorativa; depende dos novos materiais e do emprego das novas técnicas, para dar satisfação às actuais exigências - aos temas novos.”<sup>12</sup>.

Neste período a obra teórica e prática de Le Corbusier é claramente marcante, com *Les Cinq Points d'une Architecture Nouvelle* (Les Pilotis; Les Toits-Jardins; Le Plan Libre; La Fenêtre en Longueur; La Façade Libre) de 1926; com o conceito de casa como *La Machine-a-Habiter* (1921) posto em prática na Unidade de Habitação de Marselha<sup>13</sup> (1947-1952); com os estudos para cidades ideais publicando *La Ville Radieuse*<sup>14</sup> (1935); e com a redacção de *La Charte d'Athènes*<sup>15</sup>.

Acompanhando as teorias de Le Corbusier mas liberta da ortodoxia do movimento moderno e em busca de maior expressividade e carácter, a arquitectura brasileira ganhava visibilidade internacional com a exposição *Brazil Builds* (1943) em Nova Iorque e o respectivo catálogo *Brazil. Architecture New*

---

<sup>11</sup> VITAL, António Lobão – “A casa, o homem e a Arquitectura”, *1.º Congresso ...*, ob. cit., p.201.

<sup>12</sup> LOSA, Arménio – “Indústria e Construção””, *1.º Congresso ...*, ob. cit., p.264.

<sup>13</sup> Le Corbusier explicava as suas intenções com o conceito: “*As Unités d'Habitation são equipamentos para habitar ... a sua finalidade é de facilitar as condições de vida; assegurar a saúde moral e física dos habitantes; favorecer a perpetuação espécie humana oferecendo as instalações necessárias a um crescimento perfeito; albergar a alegria de viver e fazer nascer e desenvolver-se os sentimentos sociais capazes de conduzir à civilização (civismo); a civilização geradora de acção que conduz a comunidade ao grau mais alto de consciência e dignidade.*” cit. in AGAREZ, Ricardo - *Arquitectura de habitação multifamiliar: Lisboa anos 1950*. 2003, p.83.

A Unidade de Habitação de Marselha é publicada em Portugal na revista *Arquitectura*, n.º 50-51, 1953.

<sup>14</sup> As teorias da *Ville Radieuse* foram divulgadas primeiramente por Nuno Teotónio Pereira na revista *Técnica*, n.º 138, 1942. TOSTÕES, Ana - *Os Verdes Anos na Arquitectura portuguesa dos Anos 50*. 1997, p.32.

<sup>15</sup> Redigida durante o IV CIAM, realizado em 1933, a bordo do Patris II. O texto é publicado pela primeira vez de forma anónima em 1943 e posteriormente em 1957. MONTANER, Josep Maria – *Depois do movimento moderno – Arquitectura da segunda metade do século XX*. 2001, p.29.

Em Portugal a Carta de Atenas é divulgada em 1947 por Nuno Teotónio Pereira, na revista *Técnica*. Em 1948-1949 é publicada a versão integral na revista *Arquitectura*, n.º 20-32. 1948. Ana Tostões, 1997, ob. cit., p.216.

*and Old 1652-1942* que também chega a Portugal<sup>16</sup>. Em 1949 realizava-se no Instituto Superior Técnico a *Exposição de Arquitectura Contemporânea no Brasil*<sup>17</sup> e poucos anos mais tarde, em 1953, tinha lugar outra mostra de arquitectura brasileira, desta vez na Sociedade Nacional de Belas Artes<sup>18</sup>, integrada nas actividades do *III Congresso da UIA*. De um modo geral a arquitectura brasileira e latino-americana começavam a ser bastante divulgadas em Portugal, tanto na revista *Arquitectura* como na *Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação*<sup>19</sup>, num momento em que os conteúdos denotavam uma visão mais crítica dos modelos internacionais<sup>20</sup> e no qual Francisco da Conceição Silva participava, fazendo parte da equipa coordenadora da revista *Arquitectura* entre Agosto de 1949 e Agosto de 1953<sup>21</sup>.

Os países escandinavos, onde a industrialização tardia veio originar um processo de urbanização mais controlado, aderiam ao movimento moderno incorporando valores herdados da tradição e de integração na paisagem. O denominado empirismo nórdico, que defendia uma arquitectura essencialmente organicista e humanista, chegava a Portugal reflectindo-se em textos como “A Humanização da Arquitectura”<sup>22</sup>, publicado na revista *Arquitectura* num dos números organizado por Cândido Palma de Melo e Francisco da Conceição Silva e “O ovo de Peixe e o Salmão”<sup>23</sup>, ambos de Alvar Aalto. Mais tarde, em 1960, era montada na Sociedade Nacional de Belas Artes a *Exposição de Arquitectura Finlandesa*<sup>24</sup>.

---

<sup>16</sup> Ana Tostões, 1997, ob. cit., p.42.

<sup>17</sup> *Arquitectura*, n.º 29, 1949.

<sup>18</sup> *Arquitectura*, n.º 53, 1954, p.22.

<sup>19</sup> Renovada em 1952 por Victor Palla e Joaquim Bento d’Almeida, “(...) o espaço de vanguarda mais radical do Estilo Internacional de influência brasileira (...)” Ana Tostões, 1997, ob. cit., p.42.

<sup>20</sup> “(...) defendendo-se cada vez mais, quer nos textos teóricos, quer na divulgação das obras construídas (sobretudo estrangeiras), um posicionamento contextualista, de atenção ao lugar e da procura de um novo humanismo, posicionamento que se fará sentir na prática em Portugal a partir de meados da década de 50.” LEITE, Inês - Francisco da Conceição Silva. 2007, p.80.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> *Arquitectura*, n.º 35, 1950, pp. 7-8. Tal como Inês Leite refere, a publicação deste texto de Alvar Aalto é da responsabilidade de Cândido Palma de Melo e de Francisco da Conceição Silva contrariamente ao referido por Ana Tostões, 1997, ob. cit., p.154. O outro texto “O ovo de peixe”, esse sim é publicado, mais tarde, numa revista organizada por Manuel Tainha e Cândido Palma de Melo.

<sup>23</sup> *Arquitectura*, n.º 46, 1953, pp. 15-16.

<sup>24</sup> *Arquitectura*, n.º 67, 1960.

No segundo pós-guerra esta arquitectura passou a ser referência para alguns países, como a Inglaterra e a Itália, depois da crise da arquitectura racionalista e funcionalista. Neste contexto é de salientar a importância de Bruno Zevi, que após o seu regresso dos EUA divulgou em Itália as ideias de Frank Lloyd Wright<sup>25</sup>, o conceito de arquitectura orgânica preconizado por este, publicando *Por uma Arquitectura Orgânica* (1945) e, posteriormente, *Saber Ver a Arquitectura* (1948), onde aprofundava o conceito de espaço como “(...) estrutura sensível capaz de comunicar valores não só de economia e conforto, mas também sócio-culturais e poéticos. Por palavras mais simples: uma arquitectura para habitar, em vez de caixas para contemplar.”<sup>26</sup>. Em 1950 publicava *História da Arquitectura Moderna* que teria edição portuguesa em 1970, com um capítulo adicional dedicado a Portugal e o prefácio de Nuno Portas. Anos antes um grupo de alunos da escola do Porto, apoiado por Fernando Távora e Carlos Ramos, traduzia e editava em fascículos alguns dos seus textos<sup>27</sup>. Em 1958 era apresentado o CODA de Fernando Condeso, na Escola de Belas Artes “Do Conceito do Espaço em Arquitectura”. Em 1963 apresentava-se, na mesma escola do Porto, “Ensaio sobre o Espaço da Arquitectura”<sup>28</sup> por Pedro Vieira de Almeida e em 1962 era ainda publicado o texto de Fernando Távora “Da Organização do Espaço”<sup>29</sup>.

Também em Espanha, através do caso catalão, se consegue perceber a influência do novo empirismo e de uma vontade de adaptação da arquitectura moderna, passando pela reinterpretação de linguagens vernáculas, neste caso mediterrânicas, e utilizando formas orgânicas e expressionistas. Importa destacar a obra da dupla José António Coderch e Manuel Valls, com grande enfoque na revista *Arquitectura* n.º 73 de 1961, onde foi publicado o texto de Coderch “No son genios lo que necesitamos ahora”, cinco das suas obras (Casa Ugalde em Caldetas, Casas na Calle de la Barceloneta, Habitações em Calle de la Maquinista em Barcelona, Casas na Calle Compositor Bach em Barcelona, Casa em Camprodon em Gerona) e o artigo de Nuno Portas “A obra de José A.

---

<sup>25</sup> Na revista *Arquitectura* n.º 67 de 1960 são publicados dois artigos sobre vida e obra de Frank Lloyd Wright pelos arquitectos Januário Godinho e Leopoldo de Almeida.

<sup>26</sup> PORTAS, Nuno - “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal – uma interpretação”. ZEVI, Bruno - *História da Arquitectura Moderna*. 1970, p.13.

<sup>27</sup> Ana Tostões, 1997, ob. cit., p. 154.

<sup>28</sup> O “Ensaio sobre o Espaço da Arquitectura” é considerado na altura um texto teórico de grande interesse para a formação do arquitecto e por isso publicado no mesmo ano na *Arquitectura* n.º 79 e 80.

<sup>29</sup> FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no Séc. XX (1911-1961)*. 1974.

Coderch e M. Valls Vergés”. Antes deste número da *Arquitectura* tinham sido publicados três artigos pela *Binário* “(...) sobre encontros entre arquitectos espanhóis, nomeadamente catalães e madrilenos, aos quais se juntam depois os bascos, onde se apresentam as obras de relevo que então se produziam no país vizinho, ilustrativas das novas tendências (...)”<sup>30</sup>, no artigo da *Binário* n.º 27 “(...) o autor foca o esforço de reconstrução da Espanha no pós-guerra, o problema da habitação e os diferentes caminhos escolhidos pelos arquitectos. Apresenta ainda várias realizações em Madrid, sobretudo programas habitacionais colectivos.”<sup>31</sup>.

Internacionalmente assistia-se ao fim dos CIAM<sup>32</sup>, reflexo do que se vinha a passar nos países, onde a crítica e a revisão do movimento moderno era evidente. A partir do VII Congresso, em 1949, começavam a sentir-se os conflitos e em 1956 tinha lugar o X e último CIAM dedicado ao “Habitat humano”<sup>33</sup>, onde o futuro Team 10<sup>34</sup>, que já no IX Congresso tinha começado a criticar o formalismo da Carta de Atenas, defendia a necessidade de se encontrar “(...) uma relação precisa entre forma física e necessidade social e psicológica das pessoas. Tratava-se de introduzir conceitos que permitissem à arquitectura reflectir com maior exactidão a diversidade dos modelos sociais e culturais, propondo ideias como a «identidade», modelo de associação, vizinhança, etc. Para isto era necessário provocar a crise definitiva dos princípios simplificadores da Carta de Atenas e expor a complexidade da vida urbana.”<sup>35</sup>.

---

<sup>30</sup> Inês Leite, 2007, ob. cit., p.106.

ORTIZ-ECHAGUE, César - “40 Anos de Arquitectura Espanhola”. *Binário*, n.º 25, 1960, pp. 325-330.

ORTIZ-ECHAGUE, César - “40 Anos de Arquitectura Espanhola”. *Binário*, n.º 27, 1960, pp. 437-444.

ECHAÍDE, Rafael - “Os pequenos congressos”. *Binário*, n.º 31, 1961, pp. 197-202.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Declínio acompanhado por alguns arquitectos portugueses que participariam nos Congressos. Ana Tostões, 1997, ob. cit., p.164.

<sup>33</sup> MONTANER, Josep Maria – *Depois do movimento moderno – Arquitectura da segunda metade do século XX*. 2001, p.30.

<sup>34</sup> O Team 10 procura continuar com o projecto de arquitectura moderna, mas sem produzir manifestos ou protótipos estanques. A sua acção era caracterizada por uma atitude experimental e empírica assente no debate e nas diversas opiniões. O grupo é composto por um núcleo inicial e principal: Jacob B. Bakema, Georges Candilis, Aldo van Eyck e Alison e Peter Smithson. O resto do grupo é variável, normalmente arquitectos que se identificam com os seus objectivos. Idem, p.31.

<sup>35</sup> Idem, p.30.

Os ingleses que no pós-guerra construíam as *new towns*<sup>36</sup>, seguindo as ideias desenvolvidas por Ebenezer Howard no início do século XX, também tiveram um papel bastante significativo na crítica e na revisão do movimento moderno no pós-guerra, desempenhando um papel de vanguarda. Foi através da experiência das *new towns*, que surgiram atitudes críticas de jovens arquitectos britânicos como Alison e Peter Smithson, umas das principais figuras do Team 10. Criticavam esta “(...) *experiência geradora de novas cidades que rapidamente se mostrariam sem alma, sem vida urbana, sem identidade.*”<sup>37</sup> e procuravam através das suas ideias baseadas numa atitude experimental, pragmática e antidogmática, recuperar a vida urbana perdida, interpretando o passado e propondo a sua revisão formal. Na arquitectura britânica, a par das preocupações sociológicas, era notória a influência tecnológica e as preocupações em torno da produção da arquitectura, surgiam, por isso, grande número de obras de carácter brutalista, edifícios de estrutura aparente que valorizavam os materiais pelas suas qualidades inerentes.

Em Portugal, em meados dos anos 50 e à semelhança de outros países, começava-se a sentir a necessidade de conciliar modernidade com tradição. Procurava-se uma humanização da arquitectura, existindo uma vontade de revisão do movimento moderno. Após o congresso, que tinha sido um momento marcante de afirmação da arquitectura moderna, num sentimento de consciência colectiva contra uma linguagem arquitectónica parada no tempo, começava a ser notória a procura de diálogo entre moderno e regional, não só nos conteúdos das publicações e dos livros mas também nos edifícios.

Assim em 1955 iniciava-se o *Inquérito à Arquitectura Popular*, publicado em 1961, com uma esperança por parte do Governo, que o mesmo contribuísse para o aportuguesamento da arquitectura do nosso país, o que não viria a acontecer visto que o Inquérito “(...) *evidenciaria que ao contrário de um estilo genuinamente português havia afinal tantas tradições quanto regiões e que a expressão dos edifícios é sobretudo profundamente influenciada pelas condições do habitat dos diferentes meios (...)*”<sup>38</sup>. O Inquérito assumia-se como um

---

<sup>36</sup> “Entre 1945 e 1951 foram fundadas as primeiras dez *new towns*, entre elas destacavam-se Stevenage (1946) e Harlow (1947). Esta ideia possuía uns cinquenta anos de tradição, iniciada com a publicação do livro de Ebenezer Howard *Tomorrow: A Peaceful Path to Realm reform de 1898*. Em 1903 foi criada a primeira cidade jardim, *Letchworth (...)*” Idem, p.72

<sup>37</sup> Idem, p.73.

<sup>38</sup> Ana Tostões, 1997, ob. cit., p.161.



momento marcante na arquitectura portuguesa pondo fim ao mito da “casa portuguesa” e acentuando preocupações projectuais de aproximação da arquitectura ao lugar – a história, o contexto, os materiais e os modos de vida. À dimensão social, incorporada na nova arquitectura moderna portuguesa, era acrescentada a dimensão cultural.

Depois do Inquérito, que veio impor uma reflexão sobre a arquitectura popular, num momento de crise da ortodoxia do movimento moderno internacional, assistia-se em Portugal à procura de uma nova arquitectura moderna, que por vezes incluía e reinterpretava o vernáculo, ao mesmo tempo que absorvia influências internacionais. Com a procura dessa arquitectura, crítica do movimento moderno, caminhava-se para uma arquitectura de múltiplas linguagens, contrariamente a uma aparente unidade formal que se tinha sentido pela altura do Congresso. Assim, os anos seguintes (anos 60), num contexto político social em profunda mutação, seriam marcados por um grande pluralismo e pela afirmação de diferenças.

É com o início dos anos 60 que se dá o “boom” do turismo, dos grandes bairros sociais, da expansão especulativa para as periferias, exigindo-se modernização nos programas arquitectónicos e uma nova dimensão ao nível do planeamento urbano e suburbano<sup>39</sup>, por vezes descurado. Com a transformação do território a escala de intervenção alterava-se significativamente e a arquitectura portuguesa sofria novamente uma revolução nas relações entre edifício, espaço público e contexto.

Acompanhando a evolução do pensamento teórico assistiu-se a uma evolução formal e espacial do edificado do tímido e incompleto modernismo português. Na década de 30, caracterizada pela maior liberdade dada aos arquitectos, os edifícios eram em estrutura de betão armado, permitindo maior liberdade no desenho dos espaços, o que nem sempre era aproveitado. Os volumes dos edifícios eram simples e de clareza geométrica, utilizava-se a cobertura em terraço e os grandes vãos para iluminação. No entanto, em poucas obras se prescindia totalmente da decoração, que se ia tornando geométrica e gráfica aludindo à art déco. A concepção espacial interna era quase sempre tradicional sendo rara a planta e a fachada livre. A simetria característica de monumentalidade mantinha-se, o edifício não era pensado como parte de um

---

<sup>39</sup> FERNANDES, José Manuel – “Anos 60 – anos de «consequência»”. AA/VV – *Anos 60, Anos de Ruptura: arquitectura portuguesa nos anos sessenta*. 1994.

todo que é a cidade. O edifício era assente no terreno, não levitava nem assentava em pilotis e os arquitectos nunca chegariam a ter uma verdadeira preocupação social.

Com a assumpção de todas as componentes do Movimento Moderno, no pós II Guerra Mundial, a relação edifício/cidade foi significativamente questionada e repensada, desde o “levantar” do edifício, independizando circulação de peões e automóveis, ao questionamento da rua canal e importância da fachada principal. O edifício ganhava um papel determinante na valorização do espaço urbano.

Grande número de edifícios começavam a ser elevados sobre pilotis<sup>40</sup>, como acontecia com o denominado *Bairro das Estacas* (1949), projectado por Formosinho Sanches e Ruy D’Athouguia. Os edifícios deixavam de ser paralelos à rua, passando a ser importante a sua orientação e ligação com o espaço público<sup>41</sup>, e, sob eles estendiam-se jardins onde se desenhavam percursos pedonais que aproximavam distâncias de comércio, serviços, equipamentos ou outros blocos de habitação. A acompanhar as novas orientações dos edifícios, procurava-se a igualdade de fachadas, deixando de existir uma fachada principal ou tardo, recorrendo-se, por vezes, a grelhagens para esconder as áreas indesejáveis à vista do transeunte, notório no *Conjunto da Avenida do Brasil* (1956) de Jorge Segurado. Procuravam-se volumes puros em que as superfícies eram definidas pelas linhas directrizes dos mesmos e a modulação estrutural e construtiva era assumida no exterior, tal como se verificava no *Edifício Parnaso* (1954-1955) de José Carlos Loureiro. As varandas ganhavam importância, resultado da orientação do edifício e da vontade de um prolongamento do fogo para o exterior englobando a paisagem no espaço doméstico. A altura dos edifícios era debatida<sup>42</sup> e questionava-se o tradicional



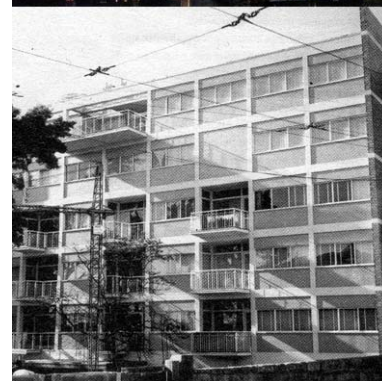
FIG. 1. 3 *Bairro das Estacas*, 1949.

[PEREIRA, Paulo (dir.) - *História da Arte Portuguesa*. 1995 1



FIG. 1. 4 *Edifício Parnaso*, 1954-1955.

[*Jornal Arquitectos*, n.º 204. 2002.]



<sup>40</sup> “- que se liberte o solo construindo os grandes imóveis sobre «pilotis» e em estruturas independentes, e os alojamentos tenham a independência e individualidade necessárias à maneira de ser humana, abrindo para amplas ruas exteriores ou interiores, mas sempre bem iluminadas e ventiladas;” “Fac-Símile do Manifesto do Grupo da ODAM”, 1.º Congresso ..., ob. cit., p.15.

<sup>41</sup> “- que ocupem posições estratégicas sob o ponto de vista da paisagem, salubridade, direcção dos ventos, movimento do sol e condições de acesso; (...) - é desnecessário que a orientação do imóvel seja subordinada à orientação da rua. E se alguma subordinação houver que seja a da rua ao edifício e não o edifício à rua. A determinante da orientação será exclusivamente a exposição solar e a direcção dos ventos dominantes. Nada de fachadas a norte;” Idem, p.13.

<sup>42</sup> Segundo Gropius “O edifício colectivo de muitos pisos será (...) muito mais ventilado, ensolarado e isolado, e assegurará as máximas superfícies ajardinadas nas quais as crianças poderão livremente brincar e fazer ruído. (...) As suas vantagens são decisivas

quarteirão, propondo-se torres e bandas. As circulações eram repensadas, o tradicional esquerdo/direito era considerado “limitado” e procuravam-se outras soluções<sup>43</sup>, a solução em galeria passava a ser uma hipótese como espaço de ligação entre todos os fogos, como se verificava no *Bloco de Ouro* (1951-1954) de Mário Bonito, um dos primeiros edifícios a adoptar a galeria. Quando possível, as circulações ganhavam carácter de espaços comuns cuidados, onde por vezes eram incluídos trabalhos de artistas plásticos, num sentido de preocupação da integração das três artes, mais comum noutro tipo de programas que não o habitacional, mas que por vezes surgia nestes edifícios, como é o caso do *Bloco das Águas Livres* (1953) de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral. Para além das circulações como espaços comuns, os edifícios passaram a ser pensados como “unidades de habitação” que deviam conter outras valências por forma a garantir uma vida melhor aos seus habitantes, correspondendo às novas necessidades do mundo moderno, desde as lavandarias colectivas ao simples café, ideias procuradas por Filipe Figueiredo e Jorge Segurado no seu edifício do cruzamento da Av. EUA com a Av. de Roma (1952), para o qual estava pensado num piso intermédio, comércio, terciário e serviços, situação que nunca se viria a verificar pois acabou por se transformar em mais um piso de habitação. Nos fogos eram feitos estudos para áreas mínimas de conforto que conseguissem responder, da melhor forma, às exigências da vida familiar. Dava-se importância aos vários espaços que um fogo encerra: os espaços privados, sociais e de serviços. O dúplex ganhava importância, na maioria dos casos mais pela riqueza que podia trazer às fachadas do que pelas possibilidades de pés-direitos variados no interior do fogo, pesquisa feita no edifício projectado em 1951-1952 pelos arquitectos Celestino de Castro, Hernani Gandra, João Simões, Francisco Castro Rodrigues e José Huertas Lobo, para a Av. EUA e que nunca chegaria a ser construído, denotando clara influência corbusiana. Os compartimentos eram redesenhados, suprimindo-se ao máximo as circulações. Procurava-se o menor desperdício de áreas dando-as a outros mais importantes para o núcleo familiar, como a sala



FIG. 1. 5 *Bloco de Ouro*, 1951-1954.  
[*Jornal Arquitectos*, n.º 205. 2002.]



FIG. 1. 6 *Bloco das Águas Livres*, 1953.  
[*Jornal Arquitectos*, n.º 204. 2002.]

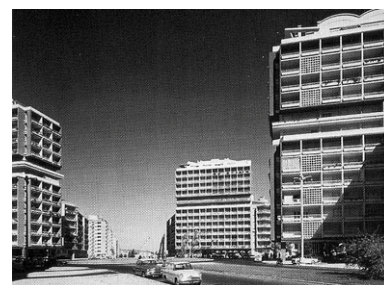


FIG. 1. 7 *Edifícios no cruzamento da Av. EUA com a Av. Roma*, 1953.  
[PEREIRA, Paulo (dir.) - *História da Arte Portuguesa*. 1995.]

para a saúde da cidade." GROPIUS, Walter - “Construção Baixa, Média ou Alta?”. *Jornal Arquitectos*, n.º 205, 2002, p. 21.

<sup>43</sup> “(...) a gama de possibilidades é vasta (excluída a solução promíscua do minúsculo patamar interior de um metro quadrado, para onde abrem as entradas de dois fogos, que se continua a construir entre nós em soluções - tipo oficiais!)” PORTAS, Nuno – “Considerações sobre o Organismo Distributivo das Habitações”. *Arquitectura*, n.º 69, 1960, p.48.

Neste artigo PORTAS aborda o Organismo Distributivo das Habitações dando especial relevância à “galeria”, sendo esta descrita de uma forma bastante completa, apresentando diversas soluções e exemplos.

de estar ou comum<sup>44</sup>. A cozinha era repensada para a mulher moderna que já não ficava apenas em casa a cuidar dos filhos. No relatório das Nações Unidas sobre a situação do alojamento na Europa em 1948-1949 “Etude comparée de l’utilization de l’espace dans des types courants de logements de 14 pays d’Europe”, de Junho de 1951, Maurice M. Blackshaw referia acerca da cozinha que “A dona-de-casa média não ambiciona ter uma grande cozinha, (...) prefere uma cozinha que seja concebida de forma bastante densa e onde cada coisa esteja ao alcance da mão, mas necessita de espaço suficiente para preparar, confeccionar e servir as refeições e para lavar a louça depois. O atravancamento numa cozinha mal concebida ou numa cozinha demasiado pequena pode constituir um incómodo insuportável; (...)”<sup>45</sup>. Também a flexibilidade<sup>46</sup> dos espaços do fogo ganhava importância, procurando-se plantas livres que se adaptassem às necessidades de cada família, não descurando assim possíveis alterações por parte do utilizador. O mobiliário era visto como parte essencial no desenho do fogo, para um melhor aproveitamento da área e para uma resposta eficiente às novas necessidades do homem moderno<sup>47</sup>.

Nos meados dos anos 50, o momento era já de reflexão, notando-se nalguns edifícios habitacionais uma procura de contextualização, como se fazia notar no edifício da esquina da *Rua Marcos Portugal* com a *Rua da Imprensa Nacional*, projectado por Conceição Silva em 1953-1954 e construído em 1955-1957. Apesar da sua linguagem moderna deixava transparecer, pela relação que propunha com a rua e pela escala proposta, uma procura de contextualização e inserção urbana cuidada, na procura do diálogo entre o novo e o existente. Atitude que já se fazia sentir noutra tipo de programas mas pouco frequente nos edifícios de habitação colectiva portuguesa que, na sua maioria, ainda abraçavam o modelo internacional, como se notava no edifício proposto por



FIG. 1. 8 Edifício na Rua Marcos Portugal com a Rua da Imprensa Nacional, 1953-1954.

[foto do autor.]

<sup>44</sup> “Neste compartimento há quem leia, quem escreva, quem jogue cartas, quem beba a sua chávena de chá, quem trabalhe, borde, etc. É este o compartimento onde se conversa e onde se recebem os amigos; é o compartimento onde cada um encontra o conforto do cómodo sofá no qual repousar fumando, talvez, o apreciado cigarro.” G. BARBIERI, cit. in Ricardo Agarez, 2003, ob. cit., p.90.

<sup>45</sup> BLACKSHAW, cit. in idem, p.94.

<sup>46</sup> “Ela seria tomada, nos anos de 1960, como panaceia universal, mecanismo através do qual o arquitecto permitia e fomentava a pluralidade, a tolerância, a informalidade dos novos modos de vida. As experiências dos anos de 1950 foram um passo na definição desta vertente sociológica.” Idem, p.88.

<sup>47</sup> “A necessidade de se considerar, no estudo racional da habitação, o equipamento e o mobiliário como elementos já não secundários mas sim integrantes e conceptualmente unidos à construção, é referência constante nos diversos textos sobre a maneira racional e moderna de projectar o fogo.” Idem p.91.

Joaquim Ferreira e Guilherme Faria da Costa junto do Largo do Rato, o *Bloco da Mãe d'Água* (1958), dramático e expressivo de características modernas, impõe-se com a sua escala sem consciência de magoar a envolvente.

No âmbito dos grandes programas sociais de habitação e do planeamento urbano, arquitectos e urbanistas juntaram-se na transição das duas décadas para desenhar o maior conjunto até à data, o bairro dos Olivais que pela sua dimensão era dividido em duas grandes áreas, Olivais Norte (40 ha) e Olivais Sul (186 ha). O plano da primeira área foi desenhado por P. Falcão e Cunha, B. da Costa Cabral, J. Reis Machado e A. Alves Mendes, o segundo por Rafael Botelho e Carlos Duarte. Os conceitos urbanísticos dos planos denotavam influências do rígido ideário da Carta de Atenas e das *new towns* britânicas<sup>48</sup>. Os edifícios eram do tipo bloco isolado, em torre ou banda dispostos num espaço amplo, fluído, ajardinado e fragmentado. Pelo grande número de projectistas e pela liberdade concedida aos mesmos, resultou um grande laboratório de habitação colectiva onde se encontravam desde edifícios mais “estandardizados” a edifícios que procuravam novas linguagens, denotando as influências internacionais de revisão do moderno.

Pouco tempo depois, desenhava-se o plano de Urbanização de Chelas, que procurava corrigir alguns dos problemas observados nos Olivais, ao mesmo tempo que se contestava a prática racionalista. Procuravam-se modelos urbanos tradicionais, reabilitava-se o conceito de rua e procuravam-se referências nalguns estudos internacionais que começavam a ser experimentados<sup>49</sup>.

Foi a partir desta década que o atelier de Conceição Silva, começou a receber projectos de grande escala, acompanhando o boom do turismo e do planeamento, propondo, desde edifícios isolados, a grandes conjuntos habitacionais, uns destinados a habitação permanente, outros a habitação sazonal, fora do âmbito público e mais ligado ao meio empresarial, edifícios que normalmente se destinavam a uma média e alta burguesia. No entanto não descurava no pensamento e na qualidade arquitectónica e acompanhava e mantinha-se actualizado sobre os pensamentos e as correntes internacionais. Com o seu atelier, que atingia grande dimensão graças ao número de

---

<sup>48</sup> HEITOR, Teresa Valsassina – “A expansão da cidade para oriente: os planos de urbanização de Olivais e Chelas”. BARREIROS, Maria Helena (coord.) – *Lisboa. Conhecer, Pensar, Fazer Cidade*. 2001, p. 73.

<sup>49</sup> Idem, p. 77.

encomendas e que assentava em métodos organizativos semelhantes a uma estrutura empresarial, organizando-se em vários departamentos que incluíam todas as áreas disciplinares e artísticas envolvidas na Arquitectura, Conceição Silva foi desenhando ao longo dos anos seguintes, edifícios habitacionais de características primeiramente críticas da ortodoxia do movimento internacional, até grandes conjuntos de utopias urbanas, denotando um forte experimentalismo.

**2 A HABITAÇÃO MULTIFAMILIAR  
NA OBRA DE FRANCISCO DA CONCEIÇÃO SILVA**

Francisco da Conceição Silva nasceu a 22 de Maio de 1922 em Lisboa e ingressou no Curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes de Lisboa em 1940 tendo como colegas até ao final do curso Sebastião Formosinho Sanches, Francisco de Castro Rodrigues, Ernani Soares Nunes, Alexandre Teixeira Bastos e Joana Dulce de Sousa Dias. Completa a parte escolar do curso em 1946 e obtém o Diploma em Arquitectura em 1949, obtendo a classificação de 18 valores<sup>1</sup>. Nesta altura a Escola de Belas Artes de Lisboa tinha como professor das cadeiras de arquitectura Cristino da Silva (1896-1975) e um “(...) ambiente pouco propício ao livre pensamento e criatividade dos estudantes, o ensino alheio à informação e prática contemporânea, vão incutir-lhe irreverência e inconformismo que irão de futuro pautar o seu comportamento perante a profissão e a sociedade.”<sup>2</sup>. Essa diferente forma de estar irá ser uma constante, quer na sua vida cívica quer na sua obra.

Conceição Silva participava activamente nos momentos culturais marcantes da época, nas EGAP (desde a primeira em 1946, até à penúltima em 1955), integrava a ICAT e o grupo de arquitectos de Lisboa que em 1947 estabelecia claras ligações com a escola do Porto, ligações essas patentes numa entrevista dada pelo arquitecto em 1971 “*Recordo também a profunda influência que em todos nós, membros da ICAT, teve uma visita realizada ao Porto. Pode parecer-lhe incrível, mas a verdade é que os contactos com os nossos colegas do norte eram raros e de um modo geral pouco sabíamos do que ali se passava. Lembrome ainda da grande emoção que senti, como muitos outros, quando vimos o Cinema Batalha e o projecto do Palácio de Cristal de Artur Andrade e os trabalhos de Arménio Losa, Viana de Lima, Fernando Távora e outros. Para nós foi uma autêntica revelação.*”<sup>3</sup> Em 1948 no 1.º Congresso Nacional de Arquitectura apresentava com Cândido Palma de Melo a tese “O ensino da Arquitectura em Portugal”<sup>4</sup>. Quando se entrava no período de debate entre racionalismo/organicismo, num sentido crítico e de revisão do Movimento Moderno, Conceição Silva pertencia à equipa coordenadora da revista



FIG. 2. 1 Na aula de desenho vivo do Mestre Leopoldo de Almeida.

[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982. 1987.]

---

<sup>1</sup> LEITE, Inês - Francisco da Conceição Silva. 2007, p.5.

<sup>2</sup> Idem, p.1.

<sup>3</sup> *Arquitectura*, n.º 120, 1971, p.43.

Sobre a visita ao Porto ver *Arquitectura*, n.º 19, 1948.

<sup>4</sup> MELO, Cândido Palma de; SILVA, Francisco da – “O ensino da Arquitectura em Portugal”. 1.º Congresso Nacional de Arquitectura [edição fac-similada]. TOSTÕES, Ana (coord.). 2008, pp.84-92.



*Arquitectura*, na qual permanecia até Agosto de 1953<sup>5</sup> e em 1954 entrava na Direcção do Sindicato Nacional dos Arquitectos<sup>6</sup>, um ano antes do início do *Inquérito à Arquitectura Popular*. Em 1958 participava na exposição *Contemporary Portuguese Architecture* inaugurada em Londres, apresentada em várias cidades inglesas e em Washington, no Smithsonian Institution.

Conceição Silva não só demonstrou interesse e empenho nas questões da classe como foi “(...) *um arquitecto interessado na integração das artes plásticas e design na arquitectura (...) pude testemunhar o seu gosto pelas artes plásticas e a amizade e até protecção dedicada aos artistas.*”<sup>7</sup>, não será por acaso que, desde os seus projectos iniciais, trabalhou em estreita colaboração com artistas e assim que o seu atelier atingiu maior dimensão, integrou na sua estrutura interdisciplinar pintores, escultores, fotógrafos e designers<sup>8</sup>. A contribuição dos artistas era sempre feita de forma integrada, com o intuito de formalização da obra total, desde os estudos de cor para os edifícios, passando pelos painéis cerâmicos até à escultura que chega, nalguns casos, a autonomizar-se atingindo o sentido de “arte urbana”. Ainda no campo das artes plásticas, em 1956, Conceição Silva era um dos fundadores e logo indigitado presidente da Cooperativa Gravura<sup>9</sup>, demonstrando-se preocupado e interessado por uma “democratização” da arte, que através de novas técnicas podia atingir custos mais reduzidos tornando-se acessível a um maior número de pessoas. No ano seguinte, integrava a direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA) e era eleito presidente em 1963, cargo que assumiu até 1970, numa altura em que, até à criação da sede da Fundação Calouste Gulbenkian, este era o espaço de divulgação das artes mais importante em Lisboa<sup>10</sup>.

A par da sua atitude participativa, de responsabilidade cívica, Conceição Silva desenvolvia uma obra ímpar, procurando acompanhar as correntes

---

<sup>5</sup> Conceição Silva participa na renovação da revista *Arquitectura* promovida pela ICAT, fazendo parte da equipa coordenadora da revista entre Agosto de 1949 e Agosto de 1953. Inês Leite, 2007, ob. cit., p.79.

<sup>6</sup> “*Conceição Silva faz parte da direcção do Sindicato Nacional dos Arquitectos durante 12 anos consecutivos (...) faz parte pela última vez da direcção relativa ao triénio 1963/1965, em funções até Janeiro de 1966 (...) participa assiduamente nas reuniões da direcção, assim como nas assembleias-gerais do sindicato (...) o que demonstra o seu interesse e empenho nas questões da classe.*” Idem, p.84.

<sup>7</sup> GEORGE, Frederico - “Depoimentos”. SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987, p.14.

<sup>8</sup> Sobre a organização do atelier ver Inês Leite, 2007, ob. cit., pp.224-249.

<sup>9</sup> Idem, p.88.

<sup>10</sup> Idem, p.89.

internacionais e contribuir para a renovação da arquitectura portuguesa. O seu universo arquitectónico viria a caracterizar-se por uma liberdade de forma-estilo, um experimentalismo onde se “(...) evidencia uma notável e sistemática pesquisa da relação entre espaço, forma construtiva e estilo.”<sup>11</sup>, adaptando-se aos sucessivos contextos com que se deparava. Assim, nos diversos programas a que tem de responder, incluindo o da habitação multifamiliar, apresentava uma imaginação invejável, articulando as novas possibilidades e materiais, exprimindo na sua arquitectura o que se vivia nesta época.

No início da década de 50 propunha a João Alcobia, dono da loja de mobiliário Jalco, uma mostra de mobiliário moderno que foi um sucesso e escândalo ao mesmo tempo, pois Conceição Silva proporcionou que se fizesse uma exposição de arte surrealista com intervenção de Vespeira, Azevedo e Lemos, onde se harmonizavam obras de arte e mobiliário no mesmo espaço<sup>12</sup>. No mesmo ano, em 1952, projecta a *Casa Ribeiro da Cunha* (concluída em 1955) de influências corbusianas e brasileiras. Abdicava da hierarquia entre fachadas e implantava a casa no extremo norte do lote, desenhando uma fachada dinâmica e plástica para a rua e abrindo a casa a sul em volume geométrico puro com grandes envidraçados protegidos por uma pala contínua, resultado do prolongamento da laje de piso, que serve simultaneamente de varanda dos quartos. O espaço interno é fluído e marcado por uma escada de forte presença na entrada de pé-direito duplo.

Na sua loja *Rampa* (1955) a ligação entre pisos era feita de uma forma mais exacerbada por um elemento de forte presença escultórica e plástica, significativo de modernidade. A loja *Rampa*, obra de referência na renovação do comércio lisboeta desta época, vem demonstrar a atitude inconformada de Conceição Silva, rasgando grandes vãos em fachadas pombalinas (*Livraria Diário de Notícias*, 1950-1951; *Loja Dior*, 1953; *Rampa*, 1955) ou desenhando novas relações entre interior e exterior através do desenho cuidado de vitrines e entradas de loja (*Mercearia Andrade*, 1955; *Instituto de Beleza Mme. Campos*, 1956). Nas suas lojas é notória a preocupação de controlar todo o ambiente do espaço, integrando o moderno design de equipamento e intervenções de artistas plásticos demonstrando a preocupação da integração das três artes nas suas obras (*Naia*, 1960; *Can-Can*, 1962; Loja Valentim de Carvalho, 1966),



FIG. 2. 2 *Casa Ribeiro da Cunha*, 1955. [SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]



FIG. 2. 3 *Loja Rampa*, 1955. [SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

<sup>11</sup> BARATA, Paulo Martins - “Conceição Silva: poética sem retórica”. *Prototypo*, n.º 004, 2000, p. 45.

<sup>12</sup> Inês Leite, 2007, ob. cit, p.?.

procurando simultaneamente uma actualização constante de linguagem imagética, desenhando lojas apelativas e sugestivas, um meio para atingir um fim, um produto comercial para uma sociedade de consumo.

Em 1953 surgia a oportunidade de projectar um edifício de habitação multifamiliar numa área consolidada, na esquina da *Rua Marcos de Portugal* com a *Rua da Imprensa Nacional* (*Anexo III: ficha 01, p.48.*). Nesse ano, Conceição Silva e José Bastos, submeteram à Câmara Municipal de Lisboa um ante-projecto que previa um alargamento das ruas recuando o edifício. Procurava-se uma solução que estabelecesse uma melhor relação entre as mesmas, dignificando o espaço público e que ao mesmo tempo apresentasse benefícios em relação às habitações, solução que viria a ser rejeitada. Em 1954, já sozinho, Conceição Silva via-se obrigado a alinhar o edifício pelos edifícios existentes, não deixando de apresentar um edifício de características modernas, uma solução com pátio interior com as zonas diurnas viradas para a melhor orientação, recusando qualquer hierarquia entre fachadas. Pela escala proposta, desde o desenho dos vãos, à forma e cores do edifício, pode afirmar-se que é possível integrar moderno em contexto consolidado e histórico. Conceição Silva denunciava com este edifício de inserção urbana cuidada uma preocupação com o contexto, numa proposta de diálogo entre novo e existente.

Na transição entre a década de 50 e a década de 60 a abordagem projectual começou a ser diferente. Passou a ser evidente a crítica e revisão do moderno, numa linguagem variada, uma arquitectura mais orgânica à semelhança do que acontecia no contexto internacional, influências que chegavam ao nosso país, como era o caso do empirismo nórdico ou catalão com a sua mediterraneização do moderno. Estudava-se e interpretava-se o vernáculo na procura de uma arquitectura menos fria e impessoal, menos afastada da história/cultura. Resumia-se numa pesquisa contextual e na busca da valorização das dimensões sociais e humanas, onde o espaço interno era primordial. As três casas no Guincho (*Casa própria*, 1958-1960; *Casa António Garcês*, 1958-1960; *Casa Dr. Joaquim Ribeiro da Cunha*, 1961-1966) vão ser “(...) reveladoras de uma nova metodologia na elaboração do projecto, fundamentada na pesquisa dos dados do sítio, reflectindo um determinado estilo de vida e já não em valores estéticos ou correntes arquitectónicas pré-determinadas, marcando um ponto de viragem



FIG. 2. 4 Loja Valentim de Carvalho, 1966.

[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]



FIG. 2. 5 Casa própria no Guincho, 1958-1960.

[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

na obra de Conceição Silva.”<sup>13</sup>, Inês Leite refere ainda que “(...) este conjunto é revelador da posição pioneira do arquitecto na resposta adequada à então defendida revisão da proposta moderna (...)”<sup>14</sup>.

Foi também a partir do início da década de 60, com o “boom” do turismo e expansão urbana no território português, que o atelier começou a receber encomendas de outra envergadura. Desenhavam-se ainda lojas e moradias, ao mesmo tempo que se começavam a desenhar projectos de grande escala.

O *Hotel do Mar* (1960-1962) em Sesimbra viria a ser o primeiro grande projecto de Conceição Silva onde podia experimentar as experiências desenvolvidas nas casas no Guincho, sendo “(...) o primeiro grande hotel verdadeiramente orgânico em Portugal, com uma visão inclusiva da arquitectura: a implantação adaptada ao terreno, a atenção à expressão popular, a organização espacial fluida, a integração do equipamento, a relação de continuidade entre exterior e interior, tratando a paisagem como arquitectura, como se se tratasse de um corpo vivo com os seus diversos órgãos.”<sup>15</sup>.

Com o sucesso e visibilidade obtida no *Hotel do Mar* Conceição Silva viria a ter uma série de novas encomendas para Sesimbra, inclusivé por parte da construtora do hotel (Sociedade de Construções ERG Lda.), nomeadamente o *Bloco do Moinho* (*Anexo III: ficha 03, p.58*), um conjunto de apartamentos do lado nascente da vila e em 1965 um plano urbanístico na encosta poente, o *Plano de Urbanização de Palames* (*Anexo II: ficha 07, p.16.*) entre o núcleo da vila e o porto de abrigo, ambos de vocação turística<sup>16</sup>. Apesar do plano de urbanização nunca chegar a avançar, Conceição Silva projectou ainda em áreas incluídas no plano, o *Conjunto Habitacional Porto de Abrigo* (*Anexo III: ficha 05, p.71.*) em 1967 e mais tarde, em 1971 o *Morro* (*Anexo III: ficha 09, p.95.*) que nunca chegou a ser construído.



FIG. 2. 6 *Hotel do Mar*, 1960-1962.  
[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

<sup>13</sup> Inês Leite, 2007, ob. cit., p.48.

<sup>14</sup> Idem, p.49.

<sup>15</sup> Idem, p.105.

<sup>16</sup> O Plano de Urbanização de Palames tinha uma frente para o mar com cerca de 700m, previa 2 hotéis, uma pousada, grupo de moradias, apartamentos (onde seria incluído um centro comercial), e ainda, entre dois morros junto do mar, uma piscina, doca de barcos de recreio e um clube náutico. No desenvolvimento da encosta, distribuíam-se grupos de moradias e apartamentos sendo que no topo do terreno, junto a um moinho, propunha-se um hotel e mais a nascente outro. A poente, junto do porto de abrigo, propunha-se um bairro de pescadores.

O *Bloco do Moinho*, situado no lado nascente da vila, viria a ser o primeiro conjunto habitacional onde Conceição Silva aplicaria a nova linguagem estudada nas casas no Guincho e depois no programa hoteleiro, mais concretamente no Hotel do Mar. No seguimento destes projectos, numa atitude contextualista o conjunto procura integrar-se no local, os volumes agarram-se ao terreno e desenvolvem-se organicamente ao longo do mesmo encimado por um moinho. Na procura de volumes que soubessem dialogar com o casario existente da vila e enaltecendo a simplicidade dos elementos construídos, recorreu-se a revestimentos tipicamente tradicionais, dominando o espesso muro branco rebocado e caiado de onde apenas se distinguem os terraços e vãos em caixilharia de madeira no seu tom natural.



FIG. 2. 7 *Bloco do Moinho*, 1964-1966.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

O *Conjunto Habitacional - Porto de Abrigo* de 1967, projectado poucos anos depois, viria a apresentar uma abordagem distinta à do *Bloco do Moinho*. Apesar de haver a preocupação de não destruir o sentido natural do terreno, os volumes do conjunto não se adossam ao terreno, em vez disso ganham verticalidade e assumem-se no lugar. Essa opção deveu-se, certamente, à maior dimensão do conjunto e ao partido adoptado para o desenho do mesmo. Não pretendeu criar uma massa contínua de baixa densidade ao longo do terreno, optou antes por volumes de maior densidade articulados ao longo do terreno por forma a criar amplos espaços verdes, denotando a importância dada aos espaços comuns e públicos criados pelos seus edifícios. O conjunto de desenho orgânico composto por volumes fragmentados, dava origem a uma extraordinária riqueza volumétrica optando-se assim por uma contenção a nível dos materiais e por deixar a estrutura em betão aparente, aumentando ainda mais a carga plástica do conjunto.



FIG. 2. 8 *Conjunto Habitacional - Porto de Abrigo*, 1967.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

Esta atitude de características brutalistas vinha já a ser experimentada num programa de características bem diferentes – a indústria – outro dos programas que viria a singrar a partir do início dos anos 60 com o esforço de desenvolvimento industrial que se começava a sentir no país. Na sua *Fábrica de Discos da Valentim de Carvalho* (1965) era clara e evidente essa arquitectura estruturalmente expressiva, em que “(...) o conjunto surge como uma irregular série de volumes dispostos paralelamente ao sentido do declive e em cujas fachadas se inscreve um ritmo de pilastras-janelas vagamente neo-góticas



FIG. 2. 9 *Fábrica de Discos da Valentim de Carvalho*, 1965.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

correspondendo ao suporte de um sistema geminado de asnas-lanternins que indiscriminadamente seccionam o edifício a 45 graus (...)”<sup>17</sup>.

Nota-se nos seus projectos, desde o início dos anos 60, o abandono de volumes geométricamente simples enveredando para uma decomposição complexa dos volumes alcançando em meados dos anos 60 já uma grande riqueza volumétrica e plástica, bastante longe de imagens estereotipadas do léxico ortodoxo do movimento moderno.

Foi no âmbito desta experimentação constante, que surgiu outro projecto de grande escala, o *conjunto da Balaia*, designado por *Plano de Expansão Turística da Praia Maria Luiza* (1964-1967), que consistia num “(...) conjunto unitário de mais de 30 hectares, com uma frente de mar de mais de um quilómetro, desenvolvido em duas zonas principais com vida própria (...) Porém só se vem a construir, antes do 25 de Abril e sob a responsabilidade do arquitecto Conceição Silva, o projecto para a Sociedade Hoteleira da Balaia, assim como um bloco de apartamentos, e uma dezena de casas para outro investidor (...)”<sup>18</sup>. Os *Apartamentos da Balaia* (1966-1969), contemporâneos do *Conjunto Habitacional – Porto de Abrigo* (1967-1970) e à semelhança deste último, consistiam num grupo de vários corpos de dinâmica organicista e brutalista, mas neste caso implantados num local de pouca variação orográfica, que pela sua disposição criavam um grande espaço exterior contido e polarizado por um centro comercial. Este conjunto, do qual apenas um dos corpos foi construído, é relevante pela configuração invulgar do corpo, ainda mais plástico e expressivo do que os que constituem o *Conjunto Habitacional - Porto de Abrigo*.

Pela mesma altura dos projectos referidos anteriormente, o autor projectou em contexto urbano, um edifício de uso misto, composto maioritariamente por habitação, escritórios nos primeiros pisos e no embasamento por comércio. O edifício *Valadas e Simões* (1967) apresenta uma outra forma. Adapta-se à envolvente e aos condicionalismos impostos por fazer parte de um conjunto de quatro lotes contíguos projectados por diferentes arquitectos, tendo-se optado e acordado entre os mesmos por uma imagem de conjunto. O de Conceição Silva viria a distinguir-se pelas varandas subtraídas ao volume linear, pelo tratamento dos vãos e materiais de fachada, assim como pelo desenho dos vestíbulos no embasamento do edifício onde foi colocada uma escultura de



FIG. 2. 10 *Hotel da Balaia*, 1965-1967.  
[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

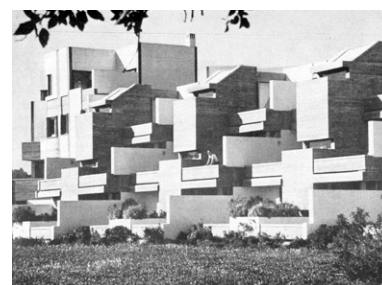


FIG. 2. 11 *Apartamentos da Balaia*, 1966-1969.  
[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]



FIG. 2. 12 *Edifício Valadas e Simões*, 1967.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

<sup>17</sup> Paulo Martins Barata, 2000, ob. cit., p.57.

<sup>18</sup> Inês Leite, 2007, ob. cit., p.122.

Fernando Conduto, colaborador assíduo do atelier, e que com as suas obras incluídas em edifícios como as *Torres de Alfragide* (1969-1974) ou no *Edifício Castil* (1971), transcendia o significado de escultura alcançando o estatuto de arte urbana.

Os seus projectos apresentavam uma constante evolução/pesquisa formal e espacial ao mesmo tempo que se adaptavam aos diferentes programas e contextos. Não existia uma regra absoluta, rejeitava-se qualquer tipo de convenção ou dogma.

Na transição entre a década de 60 e 70 e até à revolução de 1974, com a dimensão e estrutura organizativa que o atelier atingia, Conceição Silva conseguia acompanhar a transformação do território português, a expansão das cidades para as periferias e a grande diversidade de programas, vindo a projectar uma grande quantidade de projectos (muitos deles não construídos), contribuindo para uma qualificada imagem urbana.

Em 1968, marcando a entrada de Conceição Silva na promoção imobiliária<sup>19</sup>, começaram a ser desenhadas as *Torres de Alfragide* inseridas na denominada Unidade Residencial de Alfragide, periferia urbana, área de características diferentes de outras para as quais o atelier apresentava projectos. O programa habitacional era proposto em três torres organizadas em torno de uma área comercial. As torres de desenho orgânico e brutalista eram compostas por volumes fragmentados articulados num núcleo central de circulações comuns.

Conceição Silva vinha a projectar edifícios, conjuntos e planos de grandes dimensões, caracterizados por uma descontinuidade física, concentração de implantação e por uma grande riqueza programática, sendo frequente a associação de bandas e torres.

Projectos como a *Urbanização do Alto do Dafundo* (1969) vinham deixar claro que, por detrás da prática, da forma, existia uma reflexão teórica crítica e actualizada, escrevia-se na memória do projecto “(...) o que propomos para o Alto do Dafundo nada tem a ver com o clássico traçado hipodâmico que ainda vemos ser utilizado em Lisboa na sistematização de novas urbanizações, nem



FIG. 2. 13 *Torres de Alfragide*, 1968-1971.

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]



FIG. 2. 14 *Urbanização do Alto do Dafundo*, 1969.

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

---

<sup>19</sup> “A entrada do Atelier Conceição Silva na área da promoção, com a criação de um departamento independente, dá-se com o lançamento da SIURBE, empresa que vai desenvolver um programa de torres habitacionais em Alfragide (...)”. Inês Leite, 2007, ob. cit., p.175.

tão pouco com as recentes experiências de plano aberto organizadas pelo GTH para os novos bairros dos Olivais (Norte e Sul) (...) não podemos deixar de notar que se esgotou há muito a sua capacidade de informação (a sua capacidade para ordenar espaços que correspondam às necessidades funcionais, sócio-económicas e culturais) através do desenvolvimento da vida das cidades.”<sup>20</sup> . Referia-se que este projecto estava mais próximo da “(...) estrutura do urbanismo utópico (Archigram, Yona Fiedman) do que naquele construído no desenvolvimento do processo histórico.”<sup>21</sup>, pois a proposta assentava em três ideias fundamentais: imagem, concentração e alta densidade. O conjunto de grande densidade, destinado a habitação, era composto por torres articuladas através bandas, deixando zonas livres destinadas a espaços verdes e equipamentos, criando uma estrutura de espaços urbanos portadores de informação e capacidade didáctica para os seus utentes. Procurava-se assim uma nova imagem de cidade.

Pouco tempo depois Conceição Silva associava-se e projectava o *complexo turístico para a Península de Tróia* (1970) do qual apenas uma pequena parte viria a ser construída devido à sua paralisação após o 25 de Abril de 1974, nunca chegando a ganhar o sentido de vida urbana proposta no projecto e sobre a qual o conceito assentava. Esta cidade de lazer direccionada para um turismo de massas incluía as mais diversas infra-estruturas, equipamentos, comércio, hotelaria assim como unidades de habitação. As bandas habitacionais viriam a fazer parte do pequeno conjunto que chegou a ser edificado.

Enquanto se projectava e construía a cidade de Tróia e edifícios de semelhança histórica às utopias de mobilidade urbana<sup>22</sup> como o *plano de ocupação da Avenida de Roma* (1971), um edifício-viaduto sobre a linha do comboio que propunha relações de escala com o contexto urbano ao mesmo tempo que estabelecia ligações urbanas, continuava-se a projectar edifícios isolados destinados a habitação como era o caso do denominado *Morro* (1971) em Sesimbra. Com este edifício de corpos estruturalmente independentes que acompanham a forma e volume do morro existente, exacerbando-o para torná-lo numa referência para quem se desloca por mar, é notória uma abordagem completamente diferente do *Bloco do Moinho* (1964-1966) ou do *Porto de Abrigo* (1967-1970).



FIG. 2.15 *Bandas de Tróia*, 1971.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

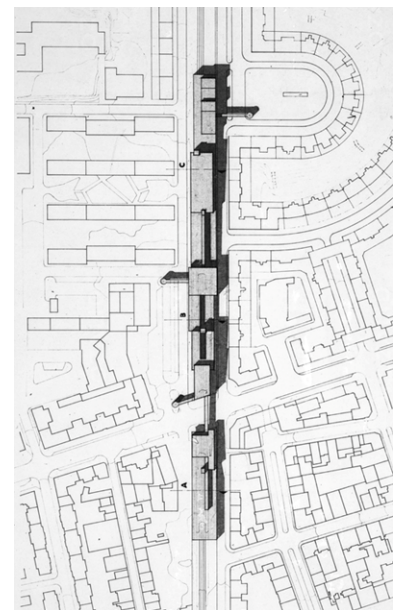


FIG. 2.16 *Plano de ocupação da Av. Roma*, 1971.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]



FIG. 2.17 *Morro*, 1970-1971.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

<sup>20</sup> Memória Descritiva do projecto *Urbanização do Alto do Dafundo*.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Paulo Martins Barata, 2000, ob. cit., p.63.



Conceição Silva continuaria a desenhar inúmeros projectos, muitos deles não construídos, até 1975, ano em que sofria um ataque pessoal à porta de casa e que decidia abandonar o país. Conceição Silva reorganizou a sua actividade profissional montando atelier com a colaboração de Pinto da Cunha e Carmo Valente, no Rio de Janeiro.

Conceição Silva viria a falecer no Rio de Janeiro a 25 de Janeiro de 1982, deixando para a posteridade uma vasta obra arquitectónica marcante para a história da arquitectura portuguesa.

### **3 OBRAS E PROYECTOS**

Neste capítulo são indentificadas e analisadas as obras e projectos de habitação multifamiliar que constituíram os 10 casos de estudo escolhidos para amostra deste trabalho.

Tratam-se de edifícios destinados à habitação permanente ou sazonal, projectados entre 1953-1954 e 1974.

A informação obtida foi recolhida no Atelier Conceição Silva, na Rua D. Pedro V, n.º 60 em Lisboa, nos arquivos das Câmaras Municipais de Lisboa e de Sesimbra e através de visitas de campo.

### **EDIFÍCIO NA R. MARCOS PORTUGAL COM A R. DA IMPRENSA NACIONAL**

*(Anexo III: ficha 01, pp. 48-53.)*

Em 1953 Conceição Silva e José Bastos<sup>1</sup> submeteram à Câmara Municipal de Lisboa um ante-projecto do edifício para a esquina da R. Marcos Portugal com a R. da Imprensa Nacional que previa o alargamento da primeira através do recuo do edifício, dotando esta de um espaço público mais condigno e melhorando-se a ligação entre as duas ruas. Após o ante-projecto ter sido rejeitado pela câmara, Conceição Silva apresentou em 1954 outra proposta, desta vez sozinho, e com os condicionalismos impostos pela câmara Conceição Silva via-se obrigado a alinhar o edifício pelas fachadas das duas ruas resultando numa solução com pátio interior.

O edifício resultante deste novo projecto apresentava um volume regular, de resolução de gaveto invulgar pelo corte perpendicular à Rua da Imprensa Nacional mantendo a ideia de melhorar a relação entre as duas ruas ao mesmo tempo que evitava formas menos simpáticas para o desenho interno obtidas em soluções de gaveto. O edifício era exemplificativo de uma atitude moderna, não só pela organização interna dos fogos mas também pelo tratamento exterior do mesmo, onde existiu coragem para recusar o conceito corrente de fachada principal. As “zonas diurnas”, como a sala e cozinha eram assim viradas para a melhor orientação solar, resultando num virar do fogo para o interior do



FIG. 3. 1 Edifício na R. Marcos Portugal com a R. da Imprensa Nacional, 1953-1954.

[foto do autor]

---

<sup>1</sup> Conceição Silva trabalhou com José Bastos até 1952, altura em que abre atelier próprio na Rua Nova da Trindade. Inês Leite, 2007, ob. cit., p. 10.

logradouro, gozando as salas de uma vista panorâmica sobre a cidade resultado da privilegiada localização e implantação do edifício.

Apesar das características bem modernas do edifício era notório, pela escala proposta desde a forma ao desenho dos vãos e cores do edifício, uma preocupação com o contexto. O tratamento do volume era cuidado, tornava-se o edifício mais leve tratando-se de forma diferente o embasamento e o último piso. O material presente na empena cega da esquina formada pelas duas ruas era prolongado para o embasamento e quarto piso ligeiramente recuados. No embasamento, onde se localizam as entradas do edifício, as lojas e a habitação da porteira, eram criadas recessões para as entradas nos núcleos verticais do edifício criando-se espaços intermédios de relação entre a rua e o interior do edifício. Nas fachadas viradas para as ruas os vãos eram desenhados com uma métrica regular e “emoldurados” em pedra, numa escala próxima dos existentes, situando-se os únicos vãos de grandes dimensões (respeitantes às duas varandas que não se conseguiram virar para o interior do quarteirão) perto do gaveto, onde o edifício sobe mais um piso e não encosta a nenhum outro.

O acesso aos diversos fogos é feito através de três núcleos, cada um com uma escada. O central (junto do gaveto) serve quatro pisos e por isso dispõe de elevador no projecto, que nunca chega a ser colocado. A distribuição para os fogos é feita através de um esquema tradicional de esquerdo/direito servindo tipologias do tipo T2 resultando num total de seis fogos por piso. No último piso encontram-se apenas dois fogos do tipo T2, ao contrário do projecto inicial que propunha quatro fogos do tipo T1, e um terraço com estendal comum de onde se pode desfrutar uma maravilhosa vista.

A organização interna dos fogos, compostos por sala comum, dois quartos, cozinha, instalação sanitária, quarto e I.S. da criada (compartimento que não existe nos fogos situados no núcleo do gaveto), é caracterizada por uma redução ao máximo dos espaços de circulação, resultando num espaço fluído entre vestíbulo, sala e cozinha. A sala é um espaço privilegiado pelo tratamento e procura de ampliação para o vestíbulo de entrada e para o exterior através de uma varanda, que se apresenta, pelas suas dimensões, como uma zona de possível permanência e de prolongamento da sala.

Os revestimentos exteriores têm um papel preponderante na “dissimulação” do edifício nesta área de cidade consolidada. Conceição Silva vai buscar materiais

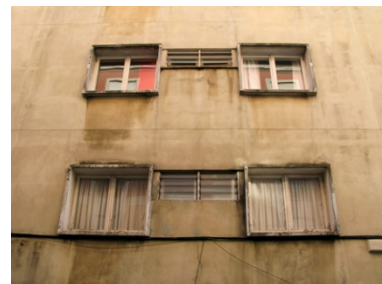


FIG. 3. 2 Vãos dos quartos e I.S.  
[foto do autor]

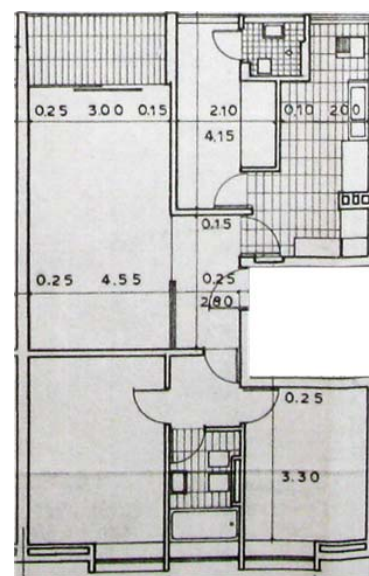


FIG. 3. 3 Planta do fogo tipo (T2).  
Escala 1:200  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

que pelas suas tonalidades dialogam com os edifícios adjacentes. Em vez de optar pelo branco imaculado, tantas vezes utilizado no léxico do moderno internacional, optou por tons terra, um mosaico vidrado na cor siena para a empena cega que se prolonga para o quarto piso, no embasamento utilizou uma cor neutra, o preto, destacando os pisos superiores em marmorite com tons ocre e cinza. No interior dos fogos o revestimento dos pavimentos é em taco de pinho, nos vestíbulos, sala, quartos, e em mosaico hidráulico nas zonas húmidas: cozinha, lavagem e instalações sanitárias.

Poderemos considerar este edifício da Rua Marcos Portugal como um exemplo da modernidade em Conceição Silva, destacando neste edifício como “pontos fortes” e inovadores em termos da arquitectura portuguesa da época, uma integração do moderno em área consolidada e histórica, numa aproximação ao contexto anunciando a procura de diálogo entre novo e existente. A afirmação clara de uma outra forma de construir no tratamento cuidado do volume e no emprego dos materiais.

#### **ENGIL PRÉDIO N.º 2** (*Anexo III: ficha 02, pp. 54-57.*)

Tal como o seu amigo Mário Pais de Sousa, para quem Conceição Silva tinha desenhado o edifício na R. Marcos Portugal com a R. da Imprensa Nacional e com o qual viria mais tarde a investir na área da promoção imobiliária, o Eng.º Valadas Fernandes, dono da empresa de construção ENGIL, vem a ser outro cliente para quem realiza uma série de projectos “(...) desde a remodelação do seu apartamento particular, na Av. Sidónio Pais, n.º 28, à sede da empresa na Rua Conselheiro Fernando de Sousa, passando por vários prédios de habitação (...)”<sup>2</sup>, sendo o primeiro projecto os edifícios de habitação multifamiliar situados no encontro entre a Rua das Praças e a Rua de S. Félix, projectados em 1961 e construídos em 1963.

Nestes dois edifícios na Lapa, destinados apenas a habitação, Conceição Silva optou por uma fachada mais comedida comparativamente com o edifício da R. Marcos Portugal com a R. da Imprensa Nacional. Os edifícios apresentam um volume simples de grande clareza geométrica, pontuado por varandas salientes e por vãos de escala próxima aos da envolvente. O embasamento recebeu um



FIG. 3. 4 Engil Prédio n.º 2, 1961.  
[foto do autor]

<sup>2</sup> Idem, ob. cit., p.171.

tratamento diferente destacando-se dos restantes pisos, tal como tinha acontecido no edifício anterior. Assim no embasamento praticamente cego e chanfrado na esquina, suavizando o passeio de encontro das duas ruas, surgem novamente em recessões as entradas dos núcleos que neste caso, estabelecem de uma forma clara um espaço intermédio entre o exterior e interior do edifício. Conceição Silva voltará a usar frequentemente esta solução nos seus projectos de habitação multifamiliar com pequenas variantes ao longo destes. Contudo este tipo de atitude e preocupação de criar espaços de transição entre interior e exterior, quase como ante-câmaras exteriores, vem certamente do desenho e experiência acumulada de projectos anteriores, como as lojas onde Conceição Silva desenha com delicadeza essa transição (*Mercearia Andrade, 1955; Instituto de Beleza Mme. Campos, 1956*).

Os dois edifícios têm cave e cinco pisos acima do solo, sendo a cave e o piso 0 destinados a garagem e os restantes a habitação. Cada edifício tem o seu núcleo com os seus acessos verticais. No edifício da Rua das Praças n.º 100, a distribuição para os fogos é feita num esquema de esquerdo/direito, existindo dois fogos de tipologia T3 por piso. Apesar das tipologias dos fogos serem iguais, ambos com sala, três quartos, cozinha, instalação sanitária e quarto de criada, o fogo a nascente tem maior área e contempla uma sala de jantar aberta para a sala comum e mais uma instalação sanitária.

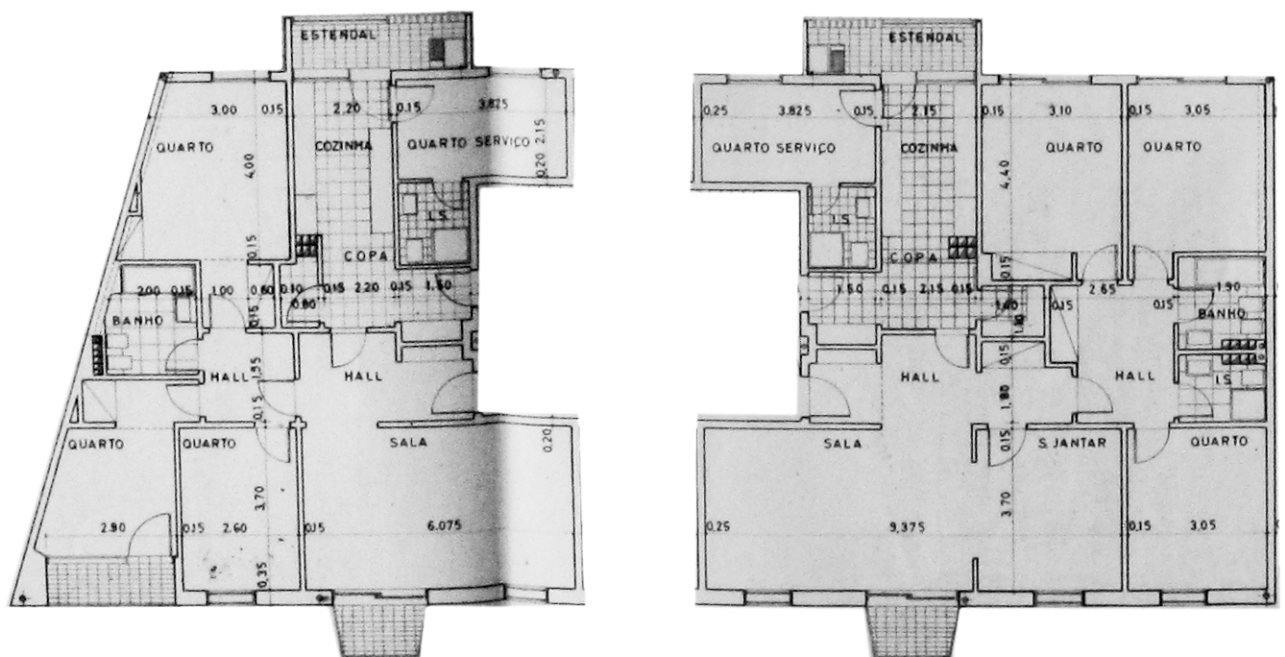


FIG. 3. 5 Plantas dos fogos tipo (T3). Escala 1:200. [Arquivo do Atelier Conceição Silva]

Os fogos apesar de apresentarem melhores áreas e mais um quarto que o edifício referido anteriormente, são desenhados em atitude semelhante, no que toca à organização interna. O espaço das áreas diurnas é desenhado de uma forma mais fluída, um pequeno vestíbulo de entrada integrado na sala, separado apenas pelo ligeiro prolongamento da parede da sala, constituindo-se assim a sala como o compartimento principal da habitação. Este espaço é dotado de uma boa área ao qual, no fogo nascente, é “acoplada” a sala de jantar. Começava-se assim a notar a importância que a sala viria a adquirir na habitação multifamiliar de Conceição Silva, característica clara da habitação moderna. A sala passava a ser um compartimento essencial para o núcleo familiar, integrando o vestíbulo de entrada e prolongando-se grande parte das vezes para o exterior através de uma varanda/terraço, como já tinha sido anunciado no edifício da Rua Marcos Portugal. A posição da cozinha no fogo vem reforçar a importância que se dá à relação entre sala e cozinha, desenhando-se estas numa relação transversal ao edifício logo à entrada do fogo, remetendo os quartos para os extremos, dotando-os de algum recato criado pelo vestíbulo que os une e dá acesso à instalação sanitária.

Neste edifício os materiais são em menor número e bastante simples, diferenciou-se o embasamento com pedra natural, também utilizada no guarnecimento dos vãos de caixilharia de madeira à cor natural. Para os pisos superiores optou-se por paredes rebocadas e pintadas, tendo as varandas um acabamento diferente enfatizando o destaque que têm no edifício, com cor branca e guarda composta por corrimão em madeira e prumos metálicos.

Estes edifícios na Rua das Praças e Rua de São Félix importam pelo partido adoptado, edifícios de formas depuradas e simples que não pretendem sobressair na envolvente, optando-se por uma escala adequada ao sítio. É também de salientar a afirmação da importância e cuidado tido na relação entre interior e exterior, na forma como se chega e entra no edifício. Neste edifício começa também a ser evidente a importância que a sala virá a ter ao longo de toda a habitação multifamiliar de Conceição Silva, pelo protagonismo na organização interna do fogo e pelas relações estabelecidas com os restantes compartimentos.

## BLOCO DO MOINHO – CONJUNTO DE APARTAMENTOS EM SESIMBRA

(Anexo III: ficha 03, pp. 58-65)

Projectado o *Hotel do Mar* em 1960-1961<sup>3</sup> e construída a sua primeira fase em 1963, a empresa construtora ERG responsável pelo mesmo, convida em 1964-1965 Conceição Silva para projectar um grupo de apartamentos com características de apartamentos de férias para a zona nascente da vila.



FIG. 3. 6 *Bloco do Moinho, 1964-1966.*  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

Dava-se assim uma significativa viragem na habitação multifamiliar de Conceição Silva, que na transição entre as duas décadas encetava uma definitiva revisão do moderno, aderindo a uma arquitectura mais orgânica, absorvendo influências nórdicas, catalãs de linguagem mediterrânica e reinterpretando o vernáculo. Esta mudança que começava a ser notória de uma forma mais evidente nas suas três casas do Guincho (*Casa própria*, 1958-1960; *Casa António Garcês*, 1958-1960; *Casa Dr. Joaquim Ribeiro da Cunha*, 1961-1966) e depois inequivocamente no *Hotel do Mar*, tem também na habitação multifamiliar um paralelo, um conjunto de apartamentos em Sesimbra designado por *Bloco do Moinho*. Este conjunto para além representar uma viragem formal respondia a uma nova resposta programática no campo da habitação multifamiliar.

À semelhança do *Hotel do Mar*, numa encosta com forte declive a partir da qual se tem uma vista panorâmica sobre a vila, o conjunto desenvolve-se organicamente acompanhando a orografia numa sucessão escalonada de volumes. No hotel a célula é o quarto e no *Bloco do Moinho* o fogo. Neste volume escalonado, de paredes rebocadas e caiadas sobressaem em contraste os vãos em caixilharia de madeira e as coberturas em telha.

O acesso principal às habitações é feito a partir de um “plateau” no topo do terreno, onde se encontra o moinho existente e a partir do qual o conjunto “desliza” pela encosta. O conjunto é formado por três corpos, sendo a quebra mais evidente junto do moinho, separando o corpo mais alto que se desenvolve a norte, composto por fogos T2 duplex (acesso pela cota mais alta) e T1 (acesso por uns terraços a uma cota inferior). O corpo mais a sul, composto por maior número de fogos, com tipologias T1 e T2, quebra no extremo dando origem a mais um corpo de fogos T2 duplex.

---

<sup>3</sup> “E não em 1958, como consta em toda a historiografia portuguesa que o refere.” Inês Leite, 2007, ob. cit., p.111.



Neste conjunto Conceição Silva iniciava o estudo de novas opções para o organismo distributivo da sua habitação multifamiliar, os acessos começavam a ser tratados de uma forma mais variada.

No corpo mais a norte acede-se ao fogo subindo ou descendo pequenos lances de escada para patamares, distanciando-os ligeiramente do estacionamento e, nessa diferença entre cotas são encaixados canteiros confinados por pequenos muros de suporte. No corpo mais a sul acede-se de nível aos fogos, junto do estacionamento (apenas sete), sendo o acesso dos restantes fogos (o maior número do conjunto) feito a partir de uma escada exterior que estabelece a ligação entre sucessivas galerias. Pela primeira vez Conceição Silva experimentava a galeria na habitação multifamiliar, lembrando de certa forma o corredor interior de acesso aos quartos utilizado no *Hotel do Mar*. Neste caso o sistema de galerias sucessivas, encaixadas entre o terreno e os fogos e abertas na área das escadas e no topo a sul, onde se situam outras escadas, funcionam como ruas interiores/exteriores de dimensões generosas, muitas vezes raro neste tipo de organismo distributivo.

As entradas dos fogos são desenhadas em recessões, criando ante-câmaras exteriores ao fogo com características de espaço de convívio em torno da entrada onde são colocados bancos em pedra aludindo ao vernáculo, onde as pessoas se podem sentar e conversar ou, simplesmente sacudir a areia dos pés quando vêm da praia.

As tipologias variam entre o T1, T2 e T2 duplex de pequenas dimensões por responder a um programa de apartamentos de férias. Apesar de ter os compartimentos bem delimitados, o espaço interno ganha fluidez graças ao papel desempenhado pela sala, que estabelece ligação directa com a entrada do fogo prolongando-se para o exterior através de um terraço desafogado e intimista resultante da implantação em escada e do desenho dos próprios fogos.

Nos fogos T1 as zonas húmidas estão concentradas à entrada do fogo, junto da galeria, possibilitando a passagem de todas as infraestruturas pelo tecto falso existente na mesma. O fogo é composto por um pequeno vestíbulo de entrada “entalado” entre a cozinha e a i.s., aberto directamente para a sala a partir da qual se acede ao quarto. A sala é prolongada para o exterior para um terraço de boas dimensões limitado por um banco corrido que serve de guarda e enaltece a valorização do estar exterior.

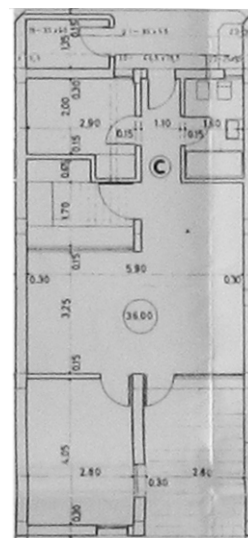


FIG. 3. 7 *Planta do fogo T1.*  
Escala 1:200  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

A organização dos fogos T2 simplex é bastante semelhante à dos T1, sendo apenas acrescentado um quarto logo à entrada e deslocada a cozinha para o interior da sala.

No caso dos T2 duplex, concentram-se as zonas diurnas (cozinha e sala) no piso de entrada onde se encontra o vestíbulo neste caso dotado de maior largura por forma a colocar-se a escada de acesso ao piso superior onde se situam os quartos. A sala é novamente prolongada para o exterior com um terraço, sucedendo o mesmo no quarto da mesma prumada, existindo no virado a norte uma varanda.

Neste conjunto de aparência simples e moderna os materiais utilizados são em reduzido número, ganhando o conjunto pela diferenciação do tratamento das superfícies. Os paramentos exteriores rebocados e caiados recebem tratamento diferente conforme a sua posição no conjunto. A caixilharia e persianas tipo venezianas contrastam com o branco dos paramentos pela cor da madeira natural. No interior das galerias as paredes são também na cor branco e o pavimento em tijoleira. No interior dos fogos o revestimento dos pavimentos é igual diferindo apenas nas cozinhas e instalações sanitárias onde se utilizou pedra natural. As paredes destes compartimentos são revestidas a azulejo a toda a altura sendo as restantes paredes e tectos estucados.

Este conjunto habitacional de Conceição Silva torna-se incontornável pela viragem formal efectiva e pela nova resposta programática no campo da habitação multifamiliar, a habitação sazonal. Este conjunto é exemplificativo da crítica e revisão definitiva do moderno que vinha a ser encetada na transição entre as duas décadas, aderindo-se a uma arquitectura orgânica que incorpora a reinterpretação do vernáculo. Da vontade de integração no lugar surge um volume escalonado que demonstra a valorização dada ao estar exterior como prolongamento da sala. O organismo distributivo sugere e apresenta novas pesquisas, utilizando pela primeira vez na sua habitação multifamiliar a galeria. A preocupação de transição entre interior/externo ganha relevância na entrada do fogo. Na organização interna do fogo nota-se a importância que a sala tem na sua valorização e organização.

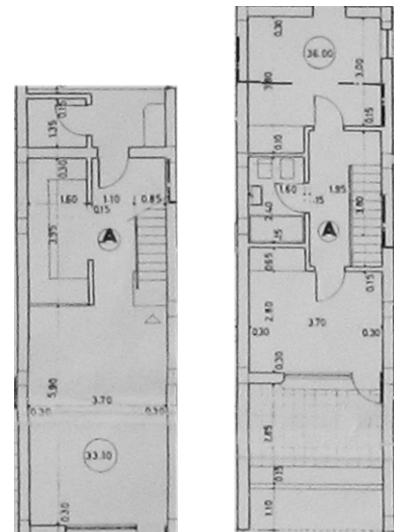


FIG. 3. 8 Planta do fogo T2 duplex.  
Escala 1:200.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

### APARTAMENTOS NA BALAIA (Anexo III: ficha 04, pp. 66-70.)

No seguimento das várias encomendas de grande escala que Conceição Silva vinha a ter desde o início dos anos 60, surgia o *conjunto da Balaia* de vocação turística, o denominado *Plano de Expansão da Praia Maria Luíza (1964-1967)*, projectado em co-autoria com Maurício Vasconcellos, parceria que duraria apenas dois anos (1965-1967)<sup>4</sup>.

Deste ambicioso plano de 30 hectares apenas se “(...) *vêm a construir, antes do 25 de Abril e sob a responsabilidade do arquitecto Conceição Silva, o projecto para a Sociedade Hoteleira da Balaia, assim como um bloco de apartamentos e uma dezena de casas para o outro investidor, o psiquiatra Francisco Alambre dos Santos.*”<sup>5</sup>.

Os *apartamentos da Balaia* (1966-1969) consistiam num conjunto de quatro blocos (dos quais apenas um foi construído), que pela configuração topográfica do local e organização dos mesmos criavam um espaço exterior contido e polarizado por um centro comercial.

Este bloco implantado num local de pouca variação orográfica impõe-se no terreno como corpo escultórico de grande riqueza volumétrica e plástica, denotando a decomposição complexa dos volumes que vinha a ser notória nos seus edifícios e agora de uma forma mais evidente na habitação multifamiliar, assim como no *Conjunto Habitacional – Porto de Abrigo* seu contemporâneo.

Esta volumetria de maior riqueza volumétrica comparativamente com a do *Bloco do Moinho*, é resultado de uma composição agregativa da célula – o fogo – respectivos acessos e organização interna do mesmo, onde se mantêm os terraços valorizando o estar exterior, transparecendo a aproximação mediterrânica que se vinha a sentir, no caso da habitação multifamiliar, desde o *Bloco do Moinho*. Para além do deslocamento feito entre fogos foi criada uma inflecção junto dos dois núcleos verticais quebrando uma eventual monotonia perspéctica.

O acesso aos fogos é feito novamente através de galeria, neste caso exterior. A galeria é servida por dois núcleos de acessos verticais. Ao acompanhar o

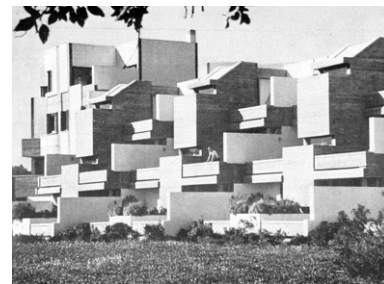


FIG. 3. 9 *Apartamentos da Balaia*, 1966-1969.

[SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. 1987.]

---

<sup>4</sup> Inês Leite, 2007, ob. cit., p.119.

<sup>5</sup> Idem, p.122.

deslocamento dos fogos, a galeria foi dotada de melhor área junto da entradas dos fogos e na inflexão do corpo, junto dos núcleos de acessos, foi desenhada com maior desafogo permitindo uma melhor circulação junto dos mesmos, passando nos topos a ser descolada do edifício por forma a garantir melhor iluminação nos pisos inferiores.

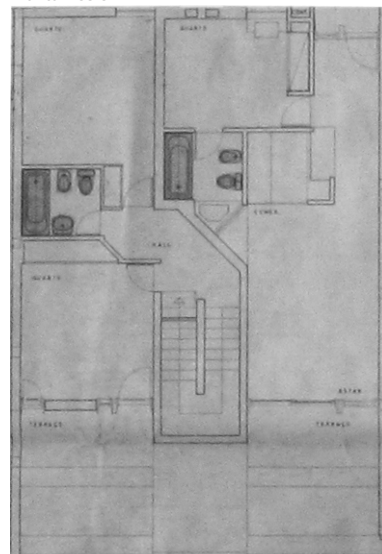
O bloco tem três pisos ao centro, onde se situam tipologias T1, T2 duplex e T3 duplex e nos dois extremos do bloco, um com quatro pisos e outro cinco pisos, encontram-se essencialmente tipologias pequenas (T1 e T2), sendo que nos pisos que se destacam do resto do corpo encontram-se tipologias maiores (T4 duplex).

A organização interna do fogo vem no seguimento de uma linguagem espacial, que se tenta “afinar” sucessivamente, numa procura por fluidez espacial, valorizando-se a sala como espaço fundamental do núcleo familiar e respectivo prolongamento para o exterior possibilitando e promovendo o estar exterior. Para tal o duplex é fundamental, não só para a organização interna do fogo, mas também pelas suas relações entre interior/exterior e potencial riqueza que traz às fachadas, tornando-as mais ricas em volumetria e jogos de luz/sombra.

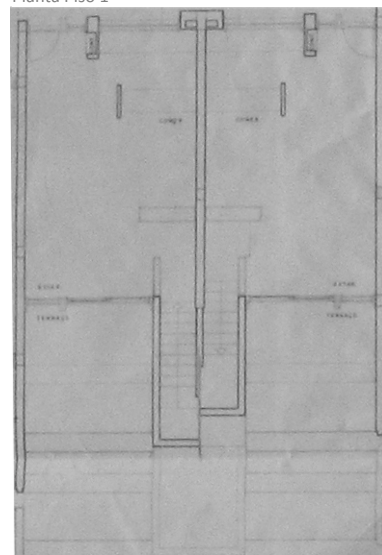
Na maioria dos fogos entra-se directamente numa sala ampla, onde se situa a cozinha como compartimento inserido e integrado na mesma, numa atitude arriscada e inovadora. A cozinha que nos projectos anteriores encerrava-se em si mesma, apesar de se relacionar com a zona de comer, passou a ser completamente aberta e integrada na sala. A sala, na maioria dos fogos, é praticamente aberta em toda a sua largura para um terraço. Neste conjunto o terraço não promove apenas o prolongamento da sala para o exterior, é também adoptado nalguns dos fogos para prolongar os quartos para o exterior afirmando a importância dada ao estar exterior.

Acompanhando o volume escultórico e brutalista e enaltecendo a plasticidade do conjunto a estrutura em betão é deixada à vista, rebocando-se os panos de alvenaria e pintando-os na cor branco. A caixilharia mantêm-se em madeira, os restantes revestimentos voltam a ser nas salas, quartos e circulações, paredes e tectos estucados e o pavimento em tijoleira. Nas cozinhas e instalações sanitárias as paredes são revestidas a azulejo a toda a altura e o pavimento em pedra natural.

Planta Piso 0



Planta Piso 1



Planta Piso 2

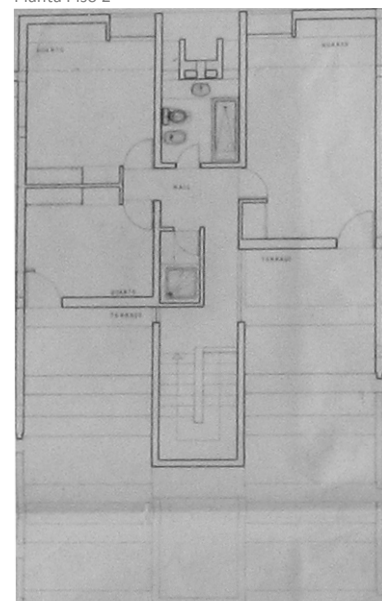


FIG. 3. 10 Plantas dos fogos T1, T2 duplex e T3 duplex. Escala 1:200.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

Neste conjunto, também de vocação turística como o *Bloco do Moinho*, é notório o aprofundamento da decomposição dos volumes já anunciada, exacerbando-se a riqueza volumétrica e plástica, obtida através de uma composição agregativa dos fogos, acessos e organização interna do mesmo. O corpo toma o carácter de objecto que vale por si só. Na organização interna do fogo é evidente a procura de uma fluidez espacial valorizando-se a sala como espaço fundamental do núcleo familiar, promovendo-se novamente o estar exterior com o prolongamento do interior para o exterior através de terraços.

### **CONJUNTO HABITACIONAL – PORTO DE ABRIGO** (*Anexo III: ficha 05, pp. 71-78.*)

No mesmo ano do Bloco do Moinho, em 1965, para a ERG e outros, Conceição Silva desenhava um plano de urbanização para o lado poente de Sesimbra, entre o núcleo da vila e o porto de abrigo, designado por *Plano de Urbanização de Palames* (*Anexo II: ficha 07, pp. 16*) que nunca chegou a avançar. No entanto em 1967, projectou um conjunto de apartamentos para uma das áreas abrangidas pelo plano e que se vem a designar por *Conjunto Habitacional – Porto de Abrigo*.

No projecto inicial o conjunto habitacional era composto por seis blocos, cinco deles destinados exclusivamente a habitação e um sexto destinado a café, restaurante, supermercado, lavandaria e serviços de administração, constituía-se como um núcleo central, ponto de encontro, de vida social que estabelecia ligação com os outros blocos e espaço público criado por estes, no entanto este nunca viria a ser construído, tendo-se desenhado para esse sítio uma piscina. Os corpos escalonados ao longo do terreno, numa implantação de sentido dominante nascente-poente sobre o comprimento, apresentam volumes recortados e fragmentados de desenho dinâmico e orgânico, procurando não destruir o sentido natural do terreno, no entanto, não se adossam ao terreno como no *Bloco do Moinho*, em vez disso ganham verticalidade e assumem-se no terreno, criando amplos espaços verdes. O deslocamento entre fogos é feito num plano horizontal e não num plano vertical como tinha sido feito anteriormente, contribuindo para a fragmentação dos volumes, retirando assim, algum do seu peso e criando riqueza volumétrica com os respectivos jogos de luz/sombra. O deslocamento dos fogos, que contribui para a fragmentação dos volumes, é acompanhado pela própria quebra interna do



FIG. 3. 11 *Conjunto Habitacional - Porto de Abrigo*, 1967.  
[foto do autor]

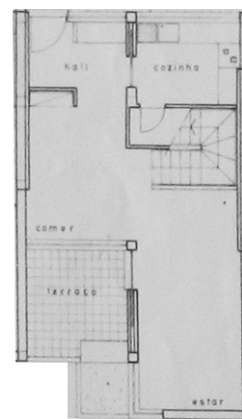
fogo, protegendo os terraços e desenhando janelas de canto que contribuem para o aligeiramento da massa dos volumes.

O acesso aos fogos é feito na maioria dos casos através de galerias exteriores e respectivos núcleos verticais de forte presença escultórica. Com o deslocar dos fogos quebrou-se a galeria dotando-a de maior área nas zonas de entrada dos mesmos, colocando-se nessas quebras, bancos e canteiros.

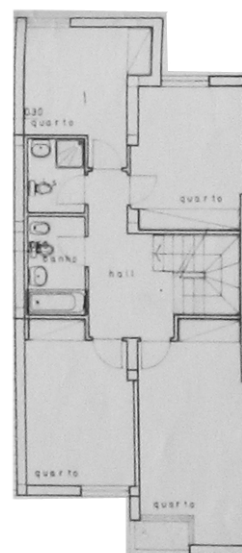
Este conjunto, apesar de ser um conjunto com características de habitação de férias, apresenta grande diversidade de tipologias habitacionais, variam desde o T1 ao T4 em triplex, ao contrário do *Bloco do Moinho*, apenas composto por tipologias menores, T1 e T2. O bloco A, com 6 pisos, é constituído por fogos do tipo T1, T2, T3 e T4; o bloco B, com 10 pisos, por T2, T3 e T4; o bloco C, com 4 pisos, por T2, T3 e T4; o bloco D, com 6 pisos, por T2 e T4 e o bloco E, com 6 pisos por T2 e T3. De referir que neste conjunto habitacional Conceição Silva opta, praticamente em todas as tipologias (excepto no T1) pelo duplex, tipologia que virá a utilizar constantemente nos seus edifícios de habitação multifamiliar.

A organização interna dos fogos é bastante semelhante à dos fogos do *Bloco do Moinho*, apresentando ligeiras alterações e melhores áreas. Com o aumentar de área nota-se uma preocupação em incluir mais espaços de arrumação, não só nos quartos mas também junto da entrada e, na maioria dos fogos é ainda incluída uma despensa. Entra-se no fogo por um vestíbulo mais recatado, pois é colocado um armário no alinhamento da mesma que não retira mas reduz a visibilidade para a sala criando um espaço de transição entre os dois espaços, mantendo-se a ligação com a mesma. Com a quebra interna do fogo, referida anteriormente, e com a inclusão da escada a sala é dividida (na maioria dos casos) de uma forma mais evidente em zona de comer e zona de estar, situando-se a primeira junto da cozinha e a segunda junto do terraço ao qual tem acesso. A cozinha mantém-se junto da entrada, e nalguns dos fogos é aberta para a sala (zona de comer), a posição das instalações sanitárias varia conforme a tipologia, nalguns casos situa-se também junto da entrada (lado oposto à cozinha, como acontece no *Bloco do Moinho*) e no caso dos duplex são sempre duas ou três, sendo que por vezes, uma delas pertence a um dos quartos. Também os quartos, pela diversidade tipológica do conjunto, apresentam diversos desenhos, tanto são colocados no piso de entrada do fogo, como podem estar no piso superior do duplex onde apenas se situam os

Planta do piso 0



Planta do piso 1



Planta do piso 2

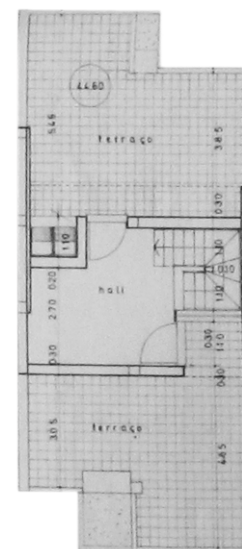


FIG. 3. 12 Plantas do fogo T4 triplex. Escala 1:200.

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

quartos e instalações sanitárias ou ainda num piso superior, mas como quarto único com instalação sanitária própria e com acesso a um terraço correspondente à área de todo o fogo sobre o qual se situa. De referir ainda o aproveitamento da cobertura de todos os últimos fogos, como espaço percorrível, o terraço. Este último piso, que se acede pelo interior do fogo, nalguns casos inclui um quarto suite, noutros está designado apenas como hall mas de boas dimensões, equivalente a mais um compartimento que poderá corresponder a qualquer uso desejável pelos seus habitantes.

Neste conjunto habitacional, nota-se uma abordagem diferente perante o contexto, a forma e o tratamento dos materiais. Com a extraordinária riqueza volumétrica atingida pelos volumes de desenho orgânico optou-se por uma contenção a nível dos materiais do edifício deixando-se apenas a estrutura em betão aparente para enaltecer a carga plástica do conjunto. À caixilharia e persianas do tipo venezianas que se mantinham em madeira juntavam-se as janelas de canto oscilo-batentes, por forma a dar amplitude aos espaços interiores e retirar peso aos volumes. Os muros de contenção, que no *Bloco do Moinho* eram rebocados passavam a pedra aparelhada. Assim estes muros em conjunto com o pavimento em betuminoso colorido de inertes, os portões amarelos das garagens e todas as áreas verdes desenhadas com grande cuidado vinham trazer com a sua textura e cor maior riqueza aos espaços públicos. No interior dos fogos mantinham-se nas salas, quartos e circulações, as paredes e tectos estucados e o pavimento em tijoleira, e nas cozinhas e instalações sanitárias as paredes revestidas a azulejo a toda a altura e o pavimento em pedra natural.

O *Conjunto Habitacional – Porto de Abrigo* importa pela escala e atitudes implícitas. A decomposição volumétrica mantém-se mas neste local de grande variação orográfica, optou-se por uma volumetria mais vertical que possibilitasse amplos espaços verdes, mas não descurando o respeito pelo sentido natural do terreno. A mestria e o cuidado presentes no toque dos corpos com o terreno demonstram uma preocupação clara com os espaços públicos criados pelos edifícios, desde o acesso às habitações até às garagens. O recorte e fragmentação dos volumes para além da riqueza visual são também contributos para o aligeiramento de todo o conjunto edificado. É também representativa a importância dada aos materiais, que apesar de não serem muitos, trazem com as suas cores e texturas uma importante riqueza sensorial na vivência do espaço.

**VALADAS E SIMÕES** (*Anexo III: ficha 06, pp. 79-84.*)

Conceição Silva vinha a desenvolver projectos de grande escala, como o *conjunto da Balaia* e muitos outros, alguns dos quais não construídos, como os estudos de urbanização para *Savelos-Carcavelos* (*Anexo II: ficha 02, pp.07-08.*) ou para *S. Pedro do Estoril* (*Anexo II: ficha 03, pp. 09-10.*), muitas vezes em áreas pouco urbanas. Em 1967, volta a projectar um edifício para o engenheiro Valadas Fernandes na Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, em Lisboa. Desta vez o edifício não continha apenas habitação, era um edifício de uso misto que incluía para além da habitação, escritórios e comércio. O edifício é parte integrante de um conjunto de quatro lotes projectados por diferentes arquitectos e respondia à condição de constituir unidade arquitectónica com os restantes edifícios contíguos.

Os condicionalismos impostos deram origem a um edifício de volume simples e linear, que acompanha os edifícios contíguos, ao contrário dos volumes de maior liberdade volumétrica que se vinham a desenhar em contextos menos urbanos. No entanto, o edifício viria a distinguir-se dos outros contíguos pelo tratamento da fachada, pelo desenho dos vãos, pelos materiais e pela passagem criada para acesso às traseiras dos lotes.

No embasamento do edifício situam-se os dois núcleos de acessos separados, um para as habitações e outro para os escritórios, onde se encontra a escultura de Fernando Conduto (duas peças em forma de C, em aço pintado de vermelho). Ao nível da rua, para além dos acessos do edifício, é também contemplada área para lojas. Os pisos seguintes destinam-se a escritórios (na altura sede da ENGL) até ao 6.º piso, sendo os restantes respeitantes a habitação até ao 19.º piso (último piso), onde se situam dois ateliers e a casa das máquinas.

Estas habitações voltam a ser destinadas a habitação permanente e para uma média/alta burguesia, tal como tinha acontecido no edifício da Rua das Praças projectado em 1961, resultando numa distribuição de apenas dois fogos por piso (excepto no 6.º piso, constituído por habitação da porteira, T1 e T3, e no 18.º piso ocupado apenas por fogo único) devido à área do edifício e respectivas tipologias propostas (T3 e T4 duplex), dando origem a um esquema típico de distribuição de esquerdo/direito.



FIG. 3. 13 *Edifício Valadas e Simões*, 1967.

[Arquivo do Atelier Conceição Silva]



À semelhança dos outros edifícios projectados para Valadas Fernandes (ENGIL) na Rua das Praças com a Rua de São Félix, este edifício é maioritariamente composto por fogos de grandes dimensões (T3 e T4) que incluem quarto de criada junto da cozinha, com entrada própria e “isolando-se” do resto do fogo, resultado de um programa destinado a um determinado público onde ainda era frequente esta “área de serviço” resultado de uma cultura própria destas classes. Este tipo de programa vem dar origem maioritariamente a fogos com um espaço menos fluído devido à evidente separação entre a zona de serviço e o resto do fogo. No entanto Conceição Silva não abdica de desenhar a entrada no fogo aberta para a sala de grandes dimensões.



FIG. 3. 14 *Plantas dos fogos T4 duplex e T3*. Escala 1:200. [Arquivo do Atelier Conceição Silva]  
Da esquerda para a direita: T4 – piso de entrada | T4 – piso superior | T3

No caso do T3 entra-se para um vestíbulo que após um pequeno espaço junto da porta do fogo aumenta de largura junto da cozinha e área de quartos estabelecendo franca ligação com a sala e com os quartos junto dos quais se situam as instalações sanitárias. No caso do T4 duplex entra-se também para um vestíbulo, mas neste caso bastante mais amplo a partir do qual se tem acesso directo para a sala e para uma instalação sanitária “social”, é também neste espaço que se encontram as escadas de acesso ao piso superior onde se encontram três quartos, instalação sanitária e um outro quarto (suite) com instalação sanitária própria. Os fogos que são “excepção” neste edifício, como é o caso do T1 no 6.º piso, o T2 no 17.º piso e o T4 no 18.º piso, tornam-se interessantes pelo desenho adoptado perante as diferentes tipologias, certamente ocupadas por diferentes tipos de pessoas. No caso dos fogos de

tipologias mais pequenas, o T1 e T2, que ao contrário dos fogos mais comuns deste edifício (T3 e T4), não contemplam quarto de criada e apresentam uma organização interna bastante mais fluída e semelhante à que se vinha a desenhar noutros projectos. No caso do T1 o vestíbulo de entrada e a cozinha relacionam-se directamente com a sala fazendo parte da mesma, o acesso ao quarto com instalação sanitária é feito através desse espaço.

A entrada no fogo do tipo T2 é semelhante à do T1, visto que funciona como um prolongamento da sala para a entrada, situando-se a cozinha no enfiamento da sala. Um dos quartos confina com a sala e o outro com a cozinha, e a instalação sanitária situa-se sensivelmente ao centro do fogo. No 18.º piso situa-se o T4 simplex que ocupa todo o piso e que pela localização do núcleo de acessos e programa resulta, ao contrário das tipologias menores e até mesmo do T4 em duplex, num fogo mais compartimentado onde se perde alguma área em circulações. No entanto é de referir neste fogo a dimensão que a sala atinge e a colocação de uma lareira que serve e separa dois espaços distintos, nomeadamente a área de estar da área de comer, como frequentemente acontece nalguns dos seus edifícios mas que atinge neste fogo uma dimensão invulgar.

Exteriormente o edifício distingue-se dos anteriores pelo uso de materiais mais “nobres” como é o caso da pedra lioz e do cobre aplicados nas fachadas. Ao contrário da habitual caixilharia em madeira dos seus edifícios neste caso foi utilizada caixilharia em alumínio.

Este edifício destinado maioritariamente a habitação e que inclui escritórios e comércio, torna-se importante para compreender que perante determinados condicionalismos Conceição Silva continuou a responder de forma qualificada. Na adaptação ao contexto, ao programa e aos condicionalismos Conceição Silva não deixou de diferenciar o seu edifício através de pequenas subtilezas, que por vezes fazem toda a diferença, nomeadamente no desenho dos vãos, no tratamento das fachadas e mais uma vez, demonstrando preocupação na forma como o edifício se relaciona com o espaço público e na forma como as pessoas comunicam com ele, preocupando-se com o desenho cuidado dos vestíbulos onde é colocada uma escultura de Fernando Conduto.

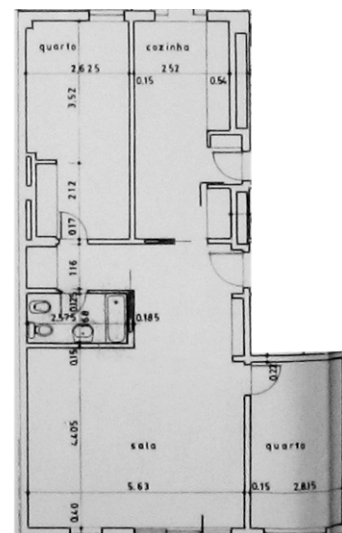


FIG. 3. 15 *Planta do fogo T2.*  
Escala 1:200.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

### TORRES DE ALFRAGIDE (Anexo III: ficha 07, pp. 85-88.)

Este conjunto de três torres inserido na denominada Unidade Residencial de Alfragide marca a entrada do Atelier Conceição Silva na área da promoção imobiliária, promovida pelo lançamento da empresa SIURBE<sup>6</sup>. As torres começaram a ser desenhadas em 1968 e a sua construção prolongar-se-ia até ao 25 de Abril de 1974, altura em que estavam praticamente concluídas.

As três torres, implantadas nos limites do lote, organizam-se em torno de um núcleo comercial junto ao qual se situa uma piscina. São caracterizadas por um desenho orgânico, de volumes fragmentados de carácter brutalista, como vinha a ser frequente nalguns dos seus edifícios. O dinamismo e riqueza do volume de cada torre deriva das opções tomadas no seu desenho, nomeadamente da relação entre fogos e espaços distributivos.

A riqueza procurada nas diversas relações entre fogos, numa composição agregativa dos mesmos, vinha a desenvolver-se normalmente em edifícios em banda servidos por galeria, nomeadamente no *Bloco do Moinho*, no *Porto de Abrigo* e nos *apartamentos da Balaia*, sendo por isso importante referir este conjunto de torres pois apresenta uma atitude semelhante mas desta vez organizada em torre. A fragmentação dos volumes que resulta maioritariamente da composição entre fogos, normalmente “fruto” de deslocamentos horizontais e verticais entre os mesmos, é agora conseguida através do desenho orgânico de cada fogo, da organização do seu espaço interno.

Cada torre é composta por quatro corpos articulados num espaço central destinado a área de circulação onde se situa o núcleo de acessos verticais. Ao entrar tem-se acesso a esse espaço amplo, de dimensões generosas e de riqueza plástica, desde o desenho cuidado das caixas de correio ao grafismo alusivo à designação dos fogos, pintado no betão aparente na cor amarelo e encarnado, e à abertura dos vãos conseguida pelo desencontro dos corpos que constituem cada torre. É a partir deste espaço que se acede aos fogos, na maioria dos casos, entre quatro a seis fogos por piso.



FIG. 3. 16 *Torres de Alfragide*, 1968-1971.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

---

<sup>6</sup> “A SIURBE, sociedade anónima, é formalizada em 1969 por um núcleo de accionistas principais, simultaneamente administradores, conjunto de pessoas que se completam nas suas atribuições: Conceição Silva, o advogado Mário Pais de Sousa, o construtor Domingos Ribeiro da Silva e o eng.º Alberto Aldim, dono dos terrenos.” Inês Leite, 2007, ob. cit., p.175.

As tipologias são bastante diversas, desde o T1 ao T5, sendo a mais comum o T3. Para além dessa diversidade, existem variantes entre tipologias iguais, umas são simplex outras duplex, como já vinha a ser comum nalguns dos seus edifícios de habitação multifamiliar.

Apesar da existência de tipologias maiores, como o T3 e o T4, nalguns casos em simplex, o espaço interno do fogo consegue ser bastante fluído, principalmente devido à importância que a sala ganha nestes fogos. A sala que já vinha, em muitos dos seus edifícios, a ser bastante importante para o núcleo familiar e dotada de boas dimensões, afirma-se como espaço central e nuclear do fogo, de uma forma bastante clara. É a partir deste espaço central que se organiza todo o fogo, é a partir da sala que se tem acesso a todos os outros compartimentos. Não se encontram áreas de circulação perdidas, todo o desenho do espaço interno parece resultar de um pensamento mais próximo ao da habitação unifamiliar e não multifamiliar, resultado das grandes dimensões dos fogos.

As variantes existentes entre fogos do mesmo tipo, acontecem essencialmente, devido às diferentes áreas que uma mesma tipologia pode ter, dando origem a diferentes configurações do espaço central do fogo ou à existência ou não de quarto de criada junto da cozinha ou de quarto suite. A sala mantém as características que vinham a ser constantes ao longo dos seus projectos, contempla uma área de estar, outra de comer e ainda o terraço, o espaço de estar exterior. Nos casos em que a sala atinge maiores dimensões, os dois espaços constituintes (estar e comer) apresentam configurações diferentes, graças a um desnível criado entre os dois e à inclusão de uma lareira no espaço de estar.

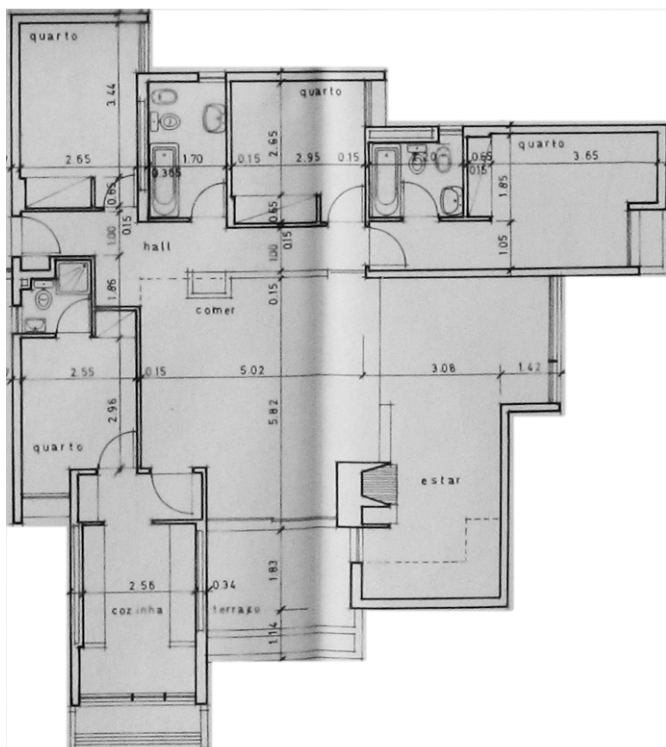


FIG. 3. 17 *Planta do fogo T3*. Escala 1:200. [Arquivo do Atelier Conceição Silva]

A cozinha, tal como os outros compartimentos, estabelece uma ligação directa com a sala, no entanto, é nos fogos de menores dimensões, como o T2, que estabelece uma relação mais directa, não tanto como nos apartamentos da Balaia onde essa relação é levada ao expoente máximo, fazendo a própria cozinha parte da sala, mas criando uma franca ligação com esta numa atitude de espaço habitacional mais informal.

É também nesta tipologia (T2) que surge um quarto sem vão “hermeticamente” fechado, ele é aberto claramente para a sala, podendo eventualmente e se assim o desejarem os seus habitantes usufruir dele para outro fim.

A estrutura dos edifícios é deixada em betão aparente enaltecendo a plasticidade das torres e as paredes de alvenaria rebocadas e pintadas na cor branco. A caixilharia, guardas de varandas e terraços dos fogos são em madeira e a caixilharia de alumínio presente nas áreas comuns das torres assim como as guardas metálicas das escadas são pintadas na cor amarelo, cor já utilizada nos portões das garagens e guardas metálicas das escadas interiores no *Conjunto Habitacional – Porto de Abrigo*. Nos pavimentos das áreas comuns das torres o pavimento é revestido com tijoleira. No interior dos fogos mantinham-se nas

salas, quartos e circulações, as paredes e tectos estucados e o pavimento passava neste caso a ser em alcatifa. Nas cozinhas e instalações sanitárias as paredes são revestidas a azulejo a toda a altura e o pavimento em pedra natural.

Este projecto vem apresentar uma nova forma de agrupamento na habitação multifamiliar de Conceição Silva, a torre, que já vinha a ser utilizada mas associada a bandas. A decomposição volumétrica, normalmente obtida através do deslocamento horizontal ou vertical entre fogos, era agora conseguida através do próprio desenho orgânico de cada fogo, da organização do seu espaço interno. Para tal a sala, que mantinha características constantes ao longo dos seus projectos, vem a ter um papel fundamental pois é o espaço central, estruturante e gerador do fogo, é a partir da sala que o fogo cresce, é através dela que se tem acesso a todos os outros compartimentos deixando de existir circulações perdidas.

#### **URBANIZAÇÃO DO ALTO DO DAFUNDO** (*Anexo III: ficha 08, pp. 89-94.*)

Pouco tempo após terem sido desenhadas as *Torres de Alfragide*, em 1969, Conceição Silva associado à Engil, adquiriu a propriedade e desenvolveu o projecto para o Alto do Dafundo, na designada Quinta de São Mateus e que nunca chegou a ser construído.

Como foi referido anteriormente, a partir de meados dos anos 60, Conceição Silva recebeu e desenhou projectos de grande escala, como a *Urbanização em Palames* (1965), o *Plano de Expansão da Praia Maria Luíza* (1964-1967) e muitos outros apresentados na lista geral de obras e projectos (*Anexo I*). Na maioria dos casos, os seus programas não incluíam apenas habitação multifamiliar. A *Urbanização do Alto do Dafundo*, destinada apenas a habitação multifamiliar, incorporava um vasto programa onde se incluía comércio, serviços e equipamentos, considerados necessários para um projecto desta dimensão (34200m<sup>2</sup>). Distinguia-se de outras urbanizações, também destinadas a habitação multifamiliar, nomeadamente a *Urbanização Santa Iria da Azoia* (*Anexo II: ficha 22, pp. 43-44*), pela caracterização do seu edificado, de grande concentração e densidade, uma proposta que era para ser entendida como um edifício único.



FIG. 3. 18 *Urbanização do Alto do Dafundo*, 1969.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

A *Urbanização do Alto do Dafundo* propunha uma nova imagem de cidade, de vida urbana, opunha-se ao urbanismo de quarteirão e ao sistema de plano aberto protagonizado nos bairros dos Olivais na transição entre a década de 50 e a década de 60. A concentração do edificado proposto e articulação entre os seus volumes davam origem à leitura de um único edifício que deixava amplos espaços verdes e áreas destinadas a equipamentos. Procurava-se, com a estrutura de espaços urbanos do conjunto, conseguir uma continuidade espacial que ao mesmo tempo correspondesse a uma continuidade visual suportada pelos percursos dos peões. Eram referidas na memória descritiva do projecto, como ideias fundamentais e sobre as quais se apoiavam para justificar este projecto, três ideias: a imagem que *“Actua como um sinal ou ponto de referência em relação à visualização da cidade.”*; a concentração *“(…) conceito que nos leva a agrupar o conjunto dos edifícios numa zona limitada do terreno a fim de deixar grandes espaços livres, espaços destinados aos verdes, ao “loisir” e ao equipamento comunitário (parque infantil, piscina, etc.)”*; e a alta densidade que *“Permite a organização de espaços cuja intensidade de vida se opõe às noções muito divulgadas de triunfo da privacidade contra a comunidade.”* Após a apresentação destes três conceitos: imagem, concentração e alta densidade, escrevia-se sobre os dois últimos *“É da dialéctica destes dois conceitos que poderá surgir um núcleo com valor urbano, oposto a um valor rural.”*

O conjunto era composto por: edifícios habitacionais, organizados em torres articuladas através de bandas; um núcleo central composto por área comercial e áreas públicas (sala polivalente, snack-bar, restaurante e supermercado), que se pretendiam muito movimentadas e vividas, um núcleo de grande importância para o conjunto; equipamento escolar que previa uma escola primária e pré-primária, junto à qual se localizava um parque infantil englobado nos espaços verdes do conjunto; um parque de estacionamento subterrâneo, com o qual se defendia o desaparecimento, tanto quanto possível, do automóvel de forma a não condicionar o espaço público.

Os edifícios habitacionais organizados em torres com 15 a 20 pisos articuladas por bandas com 2 a 9 pisos, destacavam-se da área envolvente (pouco densa) com as suas cinco torres marcantes na paisagem - o novo núcleo urbano. O acesso aos fogos era feito, maioritariamente, a partir dos cinco núcleos das torres que estabeleciam a ligação com as circulações horizontais, articulando assim todo o conjunto edificado.

As torres e bandas albergavam, respectivamente, 147 e 56 fogos, num total de 203 fogos. As tipologias dos fogos eram bastante diversificadas, desde o T1 ao T5, algumas em simplex outras em duplex. A organização interna dos fogos vem na continuidade de alguns dos seus edifícios de habitação multifamiliar anteriores, como é notório por exemplo, no desenho de algumas salas, onde se cria um desnível à semelhança das *Torres de Alfragide*, ou na própria fragmentação volumétrica das torres, criada pela organização dos compartimentos dos fogos que as compõem.

No entanto, as composições agregativas entre fogos, que originaram volumes mais compartimentados de grande riqueza volumétrica, são menos exploradas neste conjunto edificado. Há uma maior racionalidade das formas, possivelmente pela dimensão do conjunto, procurando-se assim também uma racionalização na construção dos mesmos. Contudo a variedade volumétrica, tão presente nas suas obras, não é abandonada. Neste caso ela é explorada através da implantação dos edifícios e relações estabelecidas entre os mesmos, nas variações altimétricas entre bandas e torres e nos cheios/vazios das fachadas conseguidos pelos terraços e restantes vãos dos fogos, matéria recorrente no desenho nas fachadas dos seus edifícios de habitação multifamiliar.

Este projecto torna-se relevante pelas novas propostas urbanas que propõe, pelos conceitos opostos aos preconizados em Portugal, mas semelhantes a alguns dos estudos internacionais inovadores. Com este projecto percebe-se de uma forma clara que por detrás da prática projectual, existia uma reflexão teórica crítica e actualizada.

#### **ERG – SESIMBRA - MORRO** (*Anexo III: ficha 09, pp. 95-99.*)

Em 1970 Conceição Silva volta novamente a projectar um edifício para a ERG, junto do *Conjunto Habitacional – Porto de Abrigo* (*Anexo III: ficha 05, pp. 71-78*) projectado três anos antes, ambos em área abrangida pela *Urbanização em Palames* (*Anexo II: ficha 07, pp. 16-17.*) desenhada em 1965 e que nunca chega a ser construída.

Ao analisar este projecto torna-se importante ter em mente outros dois projectos de Conceição Silva, o *Bloco do Moinho* e o *Conjunto Habitacional* –



FIG. 3. 19 *Morro*, 1970-1971.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]



*Porto de Abrigo*, porque através destes projectos é possível compreender atitudes projectuais diferentes e uma evolução formal e espacial da sua obra em termos temporais. Todos eles são destinados a habitação sazonal, projectados para Sesimbra e para o mesmo cliente.

O conjunto é implantado sobre um morro e tenta não alterar a forma e volume deste, ao mesmo tempo que pretende ser um ponto de referência, um elemento marcante na paisagem. Ao querer ser referência, a volumetria do morro existente é exacerbada pelo edifício proposto.

O conjunto é composto por vários corpos articulados entre si através das circulações, atitude frequente nalguns dos seus projectos, nomeadamente nas *Torres de Alfragide* (*Anexo III: ficha 07, pp. 85-88.*) ou na *Urbanização do Alto do Dafundo* (*Anexo III: ficha 08, pp.89-94.*), ambos projectados um pouco antes estando o primeiro já em construção. O volume é fragmentado, resultado da constituição do conjunto em vários corpos independentes, notando-se os envidraçados num plano mais recuado, respeitante às circulações interiores e à cobertura geral que as protege.

Os acessos ao edifício, para peões e automóveis, são feitos à cota da rua existente, tendo o estacionamento um piso a esta cota e outros dois a cotas inferiores. No caso dos peões o acesso ao interior do edifício é feito através de uma galeria que se situa entre os corpos e o morro, que articulam as restantes galerias do conjunto através dos núcleos verticais projectados. Estas galerias que nalguns projectos são exteriores, como é o caso do *Conjunto Habitacional – Porto de Abrigo* ou dos *Apartamentos da Balaia*, voltam a ser interiores como no *Bloco do Moinho* e pelas suas dimensões generosas ganham um carácter de ruas interiores com sucessivos acontecimentos, compressões/descompressões, larguras e pés-direitos variáveis, enfiamentos visuais aproximando o exterior do interior. Estes espaços são desenhados com grande cuidado e não apenas como uma simples circulação horizontal demonstrando a frequente preocupação com os organismos distributivos.

Os corpos do conjunto são na maioria destinados à habitação, excepto o corpo a norte destinado a funções polivalentes (jogos, sessões de música e projecção) e o corpo a nascente onde se encontra o estacionamento e sobre o qual se situa uma esplanada destinada a refeições ligeiras. Os corpos habitacionais situam-se maioritariamente a nascente e poente no sentido do comprimento do morro e as tipologias variam desde o T1 até ao T3.

A orientação dos fogos, grande parte devido à orografia e implantação que dele advém, não é a melhor em todos os fogos à semelhança do que acontece nos fogos das *Torres de Alfragide* devido ao tipo de organização em torre que origina uns fogos melhor orientados do que outros. Contudo é notória a preocupação no desenho dos vãos de cada compartimento como é o caso dos quartos, que apesar das suas dimensões procuram não “devassar” a intimidade do quarto.

É notória uma semelhança na organização interna do fogo ao longo dos diversos projectos, que se vai adaptando de acordo com as necessidades e premissas de cada um dos projectos, sempre em busca de uma melhor resposta e qualidade. Nestes fogos, o vestíbulo de entrada com acesso directo à sala é ligeiramente mais comprido, colocando-se desta forma dois quartos junto à entrada do fogo, um deles suite. Ao centro do fogo situa-se a instalação sanitária e gozando da melhor vista e iluminação natural situa-se a sala e a cozinha em franca comunhão, que no caso dos fogos T2 apresentam-se mais delimitadas. No caso da tipologia T3 é ainda colocado outro quarto contíguo à sala.

Exteriormente o edifício, de acordo com o descrito nos desenhos técnicos, teria a sua estrutura em betão aparente e os paramentos verticais em painéis de betão. Na leitura do conjunto, em termos materiais, sobressairia ainda as cortinas envidraçadas respeitantes às circulações interiores, que articulam os diversos corpos constituintes e a cobertura geral que as protege.

Este edifício, à semelhança de outros projectos de habitação multifamiliar de Conceição Silva, apresenta características de uma arquitectura estruturalmente expressiva, brutalista.

Torna-se interessante comparar com os outros dois projectos de Sesimbra, pois todos eles procuram manter ou acompanhar a orografia existente, no entanto, as soluções propostas respondem a essa “adaptação” de forma diferente. No *Bloco do Moinho* o conjunto de volumes escalonados adossa-se ao terreno e pela simplicidade dos seus volumes de baixa densidade dissimula-se facilmente no mesmo, dialogando com o casario da vila. No *Conjunto Habitacional – Porto de Abrigo*, que apresenta uma escala maior do que o anterior, optou-se por uma organização dos fogos mais na vertical, para libertar espaço para áreas verdes e espaços públicos, que se vão articulando ao longo do terreno mas que não que não se dissimulam na paisagem. No *Morro* o edifício implanta-se sobre

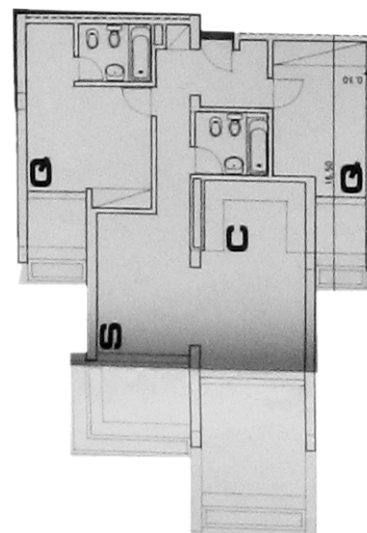


FIG. 3. 20 Planta do fogo T2.  
Escala 1:200.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

o morro existente envolvendo-o e exacerbando-o, um edifício que não passaria despercebido, tornava-se num ponto de referência.

### **BANDAS - TRÓIA** (*Anexo III: ficha 10, pp. 100-115.*)

Em 1970 Conceição Silva associava-se e projectava o *complexo turístico para a Península de Tróia* (1970) do qual apenas uma pequena parte viria a ser construída devido à sua paralisação após o 25 de Abril de 1974, nunca chegando a ganhar o sentido de vida urbana proposta no projecto e sobre a qual o conceito assentava. Esta cidade de lazer direccionada para um turismo de massas incluía as mais diversas infra-estruturas, equipamentos, comércio, hotelaria assim como habitação multifamiliar.

As bandas habitacionais estavam inseridas no plano de urbanização da Ponta do Adoxe e não foram construídas na sua totalidade, pois estava previsto um número maior de edifícios em banda.

À semelhança da proposta para a *Urbanização do Alto do Dafundo* falava-se novamente em conceitos como densidade, concentração e imagem. Conceitos segundo os quais acentavam os edifícios propostos, na busca de conjuntos que possibilitassem vida intensa, próxima da vida urbana. Ao propor-se essa concentração e densidade organizavam-se amplos espaços livres, fundamentais para uma vida exterior que vinha, de certo modo, trazer equilíbrio a esta estrutura urbana.

O conjunto das várias bandas de apartamentos formavam “pátios” de aproximadamente 80x80 metros, que pontuavam os diversos conjuntos de estrutura e imagens semelhantes, com a sua diversificação e individualização.

Na caracterização geral do edificado pretendia-se que elementos como núcleos de acessos, zonas comerciais e de diversão servissem de pontos de referência que dessem a orientação necessária à organização dos percursos. Cada núcleo composto por pátio formado em L, organizado por duas bandas era entendido como um único edifício, não só em termos visuais como também em termos funcionais.

Dada a imensa complexidade de todo o conjunto eram propostas, em cada núcleo de bandas, zonas de recepção e controle próprias, para quem a ele se

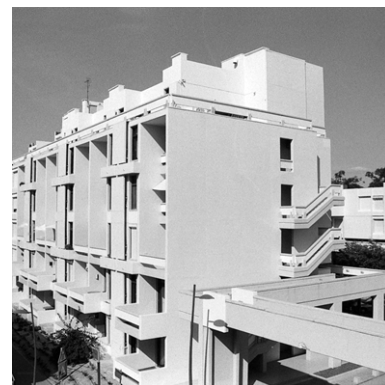


FIG. 3. 21 *Bandas de Tróia*, 1971.  
[foto do autor]

dirigia em visita ou a prestar serviços, situação também proposta na *Urbanização do Dafundo*.

Nestes conjuntos há, como é natural, dois tipos de circulação: a vertical e a horizontal, que neste projecto a novas propostas comparativamente com as estudadas nos projectos anteriores. Aqui as galerias organizam-se como que ruas superiores que estabelecem ligação com as várias bandas à altura de piso e meio, nunca devassando a intimidade dos fogos. A partir destas ruas superiores alcançam-se os núcleos de acessos verticais.

Cada núcleo é formado por duas bandas e cada banda é formada por diversos elementos que variam entre os 4 e os 8 pisos. Os fogos variam entre o T0 e o T5, e ainda entre simplex, semi-duplex e duplex, sendo a mais frequente o T1.

A organização interna do fogo tem semelhanças com a dos outros edifícios estudados. Continua-se a entrar praticamente para a sala, que continua a ser o espaço central e nuclear do fogo a partir do qual se acede aos outros compartimentos, o prolongamento da sala para o exterior é mantido pelo terraço. De referir ainda as dimensões que a cozinha apresenta neste projecto.

As bandas de Tróia são importantes pelas novas propostas urbanas. Pela implantação dos edifícios em torno de um pátio, local de encontro e de convívio, e que ao mesmo tempo era tratado de forma diferente por forma a individualizar cada um, contribuindo para a riqueza formal do espaço.

É também inovador pelo novo sistema distributivo, nomeadamente, a galeria que passa a funcionar como rua superior estabelecendo as ligações entre as diversas bandas à altura de piso e meio.

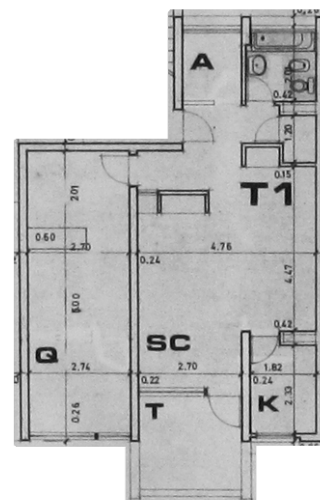


FIG. 3. 22 *Planta do fogo T1.*  
Escala 1:200.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

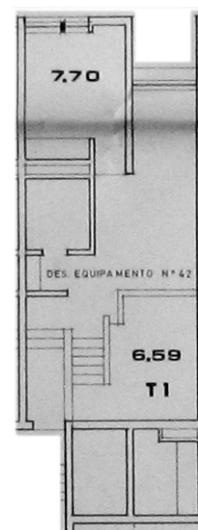


FIG. 3. 23 *Planta do piso superior do fogo T1 semi-duplex.*  
Escala 1:200.  
[Arquivo do Atelier Conceição Silva]

## **4 CONCLUSÕES**

Nas conclusões deste estudo não poderia deixar de salientar o papel de Conceição Silva na historiografia da arquitectura portuguesa, não só pela inovação e qualidade patentes na sua obra como pelas preocupações de envolvimento e participação social na disciplina, contribuindo com uma visão crítica e inovadora, atitude igualmente marcante no campo das artes plásticas.

A habitação multifamiliar do autor, acompanhando os restantes programas, vem constituir um espólio importantíssimo para a arquitectura moderna portuguesa, pelas propostas actualizadas, informadas e qualificadas que vieram contribuir para a renovação da arquitectura feita no nosso país a partir do segundo pós-guerra. Uma obra que não se pode considerar ultrapassada, antes pelo contrário, uma obra actual, contemporânea, que continuará a constituir um exemplo de qualidade na arquitectura que se fez e faz no nosso país.

Nas obras e projectos de Conceição Silva tomamos consciência da diversidade e riqueza da sua habitação multifamiliar, caracterizada pela sua incessante pesquisa e preocupação por encontrar uma resposta adequada aos tempos e modos de vida modernos, uma habitação que em grande parte se dirigia para uma média e alta burguesia, para habitação permanente ou sazonal, para um lote ou para um troço de cidade. Propostas que vão desde o pequeno ao grande e complexo programa que pode atingir a habitação nos planos urbanos.

Da análise dos vários projectos incluídos como objecto de estudo foi possível perceber a **resposta projectual** perante diversos contextos e programas assim como a **evolução formal e espacial** a nível temporal, podendo destacar-se algumas características que se constituem como marca pessoal do arquitecto na habitação multifamiliar.

A **resposta projectual** de Conceição Silva é marcada por uma atitude experimental, pragmática e antidogmática que se adapta aos diversos contextos, programas e destinatários numa incessante pesquisa e preocupação por encontrar uma resposta adequada aos dados de projecto. É inovadora e não “receita” prévia para ser aplicada de igual modo em diferentes projectos.

A **evolução formal e espacial** da sua habitação multifamiliar é notória ao longo do seu exercício profissional distinguindo-se claramente os seus primeiros projectos dos últimos.

Desde cedo Conceição Silva começou na sua habitação multifamiliar a projectar edifícios de características modernas, como seria o caso do edifício na *R. Marcos Portugal com a R. da Imprensa Nacional* projectado em 1953-1954. O edifício era exemplificativo de uma atitude moderna não só pela organização interna como também pelo tratamento exterior do mesmo, apresentando um volume regular e cuidado onde começava a ser notória uma aproximação ao contexto anunciando a procura do diálogo entre o novo e existente.

Marcando esta vontade de adaptação do léxico moderno, Conceição Silva propunha em 1964-1965 um edifício onde era evidente a revisão do moderno, *o Bloco do Moinho*, de características orgânicas apresentava-se como um volume escalonado nascido da vontade de integração no lugar. Surgiam também em termos espaciais indicadores de futuras pesquisas, como a galeria, utilizada pela primeira vez na sua habitação multifamiliar; a relação entre interior/exterior

do fogo; a sala como espaço fundamental para a valorização e organização do fogo; o terraço, importante pela valorização do estar exterior.

Traduzindo uma arquitectura estruturalmente expressiva surgiam, em 1965-1967, os *apartamentos da Balaia*, onde era aprofundada a decomposição dos volumes, exacerbando-se a riqueza volumétrica e plástica obtida através de uma composição agregativa do fogo, acessos e organização interna do mesmo, que apresentava grande fluidez espacial.

Em 1967-1970 surgia o *Conjunto Habitacional – Porto de Abrigo*, tornando perceptível a preocupação que viria a ser tida com os espaços públicos criados e com a relação entre edifício, terreno e circulações exteriores, que pela proposta volumétrica mais vertical tornava possível a criação de amplos espaços verdes e zonas públicas cuidadas.

O entendimento de que nem sempre era possível desenhar os edifícios com tamanha liberdade formal, evidenciando a necessidade de adaptação da forma perante determinados condicionalismos e contextos, chegaria num edifício em espaço urbano, o edifício *Valadas e Simões* (1967). Neste edifício integrado num conjunto de quatro lotes adjacentes, o autor viu-se obrigado a respeitar a unidade arquitectónica pré-estabelecida para o conjunto, não deixando de diferenciar o seu edifício, no desenho dos vãos e tratamento dos materiais de fachada.

Com as *Torres de Alfragide* (1968-1971), Conceição Silva apresentou uma nova forma de agrupamento habitacional que já vinha a utilizar noutros projectos juntamente com bandas. No seu desenho era confirmada a decomposição volumétrica, a importância das circulações de acesso aos fogos e a importância dada à sala como espaço fundamental para o núcleo familiar, espaço estruturante e de valorização do fogo.

Representando a nova dimensão que os seus projectos atingiam e os novos conceitos que iriam pautar algumas das suas últimas obras de habitação multifamiliar de grande escala e deixando-se claro que por detrás da evolução formal e espacial existia uma forte reflexão teórica crítica e actualizada, surgia a *Urbanização do Dafundo* (1969) assente sobre três ideias fundamentais: imagem, concentração e alta densidade. Conceitos que viriam a dar origem a conjuntos frequentemente compostos por torres e bandas de alta densidade de grande diversidade programática, onde se propunham estruturas de espaços urbanos portadores de informação com capacidade didáctica para os seus utilizadores. Construía-se também assim uma nova imagem de cidade.

As suas bandas de apartamentos inseridas no *complexo turístico para a Península de Tróia* (1970) são um exemplo de como a sua habitação multifamiliar esteve muitas vezes associada a grandes planos urbanísticos de grande envergadura económica e social.

Com o edifício *Morro* (1970-1971) projectado para Sesimbra torna-se perceptível, ao comparar-se com outros, nomeadamente o *Bloco do Moinho* (1964-1965) e o *Conjunto Habitacional - Porto de Abrigo* (1967-1970), todos em Sesimbra, com o mesmo programa e para o mesmo cliente, a evolução formal e espacial dos seus projectos de habitação multifamiliar assim como uma atitude projectual diferente.

Torna-se assim evidente pela resposta projectual e evolução formal e espacial dos seus projectos de habitação multifamiliar um **experimentalismo** ao longo da sua obra, que deve pouco a preocupações de linguagens pré-estabelecidas, fixas ou estanques a que estamos hoje em dia habituados a associar um determinado arquitecto. Foi assim que Conceição Silva foi respondendo ao longo de toda a sua obra, e também na sua habitação multifamiliar, rejeitando qualquer tipo de convenção ou dogma, atitude frequentemente pouco valorizada nos dias de hoje por nós arquitectos.

Com o final do trabalho em causa tornam-se evidentes algumas dificuldades sentidas ao longo do estudo e que importam destacar para uma melhor compreensão do mesmo. O grande número de obras e projectos elaborados por Conceição Silva, motivador e aliciante pela variedade e qualidade, veio a tornar-se num dos principais problemas: pela dificuldade de identificação dos projectos referentes a habitação multifamiliar; pela consulta e análise dos mesmos; e por fim pela escolha dos casos de estudo. Esta tarefa viria a revelar-se complicada, pois por vezes consideravam-se uns mais interessantes do que outros mas, sendo o intuito caracterizar a sua habitação multifamiliar desde o pós-guerra até ao 25 de Abril de 1974, optou-se por estes 10 por se considerar bastante significativos e exemplo das diferentes opções projectuais do autor ao longo do período tratado, tendo-se apresentado no entanto parte da informação recolhida de outros projectos. Também o tempo viria a constituir outro dos principais problemas, dando origem a uma análise dos projectos menos pormenorizada do que o desejável. Por outro lado a impossibilidade de visitar todos os arquivos camarários que, eventualmente, poderiam ter mais informação útil para uma melhor compreensão dos projectos e a não visita de alguns dos edifícios, por vezes por falta de autorizações, foram aspectos que consideramos menos positivos.

Ainda de referir os limites que um trabalho destes encerra, visto tratar-se do culminar de um processo de formação/aprendizagem para o exercício profissional da Arquitectura, que teria ganhos com uma maior experiência profissional. Importa também referir que se trata de uma análise que encerra alguma subjectividade, pois um investigador coloca sempre parte da sua visão pessoal nos estudos que desenvolve.

Como aspectos mais positivos deste trabalho destacam-se as competências adquiridas sobre o processo de investigação, a oportunidade de ser directamente confrontado com as propostas estéticas arrojadas e inovadoras do arquitecto Conceição Silva, o facto de ter encontrado neste caminho pessoas que, pela sua experiência e conhecimento, se tornaram uma ajuda preciosa para o desenvolvimento do meu trabalho, a possibilidade de conhecer in loco o *Atelier Conceição Silva*. Devo salientar que o trabalho realizado veio aumentar o meu apreço e curiosidade pela pessoa e profissional que foi Conceição Silva, deixando-me o desejo de aprofundar o conhecimento da sua obra.

Penso que este estudo vem colmatar a inexistência de estudos específicos sobre o tema da habitação multifamiliar de Francisco da Conceição Silva, contribuindo assim para um conhecimento mais completo da sua obra, que considero de grande riqueza para a história da arquitectura e das artes plásticas em Portugal, nomeadamente no estudo do impacto do movimento moderno. É também inovador na análise/interpretação de alguns dos projectos que se consideram exemplificativos do que foi a sua habitação multifamiliar, apresentando também contributos significativos



para futuros estudos sobre este arquitecto pela identificação e apresentação de informação de alguns dos projectos que constituem o grande espólio projectual da habitação multifamiliar criada por Conceição Silva, muitos deles não conhecidos.

Julgo ter atingido os objectivos a que me propus com este trabalho, a sua concretização foi um dos maiores desafios que enfrentei na minha vida académica, constituindo-se como uma oportunidade única de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, pelos ganhos ao nível de conhecimentos e pelo questionamento das minhas próprias convicções estéticas e projectuais, proporcionados pelo confronto com a obra de Conceição Silva. A sua obra que não deixa nenhum arquitecto indiferente, é um constante repto pela sua criatividade, pela novidade, pelo inconformismo, pela conjugação de diferentes saberes, uma provocação constante a certezas instaladas.

## **FONTES**

## I. PROCESSOS DE PROJECTO DO ARQUIVO DO ATELIER CONCEIÇÃO SILVA

Número do processo e respectivo nome, como consta no registo do Arquivo do *Atelier Conceição Silva*. Para distinguir processos com numeração anterior ao registo deste arquivo (Atelier na Rua D. Pedro V, iniciado em 1965) optou-se por colocar um **A.** antes do respectivo número.

- A.94 EDIFÍCIO NA RUA MARCOS PORTUGAL
- A.124 EDIFÍCIO NA R. S. JOÃO DA MATA
- A.289 ENGIL PRÉDIO N.º 2
- A.314 CONJUNTO DE APARTAMENTOS EM SESIMBRA
- 2 APARTAMENTOS NA BALAIA
- 18 VALADAS E SIMÕES - AMOREIRAS
- 26 SAVELOS – CARCAVELOS, ESTUDO DE URBANIZAÇÃO
- 32 URBANIZAÇÃO S. PEDRO DO ESTORIL
- 33 RAMADA CURTO – SESIMBRA
- 34 CAXIAS – 1 (LOTE A/B)
- 36 ALMADA PP7
- 37 URBANIZAÇÃO EM PALAMES – SESIMBRA
- 41 CONJUNTO HABITACIONAL – ESTRADA DA LUZ
- 52 AQUAZUL PRAIA DA LUZ - APARTAMENTOS
- 69 PRAÇA DE ESPANHA
- 78 CONJUNTO HABITACIONAL – PORTO DE ABRIGO
- 83 ENGIL – RUA ABADE FARIA
- 97 QUINTA ALGAZARRA PP9 – DR. ELVAS
- 105 BLOCOS NO LARANJEIRO
- 118 URBANIZAÇÃO LARANJEIRO – V. CARVALHO
- 131 URBANIZAÇÃO DAFUNDO
- 132 TORRES DE ALFRAGIDE
- 133 APARTAMENTOS EM SESIMBRA
- 149 DR. ANT. ELVAS - FEIJÓ - URB. R. DR. A. ELVAS
- 161 DR. ROSADO FERNANDES
- 164 ENGIL – PORTO – TORRES
- 170 ENG. MENDES BARATA – DAFUNDO
- 177 CARLOS MARTINS – ENG. QUADRADO - SESIMBRA
- 186 UAD – CONJUNTO 1 – DAFUNDO
- 188 BANDAS - TRÓIA
- 205 ENG. GUTERRES – LOURES URB.
- 209 SIURBE/PARQUE ANJOS – ALGÉS

- 212 URB. STA. IRIA DA AZOIA – ENG. JOSÉ GIL
- 230 ERG – SESIMBRA - MORRO
- 286 DR. SIMÕES DA FONSECA
- 405 TORRALTA – EDIFÍCIO SETÚBAL
- 445 ALTO DO MOÍNH0

## II. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DO ARQUIVO DO ATELIER CONCEIÇÃO SILVA

Número do processo e respectivo nome, como consta no registo do Arquivo do *Atelier Conceição Silva*.

- 2 APARTAMENTOS NA BALAIA
- 18 VALADAS E SIMÕES – AMOREIRAS
- 26 SAVELOS – CARCAVELOS, ESTUDO DE URBANIZAÇÃO
- 32 URBANIZAÇÃO S. PEDRO DO ESTORIL
- 33 RAMADA CURTO – SESIMBRA
- 36 ALMADA PP7
- 37 URBANIZAÇÃO EM PALAMES – SESIMBRA
- 41 CONJUNTO HABITACIONAL – ESTRADA DA LUZ
- 52 AQUAZUL PRAIA DA LUZ - APARTAMENTOS
- 69 PRAÇA DE ESPANHA
- 78 CONJUNTO HABITACIONAL – PORTO DE ABRIGO
- 83 ENGIL – RUA ABADE FARIA
- 97 QUINTA ALGAZARRA PP9 – DR. ELVAS
- 105 BLOCOS NO LARANJEIRO
- 131 URBANIZAÇÃO DAFUNDO
- 132 TORRES DE ALFRAGIDE
- 133 APARTAMENTOS EM SESIMBRA
- 149 DR. ANT. ELVAS - FEIJÓ - URB. R. DR. A. ELVAS
- 161 DR. ROSADO FERNANDES
- 164 ENGIL – PORTO – TORRES
- 170 ENG. MENDES BARATA – DAFUNDO
- 177 CARLOS MARTINS – ENG. QUADRADO - SESIMBRA
- 186 UAD – CONJUNTO 1 – DAFUNDO
- 188 BANDAS - TRÓIA
- 205 ENG. GUTERRES – LOURES URB.
- 212 URB. STA. IRIA DA AZOIA – ENG. JOSÉ GIL
- 230 ERG – SESIMBRA - MORRO

### **III. PROCESSOS DE OBRA – ARQUIVOS CAMARÁRIOS**

Número do processo e respectivo nome, como consta nos arquivos camarários. Quando existe mais do que um processo referente a um projecto, colocam-se os vários números seguidos apenas do nome do primeiro.

#### **III.1 Câmara Municipal de Lisboa**

27.886 | 29.757 - EDIFÍCIO NA RUA MARCOS PORTUGAL

16032/61 | 15760/64 | 43300/65 - ENGIL PRÉDIO N.º 2

#### **III.2 Câmara Municipal de Sesimbra**

222/64 - BLOCO DO MOINHO – CONJUNTO DE APARTAMENTOS EM SESIMBRA

127/67 | 42/70 | 54/70 - CONJUNTO HABITACIONAL – PORTO DE ABRIGO

## **BIBLIOGRAFIA**

## I. BIBLIOGRAFIA GERAL

AA/VV - *Anos 60, Anos de Ruptura: arquitectura portuguesa nos anos sessenta*. Lisboa: Sociedade Lisboa 94, Livros Horizonte, 1994.

AA/VV - *Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004.

AA/VV – *IAP XX: Inquérito à Arquitectura do Séc. XX em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006.

FERNANDEZ, Sérgio - *Percurso Arquitectura Portuguesa 1930-1974*. Porto: FAUPpublicações, 1985.

FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no Séc. XX (1911-1961)*. Lisboa: Bertrand Editora, 1974.

MONTANER, Josep Maria –*Depois do movimento moderno – Arquitectura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

PORTAS, Nuno - “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal – uma interpretação”. ZEVI, Bruno - *História da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Arcádia, 1970, pp. 7-23.

PORTAS, Nuno; MENDES, Manuel - *Arquitectura Portuguesa Contemporânea: Anos 60 / Anos 80*. Porto: Fundação de Serralves, 1991.

TOSTÕES, Ana (coord.) - *1.º Congresso Nacional de Arquitectura [edição fac-similada]*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008.

TOSTÕES, Ana - “Arquitectura portuguesa do século XX”. PEREIRA, Paulo (dir.) - *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol.3, 1995, pp. 506-547.

TOSTÕES, Ana - *Os Verdes Anos na Arquitectura portuguesa dos Anos 50*. 2.ª edição. Porto: FAUPpublicações, 1997.

TOSTÕES, Ana; BECKER, Annette; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do Século XX*. Munchen/New York, Lisboa, Prestel/DAM/PF 97, 1998.

## II. BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

### II.1 HABITAÇÃO MULTIFAMILIAR

“Ante-projecto de Blocos de Habitação, Arqs. João Simões, Hernani Gandra, F. Castro Rodrigues, Celestino de Castro e José Huertas Lobo”. *Arquitectura*, n.º 50-51. Lisboa: Novembro-Dezembro de 1953, pp. 18-22.

“Blocos de Habitação. Arqs. Sebastião Formozinho Sanches e Ruy de Atougua”. *Arquitectura*, n.º 53. Lisboa: Novembro-Dezembro de 1954, pp. 2-5.

“Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira”. *Arquitectura*, n.º 53. Lisboa: Novembro-Dezembro de 1954, p.17.

“Unidade de Habitação em Marselha - Le Corbusier”. *Arquitectura*, n.º 50-51. Lisboa: Novembro-Dezembro de 1953, pp. 4-7.

AALTO, Alvar - "A Humanização da Arquitectura". *Arquitectura*, n.º 35. Lisboa: Agosto de 1950, p. 7.

AALTO, Alvar - "O Ovo de Peixe e o Salmão". *Arquitectura*, n.º 46. Lisboa: Fevereiro de 1953, pp. 15-16.

ALMEIDA, Pedro - "Ensaio sobre o espaço da arquitectura (1)". *Arquitectura*, n.º 79. Lisboa: Julho de 1963, pp. 15-22.

ALMEIDA, Pedro - "Ensaio sobre o espaço da arquitectura". *Arquitectura*, n.º 80. Lisboa: Dezembro de 1963, pp. 3-13.

BARRENTO, João F. S. - "A aproximação psico-fisiológica da arquitectura e a actividade do instituto Richard Neutra". *Binário*, n.º 75. Lisboa: Dezembro de 1964, pp. 371-373.

CANDILIS, Georges - "Problemas de Hoje". *Arquitectura*, n.º 77. Lisboa: Janeiro de 1963, pp. 2-5.

CODERCH, José A. - "No son genios lo que necesitamos ahora". *Arquitectura*, n.º 73. Lisboa: Dezembro de 1961, pp.3-4.

ECHAÍDE, Rafael - "Espanha - os pequenos congressos". *Binário*, n.º 31. Lisboa: Abril de 1961, pp. 197-202.

GIEDION, Sigfried - "A Re-Formação da Consciência Colectiva". GIEDION, Sigfried - *Arquitectura e Comunidade*. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.], pp. 76-148.

GROPIUS, Walter - "Construção Baixa, Média ou Alta?". *Jornal Arquitectos*, n.º 205. Lisboa: Março-Abril de 2002, pp. 19-21.

LOBO, Vasco - "Política da Habitação". *Arquitectura*, n.º 109. Lisboa: Maio-Junho de 1969, pp. 99-100.



ORTIZ-ECHAGUE, César - "40 anos de arquitectura espanhola". *Binário*, n.º 25. Lisboa: Outubro de 1960, pp. 325-330.

ORTIZ-ECHAGUE, César - "40 anos de arquitectura espanhola (conclusão)". *Binário*, n.º 27. Lisboa: Dezembro de 1960, pp. 437-444.

PEREIRA, Nuno Teotónio - "Habitações para o maior número". *Arquitectura*, n.º 110. Lisboa: Agosto-Setembro de 1969, pp. 181-183.

PEREIRA, Raul da Silva - "O problema da habitação em Portugal: necessidades e sua evolução". *Arquitectura*, n.º 101. Lisboa: Janeiro-Fevereiro de 1968, pp. 6-9.

PEREIRA, Nuno Teotónio - "Problemas de Política Habitacional". *Brotéria*, vol. LXXXII n.º 4. Lisboa: Abril de 1966, pp. 478-488.

PORTAS, Nuno - "A obra de José A. Coderch e M. Valls Vergés". *Arquitectura*, n.º 73. Lisboa: Dezembro de 1961, pp. 11-12.

PORTAS, Nuno - "Considerações sobre o Organismo Distributivo das Habitações". *Arquitectura*, n.º 69. Lisboa: Novembro-Dezembro de 1960, pp. 48-52.

SILVA, F. Gomes da - "Prédios de rendimento em Lisboa". *Arquitectura*, n.º 67. Lisboa: Abril de 1960, pp. 16-49.

STAHL, Frances - "Forças de formação da Arquitectura Americana Contemporânea". *Binário*, n.º 37. Lisboa: Outubro de 1961, pp. 601-622.

## **II.2 FRANCISCO DA CONCEIÇÃO SILVA**

"3 lojas em Lisboa: arq. Conceição Silva". *Arquitectura*, n.º 82. Lisboa: Junho de 1964, pp. 65-69.

"Alguns trabalhos do Atelier Conceição Silva". *Arquitectura*, n.º 127-128. Lisboa: Junho de 1973, pp. 32-43.

"Arranjo de um sótão". *Arquitectura*, n.º 42. Lisboa: Maio de 1952, p. 9.

"Conjunto da Galé (Tróia)". *Binário*, n.º 177-178. Lisboa: Junho-Julho de 1973, pp. 241-245.

"Dior: um estabelecimento moderno em Lisboa". *Arquitectura*, n.º 52. Lisboa: Fevereiro-Março de 1954, pp. 4-6.

"Duas lojas em Lisboa: Naia; 5A". *Binário*, n.º 84. Lisboa: Setembro de 1965, pp. 918-921.

"Edifício comercial em Lisboa". *Binário*, n.º 171. Lisboa: Dezembro de 1972, pp. 522-527.

"Hotel da Balaia". *Arquitectura*, n.º 108. Lisboa: Março-Abril de 1969, pp. 52-65.

"Hotel do Mar". *Binário*, n.º 66. Lisboa: Março de 1964, pp. 155-162.

"Instituto de Beleza Mme. Campos". *Binário*, n.º 1. Lisboa: Abril de 1958, pp. 27-29.

"Mercearia na Estefânia". *Arquitectura*, n.º 57-58. Lisboa: Janeiro-Fevereiro de 1957, pp. 36-37.

"Moradia no Estoril". *Arquitectura*, n.º 32. Lisboa: Agosto-Setembro de 1949, pp. 4-6.

"Moradias na Balaia". *Arquitectura*, n.º 108. Lisboa: Março-Abril de 1969, pp. 66-67.

"O desenvolvimento turístico da península de Tróia". *Binário*, n.º 177-178. Lisboa: Junho-Julho de 1973, pp. 234-235.

"Pavilhão de Portugal na Feira de Lausanne". *Binário*, n.º 7. Lisboa: Outubro de 1958, pp. 20-23.

"Uma loja de discos". *Arquitectura*, n.º 108. Lisboa: Março-Abril de 1969, pp. 70-73.

AMARAL, Keil do Amaral - "Entrevista: A empresa de grande dimensão contra o arquitecto de vão de escada (que trabalha sozinho), é um tema de grande actualidade, mas acerca do qual se criaram confusões de vulto". *Arquitectura*, n.º 125. Lisboa: Agosto de 1972, pp. 46-48.

BARATA, Paulo Martins - "Conceição Silva: poética sem retórica". *Prototipo*, n.º 004. Lisboa: Novembro de 2000, pp. 38-69.

CALDAS, João Vieira; GOMES, Paulo Varela - "Conceição Silva: as referências do moderno português". *Expresso*. Lisboa: 13 de Junho de 1987, pp. 58-59.

CARDOSO, Mário - "Entrevista: O aparecimento de novos processos de construção importados de países tecnicamente mais evoluídos influenciará as formas tradicionais de projectar no nosso país - arq. Francisco Conceição Silva". *Arquitectura*, n.º 120. Lisboa: Março-Abril de 1971, pp. 42-46.

CHICÓ, Henrique - "Sete anos de trabalho no Brasil". *Arquitectura*, n.º 50. Lisboa: Julho-Agosto de 1973, pp. 34-45.

DUARTE, Carlos - "A casa de um arquitecto". *Arquitectura*, n.º 105-106. Lisboa: Setembro-Dezembro de 1968, pp. 204-206.

DUARTE, Carlos - "Design, ambiente e moda a propósito de duas obras de Conceição Silva". *Arquitectura*, n.º 100. Lisboa: Novembro-Dezembro de 1967, pp. 261-264.

HIPÓLITO, Fernando - "Histórias de uma casa moderna: Casa Dr. Ribeiro da Cunha, 1955". *Jornal Arquitectos*, n.º 133. Lisboa: Março de 1994, p. 18.

LEAL, J. - "Decoração de três lojas em Lisboa". *Arquitectura*, n.º 92. Lisboa: Março-Abril de 1966, pp. 83-87.

LEITE, Inês - "Atelier Conceição Silva: Território e Turismo". *Jornal Arquitectos*, n.º 227. Lisboa: Abril-Junho de 2007, pp. 26-31.

MEDEIROS, Goulart - "Hotel do Mar". *Arquitectura*, n.º 80. Lisboa: Dezembro de 1963, pp. 22-27.

PEREIRA, Michel Toussaint Alves - "A actualidade de Conceição Silva". *Jornal Arquitectos*, n.º 58. Lisboa: Junho de 1987, p. 8.

SILVA, F. Gomes da - "Prédio na Rua Marcos Portugal". *Arquitectura*, n.º 67. Lisboa: Abril de 1960, pp. 18-23.

SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987.

VELOSO, António - "O arquitecto Conceição Silva". *Jornal Arquitectos*, n.º 8-9. Lisboa: Agosto de 1982, p. 19.

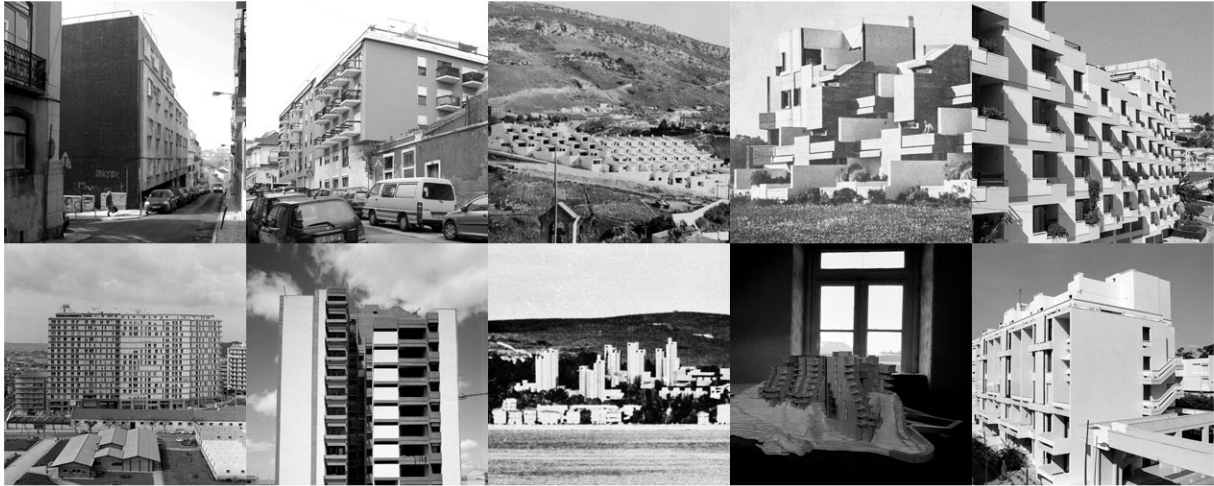
### III. DISSERTAÇÕES

AGAREZ, Ricardo - *Arquitectura de habitação multifamiliar: Lisboa anos 1950*. Lisboa: [s.n.] 2003. 2 vol. (307; VI, 533 p.). Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

LEITE, Inês - *Francisco da Conceição Silva*. Lisboa: [s.n.] 2007. 2 vol. (XXIX, 279; 172 f.). Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO  
Universidade Técnica de Lisboa



# UM EXPERIMENTALISMO ESQUECIDO A HABITAÇÃO MULTIFAMILIAR DE FRANCISCO DA CONCEIÇÃO SILVA

VOLUME II - ANEXOS

**Tiago Polido Cristóvão Rodrigues**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**ARQUITECTURA**

**Júri**

Presidente: Prof. António Barreiros Ferreira

Orientador: Prof. Doutor João Vieira Caldas

Vogal: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Tostões

DEZEMBRO 2009

# ÍNDICE

## VOLUME II

Anexo I	Lista geral de obras e projectos	00
Anexo II	Fichas Simplificadas da informação recolhida	05
	FICHA 01 EDIFÍCIO NA R. S. JOÃO DA MATA	06
	FICHA 02 SAVELOS - CARCAVELOS, ESTUDO DE URBANIZAÇÃO	07
	FICHA 03 URBANIZAÇÃO S. PEDRO DO ESTORIL	09
	FICHA 04 RAMADA CURTO – SESIMBRA	11
	FICHA 05 CAXIAS - 1 (LOTE A/B)	13
	FICHA 06 ALMADA PP7	14
	FICHA 07 URBANIZAÇÃO EM PALAMES – SESIMBRA	16
	FICHA 08 CONJUNTO HABITACIONAL - ESTRADA DA LUZ	18
	FICHA 09 AQUAZUL PRAIA DA LUZ – APARTAMENTOS	20
	FICHA 10 PRAÇA DE ESPANHA	22
	FICHA 11 QUINTA ALGAZARRA PP9 - DR. ELVAS	24
	FICHA 12 BLOCOS NO LARANJEIRO	26
	FICHA 13 URBANIZAÇÃO LARANJEIRO - V. CARVALHO	27
	FICHA 14 APARTAMENTOS EM SESIMBRA	29
	FICHA 15 DR. ANT. ELVAS - FEIJÓ - URB. R. DR. A. ELVAS	30
	FICHA 16 DR. ROSADO FERNANDES - URB. NO LARANJEIRO	31
	FICHA 17 ENGIL - PORTO – TORRES	33
	FICHA 18 ENG.º MENDES BARATA – DAFUNDO	34
	FICHA 19 CARLOS MARTINS - ENG.º QUADRADO – SESIMBRA	36
	FICHA 20 ENG.º GUTERRES - LOURES URB.	37
	FICHA 21 SIURBE/PARQUE ANJOS – ALGÉS	40
	FICHA 22 URB. ST.ª IRIA AZOIA - ENG.º JOSÉ GIL	43
	FICHA 23 DR. SIMÕES DA FONSECA	44
	FICHA 24 TORRALTA - EDIFÍCIO SETÚBAL	46
Anexo III	Fichas dos Casos de Estudo	47
	FICHA 01 EDIFÍCIO NA R. MARCOS PORTUGAL COM A R. DA IMPRENSA NACIONAL	48
	FICHA 02 ENGIL PRÉDIO N.º 2	54
	FICHA 03 BLOCO DO MOINHO – CONJUNTO DE APARTAMENTOS EM SESIMBRA	58
	FICHA 04 APARTAMENTOS NA BALAIA	66

FICHA 05	CONJUNTO HABITACIONAL – PORTO DE ABRIGO	71
FICHA 06	VALADAS E SIMÕES - AMOREIRAS	79
FICHA 07	TORRES DE ALFRAGIDE	85
FICHA 08	URBANIZAÇÃO DAFUNDO	89
FICHA 09	ERG. – SESIMBRA – MORRO	95
FICHA 10	BANDAS – TRÓIA	100

**ANEXO I**  
LISTA GERAL DE OBRAS E PROJECTOS

data projecto	nome	n.º arquivo do ACS			
1955-1956	<b>EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO ECONÓMICA</b> Rua Luís de Camões / Rua Manuel Pereira Roldão, Marinha Grande.	?	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	
?	<b>EDIFÍCIO NA RUA DO PATROCÍNIO</b> Rua do Patrocínio n.º 60 / Travessa do Patrocínio, Lisboa.	?	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	
?	<b>EDIFÍCIO NA TRAVESSA DO PATROCÍNIO</b> Travessa do Patrocínio n.º 19, Lisboa.	?	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	
1953-1954	<b>EDIFÍCIO NA RUA MARCOS PORTUGAL</b> Rua Marcos Portugal n.º 91, Rua da Imprensa Nacional n.º 64, Lisboa.	A,094	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO III 01
1963	<b>EDIFÍCIO NA R. S. JOÃO DA MATA</b> Rua S. João da Mata, n.º 117 e 119, Lisboa.	A,124	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 01
1961?	<b>ENGL PRÉDIO N.º 2</b> Rua das Praças n.º 100, Rua de S. Félix n.º 37, Lapa, Lisboa.	A,289	CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO III 02
1964-1966	<b>BLOCO DO MOINHO - CONJUNTO DE APARTAMENTOS</b> Sesimbra.	A,314, A,353, 463	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO III 03
1966-1968	<b>APARTAMENTOS NA BALAIA</b> Albufeira.	2, 50, 73	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO III 04
	DR. MÁRIO FERNANDO P. PINTO	8			
	GARRÃO - URB.	13			
	SALEMA - URB.	14			
	PORTO DE MÓS - CONJUNTO RESIDENCIAL	15			
1967-1971	<b>VALADAS E SIMÕES - AMOREIRAS</b> Avenida Conselheiro Fernando de Sousa n.º 21, Lisboa.	18	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO III 06
	MARIA DA GRAÇA B. DE CARVALHO	19			
	MARIA DA GRAÇA B. DE CARVALHO - VAU	20			
	CONJUNTO RESIDENCIAL - SESIMBRA - ROQUE	21			
1967	<b>SAVELOS - CARCAVELOS, ESTUDO DE URBANIZAÇÃO</b> Quinta Nova de St.º António, Carcavelos, Cascais.	26	NÃO CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO II 02
	QUARTEIRA - DUARTE JÚNIOR	28			
	EDUARDO CARDOSO PEREIRA - SESIMBRA	31			
1967	<b>URBANIZAÇÃO S. PEDRO DO ESTORIL</b> S. Pedro do Estoril, Parede e Murtal.	32	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 03
1966-1972	<b>RAMADA CURTO - SESIMBRA</b> Rua Amélia Frade, Sesimbra.	33	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 04
1966	<b>CAXIAS - 1 (LOTE A/B)</b> Rua de Goa, Laveiras, Caxias.	34	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO II 05
	DR. ANTÓNIO ELVAS - ALMADA	35			
1970-1973	<b>ALMADA PP7</b> Almada.	36, 107, 216, 246	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 06
1965	<b>URBANIZAÇÃO EM PALAMES - SESIMBRA</b> Sesimbra.	37	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 07



data projecto	nome	n.º arquivo do ACS			
1967-1970	<b>CONJUNTO HABITACIONAL - PORTO DE ABRIGO</b> Sesimbra.	37,78, 89, 342	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO III 05
1970?	CONJUNTO HABITACIONAL - ESTRADA DA LUZ Estrada da Luz, Lisboa.	41, 61, 233	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 08
1968-1975	AQUAZUL PRAIA DA LUZ - APARTAMENTOS Praia da Luz, Lagos.	52,146	NÃO CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO II 09
	URB. BOAVISTA - LAGOS	58			
	QUINTA DA AFURADA - URB.	67			
?	PRAÇA DE ESPANHA Praça de Espanha, Lisboa.	69	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 10
	APARTAMENTOS NO GUINCHO - HETHERLY	72			
	OLHOS DE ÁGUA - NÚCLEO 1, NÚCLEO 2	75, 79			
1968-1969	ENGIL - RUA ABADE FARIA Rua Abade Faria, Av. Afonso Costa n.º 10, Lisboa.	83	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO II 11
	TORRALTA - APARTAMENTOS - ALVOR	95			
?	QUINTA ALGAZARRA PP9 - DR. ELVAS Almada.	97	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 12
1968	BLOCOS NO LARANJEIRO Laranjeiro, Almada.	105	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 13
	SALVADOR VIEIRA FALE - CANEÇAS	106			
1973?	URBANIZAÇÃO LARANJEIRO - V. CARVALHO Laranjeiro, Almada.	118	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 14
	AQUAZUL - ALVOR	124			
	APARTAMENTO EM SESIMBRA - ESPADARTE	128			
	URBANIZAÇÃO SASSOEIROS	130			
1969-1971	<b>URBANIZAÇÃO DAFUNDO</b> Alto do Dafundo, Oeiras.	131	NÃO CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO III 08
1968-1971	<b>TORRES DE ALFRAGIDE</b> Alfragide, Lisboa.	132, 160, 169, 182, 200, 223, 298, 304	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO III 07
1968	APARTAMENTOS EM SESIMBRA Largo José António Pereira, Sesimbra.	133	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 15
	QUINTA DA ALEMBRANÇÀ - ALMADA	142			
	DR. ANT. ELVAS - C. CAPARICA - R. MESTRE MAN.	147			
	DR. ANT. ELVAS - C. CAPARICA - R. FRANC. INÁ.	148			
1969-1970	DR. ANT. ELVAS - FEIJÓ - URB. R. DR. A. ELVAS Rua Dr. António Resende Elvas   Rua Ramalho Ortigão, Feijó, Almada.	149	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 16
	ALVES DE PATAIAS - URB. ALCOBAÇA	155			

data projecto	nome	n.º arquivo do ACS			
1964-1972	DR. ROSADO FERNANDES - URB. NO LARANJEIRO E-708, Laranjeiro, Almada.	161	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 17
	ICOSAL - QUELUZ	163			
?	ENGIL - PORTO - TORRES Porto.	164	?	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 18
	CONJUNTO RESIDENCIAL NOVA YORK	165			
1974?	ENG.º MENDES BARATA - DAFUNDO	170, 354	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO II 19
	DOMINGOS R. SILVA - 2.ª CIRCULAR	173			
1969-1970	CARLOS MARTINS - ENG.º QUADRADO - SESIMBRA Argéis, Sesimbra.	177, 221	NÃO CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO II 20
	ENG.º FARIA BLANQUE - CASCAIS	183			
1969	UAD - CONJUNTO 1 - DAFUNDO Rua Sacadura Cabral, Alto do Dafundo, Oeiras.	186, 317, 362	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 21
1970-1974	<b>BANDAS - TRÓIA</b> Tróia.	188, 208, 231	CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO III 10
	ENG.º LAMPREIA - SESIMBRA - APARTAMENTOS	192			
1970?	ENG.º GUTERRES - LOURES URB. Loures.	205	?	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 22
1973	SIURBE/PARQUE ANJOS - ALGÉS Algés, Lisboa.	209	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 23
	C. M. LOURES - URB.	210			
1970	URB. ST.ª IRIA AZOIA - ENG.º JOSÉ GIL Santa Iria da Azoia.	212	?	PUBLICADO	ANEXO II 24
	URB. ALMADA DR. ADELINO SIMÃO	222			
1970-71	<b>ERG - SESIMBRA - MORRO</b> Ponta do Albatroz, Sesimbra.	230, 336	NÃO CONSTRUÍDO	PUBLICADO	ANEXO III 09
	SIURBE - PAREDE - APARTAMENTOS	239			
	ADÉRITO PASCOAL COELHO -URB. 245	240			
	DR. FRANCISCO MAIA - URB. 45	241			
	FRANCISCO P. SANTOS - URB. 245	242			
	RAUL ABREU SANTOS - URB. 245	243			
	ENG.º ADELINO PAIS CLEMENTE 245	244			
	URB. OLHO DE VIDRO - ALMADA	245			
	ENG.º CÉU SIMÕES - URB. LOURES	250			

data projecto	nome	n.º arquivo do ACS			
	QUINTA DA CRUZ DA PICACA ÉVORA - URB.	256			
	IVO CRUZ - CARCAVELOS	259			
	URB. ANA MARIA THEMUDO BARATA - CANEÇAS	277			
?	DR. SIMÕES DA FONSECA Sesimbra.	286	NÃO CONSTRUÍDO	NÃO PUBLICADO	ANEXO II 25
	C. M. PORTIMÃO - URB.	299			
	SOBIGER - RUA GONÇALVES CRESPO	300			
	SALLETE TAVARES - AV. DEFENSORES DE CHAVES	308			
	C. M. PORTIMÃO - COCA MARAVILHAS	315			
	TORRALTA - BANDA 2	382			
1973-1974	TORRALTA - EDIFÍCIO SETÚBAL Av. Luisa Todi   Rua dos Trabalhadores do Mar, Setúbal.	405	NÃO CONSTRUÍDO	PUBLICADO	
	URBANIZAÇÃO DE TRÓIA (2)	421			
	T04	429			
	T05	430			
	T06	431			
	AGLOMERADO HABITACIONAL DA MARINA	432			
	ALTO DO MOINHO SETÚBAL	445			
	N.º SR.º DA ARRÁBIDA - SETÚBAL	449			
	SIMÕES & COMP.º - AV. GOMES PEREIRA	454			
	BANDA 3	464			
	APARTAMENTOS DO SADO	465			
	NÚCLEO HABITACIONAL DO SADO	471			
	SIMOPRE - TORRES DO TEJO	477			
1974	URBANIZAÇÃO DO ALVITO Lisboa.	483	NÃO CONSTRUÍDO	PUBLICADO	

**ANEXO II**  
FICHAS SIMPLIFICADAS DA INFORMAÇÃO RECOLHIDA



## SAVELOS - CARCAVELOS, ESTUDO DE URBANIZAÇÃO

Quinta Nova de St.º António, Carcavelos, Cascais

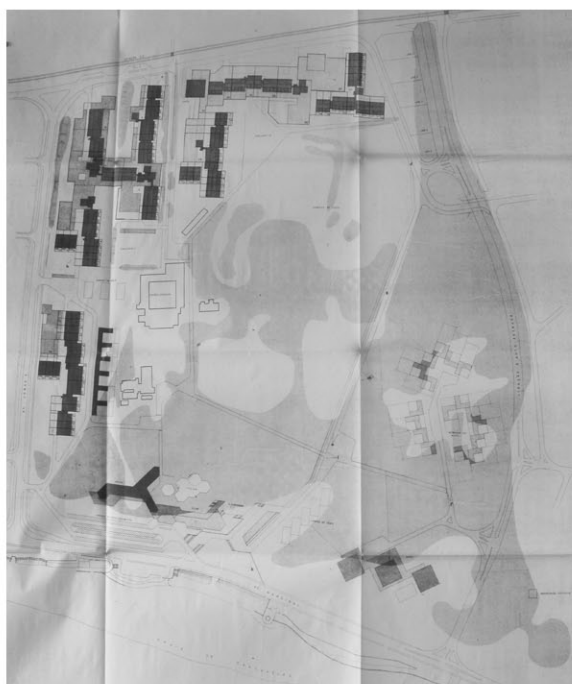
1967

# 02

n.º arquivo ACS 26

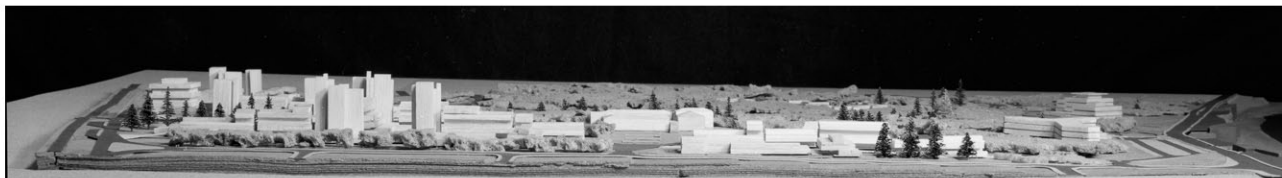
NÃO CONSTRUÍDO

PUBLICADO SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.93.



---

**SAVELOS - CARCAVELOS, ESTUDO DE URBANIZAÇÃO**



---

## URBANIZAÇÃO S. PEDRO DO ESTORIL

S. Pedro do Estoril, Parede e Murtal

1967

# 03

n.º arquivo ACS 32

NÃO CONSTRUÍDO

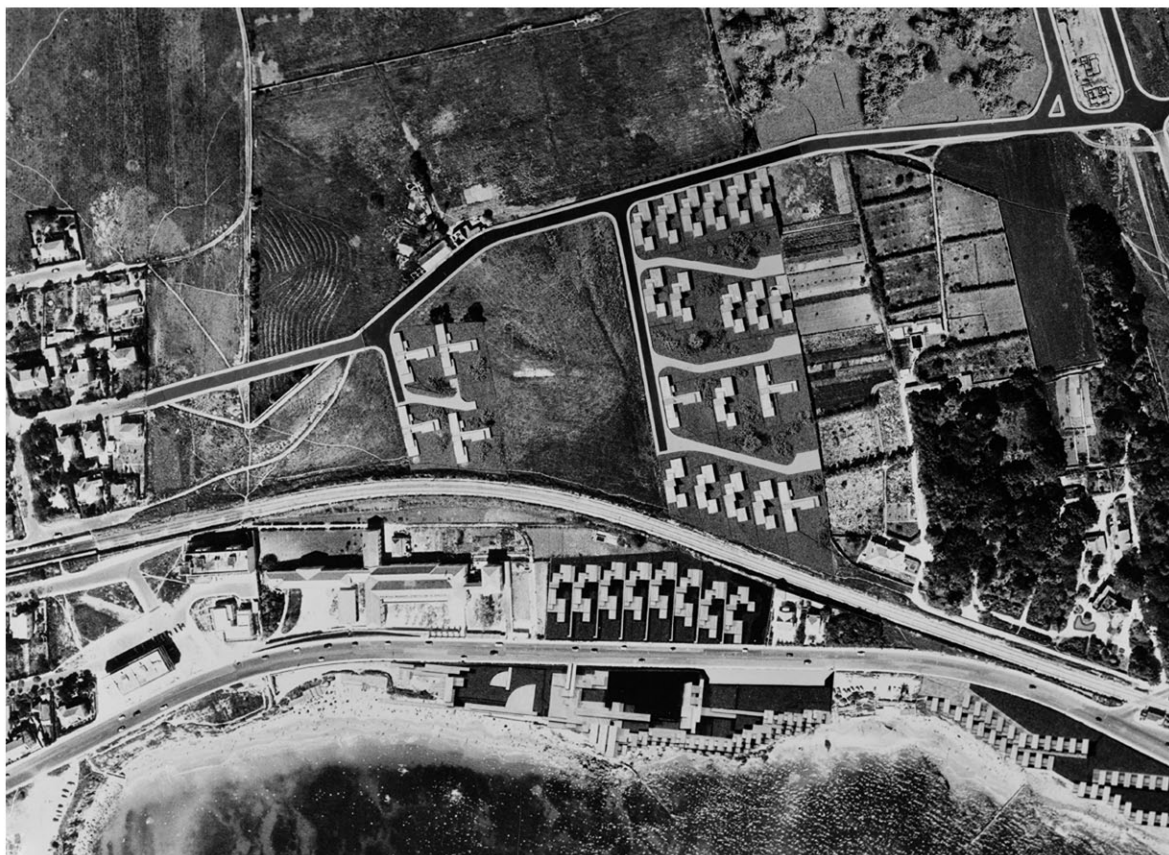
NÃO PUBLICADO

---





URBANIZAÇÃO S. PEDRO DO ESTORIL



## RAMADA CURTO - SESIMBRA

Rua Amélia Frade, Sesimbra

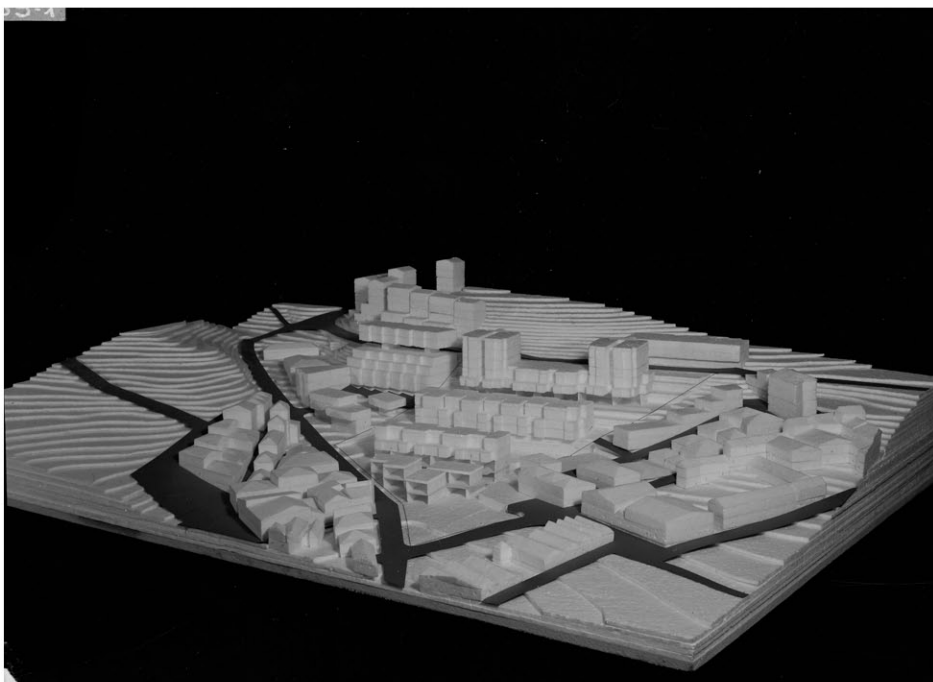
1966-1972

# 04

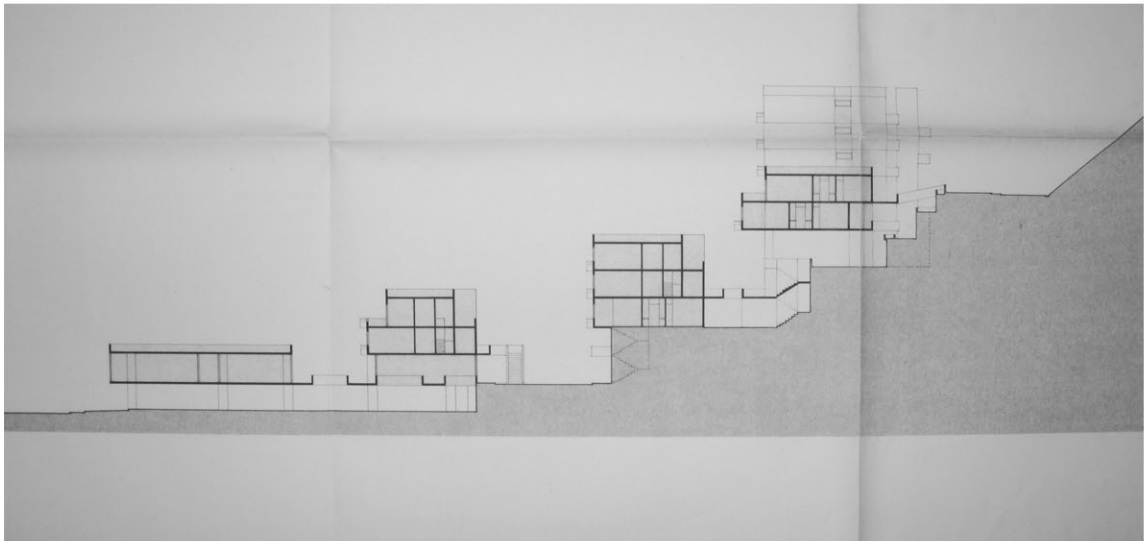
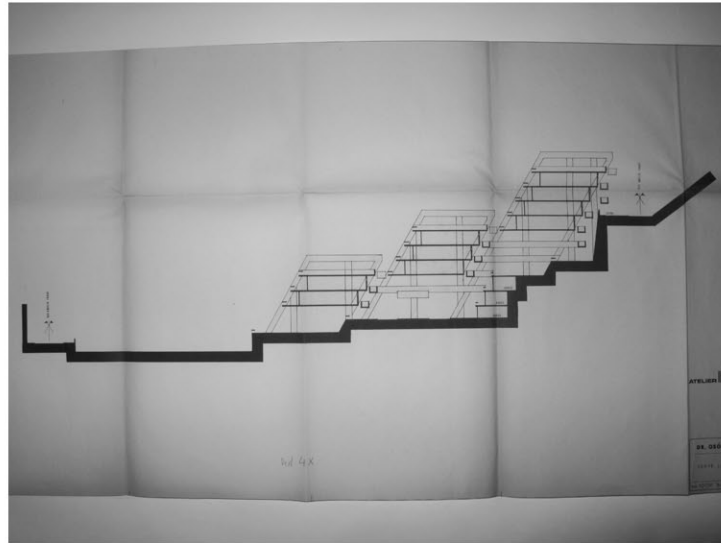
n.º arquivo ACS 33

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO



RAMADA CURTO - SESIMBRA



## CAXIAS - 1 (LOTE A/B)

Rua de Goa, Laveiras, Caxias

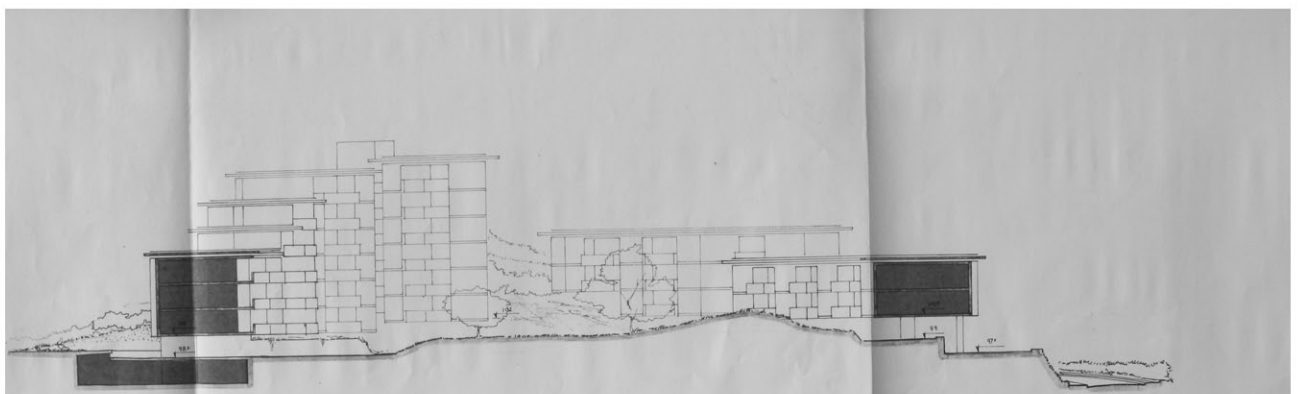
1966

# 05

n.º arquivo ACS 34

CONSTRUÍDO

PUBLICADO SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.85.



---

**ALMADA PP7**

Almada  
1970-1973

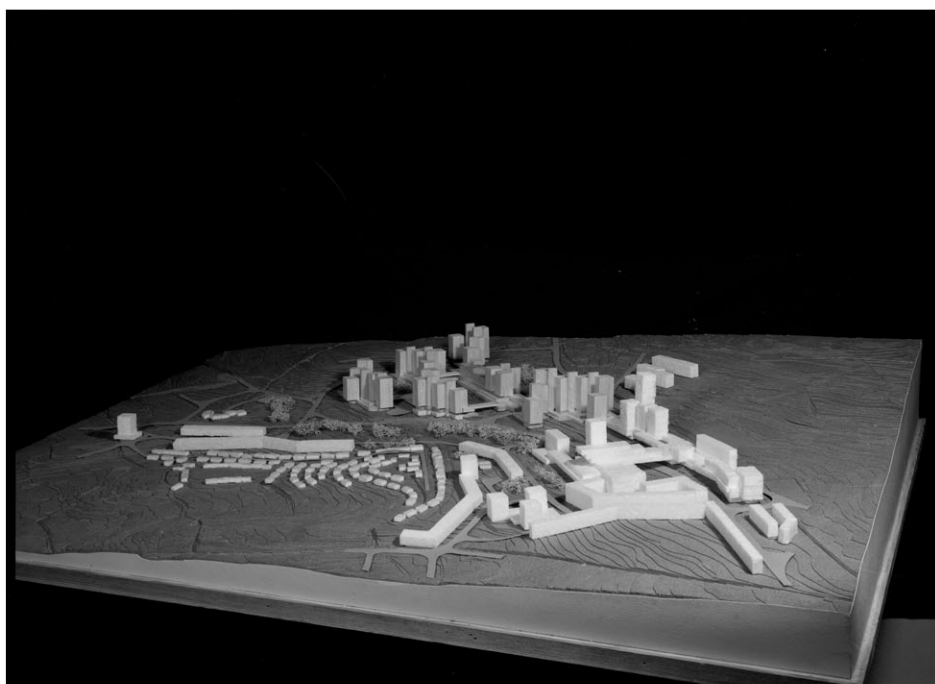
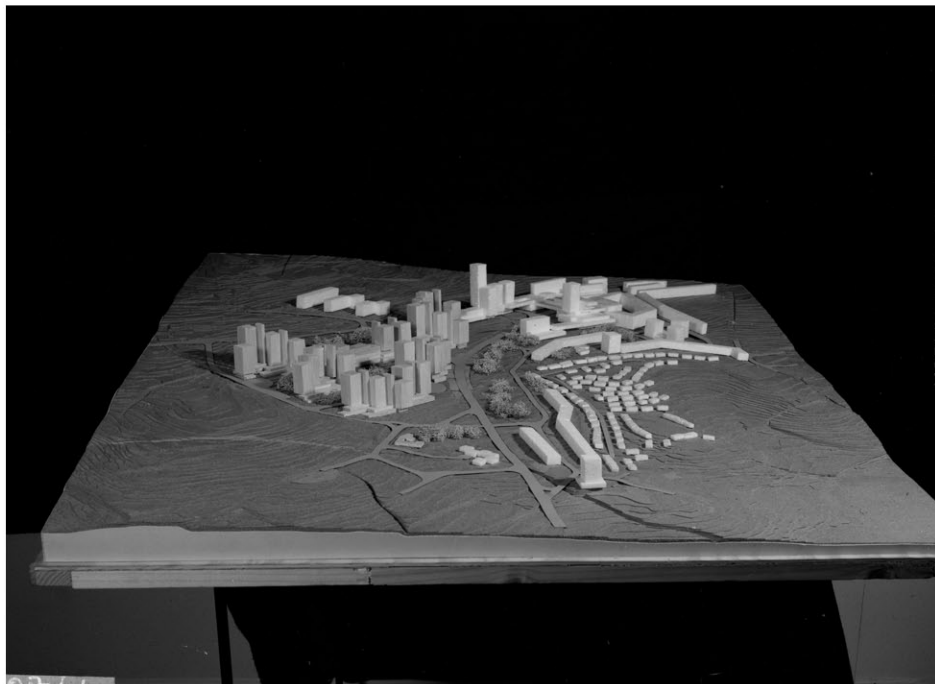
**06**

n.º arquivo ACS 36, 107, 216, 246

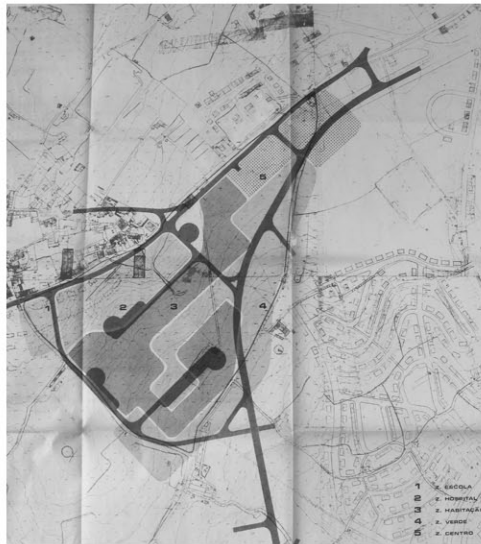
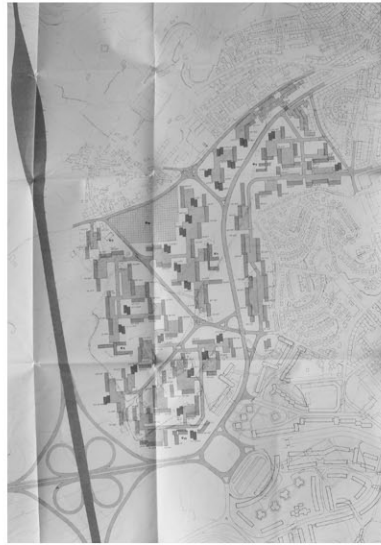
NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO

---



ALMADA PP7



## URBANIZAÇÃO EM PALAMES - SESIMBRA

Sesimbra

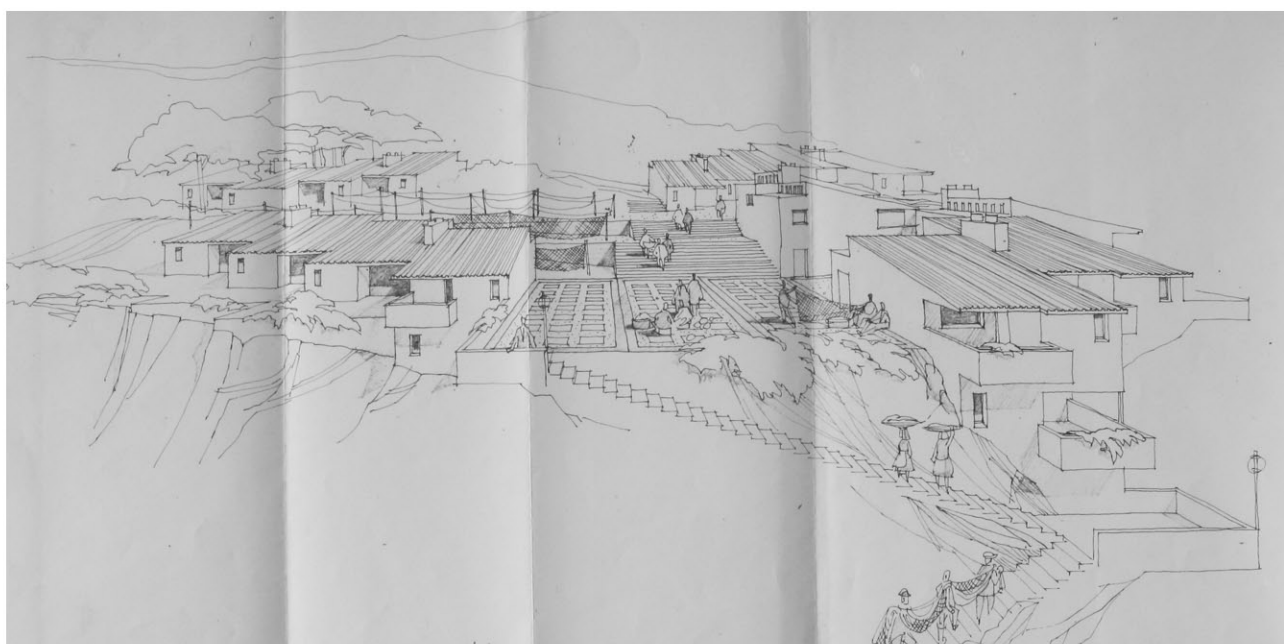
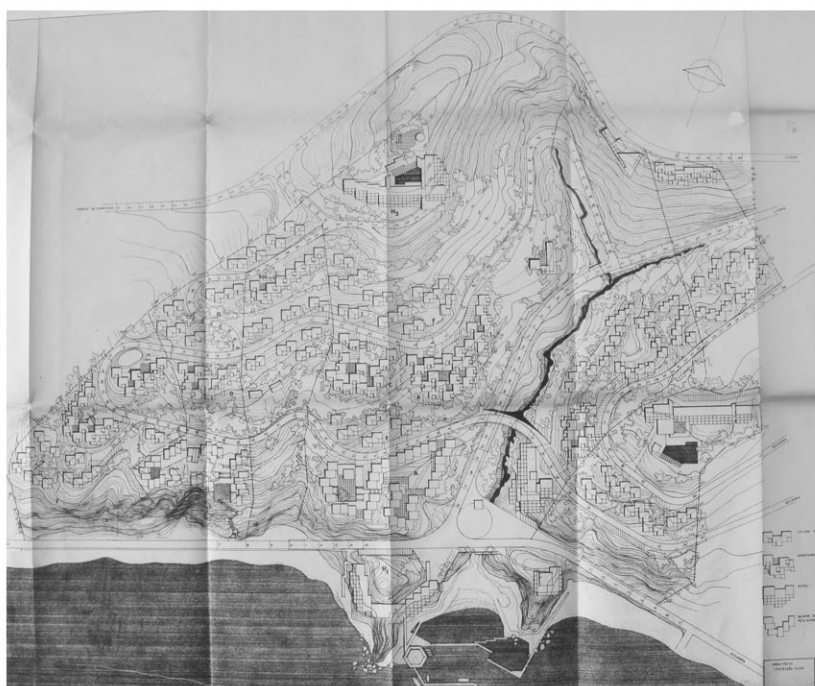
1965

# 07

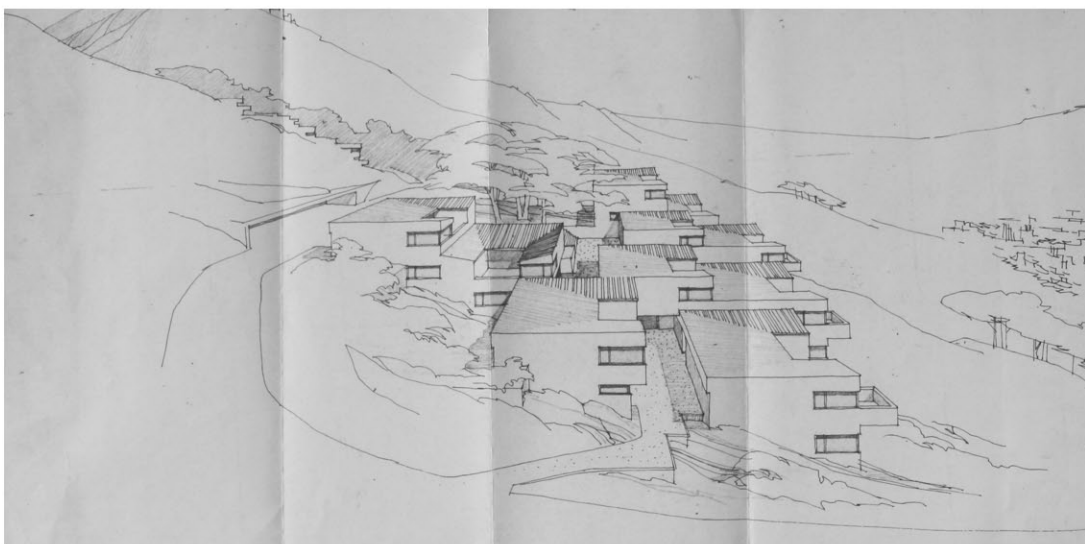
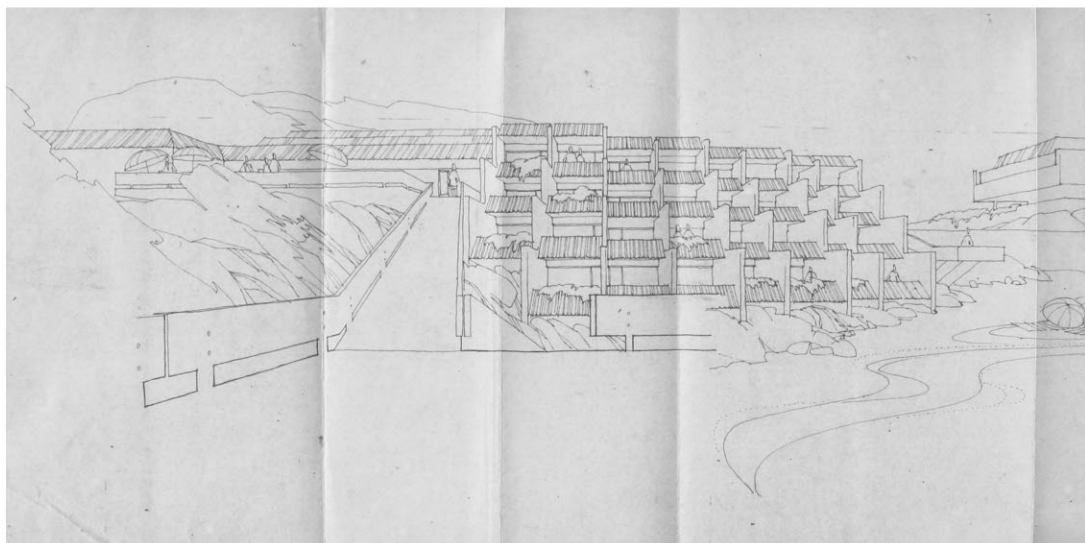
n.º arquivo ACS 37

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO



URBANIZAÇÃO EM PALAMES - SESIMBRA





## CONJUNTO HABITACIONAL - ESTRADA DA LUZ

Estrada da Luz, Lisboa

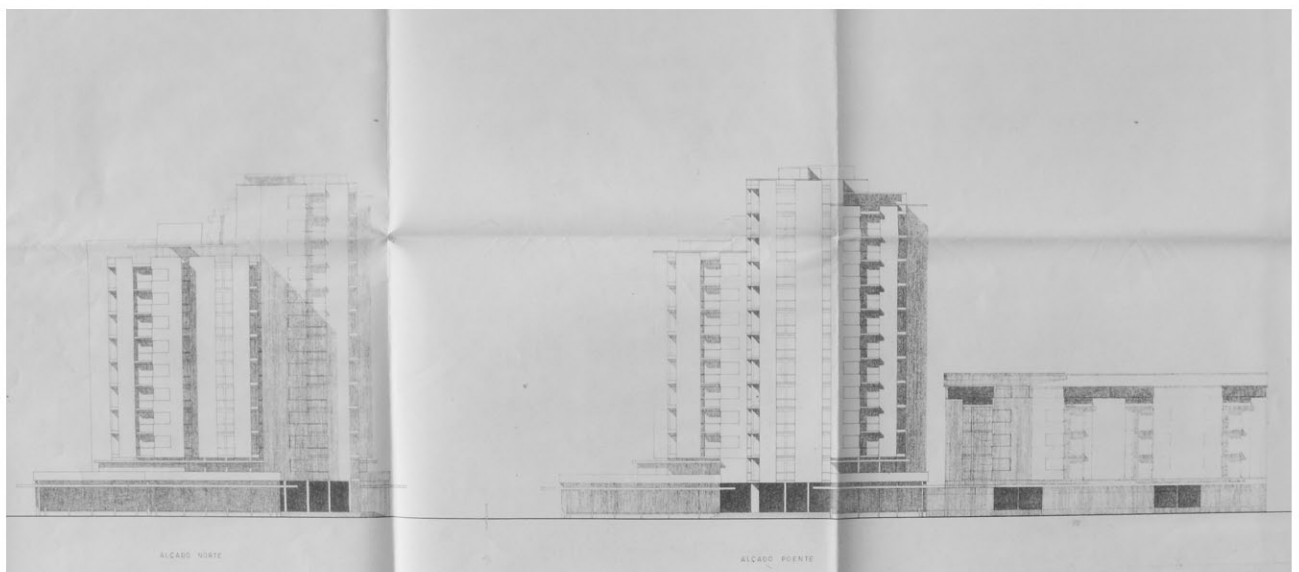
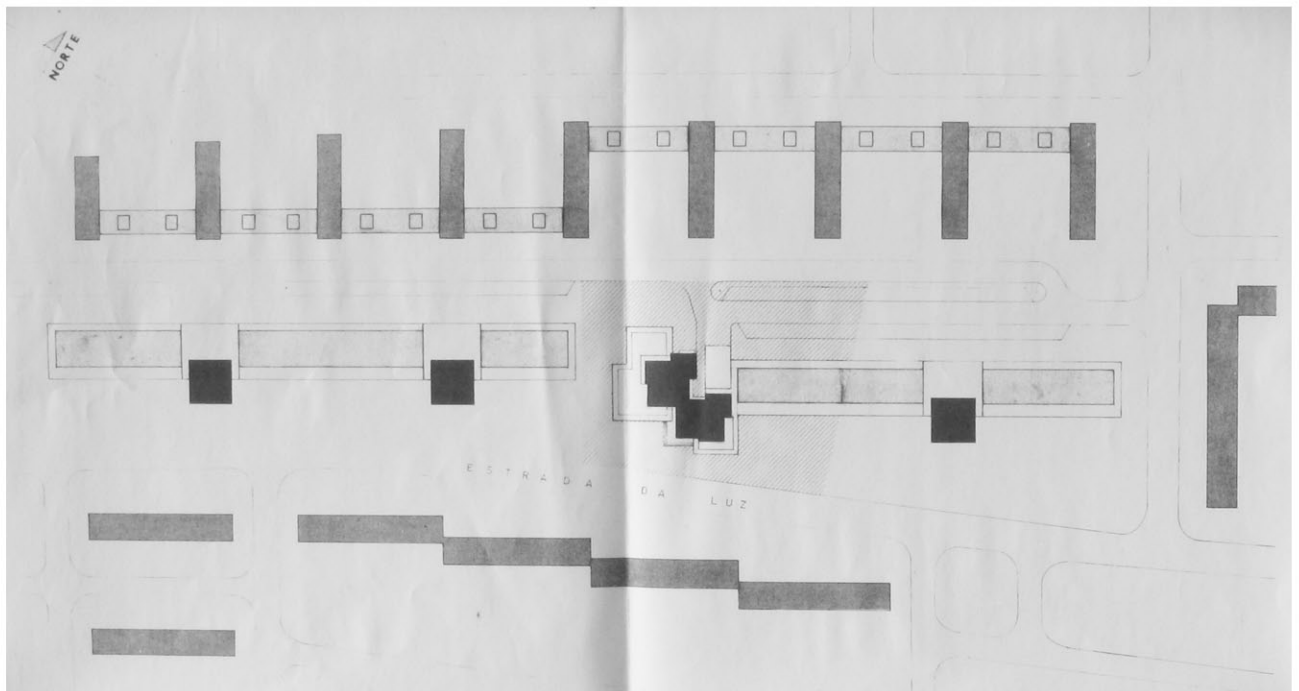
1970?

# 08

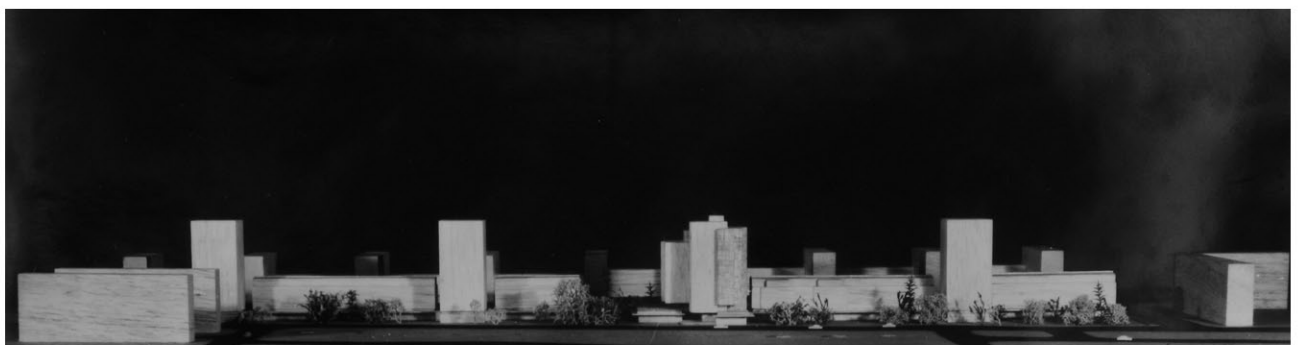
n.º arquivo ACS 41, 61, 233

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO



CONJUNTO HABITACIONAL - ESTRADA DA LUZ



## AQUAZUL PRAIA DA LUZ - APARTAMENTOS

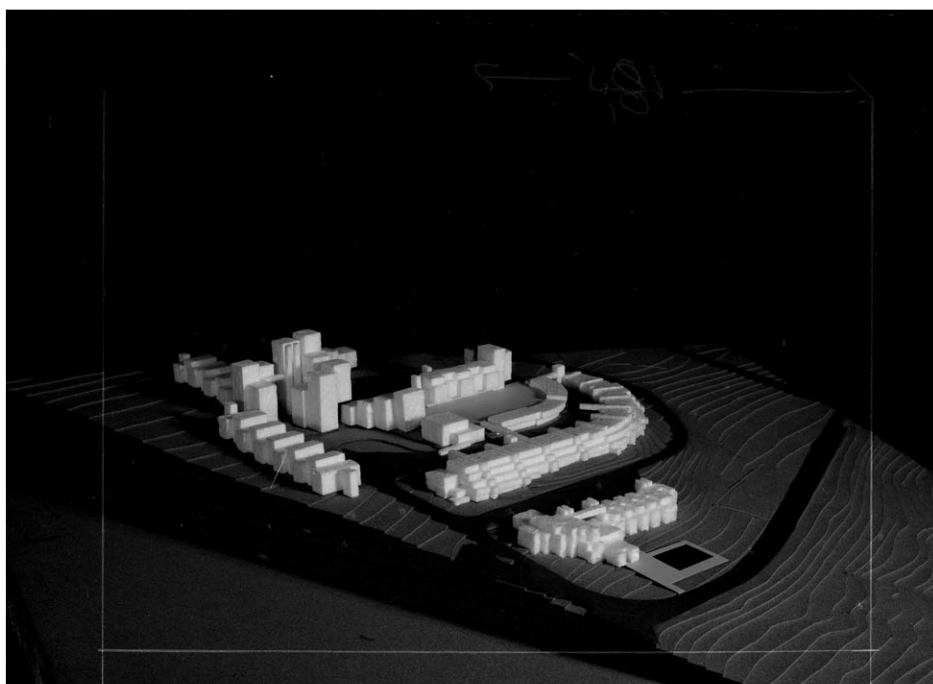
Praia da Luz, Lagos  
1968-1975

# 09

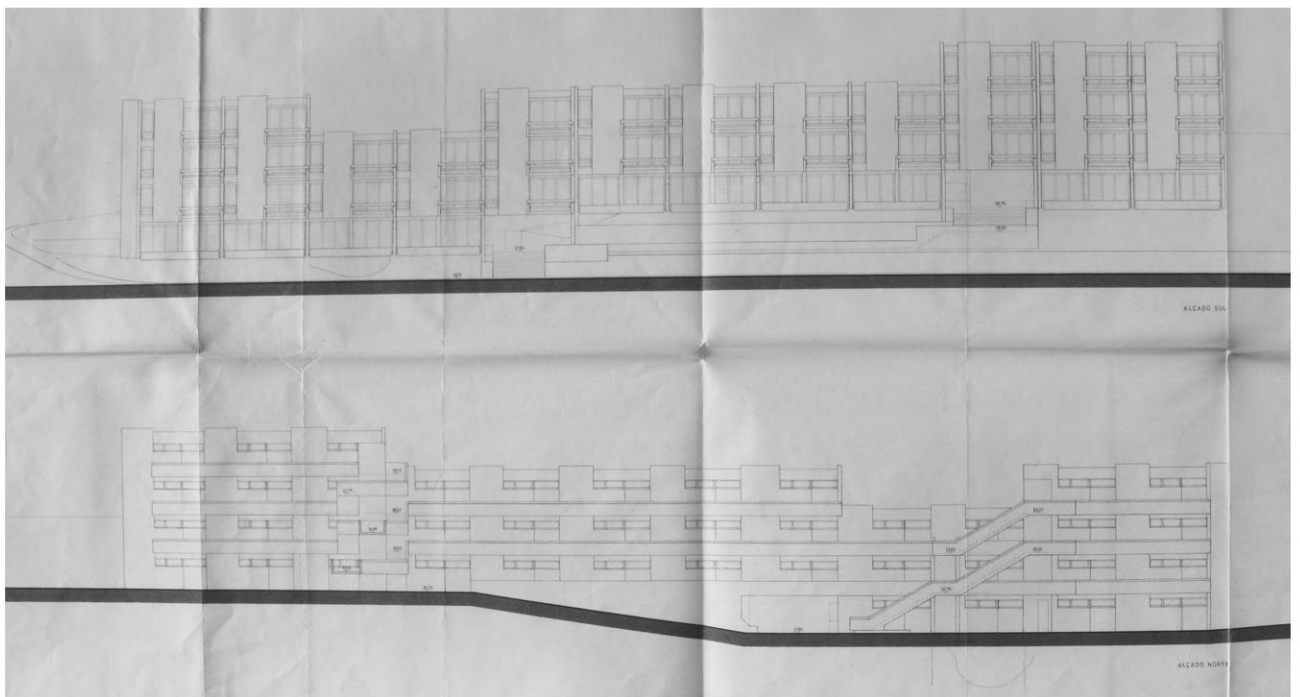
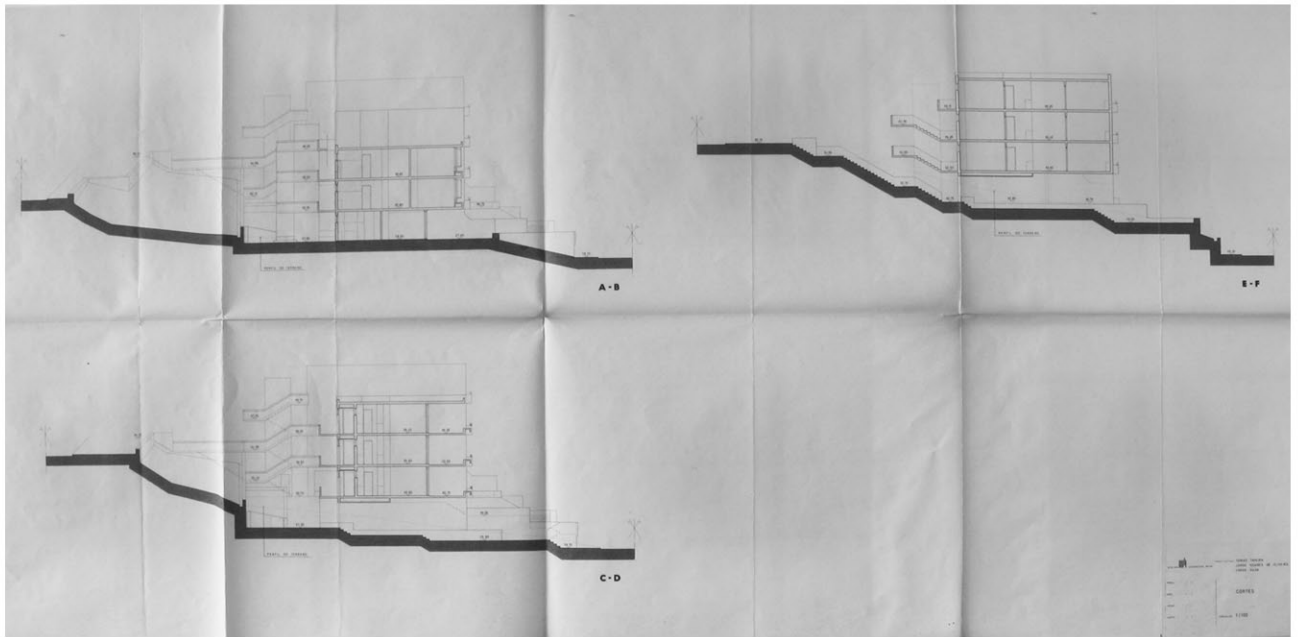
n.º arquivo ACS 52,146

NÃO CONSTRUÍDO

PUBLICADO SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.120.



# AQUAZUL PRAIA DA LUZ - APARTAMENTOS



## PRAÇA DE ESPANHA

Praça de Espanha, Lisboa.

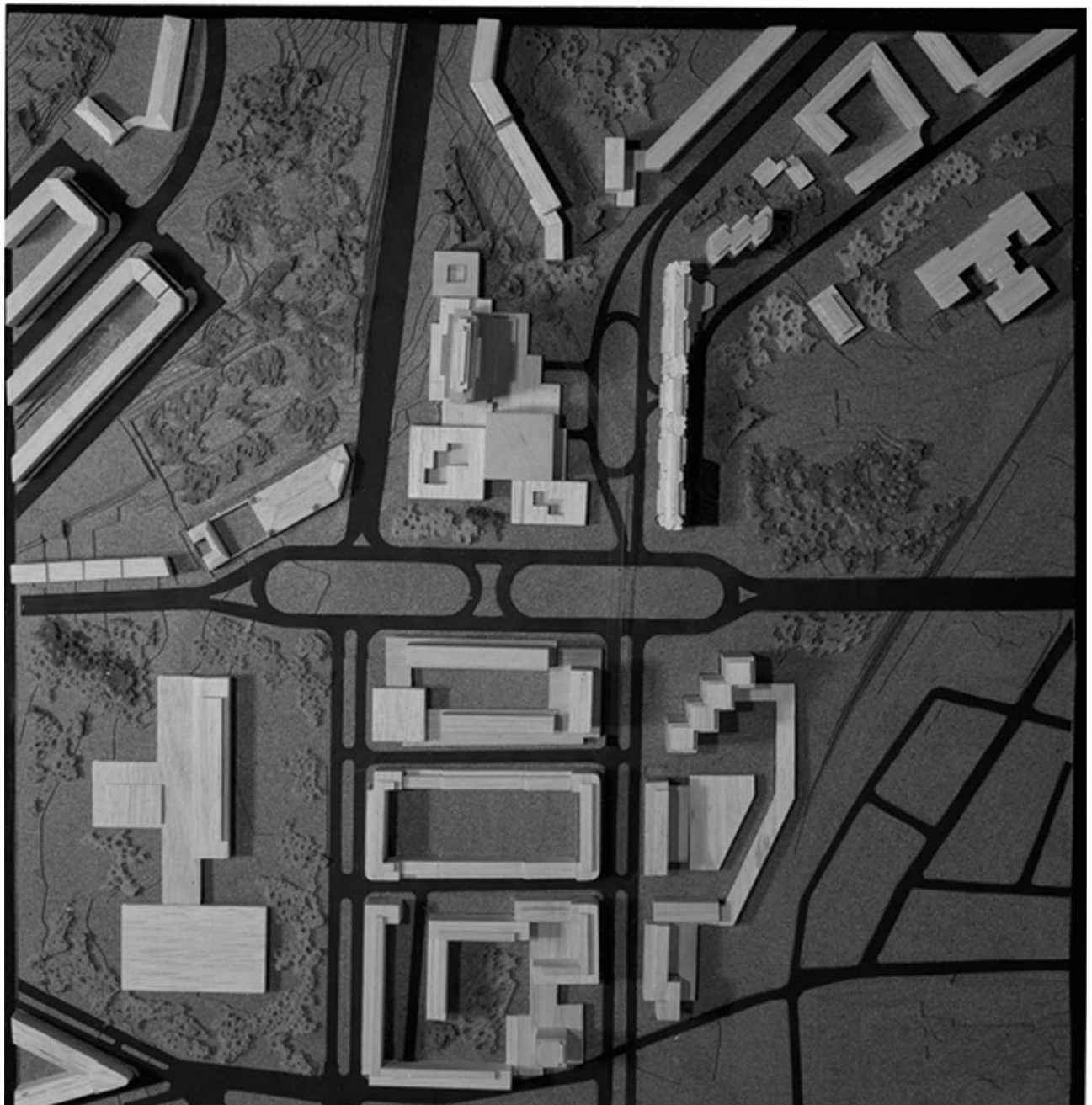
?

# 10

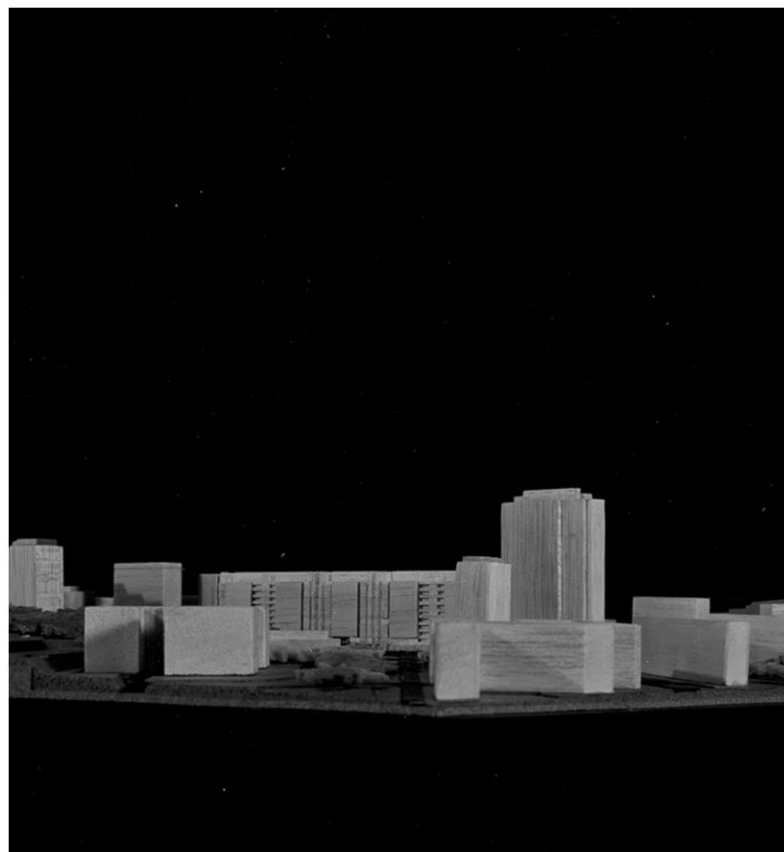
n.º arquivo ACS 69

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO



PRAÇA DE ESPANHA



---

## ENGIL - RUA ABADE FARIA

Rua Abade Faria, Av. Afonso Costa n.º 10, Lisboa  
1968-1969

# 11

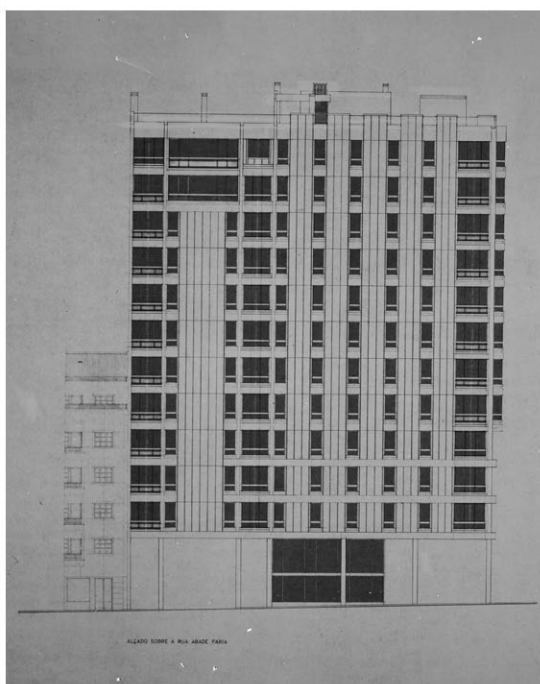
n.º arquivo ACS 83

CONSTRUÍDO

PUBLICADO

SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.130.

---



ENGIL - RUA ABADE FARIA





---

**QUINTA ALGAZARRA PP9 - DR. ELVAS**

Almada.

?

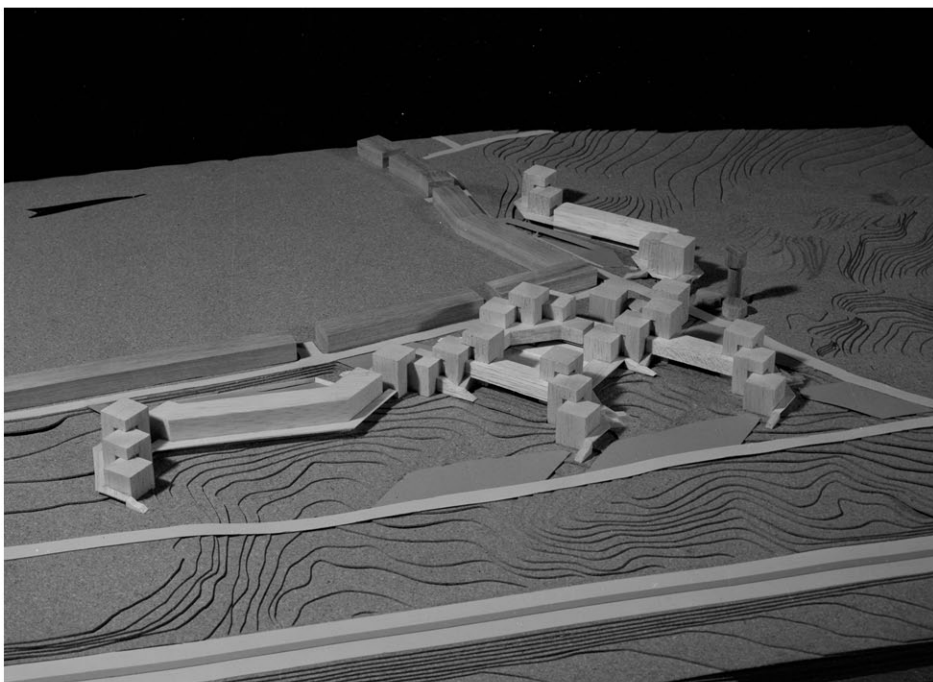
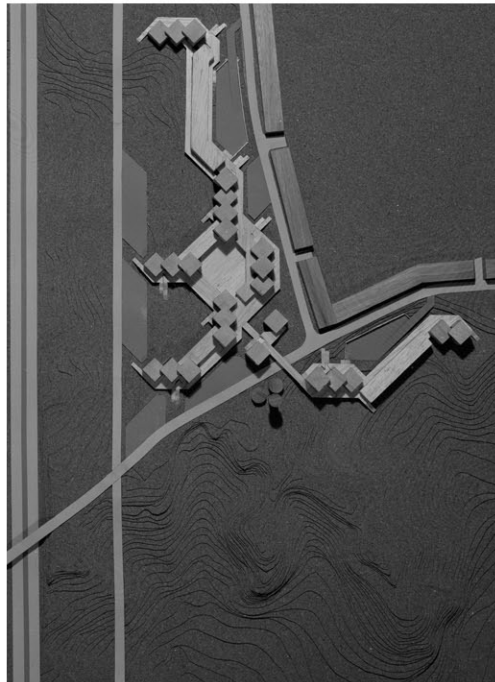
**12**

n.º arquivo ACS 97

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO

---



---

**BLOCOS NO LARANJEIRO**

Laranjeiro, Almada  
1968

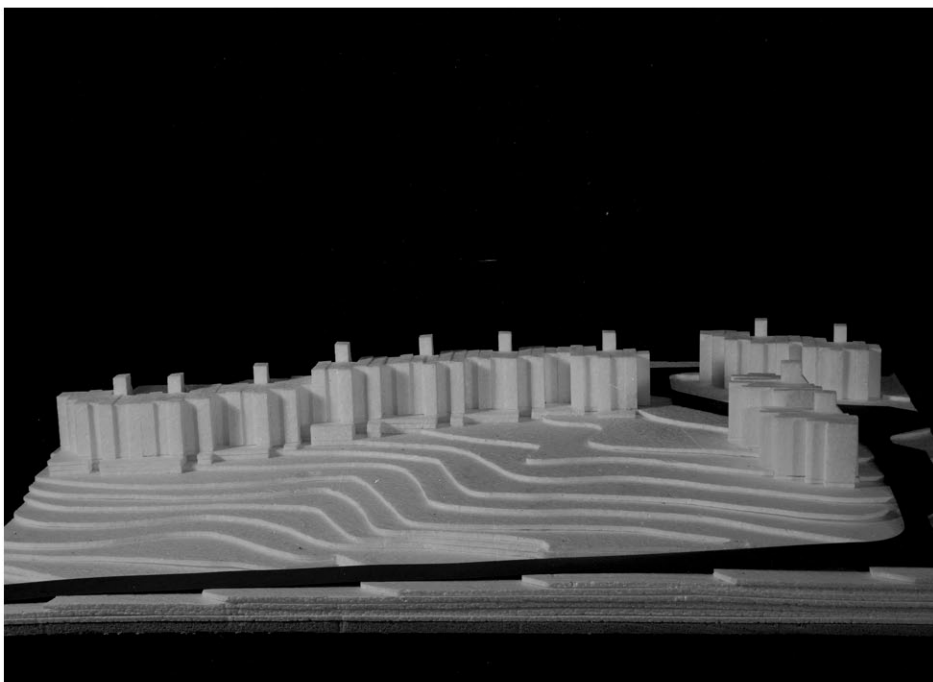
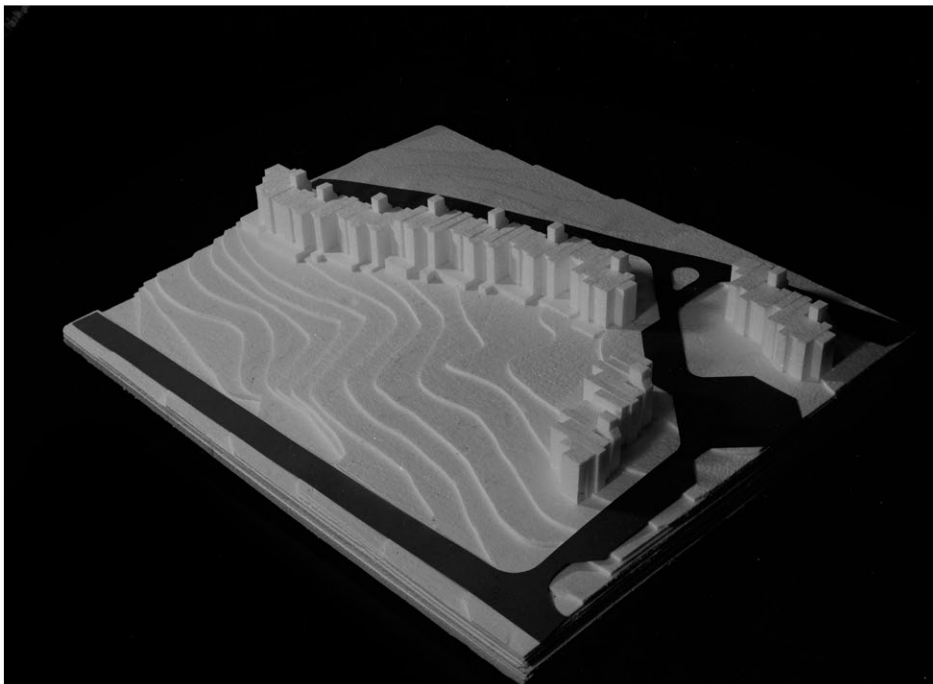
**13**

n.º arquivo ACS 105

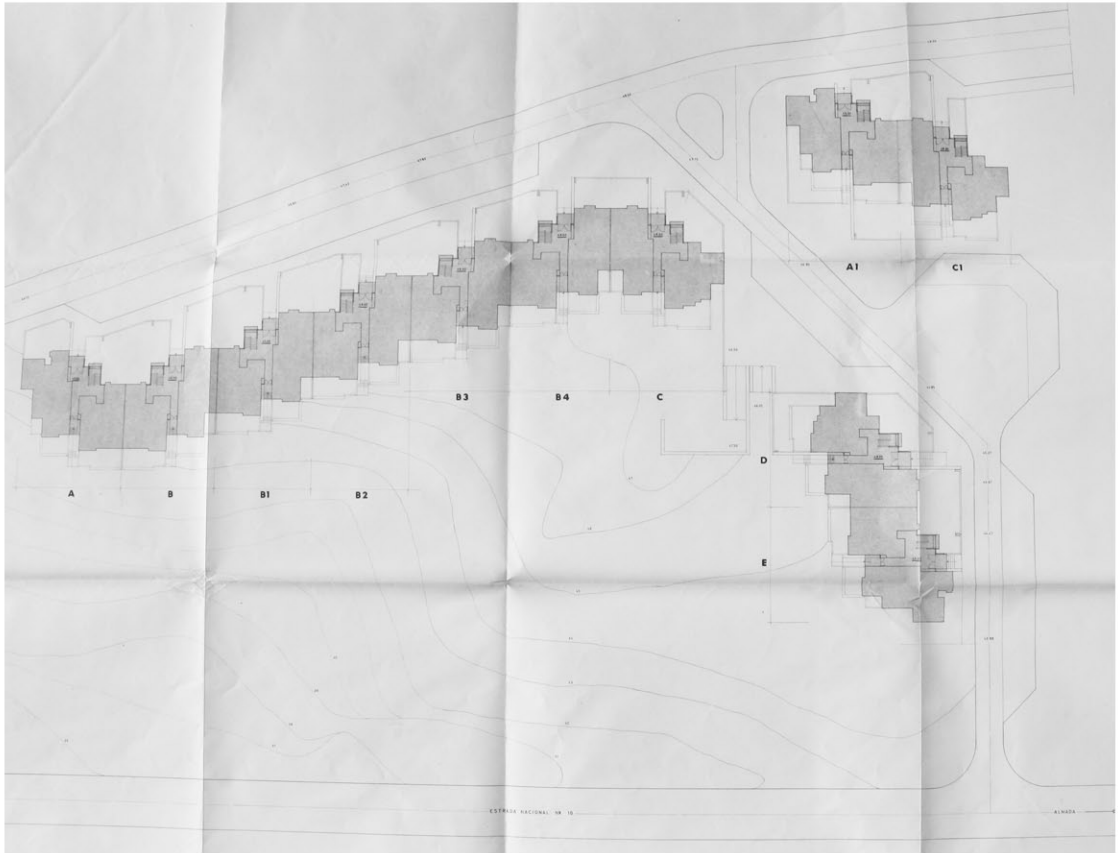
NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO

---



## BLOCOS NO LARANJEIRO



# URBANIZAÇÃO LARANJEIRO - V. CARVALHO

Laranjeiro, Almada

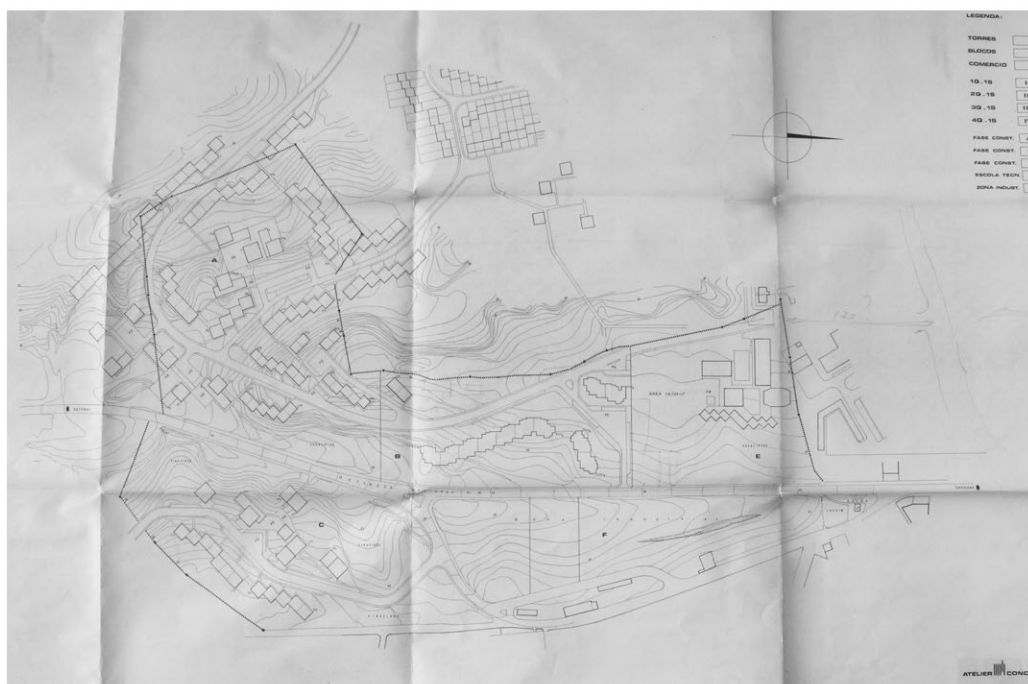
1973?

# 14

n.º arquivo ACS 118

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO



## APARTAMENTOS EM SESIMBRA

Largo José António Pereira, Sesimbra

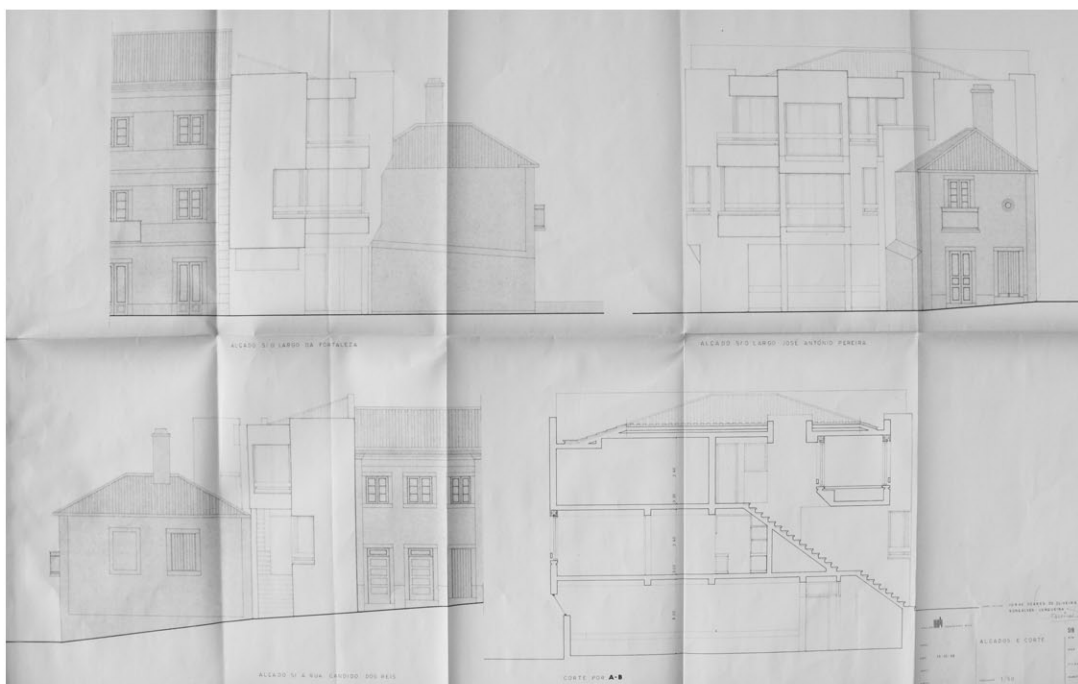
1968

# 15

n.º arquivo ACS 133

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO



**DR. ANT. ELVAS - FEIJÓ - URB. R. DR. A. ELVAS**

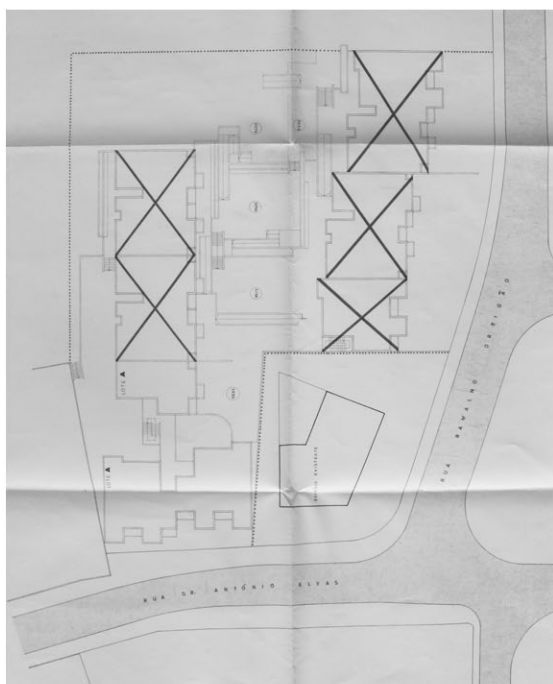
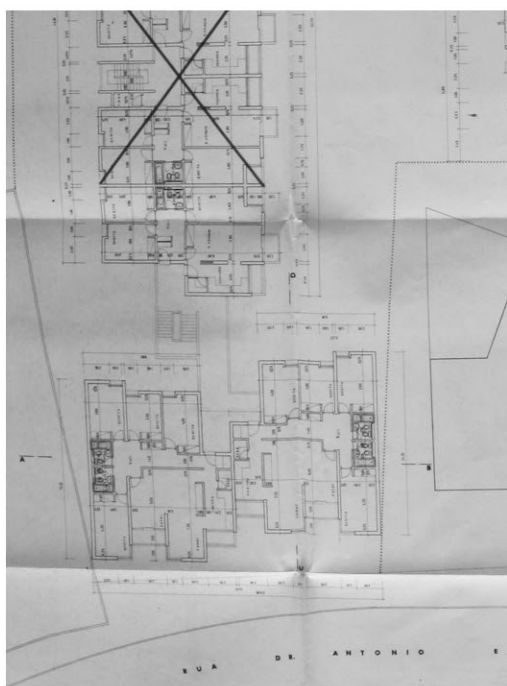
Rua Dr. António Resende Elvas | Rua Ramalho Ortigão, Feijó,  
1969-1970

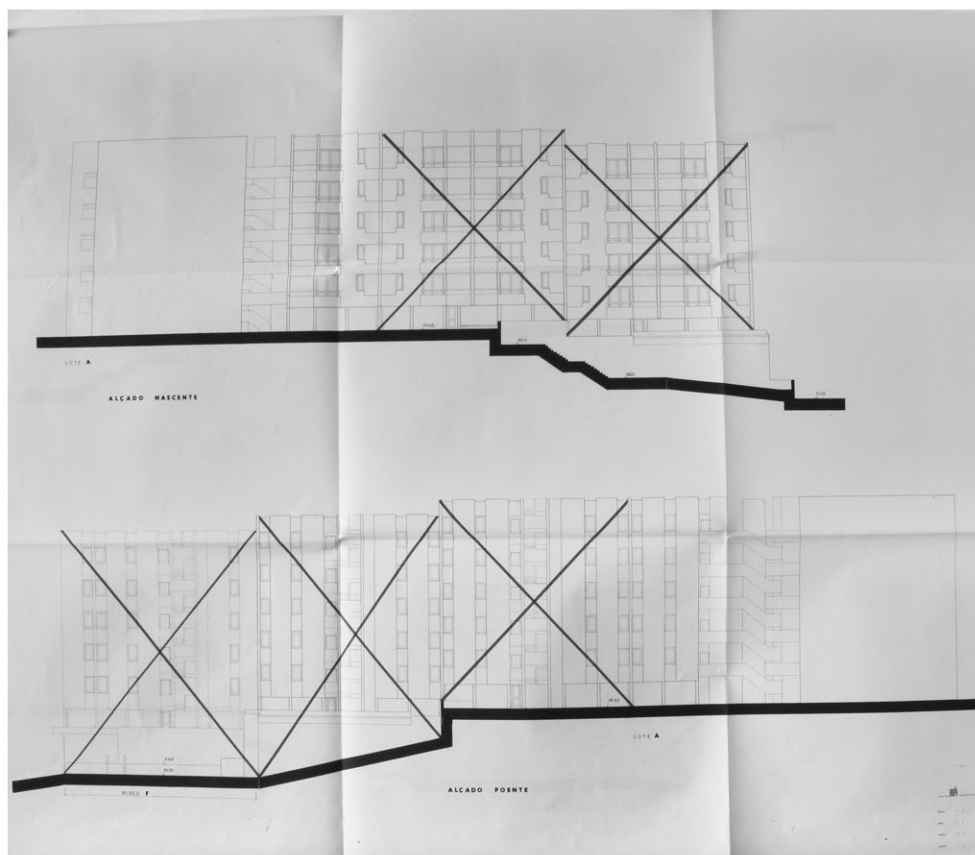
**16**

n.º arquivo ACS 149

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO





# DR. ROSADO FERNANDES - URB. NO LARANJEIRO

E-708, Laranjeiro, Almada

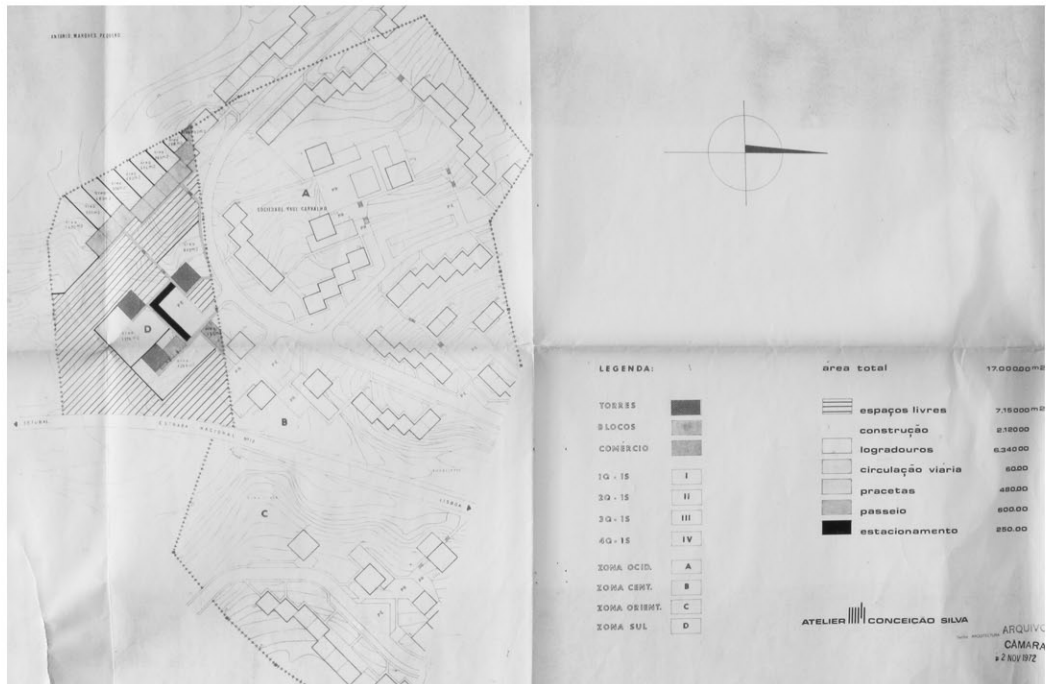
1964-1972

# 17

n.º arquivo ACS 161

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO





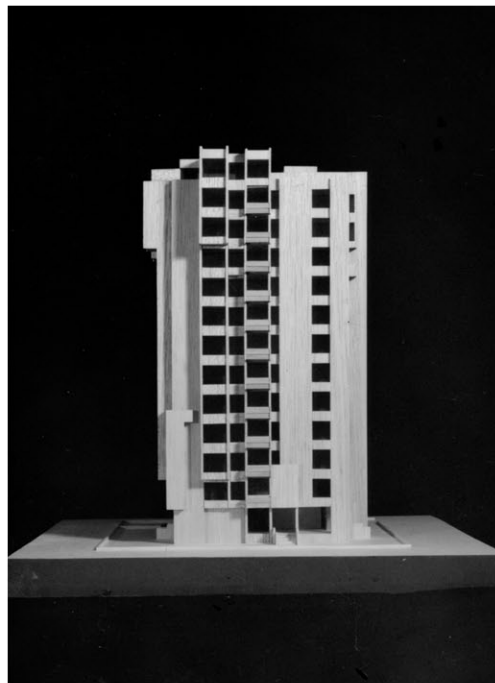
?  
?

n.º arquivo ACS 164

?

NÃO PUBLICADO





1974?

n.º arquivo ACS 170, 354

CONSTRUÍDO

PUBLICADO

SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.141.



**CARLOS MARTINS - ENG.º QUADRADO - SESIMBRA**

Argéis, Sesimbra

1969-1970

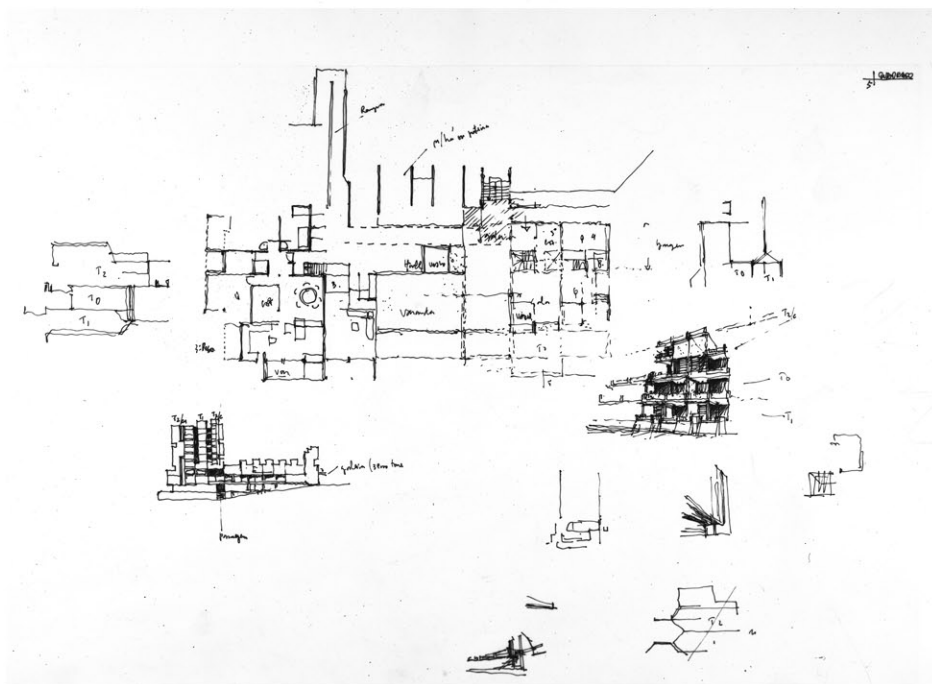
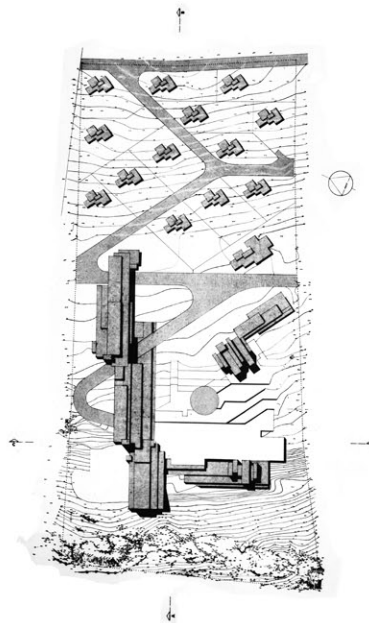
**20**

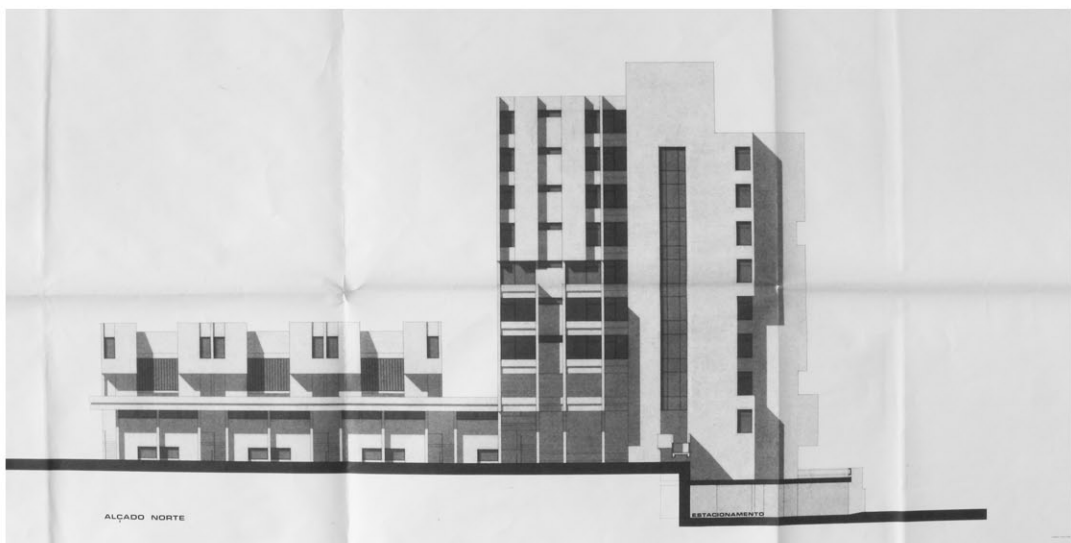
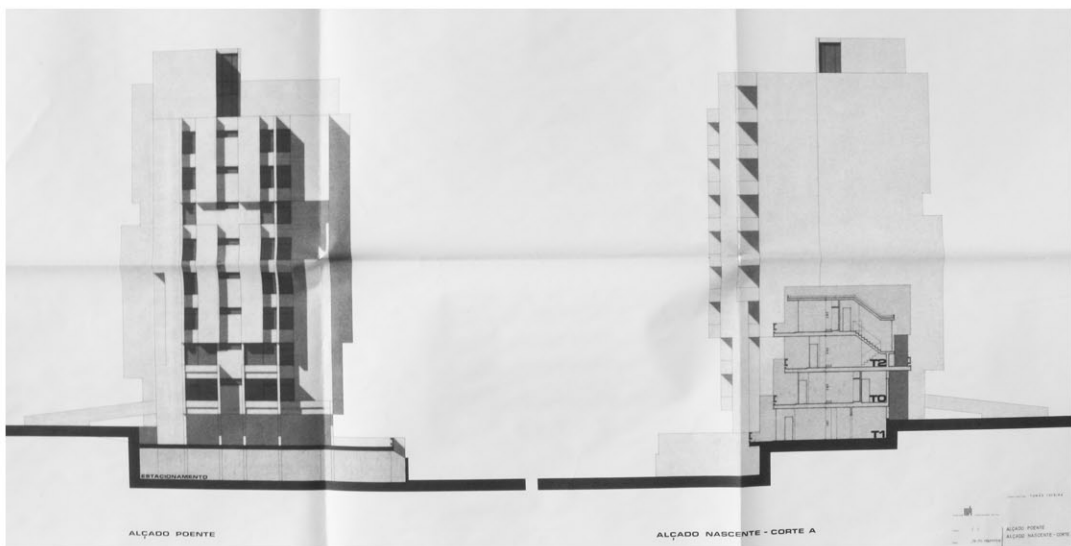
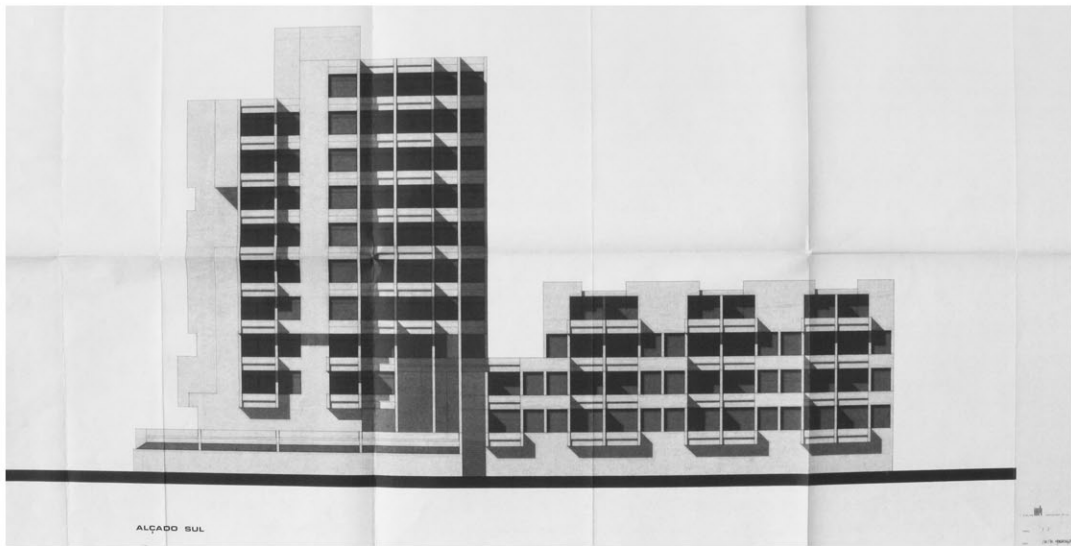
n.º arquivo ACS 177, 221

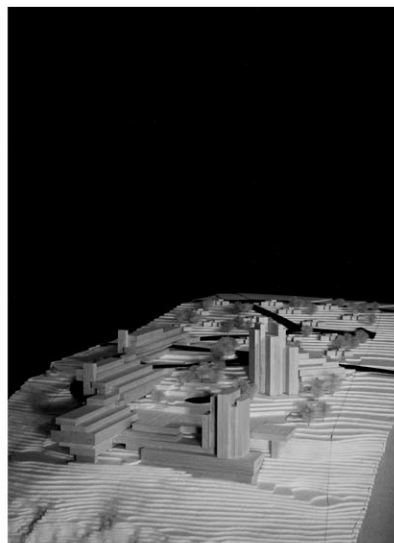
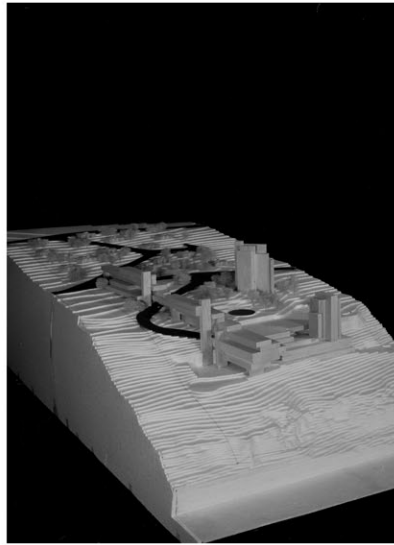
NÃO CONSTRUÍDO

PUBLICADO

SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.105.







---

## UAD - CONJUNTO 1 - DAFUNDO

Rua Sacadura Cabral, Alto do Dafundo, Oeiras  
1969

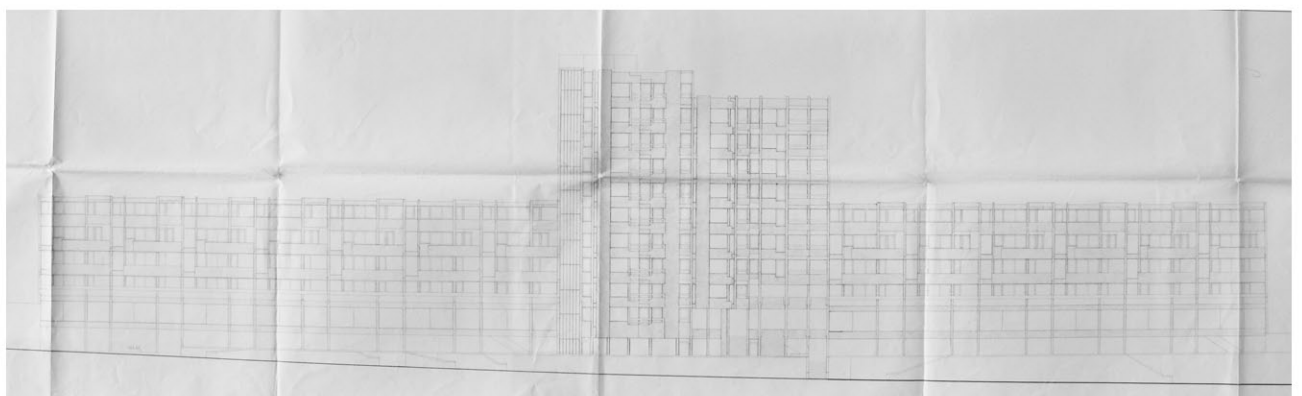
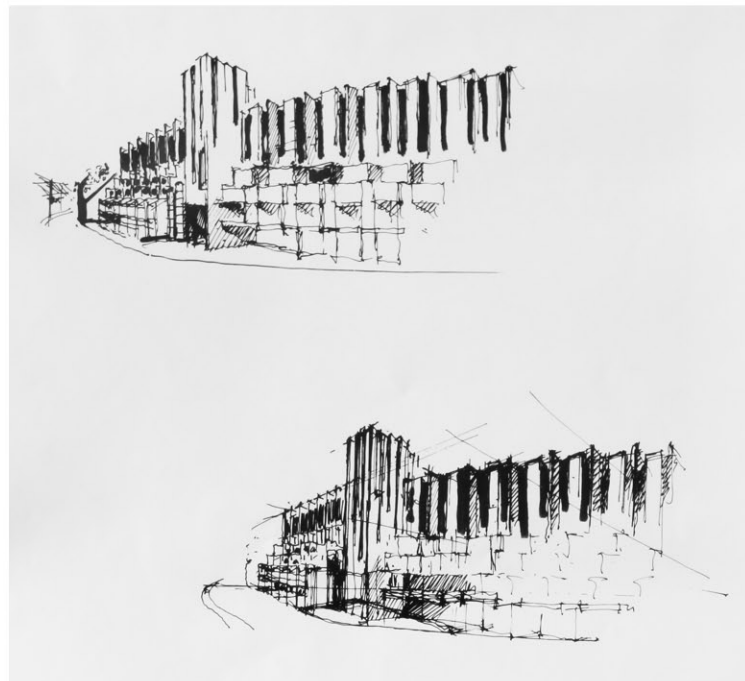
# 21

n.º arquivo ACS 186, 317, 362

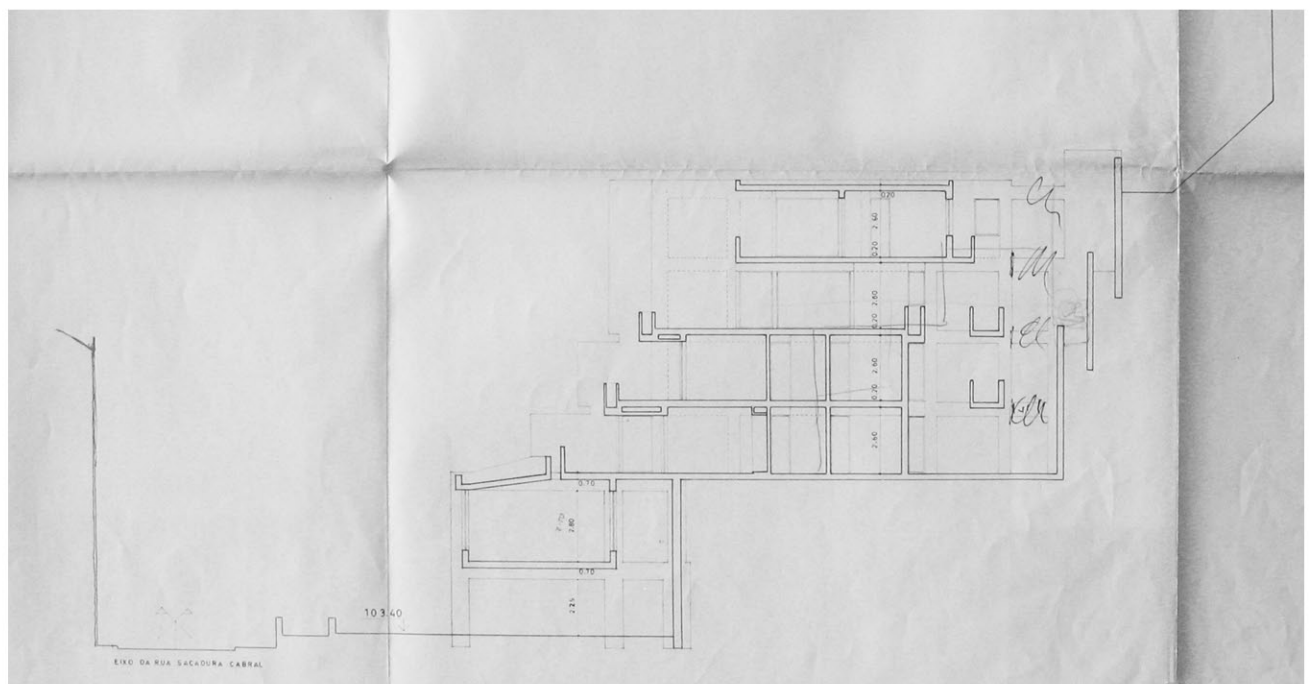
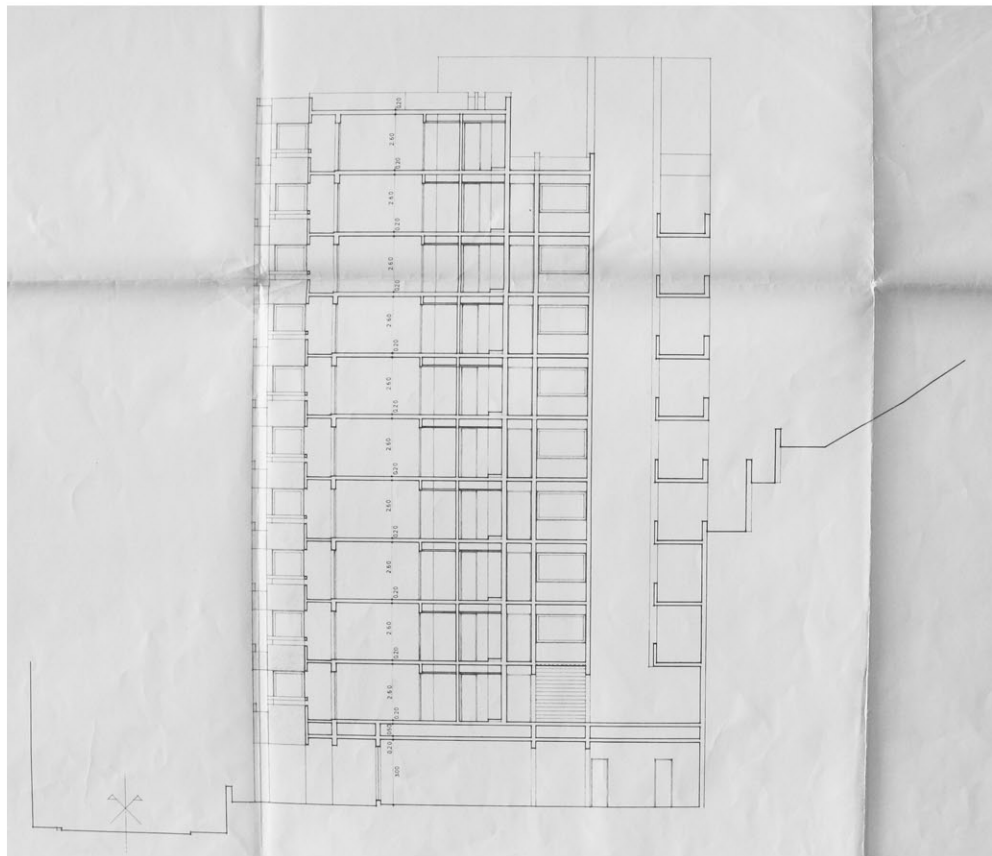
NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO

---



UAD - CONJUNTO 1 - DAFUNDO





n.º arquivo ACS 205

?

NÃO PUBLICADO



# SIURBE/PARQUE ANJOS - ALGÉS

Algés, Lisboa

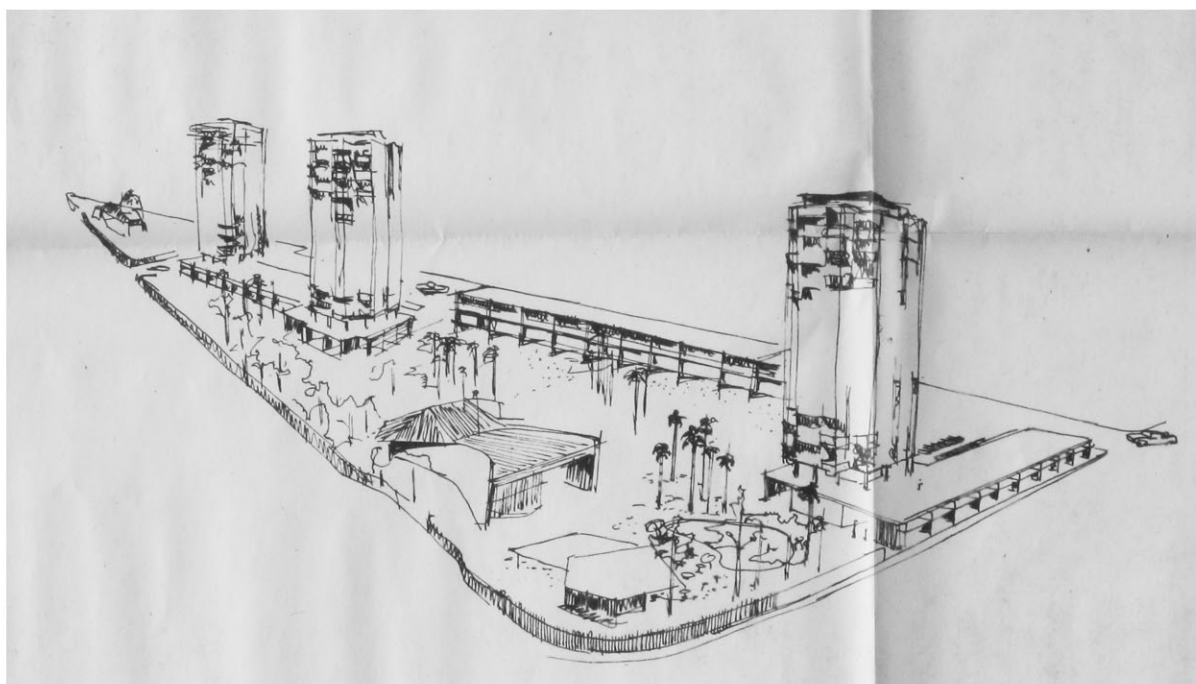
1973

# 23

n.º arquivo ACS 209

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO



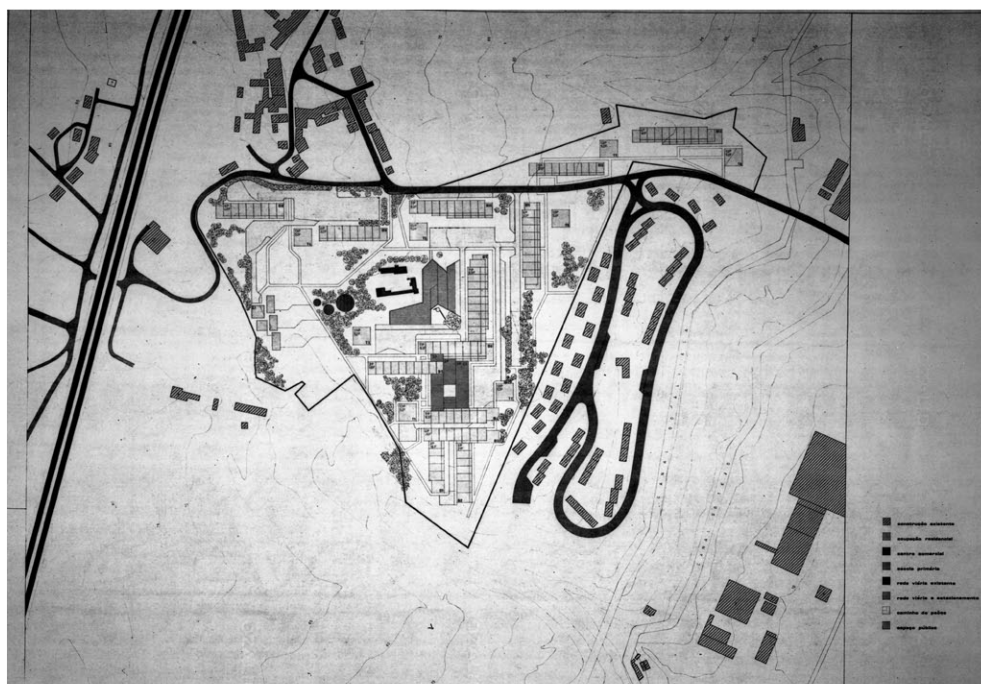
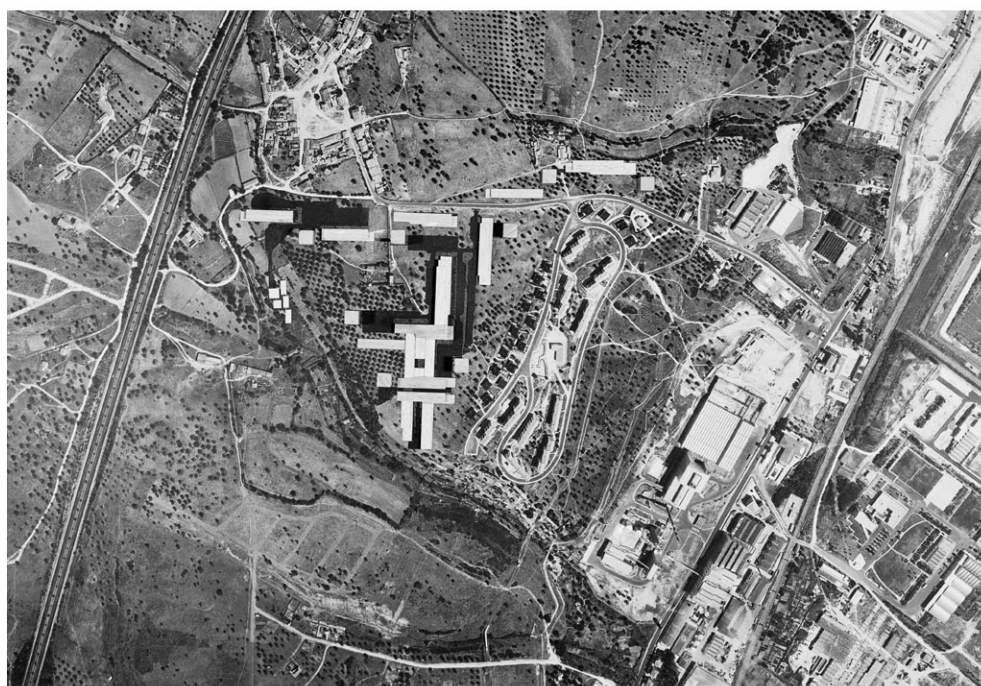
URB. ST.ª IRIA AZOIA - ENG.º JOSÉ GIL

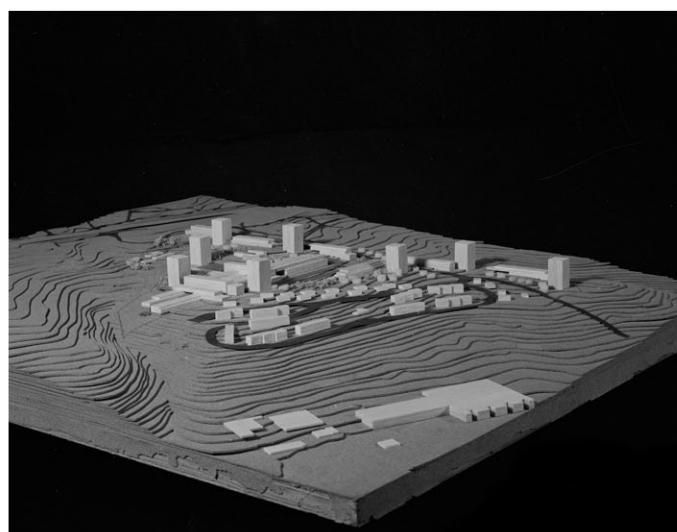
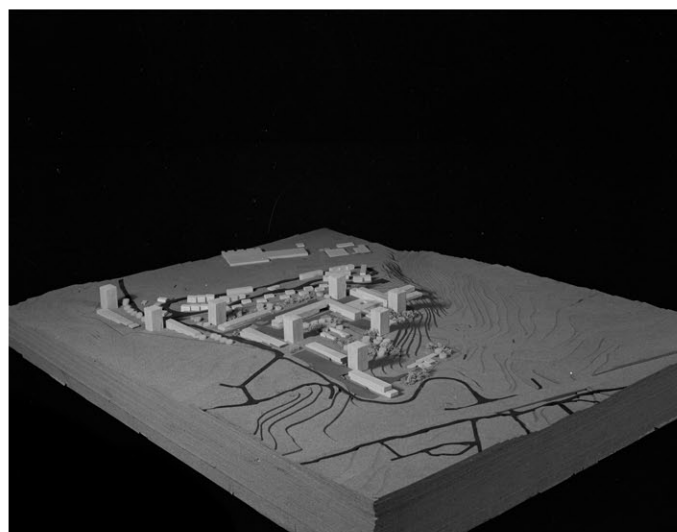
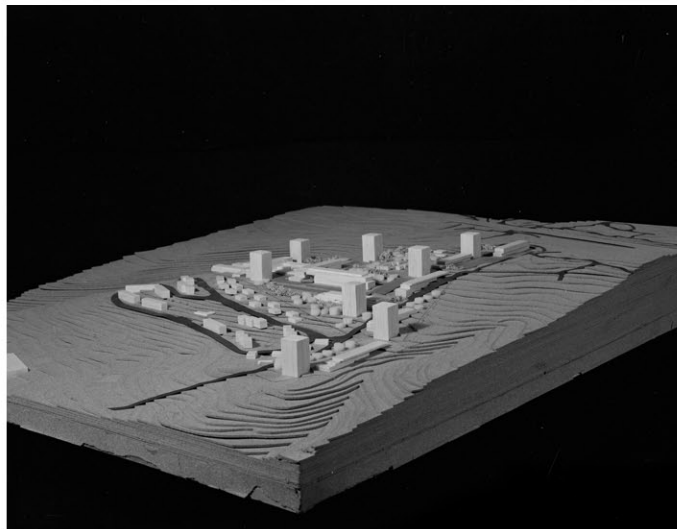
Santa Iria da Azoia  
1970

n.º arquivo ACS 212

?

**PUBLICADO** SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.106.





---

**DR. SIMÕES DA FONSECA**

Sesimbra

?

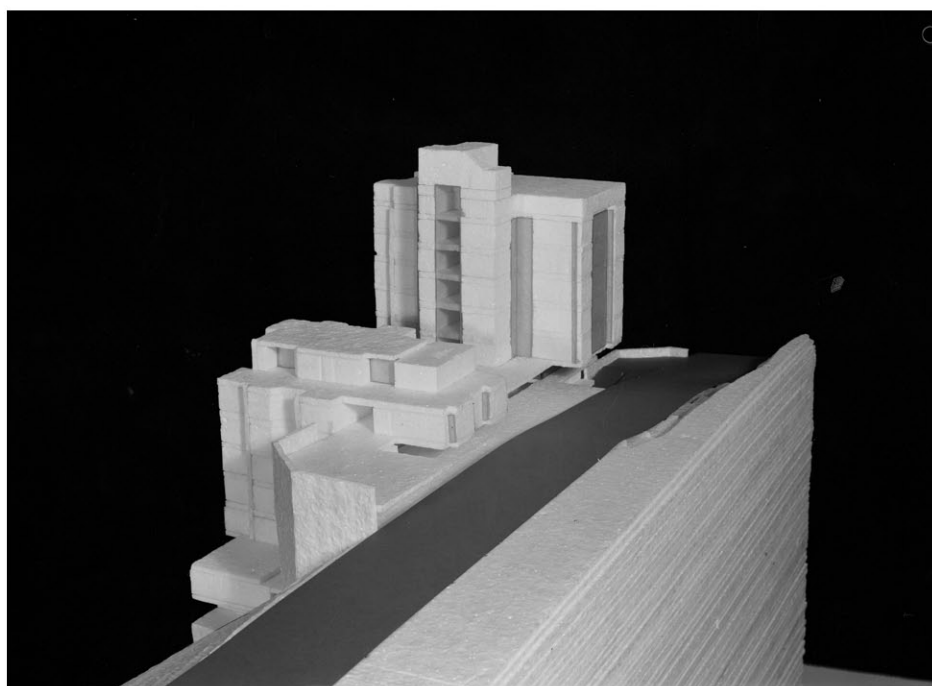
**25**

n.º arquivo ACS 286

NÃO CONSTRUÍDO

NÃO PUBLICADO

---



**ANEXO III**  
FICHAS DOS CASOS DE ESTUDO

nome do projecto	<b>EDIFÍCIO NA RUA MARCOS PORTUGAL</b>	ficha n.º	
localização	Rua Marcos Portugal n.º 91, Rua da Imprensa Nacional n.º 64, Lisboa.	<b>01</b>	
cliente	Dr. Mário Emanuel Pratas Pais de Sousa		
data projecto	1953-1954	n.º processo - arq. Atelier Conceição Silva	A,094
data construção	1955-1957	n.º processo - arquivo camarário	27.886 (obra) 49640/53   14970/54   4844/57
programa	habitação + comércio		
tipologias	T1   T2		
área			
descrição do projecto	<p>Edifício situado no gaveto da Rua Marcos Portugal com a Rua da Imprensa Nacional, no centro antigo de Lisboa. Apresenta características modernas mas com pretensões de diálogo com os edifícios vizinhos, denotando já uma crítica ao léxico do moderno internacional.</p> <p>Apresenta um volume trabalhado, com varandas (resultado da organização interna do fogo) e vãos de peito emoldurados, gaveto cego, cortado na perpendicular ao edifício permitindo melhor ligação urbana entre ruas. O embasamento apresenta reentrâncias e revestimentos que acentuam sombras e retiram peso ao conjunto.</p> <p>A distribuição das diversas habitações é feita através de três núcleos, cada um com o seu acesso vertical (existe elevador apenas no núcleo do gaveto), servindo as habitações num esquema de esquerdo/direito.</p> <p>No piso 0 localizam-se as entradas do edifício, lojas, a habitação da porteira e a entrada da garagem. O piso tipo (1.º, 2.º e 3.º piso) é composto por 6 fogos T2 (sala comum, dois quartos, cozinha, I.S. e alguns quarto de criada). No piso 4 (terraço) situam-se 2 fogos (2T2) e a área destinada a estendal comum.</p> <p>A organização interna do fogo é caracterizada pela redução ao máximo de espaços de circulação, resultando num espaço fluído entre vestíbulo, sala e cozinha. A sala é prolongada para o exterior através de uma varanda, que se apresenta, pelas suas dimensões, como um possível espaço de permanência e de prolongamento da sala.</p>		
tipo de construção e acabamentos	<p>Nas paredes exteriores utilizou-se reboco pintado, marmorite e mosaico vidrado na fachada do gaveto prolongando-se para o 4.º piso recuado. A moldura dos vãos é feita em lioz assim como as soleiras. A caixilharia é de madeira pintada e as guardas das varandas é composta por rede de zinco em malha quadrada e tubular, pintados na cor branco.</p> <p>No interior dos fogos os revestimentos são:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. salas, quartos e circulações - pavimentos em taco de pinho; paredes e tectos estucados</li> <li>. cozinhas e instalações sanitárias - pavimentos em mosaico hidráulico; paredes revestidas a azulejo a toda a altura nas I.S. e marmorite polida nas cozinhas.</li> </ul>		
bibliografia	<p>AGAREZ, Ricardo - <i>Arquitectura de habitação multifamiliar: Lisboa anos 1950</i>. 2003, p.172-173.</p> <p>LEITE, Inês - <i>Francisco da Conceição Silva</i>. 2007, p.71.</p> <p>SILVA, F. Gomes da - "Prédio na Rua Marcos Portugal". <i>Arquitectura</i>, n.º 67, 1960, pp.18-23.</p> <p>SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - <i>Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982</i>. 1987, p.46.</p> <p>TOSTÕES, Ana - <i>Os Verdes Anos na Arquitectura portuguesa dos Anos 50</i>. 1997, p.85.</p>		

(...)

Procurou-se, dentro das condicionantes existentes, a melhor orientação das habitações, não só em relação à vista, mas também à exposição solar. (...) do terreno poderá desfrutar-se uma rica vista panorâmica sobre o Tejo e a margem Sul. Esta importante razão justifica o partido adoptado na distribuição, não só das habitações, como também da configuração do edifício.

(...)

#### PARTIDO ADOPTADO

(...)

(...) o edifício desenvolve-se em L de forma a permitir grande desafogo para a zona posterior, por ser esta a que proporciona melhor orientação e vista.

A configuração do terreno permitiu um aproveitamento total em piso térreo, destinado a garagem com acesso pela Rua Marcos Portugal.

Em 2.º piso projectaram-se pequenos estabelecimentos comerciais.

As habitações desenvolvem-se em 3 pisos com 6 fogos por piso.

Estas são compostas por uma ampla sala de estar e refeições, dois quartos de cama, instalação sanitária e por uma zona de serviço com cozinha, dispensa, quarto de criada e pequena instalação sanitária com duche.

As habitações embora semelhantes, diferem em certos pontos, principalmente na do gaveto em que não se projectou quartos para as criadas, embora se preveja instalação sanitária para a zona de serviço.

No último piso que ocupa só parcialmente o edifício, projectaram-se 4 apartamentos compostos por sala e quarto com instalação sanitária. Em dois projectou-se também uma pequena cozinha.

Os terraços, de onde se desfrutará uma maravilhosa vista, serão acessíveis pela escada e elevador, proporcionando várias utilizações, entre elas estendal para roupa, evitando-se assim o desagradável aspecto que resultaria de este ser feito na zona posterior do edifício.

(...)

O ângulo formado pelas ruas Marcos Portugal e da Imprensa Nacional, por ser agudo e portanto pouco aconselhável, foi cortado perpendicularmente à rua da Imprensa Nacional, permitindo assim um maior desafogo do imóvel e um melhor acesso à entrada na rua Marcos Portugal.

#### SÍNTESE CONSTRUTIVA

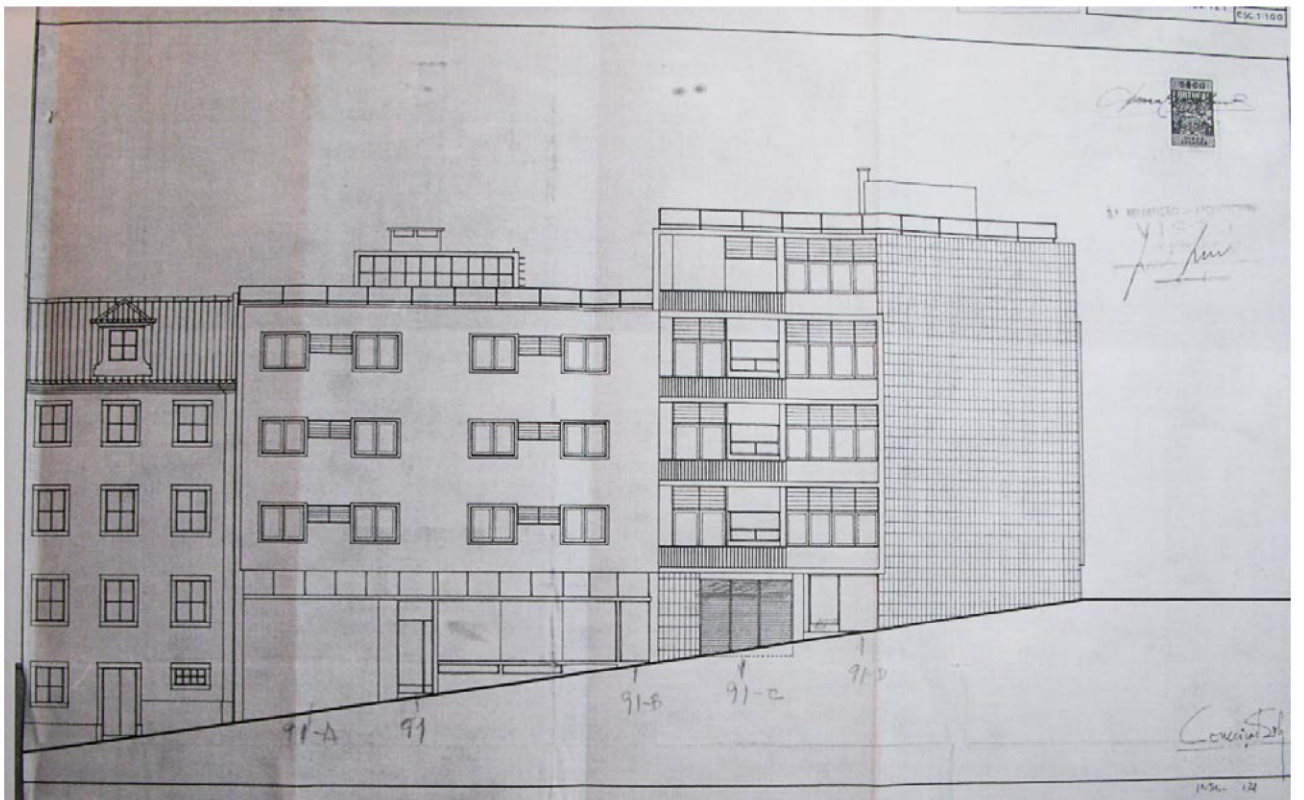
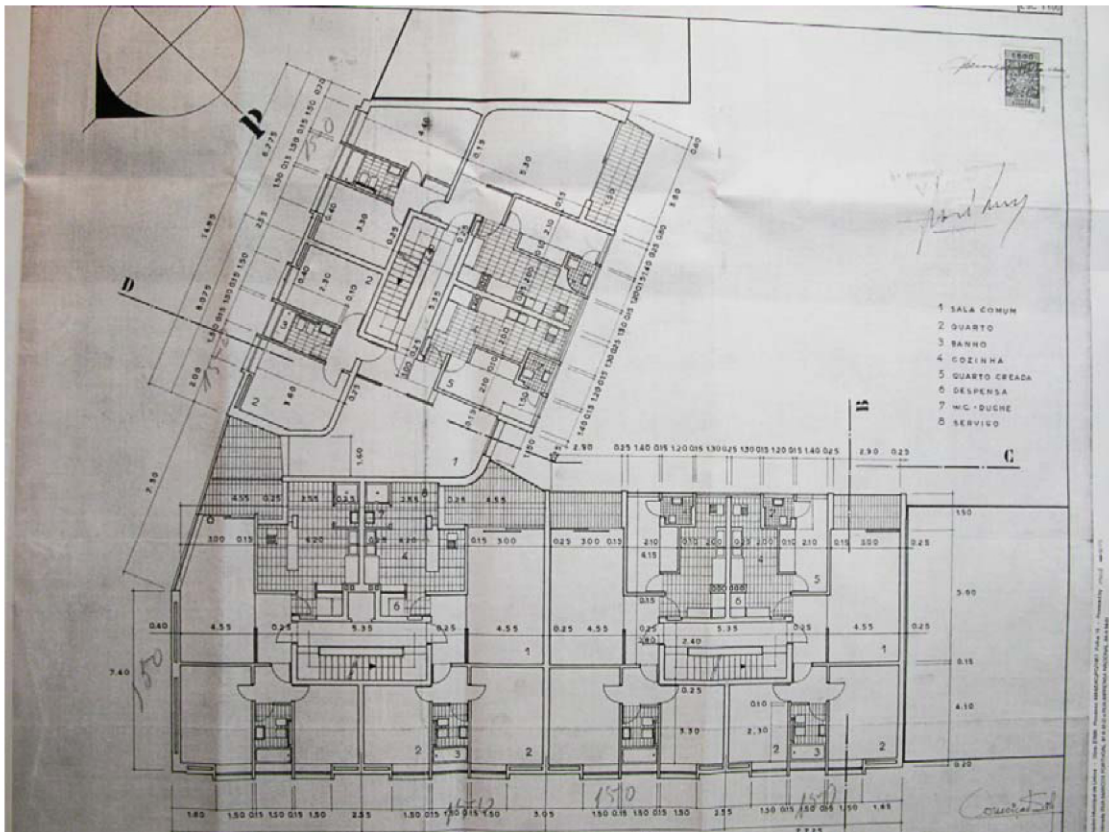
O edifício será construído em estrutura de cimento armado, funcionando as paredes exteriores como tapamento, sem qualquer acção resistente. Estas serão constituídas por tijolo em parede dupla, formando caixa de ar (...)

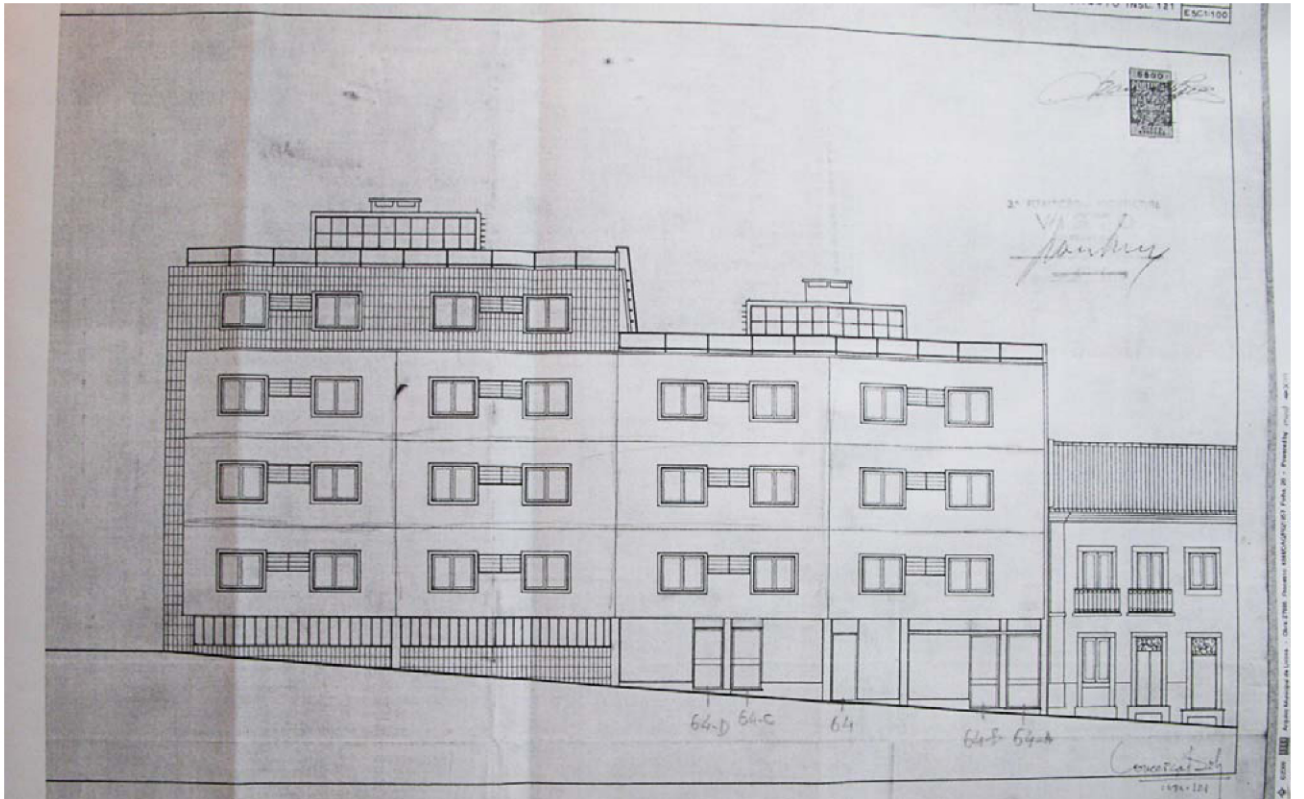
(...)

As coberturas em laje de cimento armado, tal como todos os pisos, será revestida com matéria impermeável e devidamente isolado.

Os acabamentos interiores (...) tacos de madeira para os pavimentos da zona de estar e quartos. A zona de serviço será revestida com mosaicos hidráulicos, sendo as paredes forradas a azulejo até 2 metros de altura. As paredes e tectos serão estucados. As escadas terão nos pavimentos material apropriado e resistente.



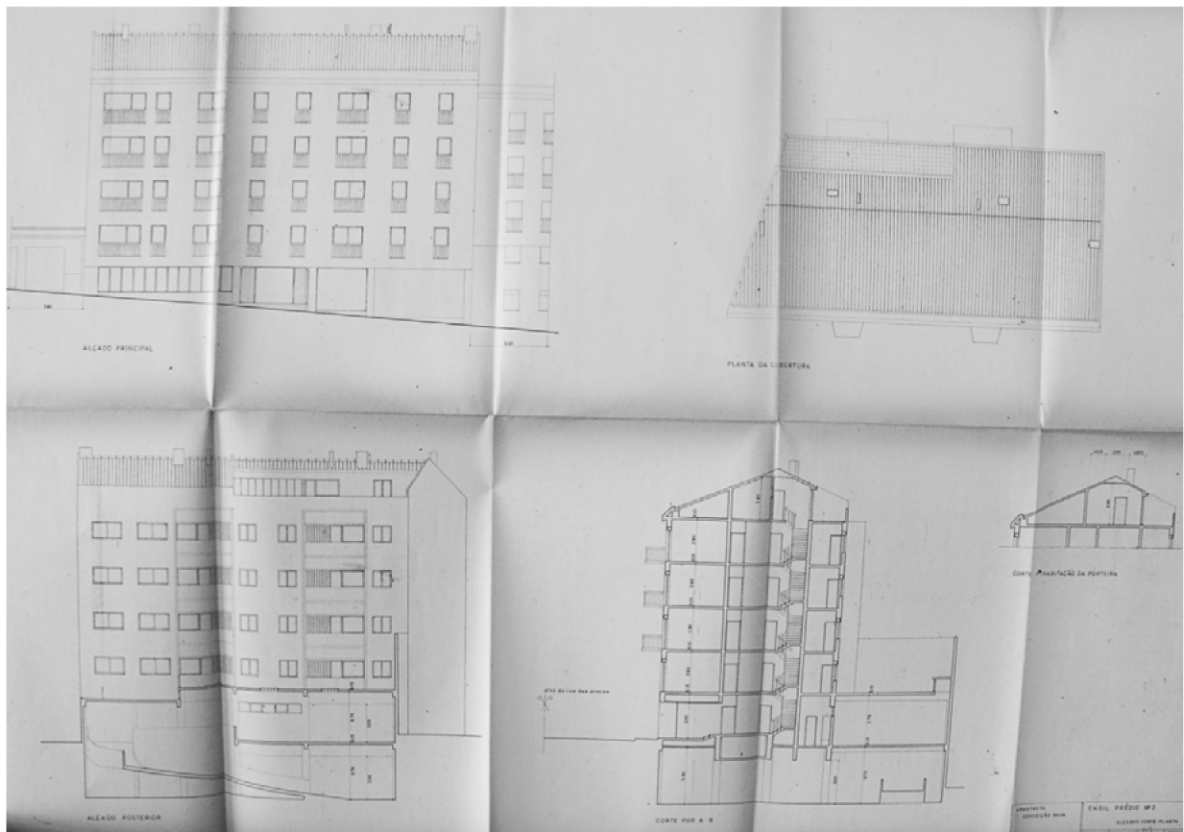
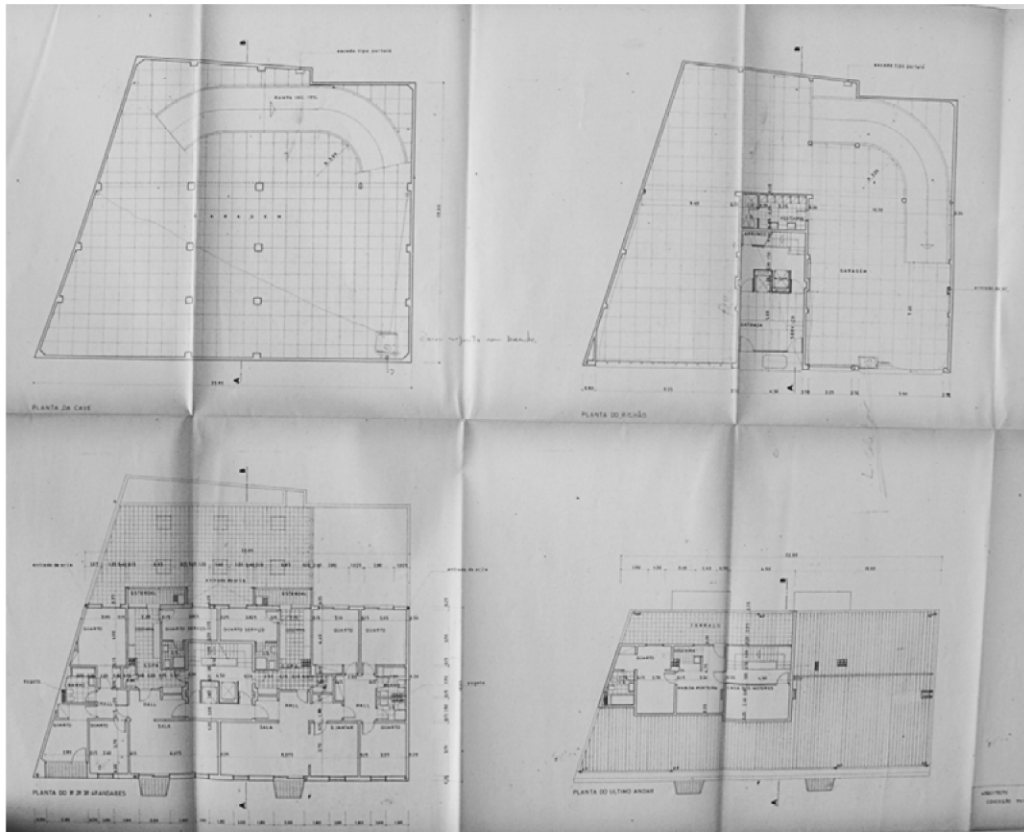








nome do projecto	<b>ENGIL PRÉDIO N.º 2</b>	ficha n.º	
localização	Rua das Praças n.º 100, Rua de S. Félix n.º 37, Lapa, Lisboa.	<b>02</b>	
cliente	ENGIL - Sociedade de Construção Civil		
data projecto	1961?	n.º processo - arq. Atelier Conceição Silva	A,289
data construção	?	n.º processo - arquivo camarário	39789 (obra) 38917 (obra) 16032/61  15760/64
programa	habitação		
tipologias	T3 (no edifício n.º2)		
área			
descrição do projecto	<p>Edifícios situados na intersecção da Rua das Praças com a Rua de S. Félix, na Lapa. Alinhados pelos edifícios adjacentes apresentam um volume de linhas puras, marcado por varandas salientes e um embasamento que tornea a esquina em curva, onde são "cavadas" as entradas das habitações.</p> <p>Cada edifício tem um núcleo de acessos, que no caso do edifício da Rua das Praças serve as habitações num esquema de esquerdo/direito.</p> <p>No piso 0 encontra-se a entrada das habitações e o acesso da garagem que se situa neste piso e na cave. O piso tipo (1.º, 2.º, 3.º e 4.º piso) é composto por dois fogos T3. Ambos os fogos têm sala, três quartos, cozinha, I.S. e quarto de criada, existindo no fogo a nascente mais dois compartimentos: uma sala de jantar aberta para a sala comum e mais uma I.S.</p> <p>Na organização interna do fogo é de salientar a importância que a sala tem em termos de área, comparativamente com os restantes compartimentos, e a sua franca ligação com a entrada na habitação. A restante organização espacial é simples, apresentando no entanto, algum espaço "perdido" em circulações.</p>		
tipo de construção e acabamentos			
bibliografia	LEITE, Inês - <i>Francisco da Conceição Silva</i> . 2007, p.172.		









nome do projecto	<b>BLOCO DO MOINHO - CONJUNTO DE APARTAMENTOS</b>		
localização	Sesimbra.		
cliente	Sociedade de Construções ERG.		
data projecto	1964-1966	n.º processo - arq. Atelier Conceição Silva	A,314, A,353, 463
data construção	1966-1967	n.º processo - arquivo camarário	222/64
programa	habitação		
tipologias	T1   T2   T2 duplex		
área	?		
descrição do projecto	<p>Conjunto de apartamentos localizado no lado nascente da vila de Sesimbra. O conjunto adossa-se a um terreno de declive acentuado de onde sobressai um moinho no seu topo.</p> <p>O conjunto é marcado por uma série de volumes (fogos) desencontrados de linguagem moderna e mediterrânica, com as suas paredes caiadas, terraços e venezianas em madeira. Desenvolve-se organicamente ao longo do terreno, acompanhando a orografia.</p> <p>O acesso às habitações tanto é feito exteriormente através de patamares a diferentes cotas ou através de galeria, situada entre o terreno e os fogos. De salientar que a galeria, apesar de ser enterrada apresenta um carácter ambíguo de interior/exterior, pelo seu dimensionamento e iluminação natural resultado da sua abertura nos topos e escadas de acesso exteriores. O acesso às habitações através da galeria é feito em recessões existentes na mesma.</p> <p>O conjunto é composto por tipologias pequenas (T1 e T2) respondendo a um programa de habitação turística. A organização interna das habitações é bastante fluída, entra-se num pequeno vestíbulo que, na generalidade, dá acesso à cozinha e I.S., abrindo-se directamente para a sala prolongada para o exterior através do terraço.</p>		
tipo de construção e acabamentos	<p>De aparência simples, as paredes exteriores caiadas ganham riqueza pelos diversos tratamentos do reboco. O tratamento varia conforme a sua posição no conjunto, nos elementos em contacto com o solo (floreiras, muros de suporte) ele é salpicado ?, junto das entradas é liso ?, quando é riscado?. A caixilharia e venezianas são em madeira. O pavimento das galerias é em tijoleira.</p> <p>No interior dos fogos os revestimentos são:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. salas, quartos e circulações - pavimentos em tijoleira; paredes e tectos estucados</li> <li>. cozinhas e instalações sanitárias - pavimentos em pedra....; paredes revestidas a azulejo a toda a altura</li> </ul>		
bibliografia	<p>SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - <i>Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982</i>. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.63-65.</p> <p>LEITE, Inês - <i>Francisco da Conceição Silva</i>. 2007, p.119.</p>		

memória descritiva (...)

A construção desenvolve-se ao longo do terreno e a ele se agarra, não destrói a encosta nem prejudica a vista de quem a utilize. Da plataforma superior continuará a desfrutar-se uma vista panorâmica.

Durante o desenvolvimento deste projecto procurou-se substanciar-se a sempre presente ideia duma integração da obra no que de realmente tradicional e válido existe na zona. Assim surgiu o partido adoptado, o de um edifício cujo volume soubesse dialogar com o do velho e verdadeiramente característico casario da vila. Assim se preferiram os revestimentos típicos da região e as cores que o "homem da rua" desde sempre conheceu.

(...)

Será composto por cerca de 40 apartamentos independentes divididos em 2 tipos (simplex e duplex) cada um dos quais englobará uma pequena cozinha e instalações sanitárias.

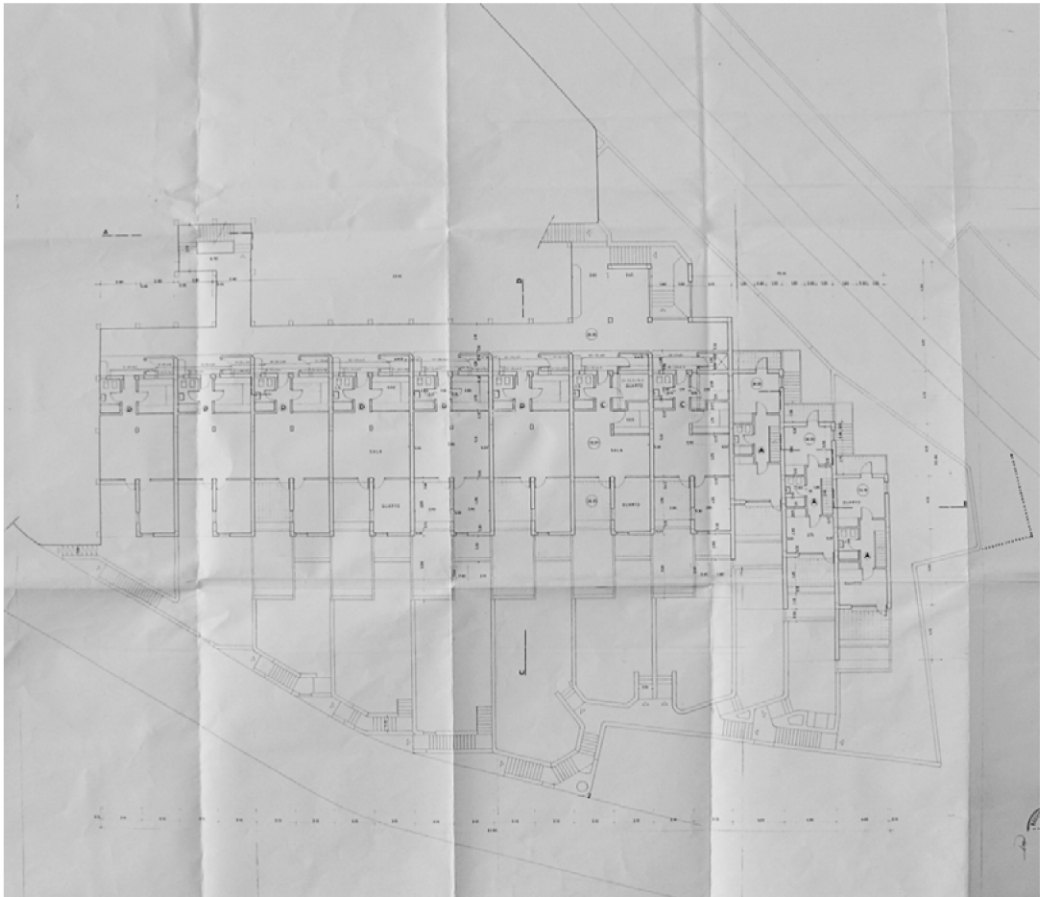
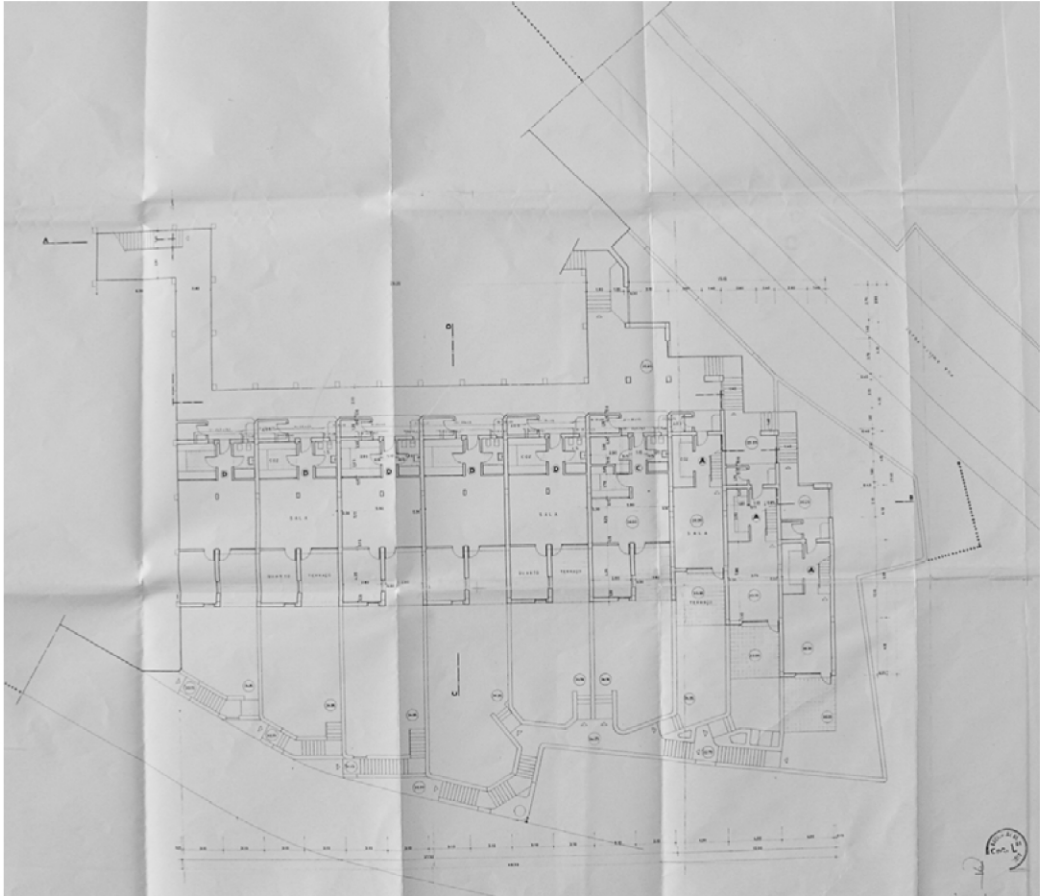
(...)

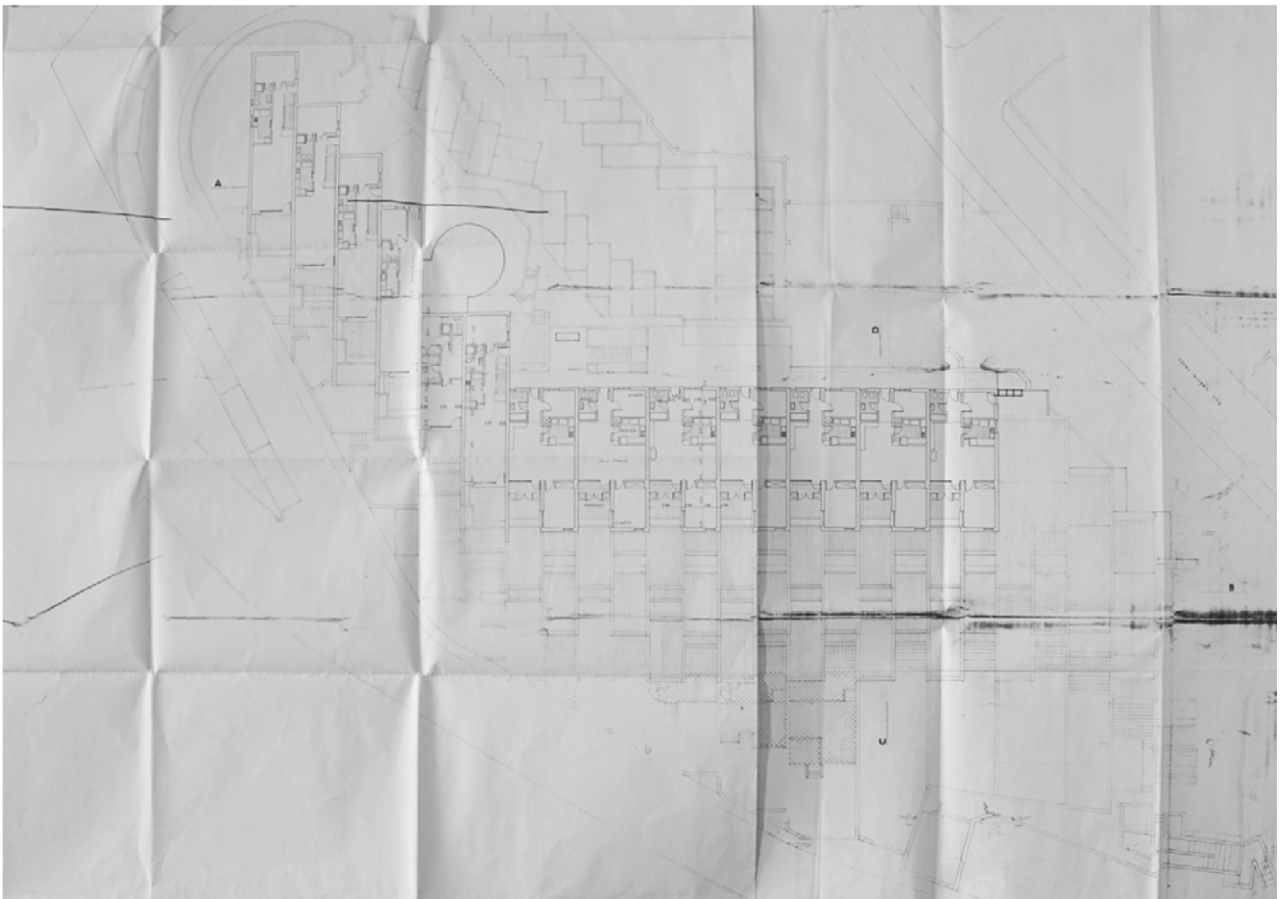
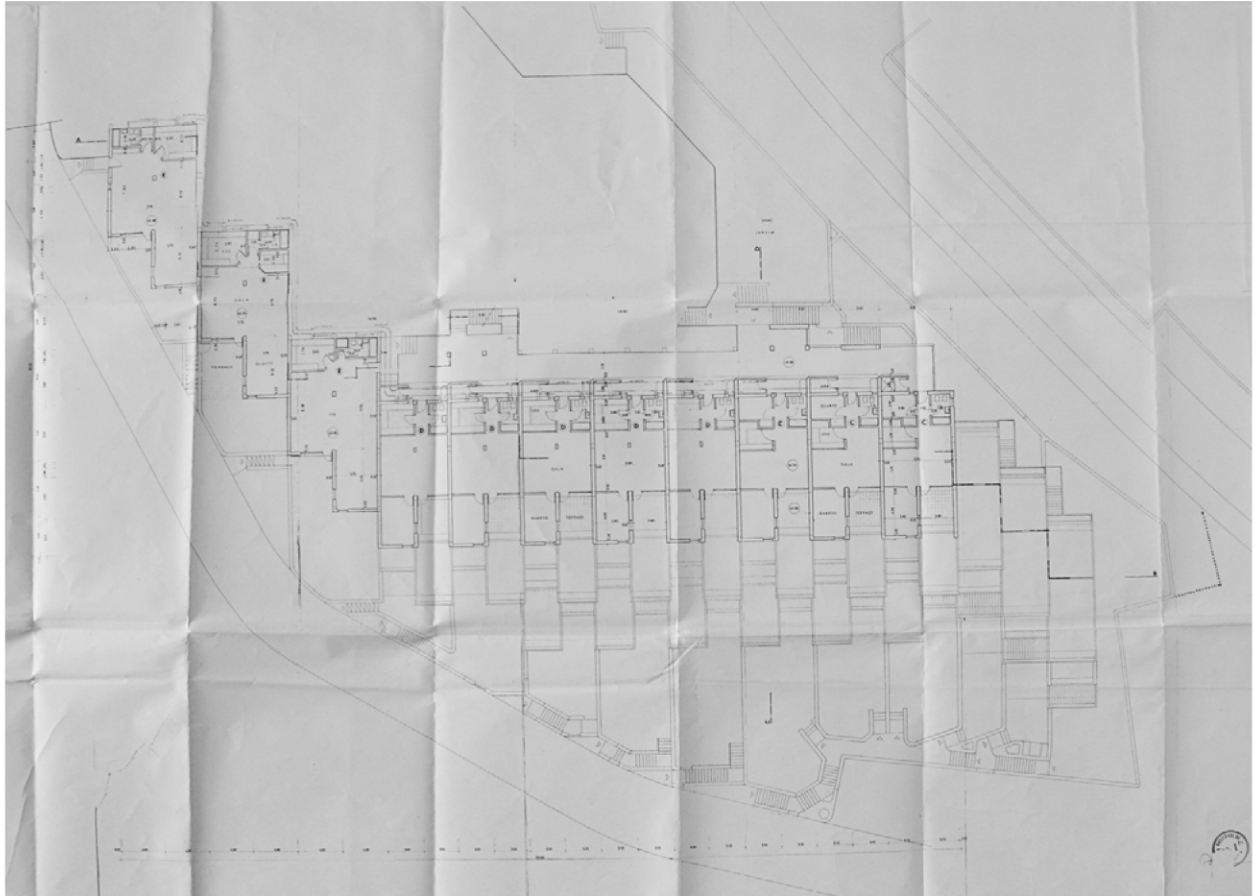
Tecnicamente, o sistema construtivo adoptado resultou, não só das premissas já atrás apontadas mas também da configuração do terreno.

Assentando em plataformas constituindo degraus, o seu desenvolvimento permitiu um tipo de construção aligeirado e portanto a aplicação de processos construtivos simples e económicos.

Os materiais utilizados são em reduzido número, dominando o espesso muro rebocado e caiado ou só caiado, a madeira, os elementos cerâmicos e também o betão que em certos pontos terá um acabamento especial. Assim, além dos resultados económicos atingidos se garante uma maior unidade de todas as peças que compõem o edifício e um partido estético que se baseia na simplicidade dos elementos construtivos aplicados.

15.10.1964







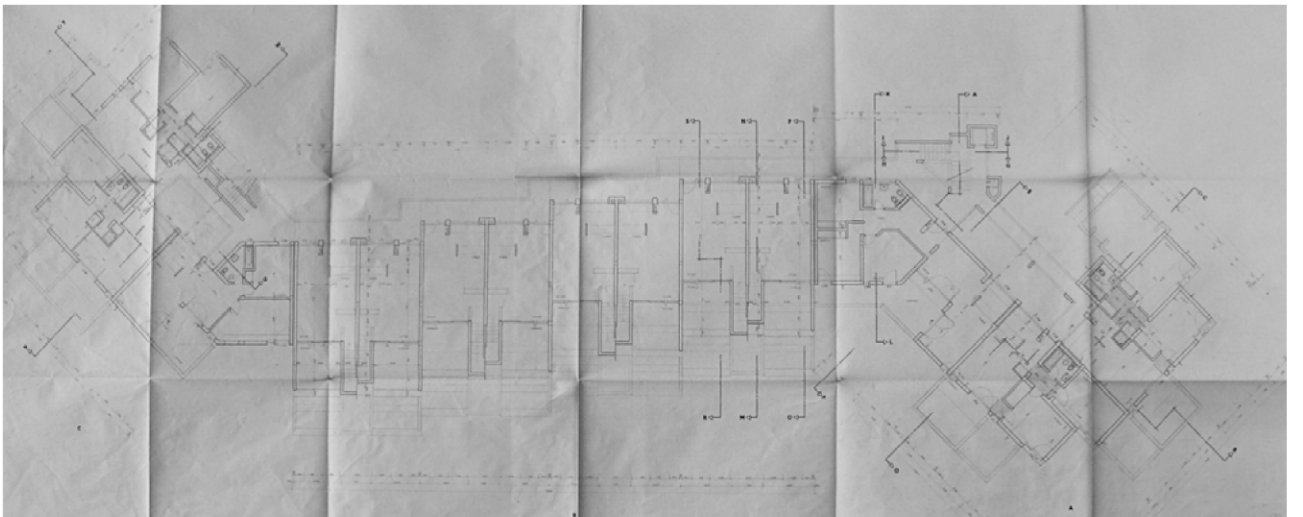
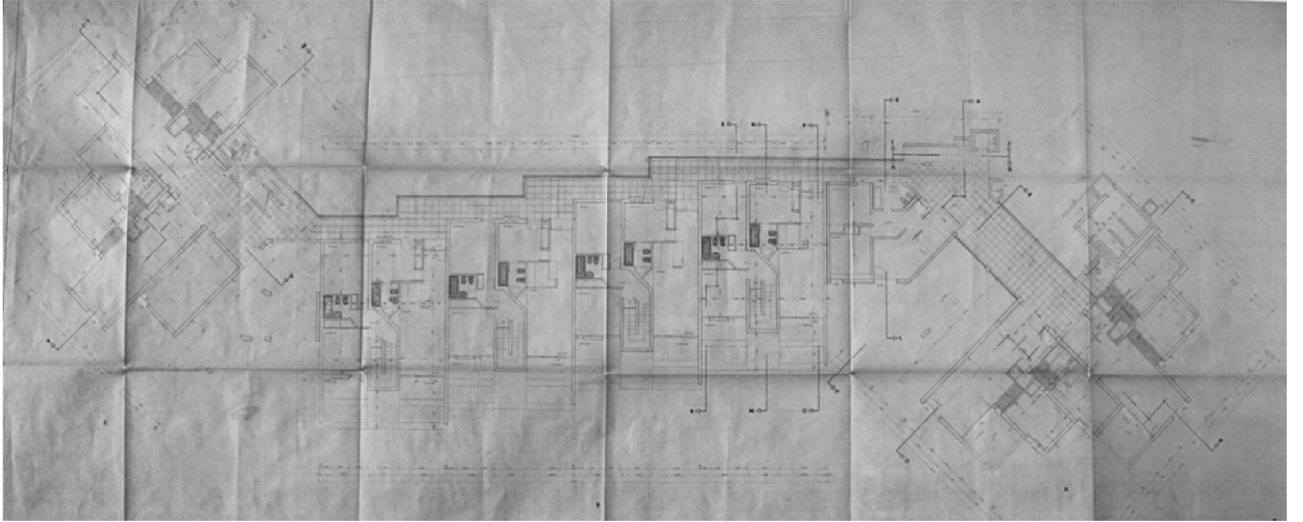


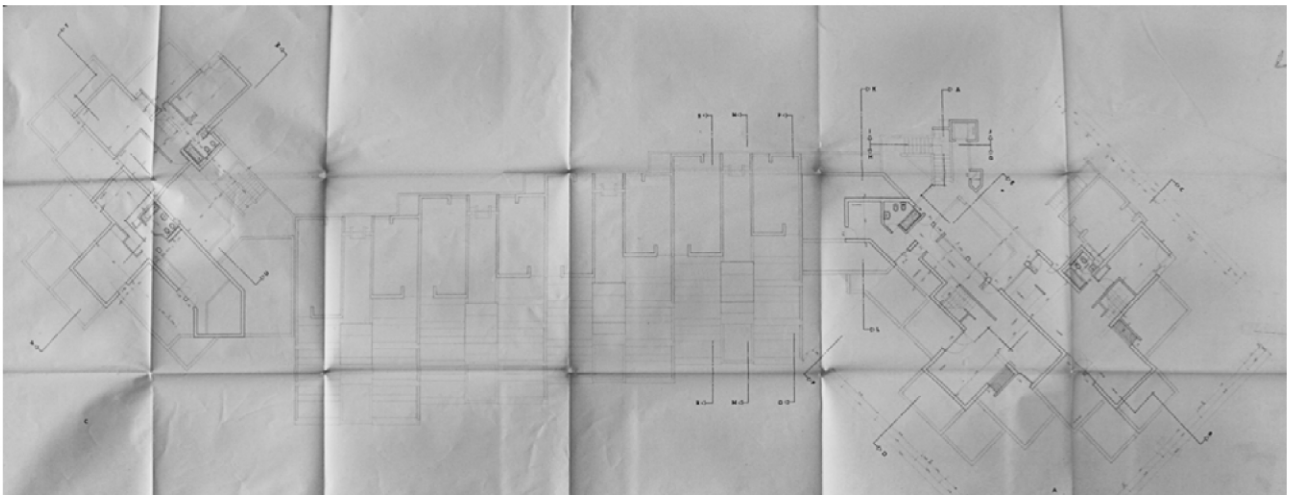
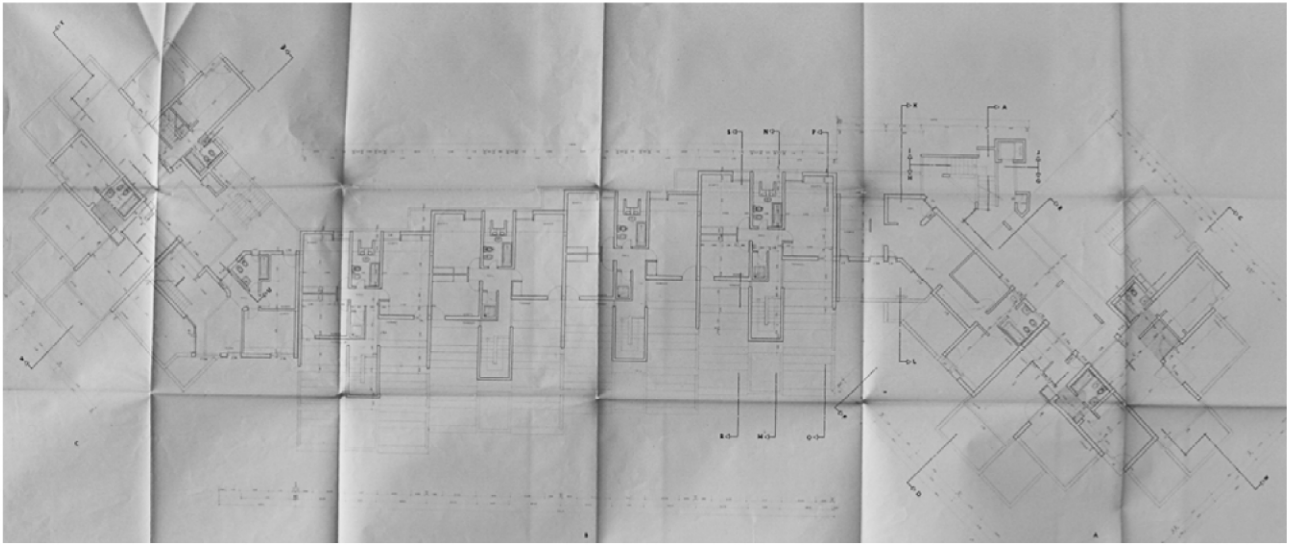


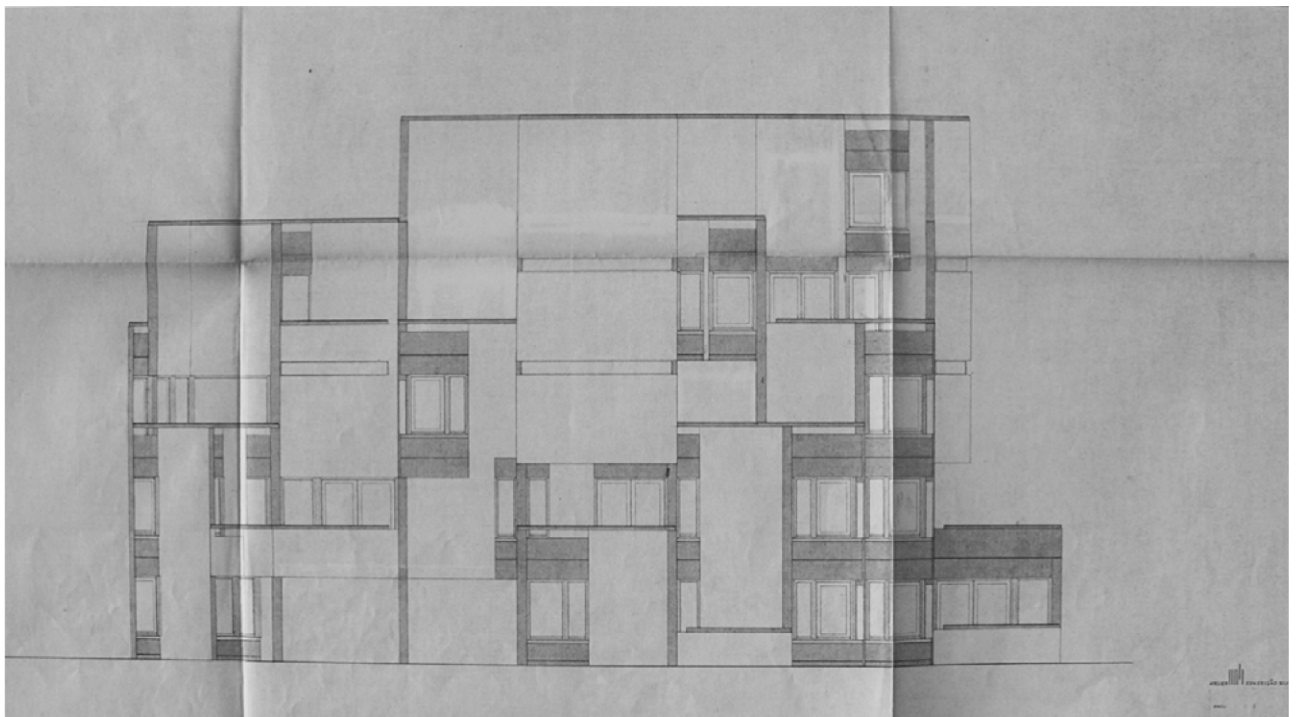
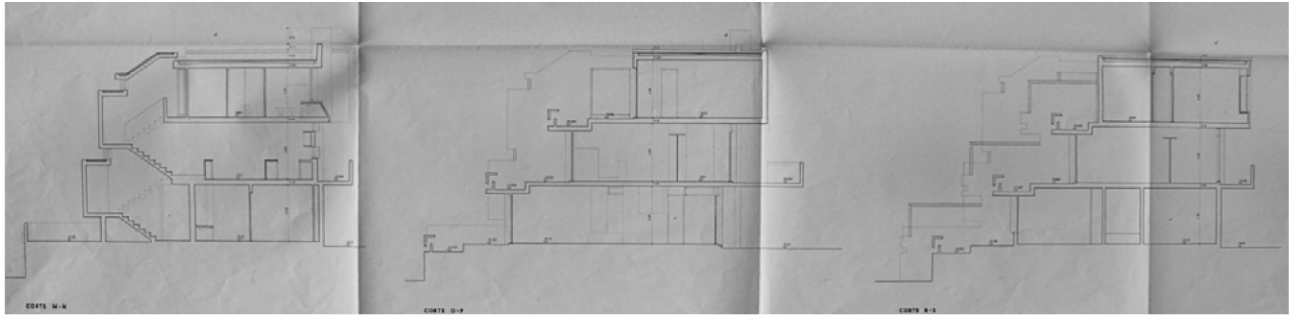


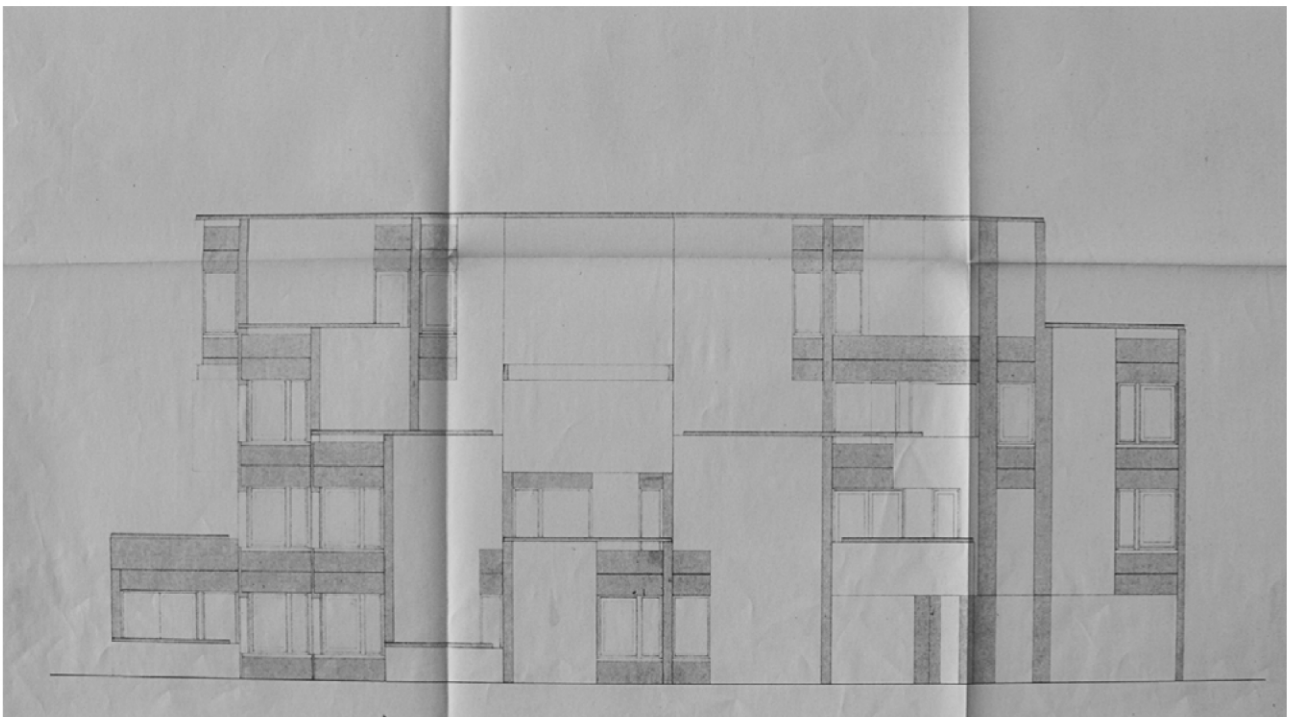
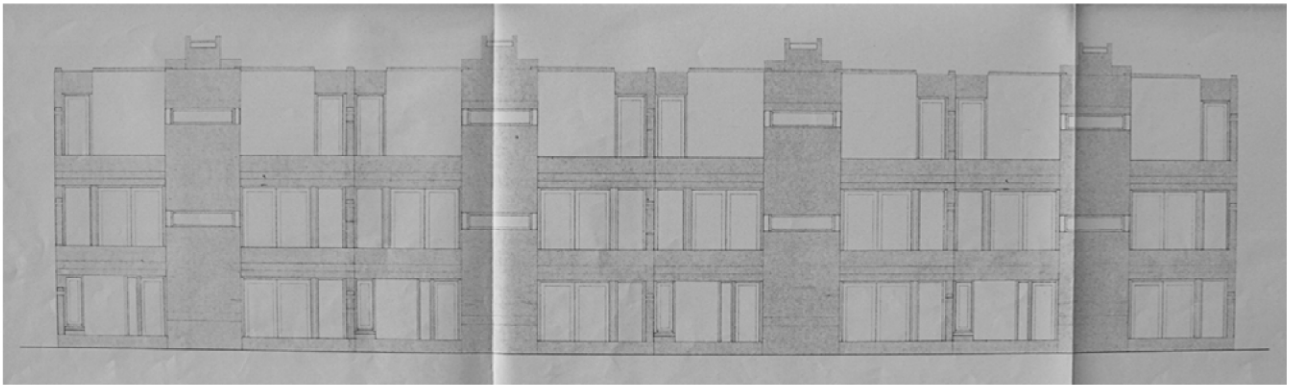


nome do projecto	<b>APARTAMENTOS NA BALAIÁ</b>	n.º processo - arq. Atelier Conceição Silva	2, 50, 73
localização	Albufeira.	n.º processo - arquivo camarário	?
cliente	Francisco Alambre dos Santos		
data projecto	1966-1968		
data construção	1968-1969		
programa	habitação		
tipologias	T1   T2   T2 (duplex)   T3   T3 (duplex)   T4 (duplex)		
área	?		
descrição do projecto	<p>O bloco de apartamentos da Balaia faz parte do designado Plano de Expansão da Praia Maria Luíza, do qual apenas é construído sob a responsabilidade do arquitecto Conceição Silva o Hotel da Balaia, este bloco e um conjunto de moradias.</p> <p>O bloco com a sua implantação em ~ assume-se no terreno, impõe-se como volume fragmentado de forte carácter escultórico. A sua fragmentação, resultado do desencontro entre fogos e organização interna dos mesmos, criando grande dinamismo, retirando peso ao edifício e dando-lhe riqueza às fachadas. Mais uma vez a estrutura é assumida no exterior, criando contraste com os panos de alvenaria rebocados e pintados na cor branco.</p> <p>O acesso às habitações é feito através de galeria exterior, que nas inflexões do edifício, junto dos núcleos de acessos verticais, descola e traz luz para o interior dos fogos. Os núcleos de acessos verticais assumem-se como elementos escultóricos.</p> <p>No corpo do meio situam-se as habitações com tipologias T1, T2 duplex e T3 duplex. Nos dois extremos do bloco encontram-se essencialmente tipologias pequenas (T1 e T2), sendo que nos pisos salientes do bloco encontram-se tipologias maiores (T4 duplex).</p> <p>A organização interna das habitações apresenta grande fluidez, não se perdem áreas com circulações. na maioria dos casos entra-se directamente para a sala, da qual a cozinha faz parte juntamente com uma zona de comer. No prolongamento da sala surge um terraço de dimensionamento generoso, ligando interior e exterior. O terraço surge também em alguns quartos como espaço exterior, não numa atitude de expansão mas como um</p>		
tipo de construção e acabamentos	<p>Exteriormente o bloco é marcado pela sua estrutura de betão aparente e paredes rebocadas e pintadas na cor branco. O sistema de acessos verticais e horizontais é igualmente em betão aparente. A caixilharia é em madeira.</p> <p>No interior dos fogos os revestimentos são:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. salas, quartos e circulações - pavimentos em tijoleira; paredes e tectos estucados</li> <li>. cozinhas e instalações sanitárias - pavimentos em pedra....; paredes revestidas a azulejo a toda a altura</li> </ul>		
bibliografia	<p>SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - <i>Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982</i>. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.83-84.</p> <p>LEITE, Inês - <i>Francisco da Conceição Silva</i>. 2007, p.125.</p> <p>"Alguns trabalhos do Atelier Conceição Silva". <i>Arquitectura</i>, n.º 127-128, 1973, p.40-41.</p>		









nome do projecto	<b>CONJUNTO HABITACIONAL - PORTO DE ABRIGO</b>		
localização	Sesimbra.		
cliente	Sociedade de Construções ERG.		
data projecto	1967-1970	n.º processo - arq. Atelier Conceição Silva	37,78, 89, 342
data construção	1968-1971?	n.º processo - arquivo camarário	127/67   42/70   54/70
programa	habitação + comércio + equipamento		
tipologias	T1   T2 (duplex)   T3 (duplex)   T4 (duplex)   T4 (triplex)		
área	15060 m2		
descrição do projecto	<p>Conjunto habitacional localizado no lado poente de Sesimbra, entre o núcleo da vila e o porto de abrigo, inserido na área da Urbanização em Palames.</p> <p>O conjunto é composto por cinco blocos (seriam seis, caso o corpo que incluía café, restaurante, supermercado, lavandaria e serviços de administração tivesse sido concretizado) de volume recortado, fragmentado. Os volumes apesar de escalonados ao longo do terreno impõem-se na paisagem envolvente. A fragmentação criada nos volumes através do desencontro dos fogos retira algum do peso aos mesmos, criando riqueza volumétrica e jogos de luz/sombra nas fachadas. As janelas de canto e os terraços (prolongamento claro da habitação para o exterior), de forte presença nos volumes, para além de trazerem uma forte ligação entre interior e exterior da habitação ajudam a quebrar a massa dos volumes.</p> <p>O acesso às habitações é feito através de galerias exteriores, que com o desencontro dos fogos criam antecâmaras exteriores. O acesso às galerias é feito através de núcleos verticais que na sua maioria se apresentam como elementos escultóricos.</p> <p>Em termos de organização espacial, o conjunto apresenta grande variedade de relações entre fogos, variando a organização interna das habitações entre o T1 e o T4 triplex. Na generalidade o espaço interno das habitações é bastante fluído, especialmente no piso de entrada da habitação onde se situa a cozinha e a sala. A cozinha, na generalidade, apresenta grande ligação com a sala, que se divide em zona de comer e zona de estar prolongada para o exterior num terraço protegido e intimista.</p>		
tipo de construção e acabamentos	<p>No que respeita a materiais no exterior, este edifício é marcado pela sua estrutura de betão aparente (pintado), paredes rebocadas e pintadas na cor branco. A caixilharia e venezianas são em madeira. O sistema de acessos verticais e horizontais também é em betão aparente, excepto o pavimento da galeria em tijoleira? e as escadas em pedra...</p> <p>No interior dos fogos os revestimentos são:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. salas, quartos e circulações - pavimentos em tijoleira; paredes e tectos estucados</li> <li>. cozinhas e instalações sanitárias - pavimentos em pedra....; paredes revestidas a azulejo a toda a altura</li> </ul>		
bibliografia	<p>SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - <i>Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982</i>. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.60-62.</p> <p>LEITE, Inês - <i>Francisco da Conceição Silva</i>. 2007, p.119.</p> <p>"Alguns trabalhos do Atelier Conceição Silva". <i>Arquitectura</i>, n.º 127-128, 1973, p.42-44.</p>		

memória descritiva

(...) projectaram-se 51 fogos de 2 tipos básicos: 36 fogos de 4 quartos alojando uma população que se prevê de 160 habitantes e 15 fogos de 1 e 2 quartos alojando uma população que se prevê de 40 habitantes (...) equipamento colectivo - café - restaurante, supermercado e lavandaria, cuja construção se justificará plenamente com a realização de todo o conjunto.

Previram-se parques para todas as habitações e ainda alguns lugares em excesso para apoio do equipamento referido.

O partido tomado quanto às construções foi de não destruir o sentido natural do terreno articulando os volumes dos apartamentos por forma a criar amplos espaços verdes.

À cota mais elevada situa-se o acesso principal e equipamento tendo sido criadas amplas esplanadas em posição privilegiada. Os volumes dos apartamentos irradiam deste núcleo que assim se espera seja muito vivo nas suas propostas de espaços públicos.

O esquema dos blocos de apartamentos é de galerias servindo apartamentos tipo duplex.

O terreno sugeriu diferentes formas de acesso às galerias, seja por caixa de escada, seja por lanços de degraus que acompanham a pendente natural.

(...) o aproveitamento dos terraços e as diversas possibilidades oferecidas pela própria organização dos volumes e acessos permitiram enriquecer a maioria dos apartamentos seja com um terraço solário na cobertura para os duplex, seja com mais um, nalguns casos dois, quartos e solário nos apartamentos menores.

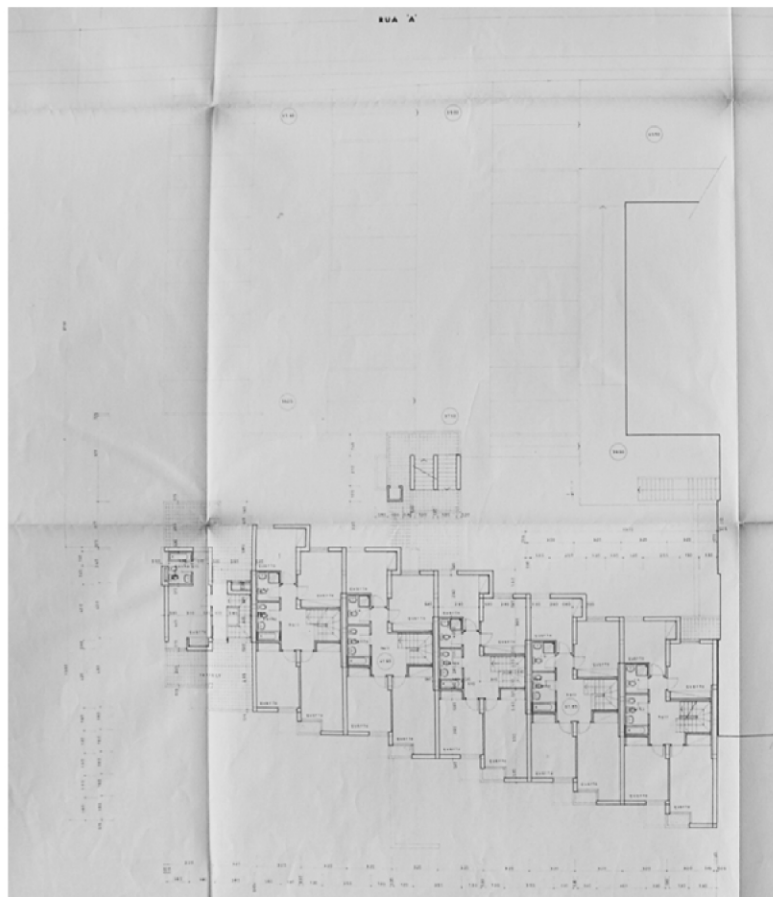
Em qualquer dos casos oferece-se sempre uma grande varanda voltada a sul e protegida e de excelente panorâmica. Houve o maior cuidado em garantir para todos os casos uma perspectiva desimpedida de construções próximas, para o que se jogou com diferentes ângulos e cotas de inserção dos blocos.

A extraordinária riqueza volumétrica levou-nos a uma atitude de contenção do ponto de vista de expressão de materiais.

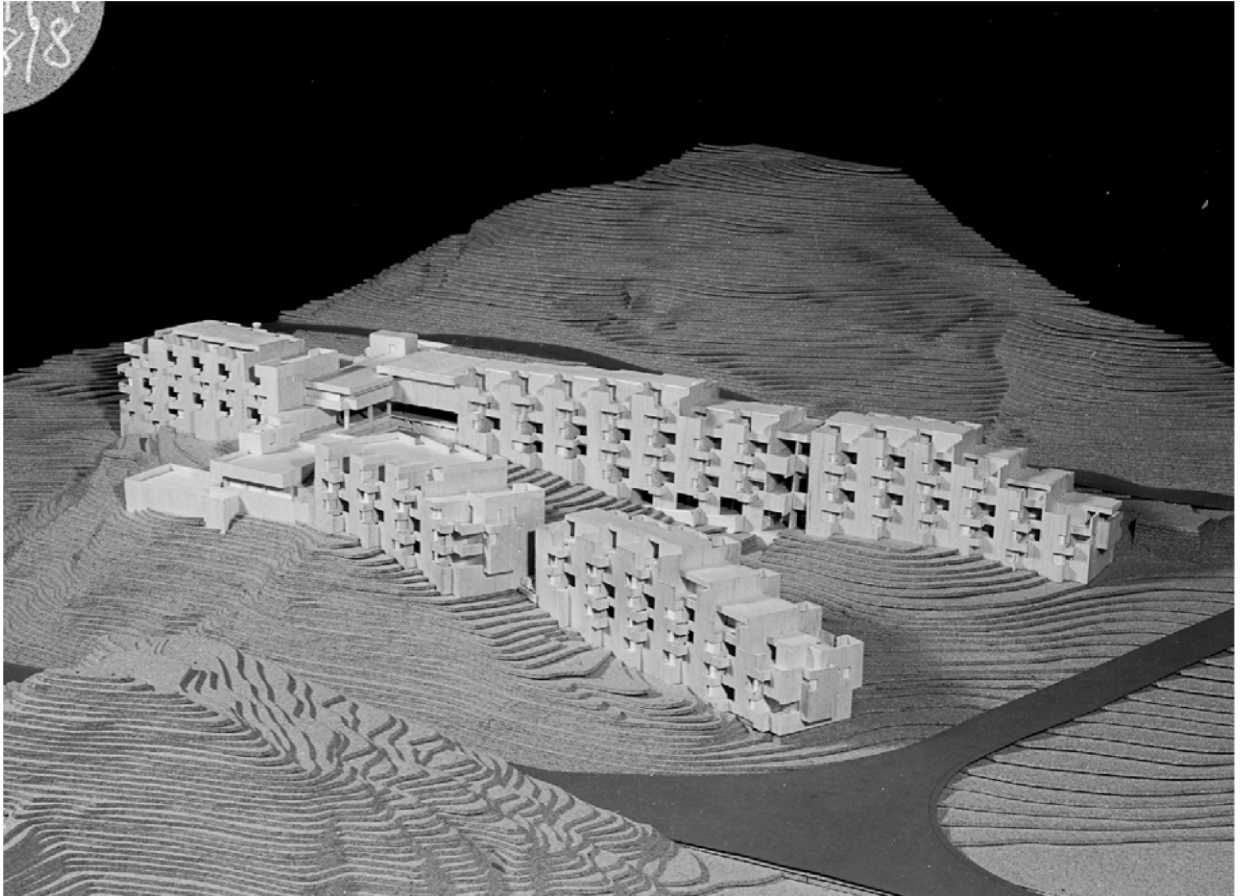
(...)

Todos os espaços exteriores serão tratados com o ajardinamento adequado às diversas situações.

Lisboa, 31 de Julho de 1967















nome do projecto	<b>VALADAS E SIMÕES - AMOREIRAS</b>	n.º processo - arq. Atelier Conceição Silva	18
localização	Avenida Conselheiro Fernando de Sousa n.º 21, Lisboa.	n.º processo - arquivo camarário	57894 (obra)
cliente	Valadas e Simões		31720/67   24169/69
data projecto	1967-1971		
data construção	1969-1973		
programa	habitação + escritórios + comércio		
tipologias	T1   T2   T3   T4   T4 duplex		
área	?		
descrição do projecto	<p>O edifício faz parte de um conjunto de quatro lotes projectados por diferentes arquitectos, no entanto o de Conceição Silva destaca-se pela passagem existente para as traseiras dos lotes, pelas varandas subtraídas ao volume regular e linear do edifício e pelo tratamento da fachada, em termos de vãos e materiais.</p> <p>O edifício tem dois núcleos de acessos verticais, um para os escritórios (na altura sede da ENGIL) que ocupavam três pisos e outro para as habitações. O esquema de acesso às habitações é um típico esquerdo/direito.</p> <p>A organização dos pisos de habitação é a seguinte: piso 6 - habitação da porteira, T1 e T3; pisos 7, 9, 11, 13, 15 - T3 e T4 duplex; pisos 8, 10, 12, 14, 16 - T3; piso 17 - T2 e T3; piso 18 - fogo único - T4; piso 19 - dois ateliers e casa das máquinas.</p> <p>A organização interna dos fogos, apesar da ligação do hall de entrada a uma sala ampla, não é especialmente fluída, é controlada, resultado de um programa para uma média/alta burguesia com criada. Nota-se uma clara diferença das tipologias T3 e T4 duplex para o T1. Nas primeiras, perde-se alguma área em circulações, existe entrada de serviço e quarto de criada com I.S. própria adjacente à cozinha, compartimentando-se essa parte do fogo "isolando-a", no caso do T1 não existem áreas de circulação perdidas, a cozinha integra-se na sala gerando um espaço interno mais informal.</p>		
tipo de construção e acabamentos	<p>Exteriormente o edifício é revestido por materiais nobres, pedra lioz e cobre. A caixilharia é em .....</p> <p>No interior dos fogos os revestimentos são:</p> <p>. salas, quartos e circulações - .....</p> <p>. cozinhas e instalações sanitárias - .....</p>		
bibliografia	<p>SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - <i>Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982</i>. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.119.</p> <p>LEITE, Inês - <i>Francisco da Conceição Silva</i>. 2007, p.173.</p>		

memória descritiva

O projecto que se apresenta destina-se ao lote número 1367 da Avenida "A" às Amoreiras, e faz parte de um conjunto constituído pelos lotes com os números 1366 a 1370.

De acordo com as condições de praça em que se propunha que cada lote constituísse unidade arquitectónica com os restantes lotes do bloco, os autores de cada um dos edifícios formaram uma equipe que garantisse a unidade desejada.

Em face da diversidade de programas e até dimensionamento dos lotes, encontrou-se uma solução que não só possibilitasse a unidade de conjunto proposta como ainda a correspondência aos programas a cumprir.

Resultou assim uma solução com a unidade pretendida dentro duma diversificação controlada e que corresponde às necessidades dos programas estabelecidos.

O logradouro será totalmente ocupado como resultado da solução de conjunto, sendo as caves utilizadas para estacionamento.

Projecta-se também um andar recuado com continuidade, que engloba as caixas de escada e elevadores é onde se localizam as habitações de porteira e outras dependências relacionadas com a administração do prédio.

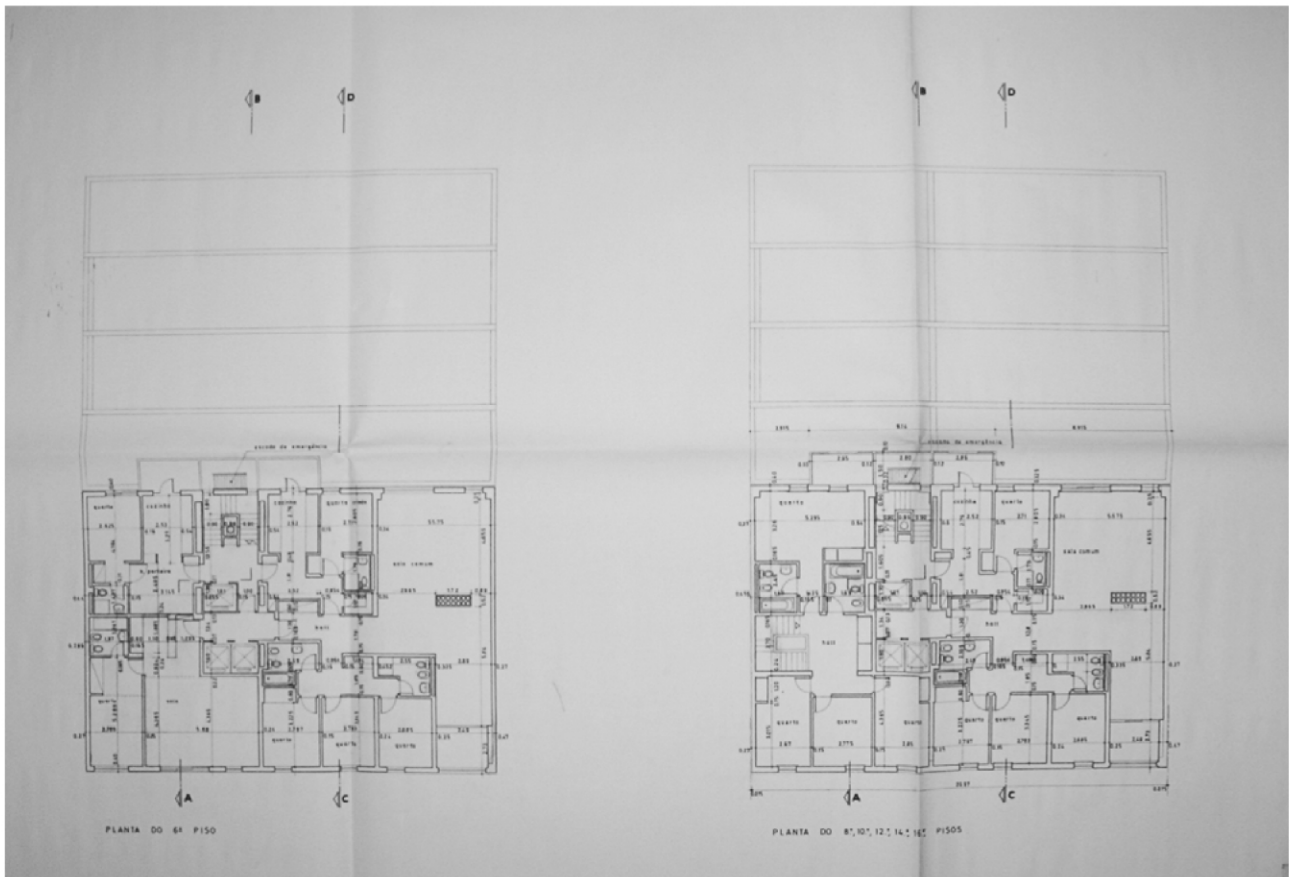
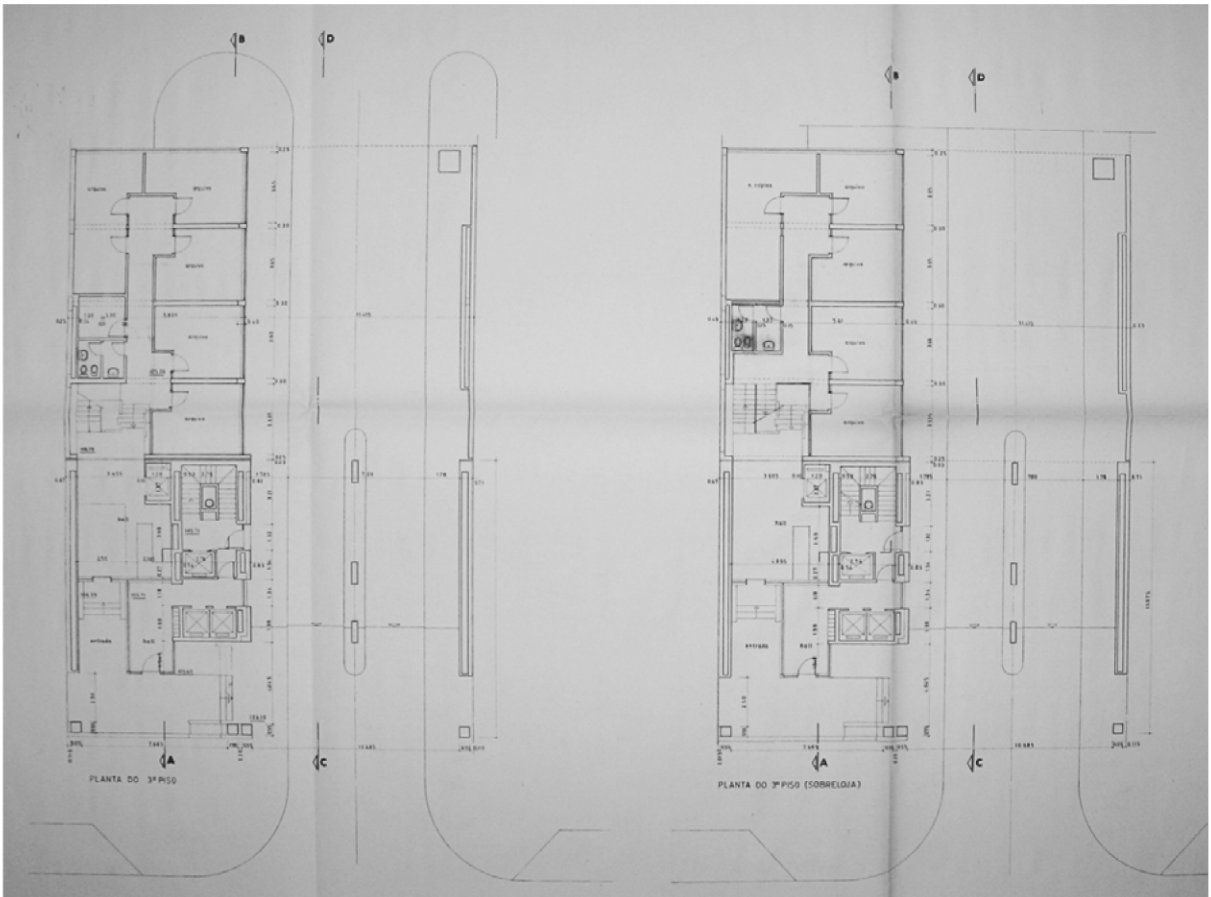
Esta solução garante uma unidade ao andar superior e cobertura do bloco, muitas vezes difícil de conseguir pela existência de elementos de utilização diversa entre os edifícios.

As habitações destinam-se à venda em propriedade horizontal, projectando-se 2 tipos, sendo um em "duplex".

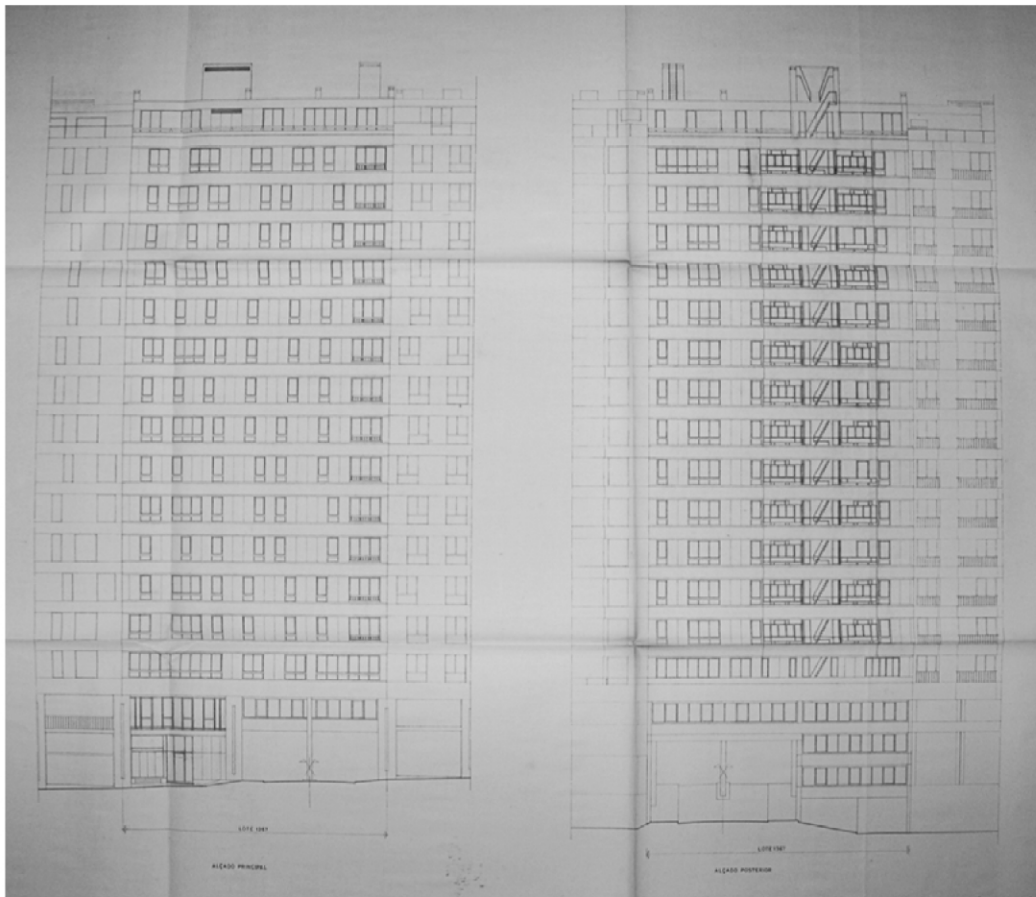
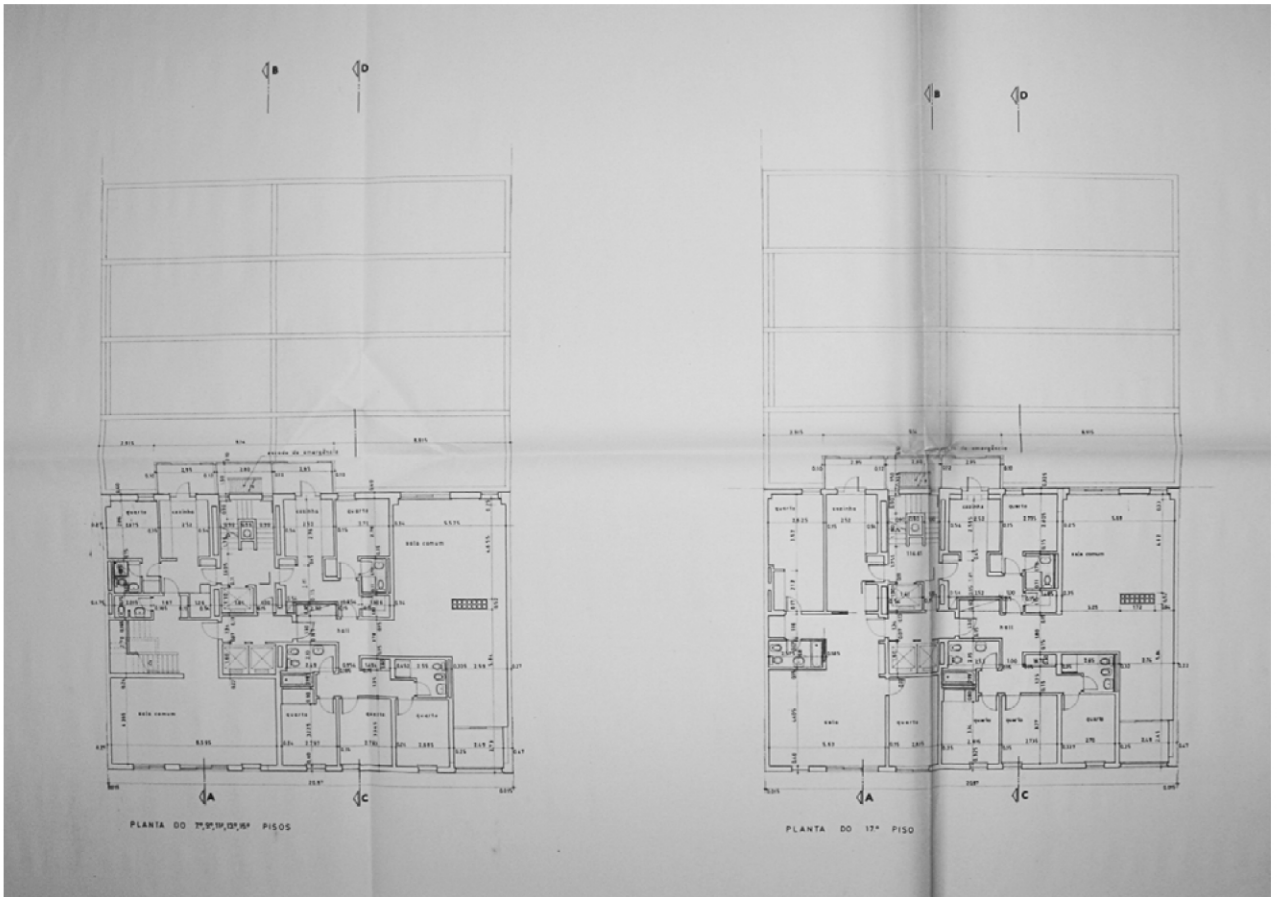
São constituídas por sala comum, 3 quartos de cama e serviços, dispondo a habitação em "duplex" de mais um quarto.

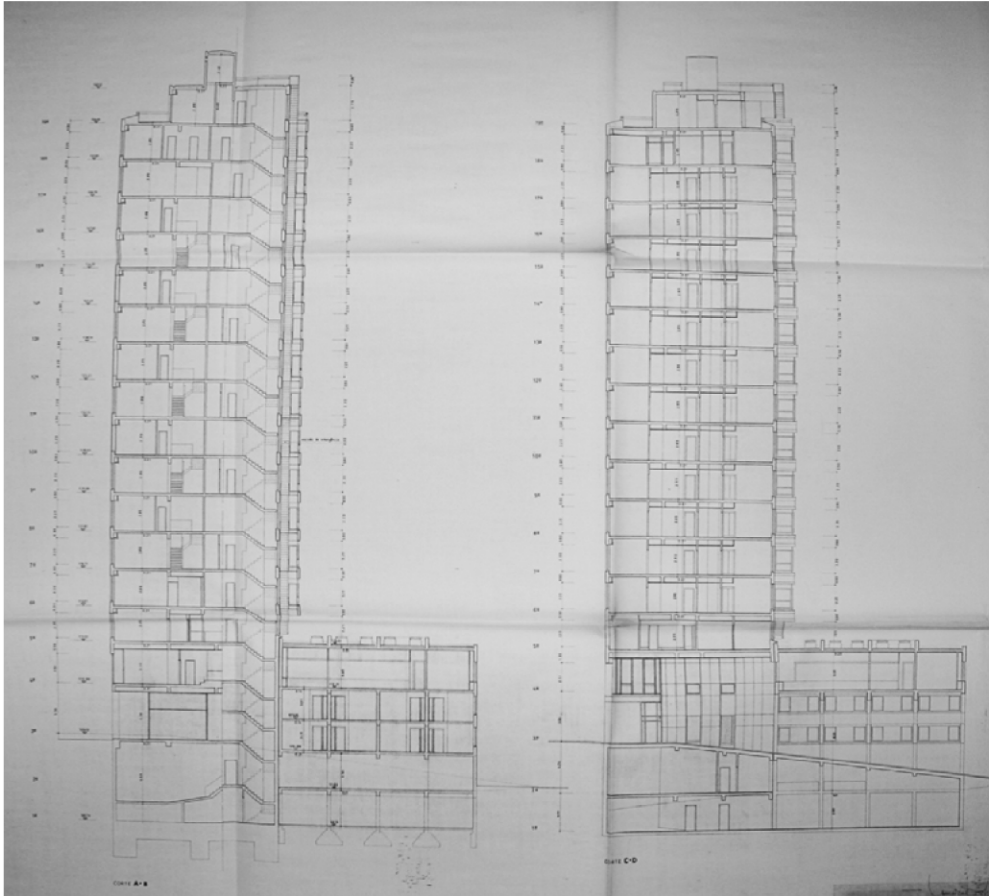
Os revestimentos exteriores serão constituídos por pedra (litoz) e cobre, procurando-se com materiais nobres garantir a unidade encontrada na solução do conjunto.

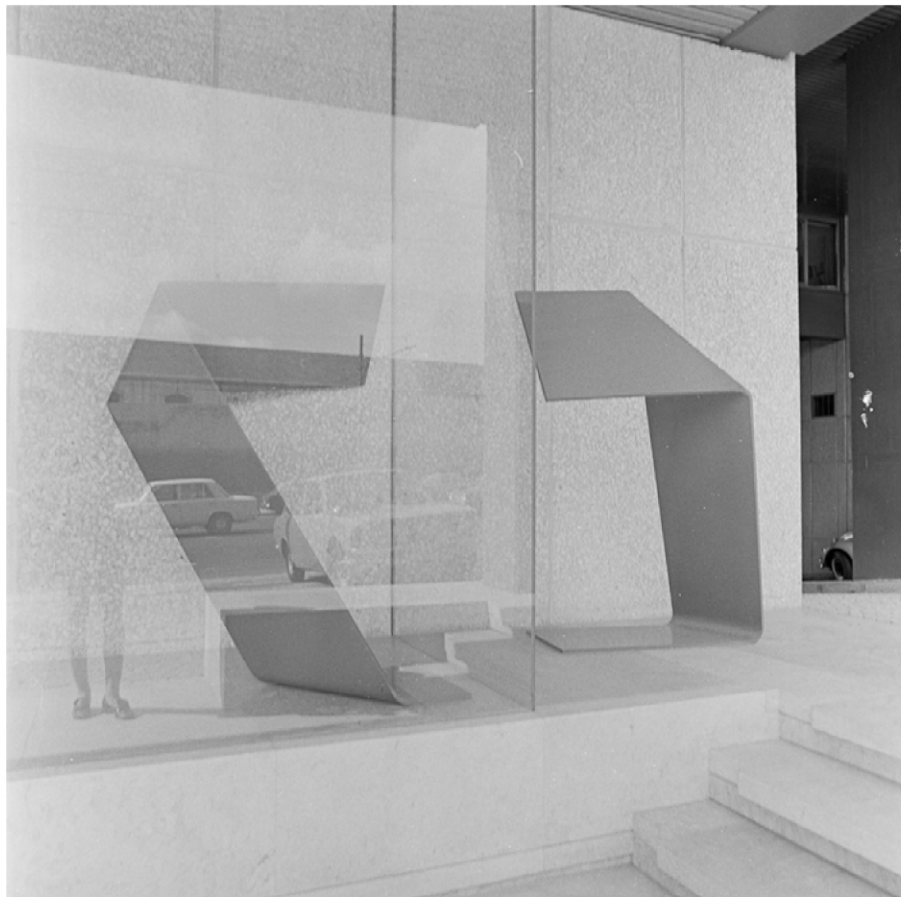
Lisboa, 13 de Julho de 1967



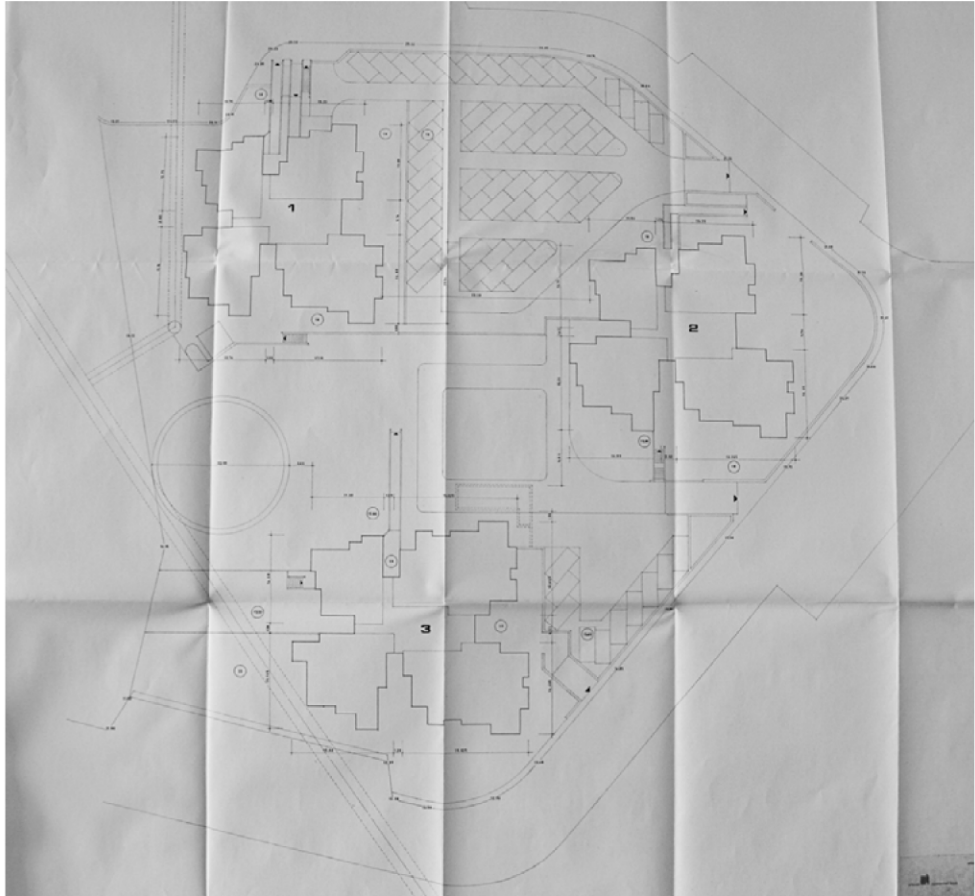








nome do projecto	<b>TORRES DE ALFRAGIDE</b>	
localização	Alfragide, Lisboa.	
cliente	SIURBE	
data projecto	1968-1971	n.º processo - arq. Atelier Conceição Silva 132, 160, 169, 182,
data construção	1969-1974	n.º processo - arquivo camarário O.C.P. 1252/68   2088 PB - 1407/71   OCP 102/70
programa	habitação + área comercial	
tipologias	T1   T2   T3   T3 (duplex)   T4   T5	
área	10000m2	
descrição do projecto	<p>Este conjunto de torres insere-se na denominada Unidade Residencial de Alfragide e é composto por três torres organizadas em torno de uma área comercial (4329 m2) junto à qual se situa a piscina. O projecto e construção desenvolveu-se em seis anos sendo interrompido com a revolução de 1974 (encontrava-se praticamente acabado).</p> <p>As três torres apresentam desenho e volumetria semelhante. O acesso a cada torre é feito através de rampas que ligam a um espaço central amplo onde se articulam os quatro corpos que constituem cada torre. O acesso aos fogos é feito através desse espaço, onde se encontra o núcleo de acessos verticais, que serve na maioria dos casos, entre quatro a seis fogos por piso.</p> <p>As tipologias dos fogos variam entre o T1 e o T5 sendo a mais comum o T3. Para além da grande variedade de tipologias surgem ainda variantes dentro das mesmas.</p> <p>A organização interna dos fogos é bastante fluída, mesmo nos fogos de tipologias maiores. Entra-se nas habitações para um vestíbulo de franca ligação com a sala, que dentro das variadas tipologias e suas variantes, se apresenta como o compartimento com maior número de soluções. A sala tem sempre terraço e duas áreas distintas: o comer e o estar, tendo nalguns casos lareira. É também na sala que se encontra a escada (no caso dos duplex) e a partir da qual se acede geralmente aos quartos. Também a cozinha varia conforme se trata de um fogo com quarto de criada ou não, ou no caso do T2, que se abre para a sala estabelecendo relação directa com a mesma. A variação nos quartos é menor, sendo de salientar no entanto, que alguns fogos têm o denominado quarto suite (i.s. própria).</p>	
tipo de construção e acabamentos	<p>Exteriormente as torres apresentam um ar brutalista com a sua estrutura de betão aparente, sendo aplicado reboco pintado na cor branco maioritariamente nos panos de alvenaria. A caixilharia e guardas são em madeira.</p> <p>No interior de cada torre o espaço central é revestido .....</p> <p>No interior dos fogos os revestimentos são:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. salas, quartos e circulações - .....</li> <li>. cozinhas e instalações sanitárias - .....</li> </ul>	
bibliografia	<p>SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - <i>Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982</i>. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.107-108.</p> <p>LEITE, Inês - <i>Francisco da Conceição Silva</i>. 2007, p.176.</p> <p>"Alguns trabalhos do Atelier Conceição Silva". <i>Arquitectura</i>, n.º 127-128, 1973, p.42-44.</p>	







nome do projecto	<b>URBANIZAÇÃO DAFUNDO</b>	n.º processo - arq. Atelier Conceição Silva	131
localização	Alto do Dafundo, Oeiras.	n.º processo - arquivo camarário	?
cliente	UAD		
data projecto	1969-1971		
data construção	não construído		
programa	habitação + comércio + serviços + equipamento		
tipologias	T1 S.   T2 S.   T3 S.   T3 D.   T4 S.   T4 D.   T5 S.   T5 D. (203 fogos)		
área	34200 m2		
descrição do projecto	<p>Plano de Urbanização semelhante às estruturas de urbanismo utópico. Projecto que propõe uma nova imagem de cidade, de vida urbana opondo-se ao urbanismo de quarteirão ou ao sistema de plano aberto protagonizado nos bairros dos Olivais.</p> <p>O projecto é caracterizado por uma grande concentração de edifícios, um conjunto de grande densidade e que procura ser entendido como um único edifício, deixando espaços livres amplos destinados a áreas verdes e equipamentos.</p> <p>O conjunto é composto por edifícios habitacionais organizados em torres articuladas através de bandas, um núcleo central de equipamento comunitário (sala polivalente, snack bar e restaurante, supermercado), parque de estacionamento e espaços exteriores tratados onde são desenhados percursos pedonais e se inclui zonas de recreio, parque infantil e piscina.</p> <p>O acesso ao grande número de fogos (203) que o conjunto alberga, é feito a partir de seis núcleos de acessos verticais (núcleos das torres) articulados entre si por galerias.</p> <p>As tipologias dos fogos variam entre o T1 e o T5 sendo as mais comum o T3, T4 e T5. As diversas tipologias tanto são organizadas em simplex e duplex.</p> <p>A organização interna do fogo.....</p>		
tipo de construção e acabamentos			
bibliografia	<p>SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - <i>Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982</i>. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.109.</p> <p>LEITE, Inês - <i>Francisco da Conceição Silva</i>. 2007, p.175.</p>		



O projecto é o modo através do qual tentamos pôr em acto a satisfação dos nossos desejos. Existe todavia implícito na palavra projecto um sentido de distância entre esse mesmo desejo e a sua satisfação, um sentido de tempo preenchido pelo esforço de organizar um conjunto de fenómenos e objectivos, num momento preciso do processo histórico.

É importante considerar no entanto que existe sempre uma distância entre o pensamento e a acção, uma dialéctica em que nem sempre coincidem os resultados com os objectivos inicialmente propostos.

Estas palavras são estranhas se as compararmos com as que constituem uma memória descritiva, porém revelam-se necessárias se tivermos em conta a extraordinária importância do empreendimento em causa, isto não só do ponto de vista económico (cliente) como simbólico e cultural (arquitecto).

Dir-se-ia que apenas nos interessam os dois últimos pontos de vista, dado que a nossa situação se situa a um nível estritamente conceptual.

É evidente que a proposta que agora apresentamos se relaciona mais com a “estrutura do urbanismo utopista” (Archigram, Yona Friedman, etc.) do que naquele construído no desenvolvimento do processo histórico.

Ver-se-á com facilidade que o que propomos para o Alto do Dafundo nada tem que ver com o clássico traçado hipodâmico que ainda vemos ser utilizado em Lisboa na sistematização de novas urbanizações, nem tão pouco com as recentes experiências de plano aberto organizadas pelo GTH para os novos bairros dos Olivais (Norte e Sul).

Não pretendemos colocar-nos numa posição crítica em ordem ao urbanismo clássico dado que não é este o lugar próprio, porém não podemos deixar de notar que se esgotou há muito a sua capacidade de informação (a sua capacidade para ordenar espaços que correspondam às necessidades funcionais, sócio-económicas e culturais) através do desenvolvimento da vida das cidades.

Em relação a problemas tão humildes como a conquista de luz (condições higiénicas) de espaço para parques de estacionamento, grande concentração (que numa cidade se torna fundamental para reduzir o equipamento urbano) mostrou uma total incapacidade para responder às novas situações o que fez surgir a teoria do “plano aberto” cuja divulgação através de “Manière de penser l’urbanisme” eterniza o processo.

São os novos conceitos de análise, as novas categorias de análise, as novas categorias de metodologia crítica da cidade que permitem elaborar propostas de ordenação do espaço que englobem todos os interagentes: estruturas funcionais, estrutura da imagem, (controle do ambiente físico, instituição de certas possibilidades de percurso), responder a imposições económicas e tecnológicas e propor uma nova estrutura do ambiente psicológico.

De cada vez que se avança no conhecimento e se aprofundam as necessidades de controlar o ambiente, percebe-se a importância desta atitude e mais importante se torna ainda a actividade do arquitecto, a qual nunca mais poderá vir a ser desenvolvida sem uma integração lúcida nas profissões que a enquadram e justificam. A um nível de posição cultural poderemos, sem risco de sermos retóricos, afirmar que se torna cada vez mais necessário que ao fazer um edifício o arquitecto tenha já estruturada uma ideia de rua e que esta tenha nascido da dialéctica interior justificada pelos sucessivos exercícios de entendimento da cidade e da vida sócio-económica e cultural do país, e enquadrado no desenvolvimento geral do conhecimento arquitectónico.

Dentro deste esquema mental elegemos um conceito para estruturar todo o processo de desenvolvimento do trabalho: o conceito da imagem que a si própria se estrutura a partir da noção de paisagem urbana como objecto estético.

(...)

## ESTRUTURA FUNCIONAL

### Conceitos

O nosso trabalho foi estruturado não apenas como reacção ao urbanismo de quarteirão ou ao sistema de plano aberto mas com um objectivo muito concreto de propor uma imagem nova para a cidade, (...) uma estrutura de espaços urbanos (...) portadora de informação e capacidade didáctica em ordem aos seus utentes e em termos

gerais a quem se relaciona com ela. Procuramos assim, que a uma continuidade espacial correspondesse uma continuidade visual obtida através duma continuidade física a qual é suportada por uma vasta rede de percurso de peões.

Servem de “background” cultural três ideias fundamentais sobre as quais nos apoiamos para justificar e tornar clara a proposta. São elas:

#### IMAGEM

Actua como um sinal ou ponto de referência em relação à visualização da cidade.

#### CONCENTRAÇÃO

É este o conceito que nos leva a agrupar o conjunto dos edifícios numa zona limitada do terreno a fim de deixar grandes espaços livres, espaços destinados aos verdes, ao “loisir” e ao equipamento comunitário (parque infantil, piscina, etc.)

#### ALTA DENSIDADE

Permite a organização de espaços cuja intensidade de vida se opõe às noções muito divulgadas de triunfo da privacidade contra a comunidade.

É da dialéctica destes dois conceitos que poderá surgir um núcleo com valor urbano, oposto a um valor rural.

#### Descrição

Organização de fogos em torres ligados por fogos em banda.

Núcleo central de equipamento comunitário

Sala polivalente (conferências, cinema, teatro, exposições)

Snack Bar e restaurante

Supermercado

Parque de estacionamento automóvel (ligado directamente aos fogos)

Percurso de peões

Espaços livres exteriores

Recreio e parque infantil

Piscina

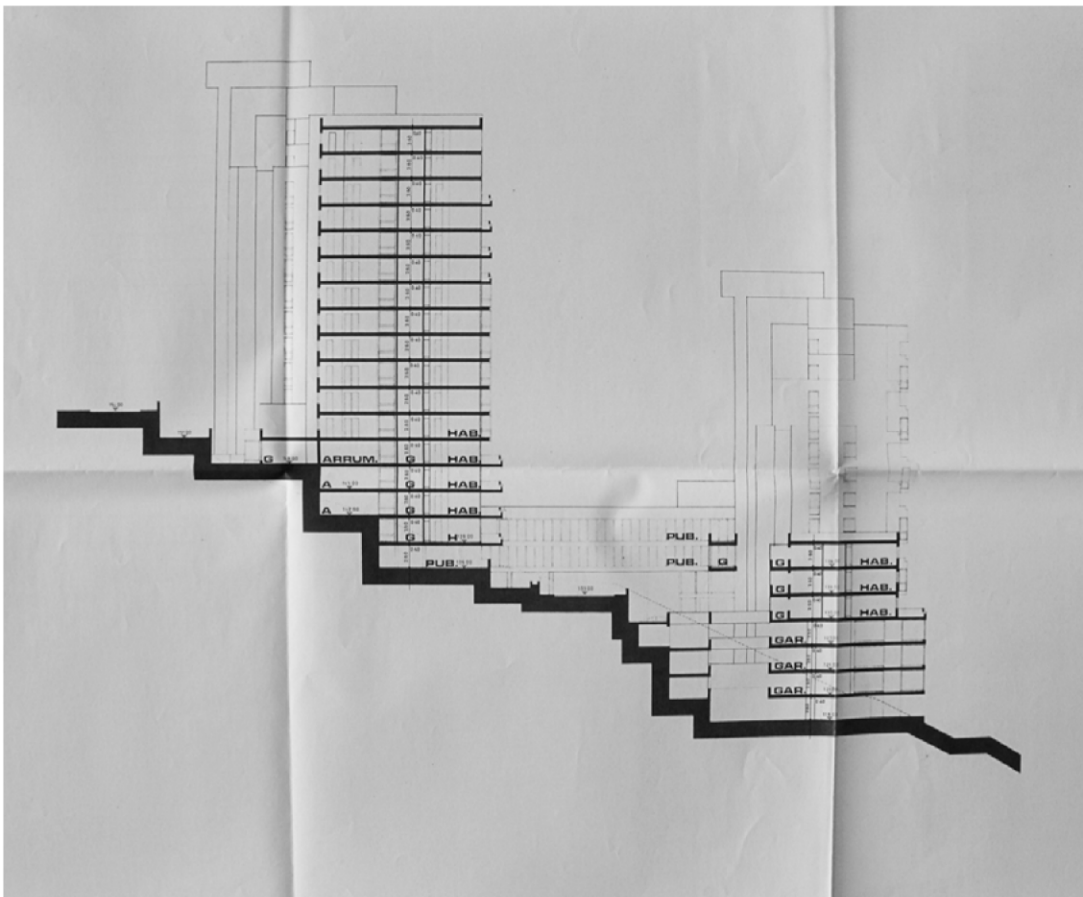
#### LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DO TERRENO / INTEGRAÇÃO (HISTÓRICA E URBANA)

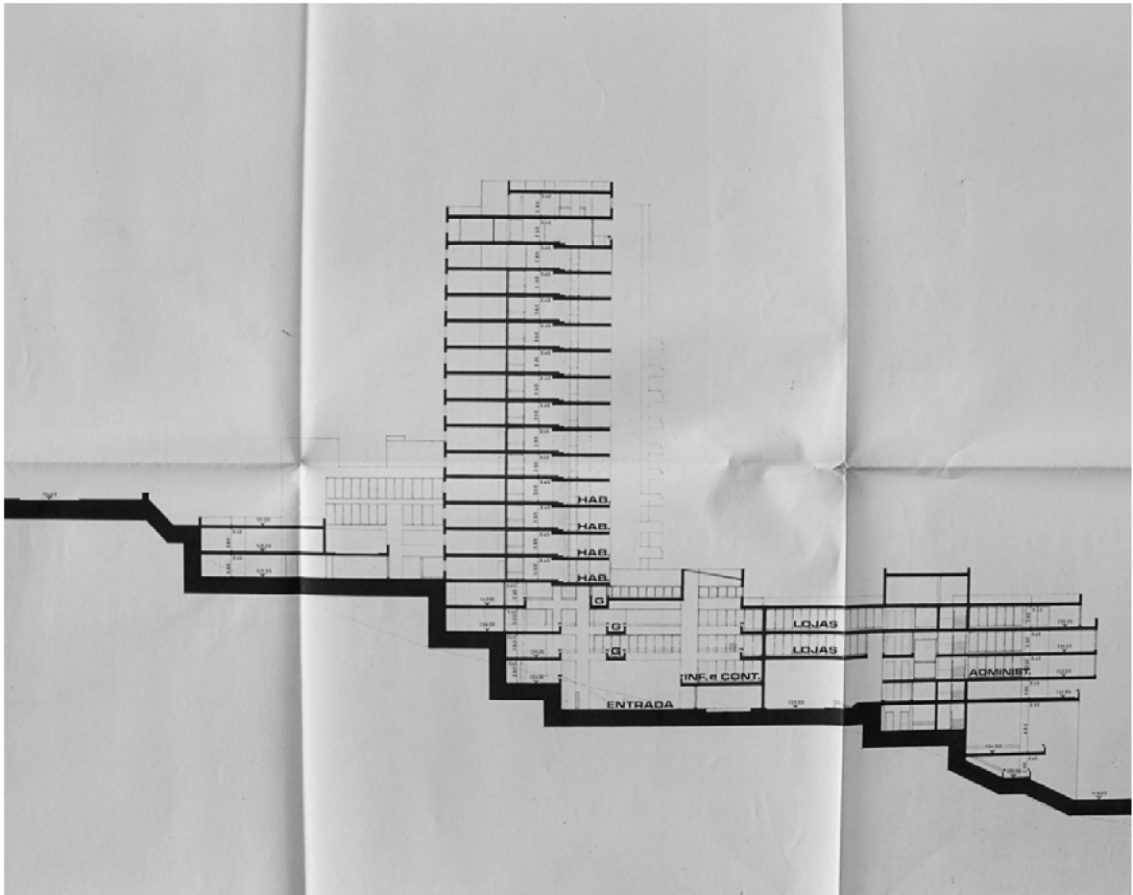
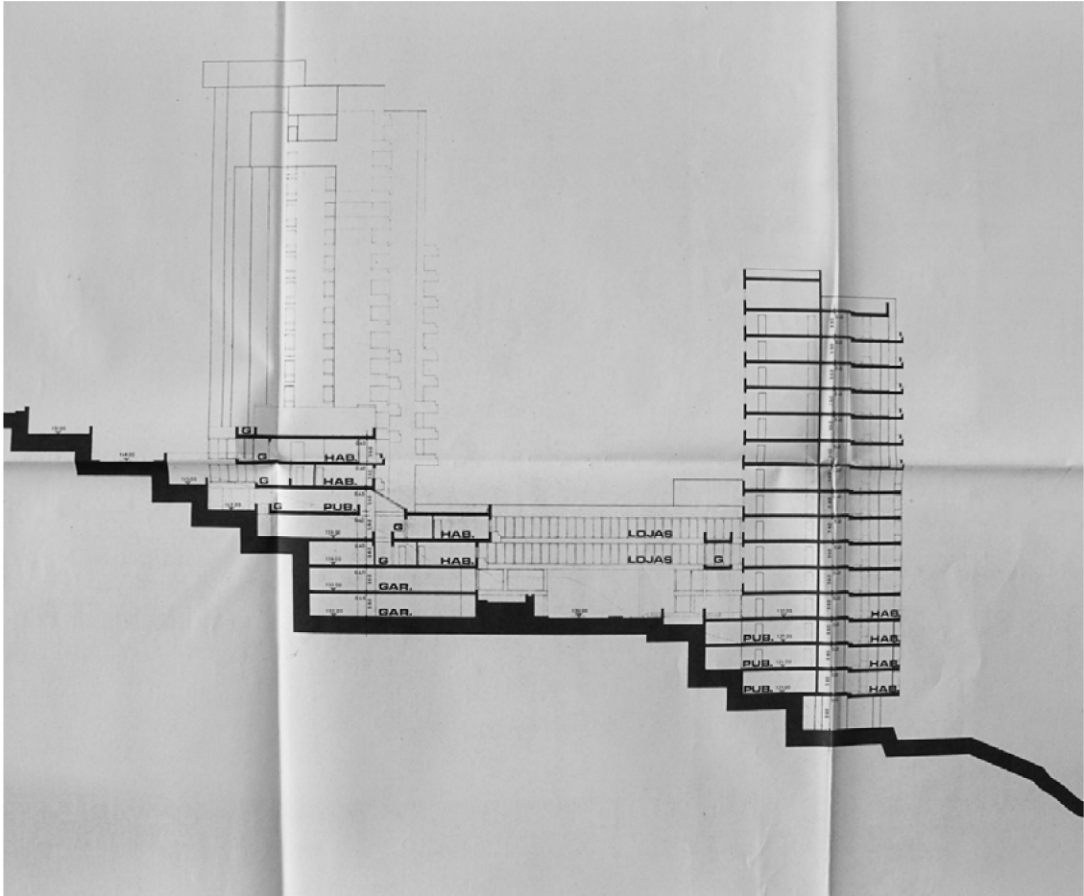
(...)

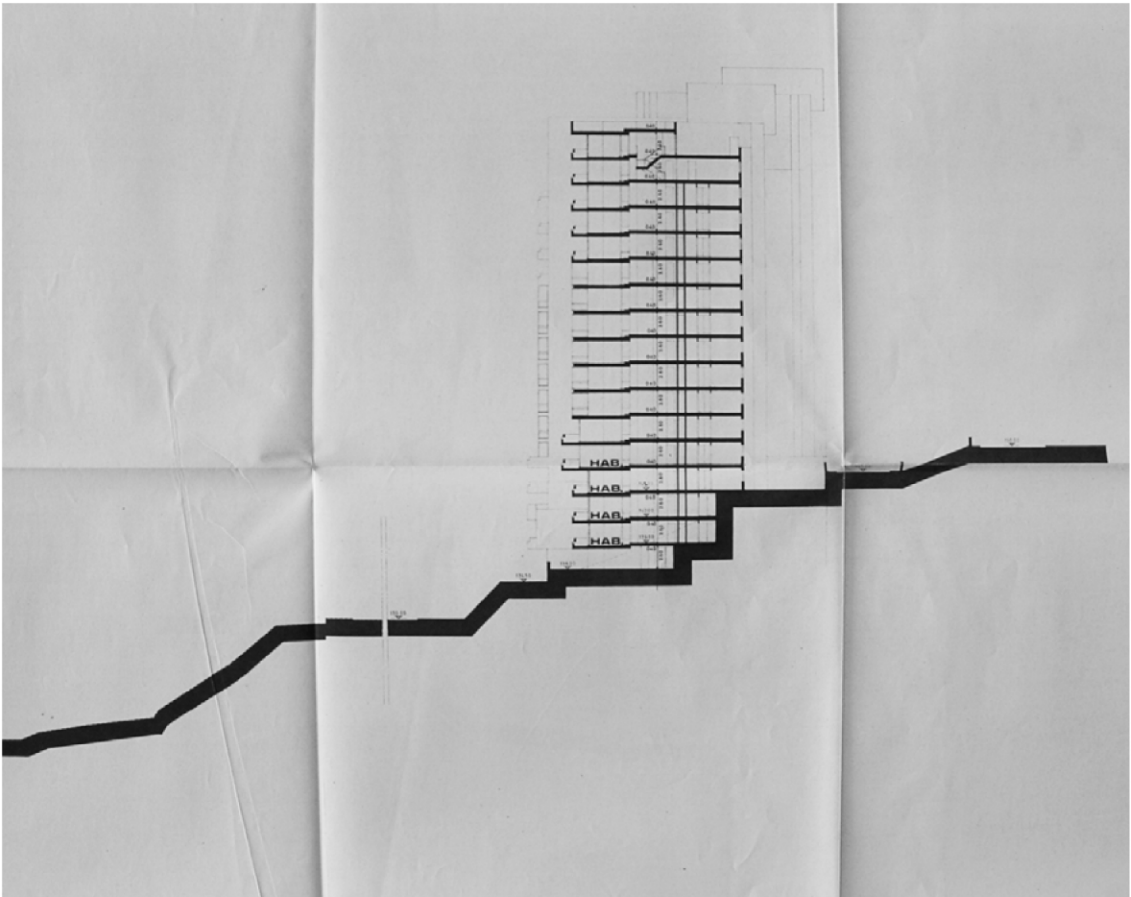
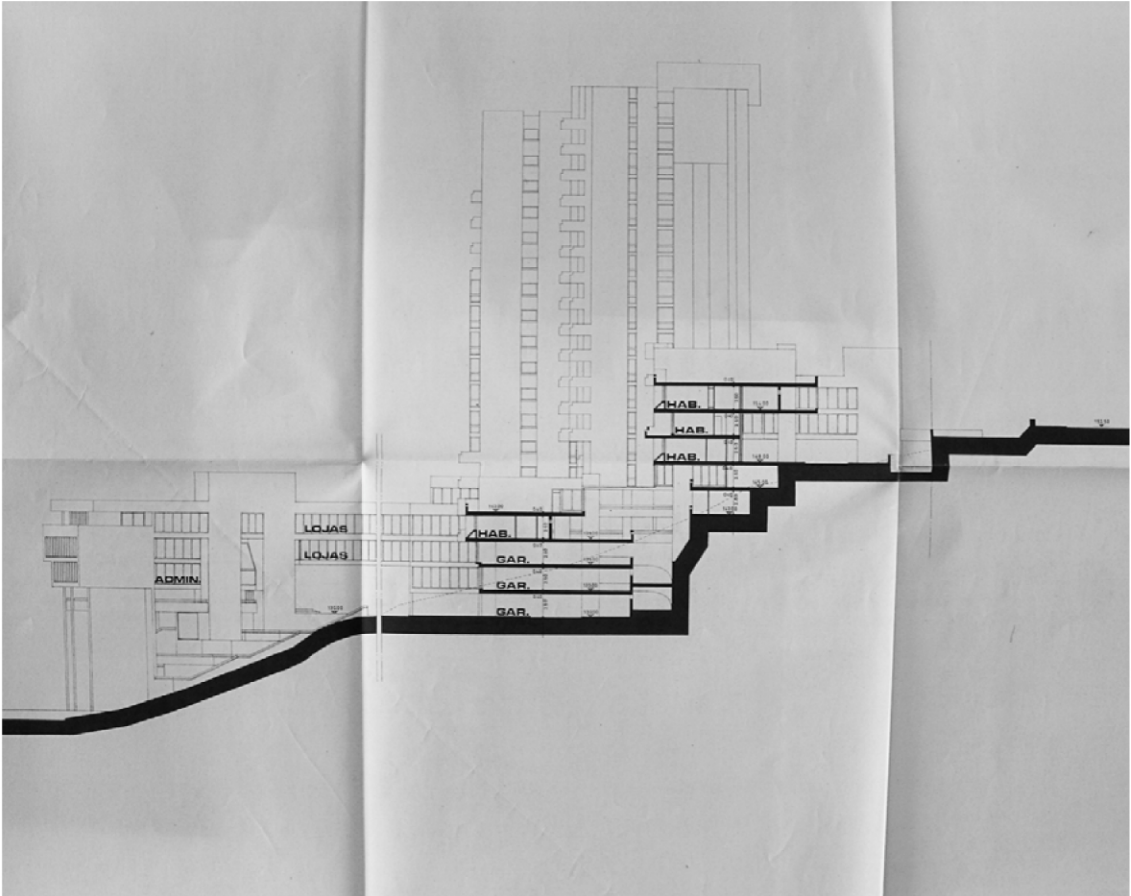
#### Descrição Geral

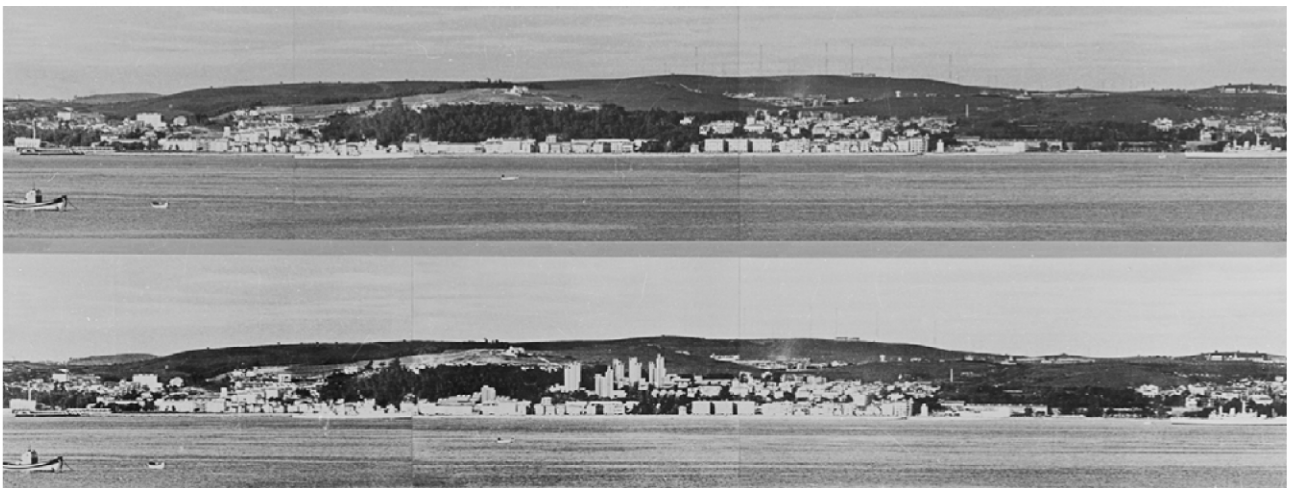
O programa é essencialmente constituído por conjuntos de fogos organizados em torres, ligados entre si por conjuntos de fogos organizados em banda.

A sua variação é muito grande (...) desde fogos muito grandes permitindo o agrupamento de grandes famílias (T5 com área de 350m<sup>2</sup>), até fogos pequenos (normalmente para casais jovens com família em expansão – T3 com área de 128m<sup>2</sup>), passando por organizações em duplex e moradias.









nome do projecto	<b>ERG - SESIMBRA - MORRO</b>	n.º processo - arq. Atelier Conceição Silva	230, 336
localização	Ponta do Albatroz, Sesimbra.	n.º processo - arquivo camarário	30/72
cliente	ERG		
data projecto	1970-71		
data construção	não construído		
programa	habitação		
tipologias	T1   T2   T3		
área			
descrição do projecto	<p>O edifício localiza-se no lado poente de Sesimbra, num morro que entra no mar e que se insere na área da Urbanização em Palames, para a qual Conceição já tinha projectado e construído o Conjunto Habitacional - Porto de Abrigo.</p> <p>O edifício é colocado sobre o morro, envolve-o e tenta não alterar a sua forma e volume ao mesmo tempo que pretende ser um ponto de referência, um elemento marcante na paisagem. O edifício é composto por vários corpos que se desenvolvem escalonadamente ao longo da orografia do morro e que se articulam entre si através das circulações. O acesso aos fogos é feito através das galerias colocadas entre os mesmos e o terreno com ligação à cota da rua existente e interligadas através de vários núcleos verticais.</p> <p>Os vários corpos destinados a habitação situam-se maioritariamente a nascente e poente no sentido do comprimento do morro e as tipologias variam desde o T1 ao T3, sendo a última a mais comum. O corpo a norte destina-se a funções polivalentes, a sul situa-se um mirante e a nascente o estacionamento com três pisos sobre o qual se situa uma esplanada com zona de refeições ligeiras. Nos pisos junto do mar estava previsto inicialmente uma piscina e balneários passando depois apenas a balneários e solário.</p> <p>A organização interna dos fogos é semelhante à de projectos anteriores. A entrada é feita por um vestíbulo de acesso directo à sala, neste caso um pouco mais comprido do que noutros projectos. Na maioria dos casos são colocados dois quartos junto à entrada do fogo, um deles suite, ao centro do fogo situa-se uma instalação sanitária e gozando da melhor vista e iluminação natural situa-se a sala e a cozinha em franca ligação com esta e nalguns fogos outro quarto.</p>		
tipo de construção e acabamentos	Em termos de aparência exterior o edifício teria estrutura de betão aparente e paramentos verticais em painéis de betão.		

bibliografia SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - *Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.121.

O morro existente (...) funciona para quem se desloca por mar junto à costa, como ponto de referência de importância que ponderamos no presente trabalho.

O valor paisagístico desta ponta (...) ficou, quanto a nós, bastante destruído com a abertura da estrada de Sesimbra - Porto de Abrigo ao ter sido desligado da massa de terra que constitui toda aquela encosta.

Resta-lhe o valor como sinal que pretendemos manter exacerbando-o mesmo, tentando um tipo de ocupação que o exiba sem contudo alterar muito a sua forma e volume.

Em continuidade com o programa habitacional do núcleo da encosta de Palames, situamos este conjunto com as mesmas características de férias, conferindo-lhe no entanto, independência formal e de funcionamento.

Este tipo de ocupação já foi sentido e proposto no plano anteriormente aprovado para a zona no qual o presente projecto se insere.

(...)

Este corpo é constituído por corpos estruturalmente independentes aglutinados por cortinas envidraçadas e por uma cobertura geral que protege toda a circulação interior.

Os fogos orientam-se predominantemente a Nascente e a Poente, e situam-se no sentido do comprimento do morro segundo o seguinte quadro:

A Nascente

- corpo 1 - 10 fogos do tipo T2

- corpo 2 - 14 fogos do tipo T2

- corpo 3 - 9 fogos do tipo T3

A Sul

- corpo 4 - 1 fogo do tipo T3 duplex

A Poente

- corpo 5 - 9 fogos do tipo T3

- corpo 6 - 8 fogos do tipo T3

- corpo 7 - 1 fogo do tipo T1

- corpo 8 - 3 fogos do tipo T1

A distribuição é feita por galerias com uma tomada à cota da estrada, servida por dois grupos de comunicação vertical de dois elevadores cada.

A poente desenvolve-se o estacionamento de automóveis, com capacidade para 70 carros, constituído por 3 pisos sendo um à cota da estrada e os outros dois parcialmente enterrados, servidos por uma rampa central de dois sentidos.

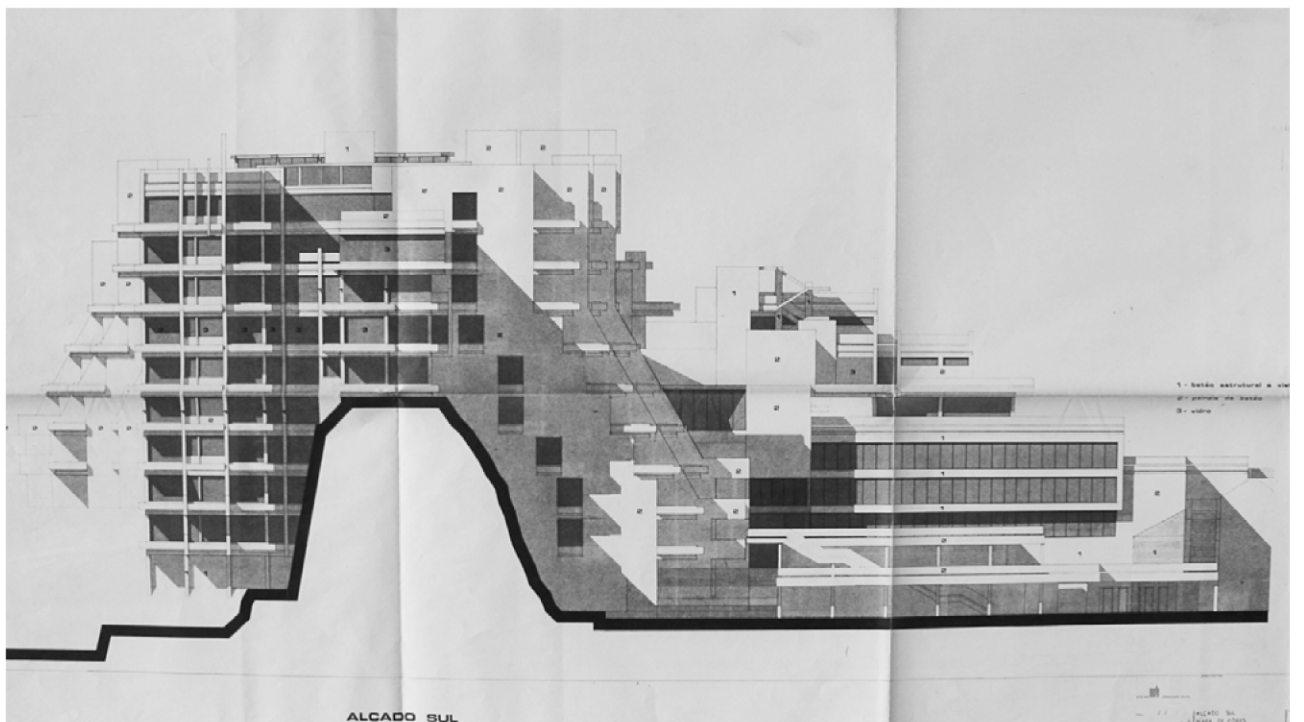
Uma coluna de dois elevadores assim como uma escada de serviço ligará todos os níveis de estacionamento à galeria principal de acesso e à cobertura sobre a qual se prevê uma esplanada com um serviço de refeições ligeiras. Ainda, sobre a cobertura e a partir da esplanada, como barreira a norte, localiza-se um corpo de arrecadações.

O fecho norte é feito por um corpo com funções polivalentes de recreio (jogos, sessões de música e projecção). Diametralmente oposto e orientado sobre o mar encontra-se o mirante que admitimos que funcione como zona de estar do conjunto.

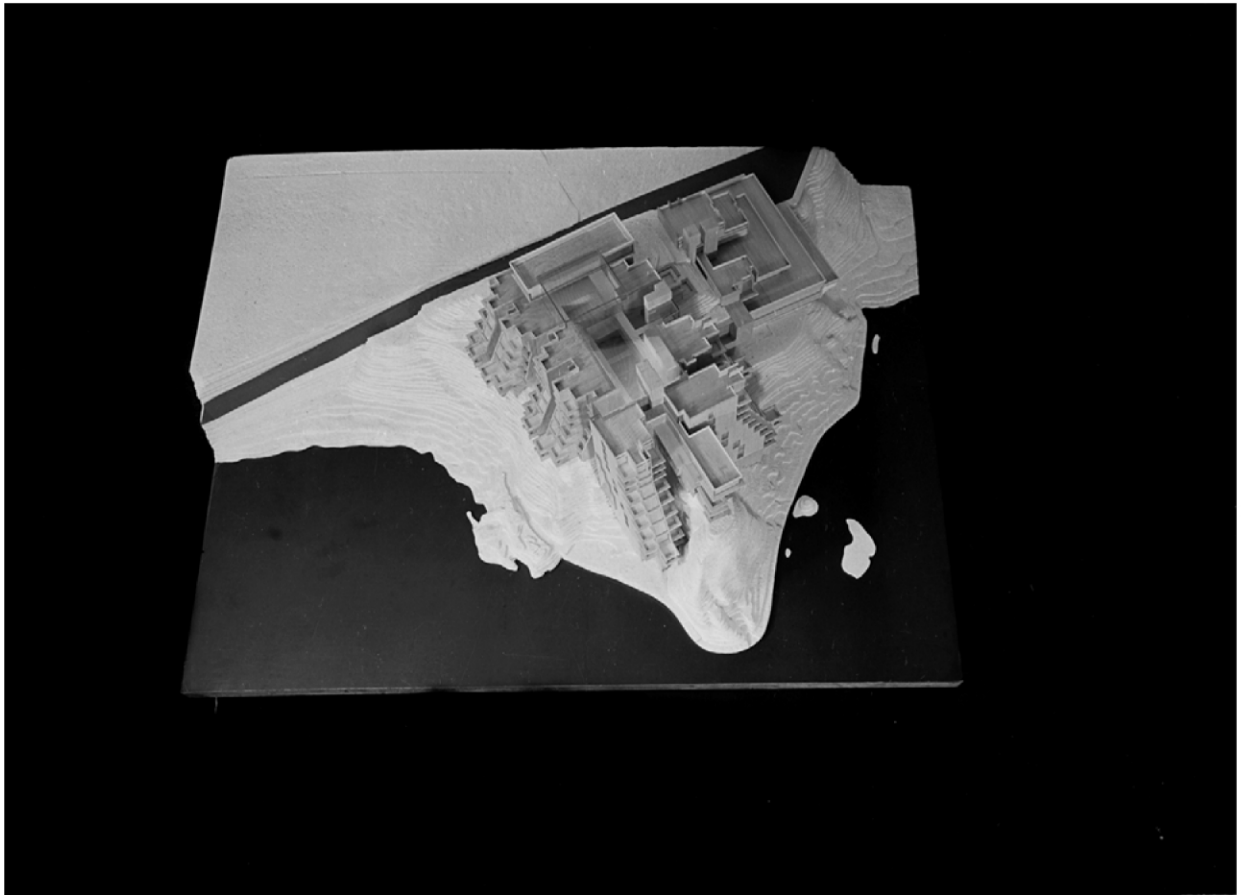
O acesso ao mar far-se-á através de escadas e elevadores que serve também o estacionamento de automóveis, na base do qual, se localizou um solário e um grupo de balneários de apoio.

Lisboa, 30 de Dezembro de 1971









nome do projecto	<b>BANDAS - TRÓIA</b>	ficha n.º	
localização	Tróia.	<b>10</b>	
cliente	TORRALTA		
data projecto	1970-1974	n.º processo - arq. Atelier Conceição Silva	188, 208, 231
data construção	1970-1974	n.º processo - arquivo camarário	?
programa	habitação		
tipologias	T0   T1   T2   T4   T5		
área			
descrição do projecto	<p>Estas bandas estavam inseridas no plano de urbanização da Ponta do Adoxe (40 ha) aprovado em 1970. Com o 25 de Abril de 1974 o plano é paralisado, não chegando a ser totalmente construída esta pequena parte do plano Conceição Silva para a Península de Tróia que abrangia uma área de 1600 ha, uma verdadeira cidade de lazer para um turismo de massas.</p> <p>O conjunto das várias bandas de apartamentos formam “pátios” de aproximadamente 80x80 metros, que pontuavam os diversos conjuntos de estrutura e imagens semelhantes, com a sua diversificação e individualização. Cada núcleo composto por pátio e duas bandas entendidas é entendido como um único edifício.</p> <p>Aqui as galerias organizam-se como que ruas superiores que estabelecem ligação com as várias bandas à altura de piso e meio, nunca devassando a intimidade dos fogos. A partir destas ruas superiores alcançam-se os núcleos de acessos verticais.</p> <p>A organização interna do fogo tem semelhanças com a dos outros edifícios estudados. Continua-se a entrar praticamente para a sala, que continua a ser o espaço central e nuclear do fogo a partir do qual se acede aos outros compartimentos, o prolongamento da sala para o exterior é mantido pelo terraço. De referir ainda as dimensões que a cozinha apresenta neste projecto.</p>		
tipo de construção e acabamentos			
bibliografia	<p>SILVA, João Pedro Conceição; SILVA, Francisco Manuel Conceição (coord.) - <i>Francisco da Conceição Silva: arquitecto, 1922-1982</i>. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Maio de 1987, p.147-149.</p> <p>LEITE, Inês - <i>Francisco da Conceição Silva</i>. 2007, p.147-148.</p>		

## INTRODUÇÃO

(...)

Com o perigo de nos tornarmos retóricos entendemos que a utilização da inteligência em urbanismo já não se resume à ordenação e hierarquização das funções e separação do tráfego; muitas outras situações subjacentes se devem sobrepor e dizem respeito a uma nova estrutura da cidade de acordo com o desenvolvimento da técnica e das novas necessidades.

---

## M.D. DAS BANDAS TT1

O conjunto de apartamentos de que agora se apresenta o projecto constitui a primeira fase do empreendimento turístico que a TORRALTA está a levar a cabo na Ponta do Adoxe, na Península de Tróia e localiza-se na zona norte desta área junto ao edifício designado por Clube Hotel.

Este conjunto é formado por duas bandas de apartamentos designadas por corpo T e corpo TT cuja constituição é a seguinte:

a) corpo T no 1.º piso tem 5 fogos T0 e 1 T2, compreendendo o primeiro uma sala/quarto, casa de banho e cozinha; e o T2 a mesma sala/quarto, dois quartos, casa de banho e cozinha, sendo no 2.º piso a estrutura de distribuição a mesma.

No 3.º piso a distribuição é a seguinte:

6 fogos do tipo T1 - sala/quarto, um quarto, cozinha e casa de banho.

No 4.º piso surgem 3 fogos T1 e 3 fogos T2 com uma organização interna igual à dos anteriores.

O total de fogos é portanto:

T0 - 10

T1 - 9

T2 - 5

b) no que se refere à banda designada por TT a distribuição é a seguinte:

1.º piso - 10 T0 e 2 T1

2.º piso - 10 T0 e 2 T1

3.º piso - 10 T1 e 2 T2

4.º piso - 7 T1 e 7 T2

dando um total de 20 T0, 21 T1 e 9 T2.

(...)

## LOCALIZAÇÃO

a) Este núcleo é o primeiro de uma longa série de corpos de apartamentos, que dum ponto de vista urbanístico formam conjuntos de pátios relacionados morfológicamente com o habitat mediterrâneo.

O terreno é ligeiramente arborizado e constituído por dunas de ondulação suave.

(...)

c) A composição morfológica é neste caso conseguida à base de bandas de apartamentos e com vias de acesso

automóvel que fazem parte do conjunto. Os acessos de peões são conseguidos com um sistema complementar de galerias e escadas.

d) a área do corpo T é de 1823m<sup>2</sup> ; a área do corpo TT é de 1307m<sup>2</sup>

#### DO PROJECTO

a) O local é caracterizado por uma morfologia ondulada de dunas muito suaves trazendo para o terreno uma configuração quase plana, porém ligeiramente inclinada para poente. É ainda levemente arborizada com eucaliptos e vegetação própria da zona.

b) Tal como afirmámos este edifício tem uma presença calma em relação à paisagem procurando-se até um certo mimetismo conseguido com a pouca altura 4 pisos, e com os materiais que serão tradicionais.

c) São edifícios em banda servidos por galerias e escadas, com uma composição que vai do T0 a T1 e T2 com pequenas cozinhas.

d) Estes blocos apenas têm como serviços uma zona de controle (portaria) dada a sua especial exploração. Como os edifícios têm 4 pisos as ligações são apenas por escada e galeria a piso e meio do solo.

As ventilações são forçadas tanto no que se refere às casas de banho interiores e exteriores e às cozinhas. O aquecimento é feito por gás nos quartos e nas salas.

(...)

Lisboa, 1 de Julho de 1971

#### M.D. DOS APARTAMENTOS RS (1)

(...)

Estes apartamentos estão distribuídos em banda e são designados genericamente por R e S, recebendo este conjunto particularmente a designação de RS/1.

a) o corpo R1 tem 5 fogos no 1.º piso, constituídos por sala/quarto, cozinha e casa de banho e mais 1 T1 com sala/quarto, mais um quarto, cozinha e casa de banho.

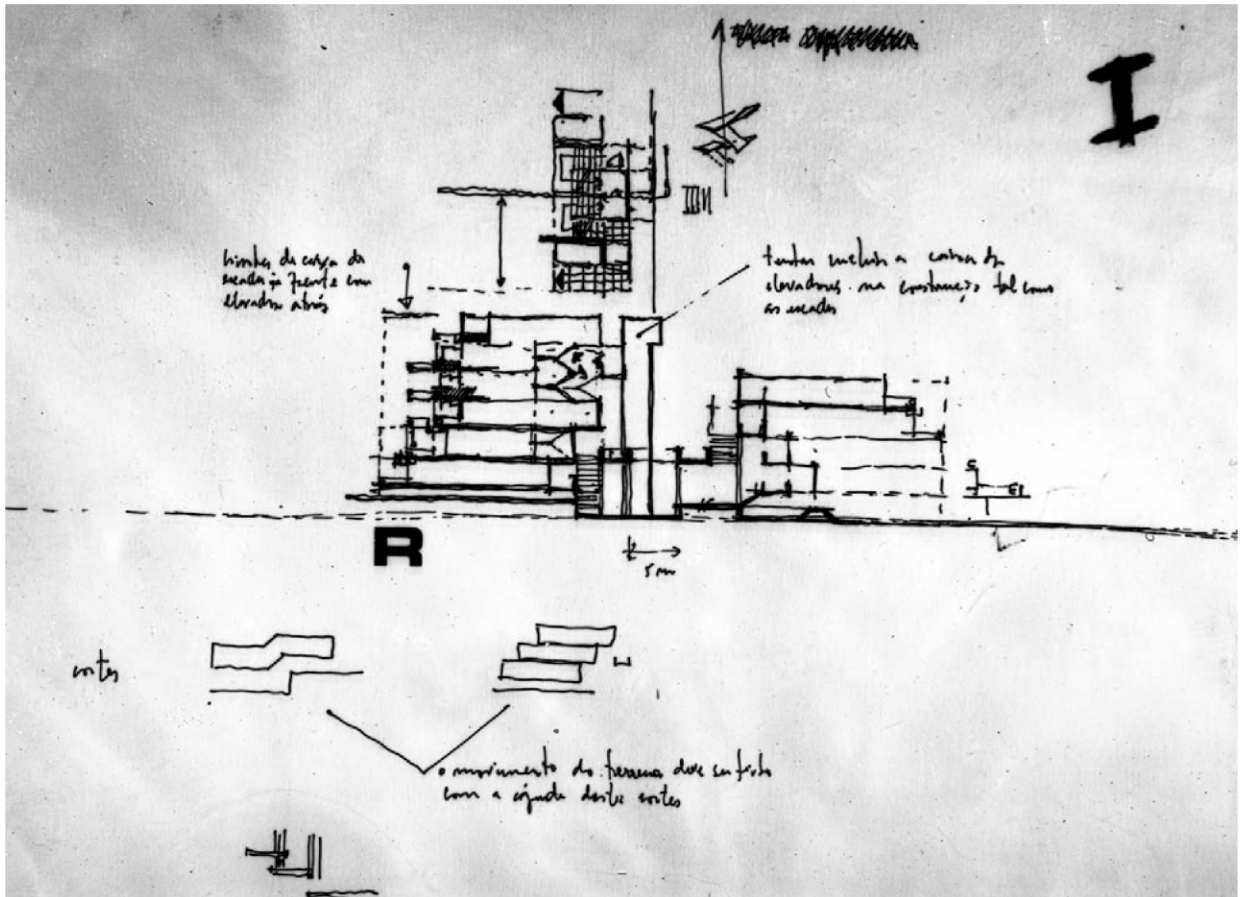
No 2.º piso existem 5 T0 e 1 T1, no 3.º piso existem 5 T1 e 1 T2, no 4.º piso 3 T1 e 2 T2 com as características dos fogos do 1.º piso. No 5.º piso existem 4 T1, 2 T2 e no 6.º e 7.º 3 T2 e 2 T3 estes fogos são duplex. O total de fogos é de 36 assim distribuídos:

T0 - 10 | T1 - 15 | T2 - 6 | DUPLEX - 5

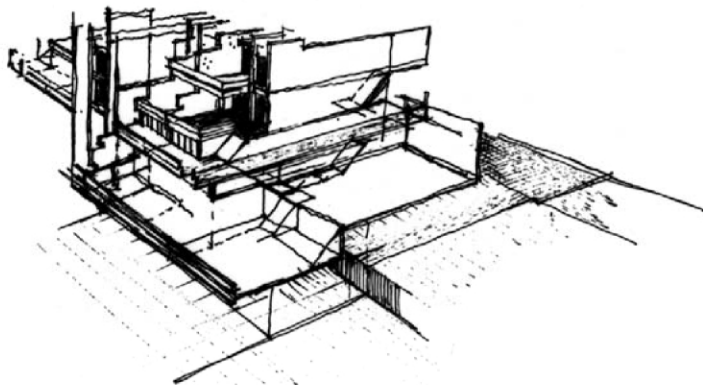
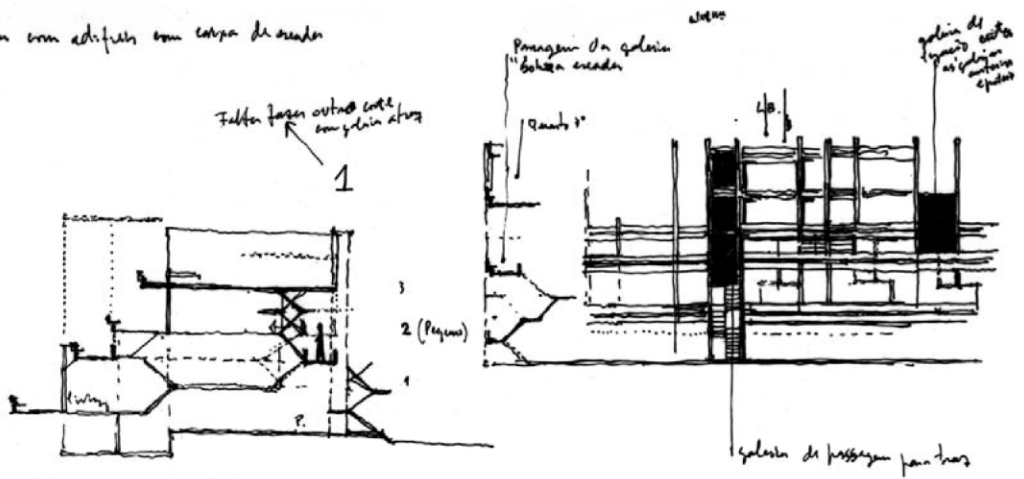
Na banda S1 a distribuição é a seguinte: o 1.º piso é constituído por um espaço destinado a arrecadações. O 2.º piso por 8 T1 organizados em semi-duplex com sala/quarto, um quarto, casa de banho e cozinha. No 3.º piso existem 8 T1 simplex com sala/quarto, um quarto, casa de banho e cozinha. No 4.º piso 8 T1, semi-duplex. No 5.º e 6.º pisos 2 T1 organizados igualmente numa estrutura espacial de semi-duplex, 4 T2 duplex e 2 T3 duplex. No 6.º piso (zona superior dos fogos do 5.º piso). No 7.º piso há 2 T0 e no 8.º também 2 T0. O total de fogos é de 36:

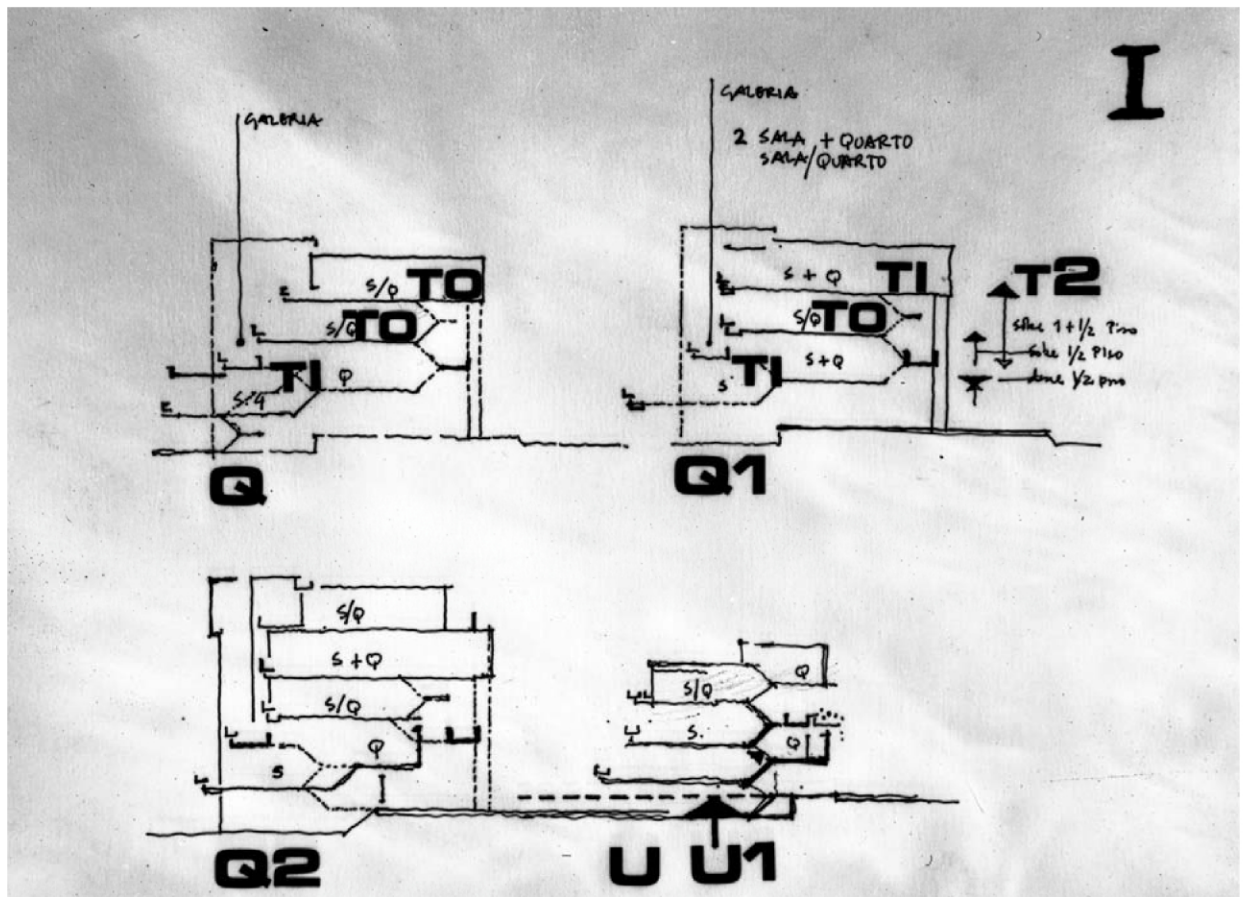
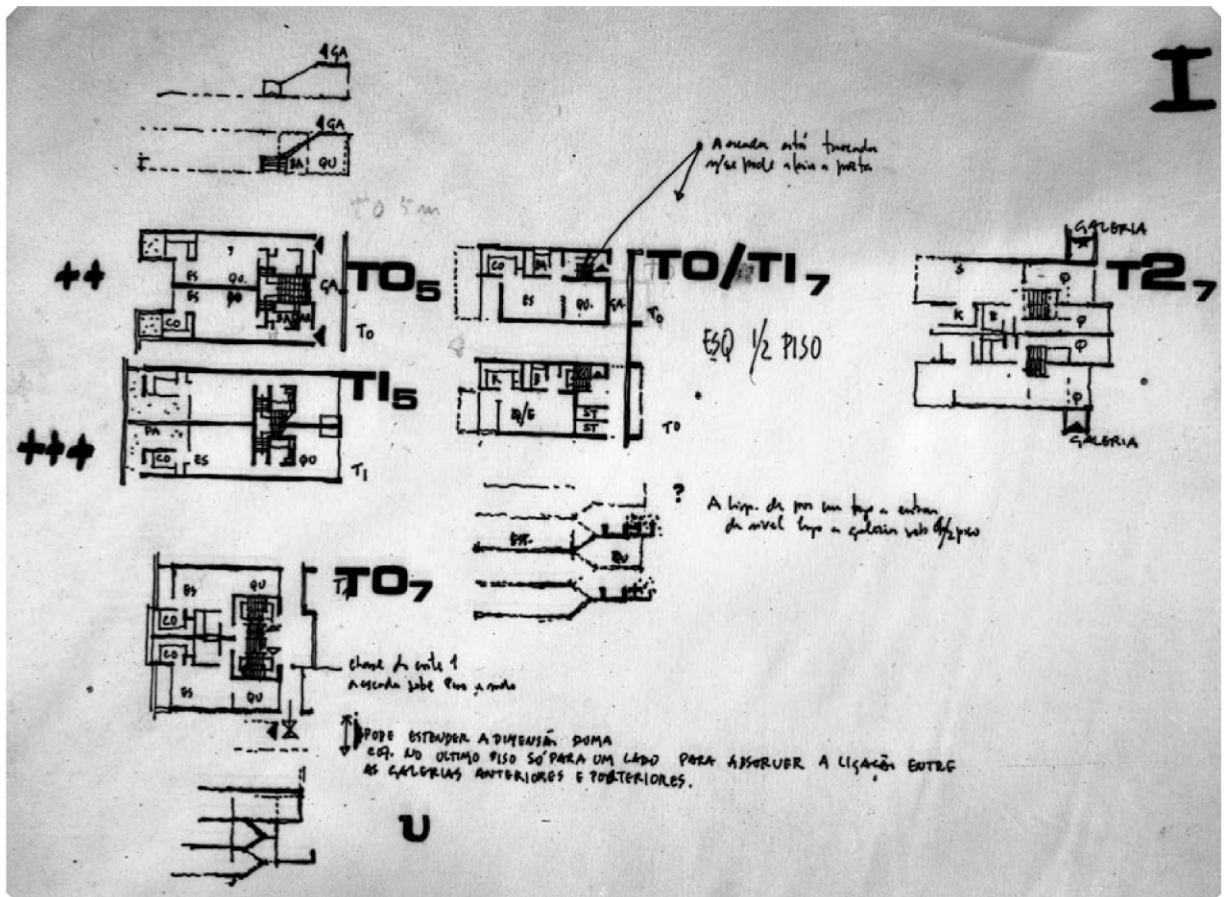
T0 - 4 | T1 - 22 | T2 - 6 | T4 - 2 | T5 - 1

Lisboa, 3 de Janeiro de 1974



o movimento com edifícios com caixa de escada









P10 SADO

